

LT 600kV CC Coletora Porto Velho – Araraquara 2, N° 01

Abril de 2010

EIA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL

VOL. 4/9

Diagnóstico do Meio Biótico
PARTE B - ANEXOS

CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA

SUMÁRIO

VOLUME 1 / 9

INTRODUÇÃO, CONSIDERAÇÕES GERAIS, CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO, ALTERNATIVAS LOCACIONAIS E ÁREAS DE INFLUÊNCIA

1.	INTRODUÇÃO.....	1-1
2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	2-1
	2.1 PROCEDIMENTOS DO LICENCIAMENTO	2-1
	2.1.1 Instrumentos Legais e Normativos	2-2
	a. Apresentação.....	2-2
	b. Planejamento do Setor Elétrico no Brasil	2-3
	c. Aspectos Jurídicos do Licenciamento Ambiental do Empreendimento	2-8
	2.1.1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEGISLAÇÃO AMBIENTAL DOS ESTADOS	2-45
	a. Considerações acerca da Legislação Ambiental de Rondônia	2-46
	b. Considerações acerca da Legislação Ambiental de Mato Grosso.....	2-52
	c. Considerações acerca da Legislação Ambiental de Goiás.....	2-58
	d. Considerações acerca da Legislação Ambiental de Minas Gerais	2-64
	e. Considerações acerca da Legislação Ambiental de São Paulo.....	2-70
	2.1.1.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEGISLAÇÃO AMBIENTAL DOS MUNICÍPIOS	2-82
	2.1.1.3 QUADRO DE LEGISLAÇÃO AMBIENTAL APLICÁVEL AO EMPREENDIMENTO.....	2-90
	a. Quadro de Legislação Ambiental Federal	2-90
	b. Quadro de Legislação Ambiental dos Estados....	2-104
	c. Quadro de Legislação Ambiental dos Municípios	2-123
	2.1.2 ESTUDOS AMBIENTAIS	2-142
	2.1.2.1 ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL – EIA	2-142
	2.1.2.2 RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL – RIMA.....	2-143
	2.1.2.3 OUTROS ESTUDOS E DOCUMENTOS.....	2-143
	a. Estudos de Levantamento de Potencial Malarígeno	2-143

b.	Estudos Etnoecológicos nas Terras Indígenas ...	2-144
c.	Estudos sobre Comunidades Quilombolas	2-145
d.	Estudos sobre Assentamentos Agrícolas.....	2-147
e.	Estudos sobre o Patrimônio Histórico e Artístico Regional	2-148
f.	Certidão de Anuência das Prefeituras Municipais	2-148
g.	Estudos Específicos para Unidades de Conservação Federais	2-149
h.	Estudos Específicos para Cavidades	2-149
2.1.3	MECANISMOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL.....	2-150
2.1.3.1	AUDIÊNCIAS PÚBLICAS.....	2-150
2.1.4	MECANISMOS DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDOS AMBIENTAIS.....	2-150
a.	Disponibilidade do Empreendedor e Empresas Consultoras.....	2-150
b.	Elaboração dos Planos de Trabalho	2-150
c.	Disponibilidade do Empreendedor e Empresas Consultoras para Reuniões.....	2-151
d.	Disponibilidade do Empreendedor e Empresas Consultoras para Vistorias	2-151
e.	Disponibilidade do Empreendedor e Empresas Consultoras para Seminários	2-151

ANEXOS

- 2.1.2-1 – Correspondências SVS/MS
- 2.1.2-2 – Correspondências FUNAI
- 2.1.2-3 – Correspondências Fundação Cultural Palmares
- 2.1.2-4 – Correspondências INCRA
- 2.1.2-5 – Correspondências IPHAN
- 2.1.2-6 – Anuências Obtidas das Prefeituras
- 2.1.2-7 – Correspondências ICMBIO
- 2.1.2-8 – Correspondências CECAV
- 2.1.2-9 – Protocolo Planos de Trabalho

3.	ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL E RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL.....	3-1-1
3.1	ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO EIA/RIMA	3-1-1
3.2	CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDEDOR	3-2-1
a.	Dados do Empreendedor	3-2-1
b.	Experiência das Empresas no Setor	3-2-3

3.3 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA E DA EQUIPE RESPONSÁVEL PELOS ESTUDOS AMBIENTAIS	3.3-1
a. Dados do Consórcio.....	3.3-1
b. Equipe Técnica.....	3.3-6
c. Experiência do Consórcio.....	3.3-6

ANEXO

3.3-1 – Anotações de Responsabilidade Técnica

3.4 CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO	3.4-1
3.4.1 HISTÓRICO DO EMPREENDIMENTO	3.4-4
a. Estrutura do Setor Elétrico Brasileiro.....	3.4-4
b. Entidades Envolvidas na Política Nacional de Energia....	3.4-11
c. Histórico dos Estudos para Inserção no Sistema Interligado Nacional – SIN	3.4-17
d. Sistema Interligado Nacional – SIN	3.4-18
3.4.2 OBJETIVOS DO EMPREENDIMENTO	3.4-21
a. Descrição dos objetivos do empreendimento	3.4-21
3.4.3 JUSTIFICATIVAS DA IMPLEMENTAÇÃO DO EMPREENDIMENTO	3.4-22
a. Justificativas Técnicas, Econômicas e Socioambientais .	3.4-22
b. Justificativas para Uso de Linhas de Transmissão de 600 CC	3.4-23
c. Necessidade de Implementação de duas LTs.....	3.4-30
3.4.4 DESCRIÇÃO DO EMPREENDIMENTO	3.4-31
a. Características Técnicas da LT 600kV CC Coletora Porto - Velho – Araraquara 2 N ^o 01	3.4-32
b. Características Técnicas das Estações Retificadoras e Inversoras, e das Subestações Interligadas	3.4-65
c. Fontes de Distúrbios e Interferências do Sistema de Transmissão	3.4-96
d. Medidas de Segurança.....	3.4-98
e. Riscos e Acidentes	3.4-100
f. Etapas de Planejamento.....	3.4-105
g. Etapas de Implantação do Empreendimento.....	3.4-106
h. Etapas de Operação e Manutenção	3.4-141
i. Diretrizes de Localização dos Pontos de Apoio às Obras ...	3.4-144
3.4.5 ASPECTOS CONSTRUTIVOS	3.4-145
a. Obras e Serviços de Infraestrutura	3.4-145
b. Infraestrutura para Áreas de Apoio.....	3.4-145
c. Técnicas Construtivas Especiais	3.4-146

d.	Procedimentos Construtivos no Interior de Unidades de Conservação e Áreas de Preservação Permanente (APP).....	3.4-149
e.	Critérios para Minimização de Interferências em Fragmentos Florestais	3.4-150
f.	Logística de Saúde, Transporte e Emergência Médica ..	3.4-151
g.	Cruzamentos com Interferências	3.4-151
3.4.6	INVESTIMENTOS.....	3.4-152
3.5	ESTUDO E ANÁLISE COMPARATIVA DE ALTERNATIVAS LOCACIONAIS	3.5-1
a.	Alternativas de Diretrizes de Traçado	3.5-1
b.	Definição do Corredor de Estudo	3.5-37
c.	Identificação e Caracterização de Diretrizes de Traçado.....	3.5-41
d.	Principais Interferências Socioambientais das Alternativas (Diretrizes).....	3.5-50
e.	Distanciamento de Unidades de Conservação	3.5-56
f.	Localização Geográfica do Corredor de Estudo	3.5-59
g.	Análise Comparativa das Alternativas.....	3.5-63
h.	Hipótese de não execução do empreendimento.....	3.5-85
i.	Escolha da diretriz preferencial de passagem	3.5-85
j.	Hipótese de passagem das diretrizes fora dos limites do vale do Rio Guaporé	3.5-87
k.	Alternativas ao corredor de referência do leilão da ANEEL e manutenção de distância de 10km entre os circuitos.....	3.5-89
l.	Razões técnicas para afastamento de 10km do empreendimento em relação ao outro circuito projetado.....	3.5-89
3.6	DIAGNÓSTICO AMBIENTAL DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DIRETRIZ PREFERENCIAL.....	3.6-1
3.6.1	LEVANTAMENTO DE DADOS	3-6-1
3.6.1.1	MEIO FÍSICO	3.6-2
3.6.1.2	MEIO BIÓTICO.....	3.6-5
3.6.1.3	MEIO SOCIOECONÔMICO.....	3.6-9
3.6.2	DEFINIÇÃO DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA.....	3-6-12
3.6.2.1	ÁREA DE ABRANGÊNCIA REGIONAL (AAR).....	3.6-13
3.6.2.2	ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA (AII)	3.6-14
3.6.2.3	ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA (AID).....	3.6-17

VOLUME 2 / 9

DIAGNÓSTICO DO MEIO FÍSICO

3.6.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ASPECTOS DE MEIO FÍSICO	3.6.3.1-1
3.6.3.1 CLIMA	3.6.3.1-1
a. Clima e as Condições Meteorológicas da ARR e All	3.6.3.1-6
b. Séries históricas de dados para todas as variáveis climáticas na região de inserção da LT	3.6.3.1-67
3.6.3.2 GEOLOGIA	3.6.3.2-1
a. Caracterização Geológica da All	3.6.3.2-1

ANEXO

3.6.3.2-1 – Coordenadas dos Pontos de Levantamento de Campo – GEOLOGIA

3.6.3.3 CAVIDADES	3.6.3.3-1
a. Identificação e Localização de Cavernas na All.....	3.6.3.3-1
b. Estudos de Patrimônio Espeleológico	3.6.3.3-2
3.6.3.4 SISMICIDADE	3.6.3.4-1
a. Caracterização da ocorrência de eventos sísmicos	3.6.3.4-1
3.6.3.5 GEOMORFOLOGIA E GEOTECNIA	3.6.3.5-1
a. Unidades Geomorfológicas	3.6.3.5-1
b. Padrões de Relevo	3.6.3.5-20
c. Áreas Suscetíveis ao Desencadeamento de Movimentos de Massa, Processos Erosivos e Assoreamento de Corpos d'Água . (Dinâmica Superficial)	3.6.3.5-38
d. Estabilidade Geotécnica de Áreas Sensíveis.....	3.6.3.5-41
3.6.3.6 PEDOLOGIA	3.6.3.6-1
a. Caracterização Pedológica	3.6.3.6-1
b. Áreas Degradadas e Antropizadas.....	3.6.3.6-62
3.6.3.7 RECURSOS MINERAIS	3.6.3.7-1
a. Processos Minerários Existentes	3.6.3.7-1
b. Áreas para Potenciais Bota-Foras e Áreas de Empréstimo	3.6.3.7-12

ANEXO

3.6.3.7-1 – Processos Minerários (DNPM) existentes nas Áreas de Influência da LT

3.6.3.8 PALEONTOLOGIA	3.6.3.8-1
a. Potencial Paleontológico	3.6.3.8-1
3.6.3.9 RECURSOS HÍDRICOS	3.6.3.9-1
a. Principais Corpos d'Água Atravessados	3.6.3.9-1
b. Caracterização dos Principais Corpos d'Água	3.6.3.9-3
c. Caracterização das Áreas Alagáveis na AID	3.6.3.9-13
d. Condições de Drenagem dos Acessos em Áreas de Várzeas e Lagoas Marginais	3.6.3.9-20
3.6.3.10 SÍNTESE DO MEIO FÍSICO	3.6.3.10-1
a. Aspectos Metodológicos e Critérios Adotados	3.6.3.10-1
b. Unidades de Terrenos e Sensibilidade Geoambiental	3.6.3.10-5
c. Resumo	3.6.3.10-19

VOLUME 3 / 9

DIAGNÓSTICO DO MEIO BIÓTICO – PARTE A

3.6.4 CARACTERIZAÇÃO DOS ASPECTOS DO MEIO BIÓTICO	3.6.4.1-1
3.6.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS	3.6.4.1-1
a. Levantamento e Distribuição dos Grupos	3.6.4.1-1
b. Metodologia e Espaço Amostral	3.6.4.1-1
c. Desenho Experimental do Monitoramento	3.6.4.1-2
3.6.4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS ECOSISTEMAS	3.6.4.2-1
a. Biótopos das Áreas de Influência	3.6.4.2-1
b. Áreas de preservação Permanente (APP)	3.6.4.2-26
c. Unidades de Conservação	3.6.4.2-29
d. Áreas Prioritárias e Corredores Ecológicos...	3.6.4.2-43
3.6.4.3 FLORA	3.6.4.3-1
a. Produtos	3.6.4.3-1
3.6.4.3.1 Levantamento da Flora Terrestre	3.6.4.3-1
a. Florística	3.6.4.3-1
b. Metodologia Adotada	3.6.4.3-19
c. Lista de Espécies	3.6.4.3-29
d. Dados dos Estudos Quali-Quantitativos	3.6.4.3-60
e. Remanescentes Florestais	3.6.4.3-246
f. Extrativismo Vegetal	3.6.4.3-247
g. Espécies da Flora Objeto de Resgate	3.6.4.3-252
3.6.4.3.2 Inventário Florestal	3.6.4.3.2-267
a. Interferências com Áreas de Preservação Permanente (APP)	3.6.4.3.2-267
b. Identificar áreas de apoio à obra	3.6.4.3.2-267
c. Mapear as áreas de vegetação a ser suprimida	3.6.4.3.2-267
d. Uso do Material Lenhoso	3.6.4.3.2-267
e. Quantificar a área a ser desmatada e sua localização	3.6.4.3.2-267
f. Registros das ARTs – Anotação de Responsabilidade Técnica	3.6.4.3.2-268
g. Relatório Fotográfico	3.6.4.3.2-268
h. Apresentar todas as informações, unidades amostrais e cálculos referentes aos dados levantados	3.6.4.3.2-268

3.6.4.4 FAUNA.....	3.6.4.4-1
a. Autorização de Captura, Coleta e Transporte de Fauna Silvestre.....	3.6.4.4-1
b. Registro de Dados.....	3.6.4.4-1
3.6.4.4.1 Levantamento da Fauna Terrestre	3.6.4.4-2
a. Caracterização dos Ambientes.....	3.6.4.4-2
b. Caracterização das Espécies da Fauna	3.6.4.4-2
c. Pontos de Amostragem.....	3.6.4.4-54
d. Metodologia e Esforço Amostral.....	3.6.4.4-82
e. Resultados – AID	3.6.4.4-94
f. Análises Estatísticas e Conclusões.....	3.6.4.4-260
g. Destino do material coletado	3.6.4.4-272
3.6.4.4.2 Levantamento de Fauna Aquática em Áreas de Várzea.....	3.6.4.4-272
a. Metodologia.....	3.6.4.4-272
b. Resultados	3.6.4.4-278
3.6.4.4.3 Conclusões sobre a Fauna Terrestre e a Fauna Aquática.....	3.6.4.4-317

VOLUME 4 / 9

DIAGNÓSTICO DO MEIO BIÓTICO – PARTE B - ANEXOS

ANEXOS

- 3.6.4.4-1 – Autorizações para Captura, Coleta e Transporte de Material Biológico
- 3.6.4.4.1-1 – Espécies de Mastofauna de Ocorrência nas Áreas de Influência Indireta da LT
- 3.6.4.4.1-2 – Espécies de Aves de Ocorrência na Área de Influência Indireta da LT
- 3.6.4.4.1-3 – Espécies de Herpetofauna de Ocorrência na Área de Influência Indireta da LT
- 3.6.4.4.1-4 – Espécies de Borboleta de Ocorrência na Área de Influência Indireta da LT
- 3.6.4.4.1-5 – Espécies de Ictiofauna de Ocorrência na Área de Influência Indireta da LT
- 3.6.4.4.1-6 – Ofício Nº 265/2010/CGFAP/DBFLO
- 3.6.4.4.1-7 – Padrões Utilizados para a Análise de Solos
- 3.6.4.4.1-8 – Estações Meteorológicas Utilizadas como Subsídio à Coleta de Fauna
- 3.6.4.4.1-9 – Avaliação do Potencial Malarígeno (APM)
- 3.6.4.4.1-9.1 – Aspectos das Técnicas Utilizadas em Campo e em Laboratório para Avaliação do Potencial Malarígeno da LT
- 3.6.4.4.1-9.2 – Pontos Georreferenciados e Pesquisados para Coleta de Anofelinos Adultos e Imaturos, ao Longo da LT
- 3.6.4.4.1-9.3 – Coletas Efetuadas com Armadilhas de Shannon ao Longo da LT
- 3.6.4.4.1-9.4 – Coletas Efetuadas com Concha Entomológica ao Longo da LT
- 3.6.4.4.1-9.5 – Georreferenciamento dos Pontos de Coleta ao Longo da LT, nos Estados de Rondônia e Mato Grosso, Indicando os Locais onde foram as Capturas de Mosquitos Adultos e Imaturos
- 3.6.4.4.1-10 – Lista Comentada de Mamíferos, Aves, Herpetofauna e Lepidópteros
- 3.6.4.4.1-11 – Cartas de Recebimento (Vertebrados, Ictiofauna, Lepidópteros e Anofelinos).
- 3.6.4.4-2 – CD de Dados Brutos

VOLUME 5 / 9

DIAGNÓSTICO DO MEIO SOCIOECONÔMICO – PARTE A

3.6.5 CARACTERIZAÇÃO DOS ASPECTOS DO MEIO SOCIOECONÔMICO	3.6.5.1-1
3.6.5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS	3.6.5.1-1

ANEXOS

3.6.5.1-1	Roteiro de entrevistas nas Prefeituras	
3.6.5.1-2	Roteiro de entrevista – AID	
3.6.5.1-3	Roteiro de entrevista – Descrição do traçado	
3.6.5.2 ASPECTOS GEOPOLÍTICOS - AAR	3.6.5.2-1	
a. Histórico de Ocupação da AAR	3.6.5.2-1	
b. Programas Governamentais – AAR	3.6.5.2-15	
c. Zoneamento Ecológico Econômico – ZEE dos Estados Abrangidos pelo Empreendimento ..	3.6.5.2-62	
3.6.5.3 DEMOGRAFIA, ESTRUTURA PRODUTIVA E MALHA URBANA	3.6.5.3-1	
a. Histórico de Ocupação das Mesorregiões e Municípios	3.6.5.3-1	
b. Caracterização da População Residente	3.6.5.3-35	
c. Distribuição Geográfica da População Residente	3.6.5.3-70	
d. Hierarquia Urbana Regional	3.6.5.3-101	
e. Infogramas de Hierarquia Urbana Regional	3.6.5.3-103	
f. Ordenamento Territorial: Planos Diretores Municipais	3.6.5.3-115	
g. Caracterização do Uso do Solo no Corredor de Estudo	3.6.5.3-127	
h. Estrutura-Fundiária dos Municípios da All ..	3.6.5.3-139	
i. Superposições e Atividades Incompatíveis com Usos Futuros da Faixa de Servidão	3.6.5.3-158	
j. Povoados, Vilas, Comunidades e Outras Formas de Assentamentos.....	3.6.5.3-168	
k. Área Territorial e Extensão da LT 600kV CC Coletora Porto Velho – Araraquara2, N° 02 nos Municípios Atravessados	3.6.5.3-193	
3.6.5.4 SAÚDE	3.6.5.4-1	
a. Infraestrutura e Serviços de Saúdes disponíveis na All	3.6.5.4-1	

b.	Profissionais de Saúde.....	3.6.5.4-23
c.	Incidência de Endemias na All.....	3.6.5.4-33
d.	Municípios Interceptados pela LT Situados em Área Endêmica de Malária.....	3.6.5.4-35
e.	Recomendações da SVS/MS.....	3.6.5.4-40
f.	Aspectos Sanitários.....	3.6.5.4-40
3.6.5.5	EDUCAÇÃO.....	3.6.5.5-1
a.	Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Técnico na All.....	3.6.5.5-1
b.	Ensino Superior na All.....	3.6.5.5-22
3.6.5.6	SEGURANÇA PÚBLICA.....	3.6.5.6-1
a.	Trecho 1 – Porto Velho (RO) – Nova Lacerda (MT).....	3.6.5.6-1
b.	Trecho 2: Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) – Alto Araguaia (MT).....	3.6.5.6-13
c.	Trecho 3: Santa Rita do Araguaia (GO) – Araraquara (SP).....	3.6.5.6-21
3.6.5.7	INFRAESTRUTURA.....	3.6.5.7-1
a.	Caracterização da Infraestrutura.....	3.6.5.7-1
b.	Sobreposição do sistema viário com o empreendimento.....	3.6.5.7-26
3.6.5.8	ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....	3.6.5.8-1
a.	Pressões Migratórias.....	3.6.5.8-1
b.	Conflitos Agrários e Tensões Socioambientais.....	3.6.5.8-16
c.	Disponibilidade de Mão de Obra na All.....	3.6.5.8-23
3.6.5.9	ATIVIDADES ECONÔMICAS E FINANÇAS PÚBLICAS.....	3.6.5.9-1
a.	Composição do PIB por Setor da Economia ...	3.6.5.9-1
b.	Caracterização das Atividades Econômicas Urbanas e Rurais.....	3.6.5.9-8
3.6.5.10	POPULAÇÕES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS E TRADICIONAIS.....	3.6.5.10-1
a.	Comunidades Tradicionais.....	3.6.5.10-1
b.	Comunidades Remanescentes Quilombos ...	3.6.5.10-9
c.	Fatos Históricos e Atuais Associados à Presença de Quilombos.....	3.6.5.10-12
d.	Recomendações da Fundação Palmares ...	3.6.5.10-26
e.	Povos e Etnias Indígenas.....	3.6.5.10-29
f.	Recomendações da FUNAI.....	3.6.5.10-29

3.6.5.11 DINÂMICA E USO DO TERRITÓRIO E OUTRAS

INFORMAÇÕES.....3.6.5.11-1

- a. Análise Descritiva dos Principais Uso de Solo no Corredor em Estudo (AID).....3.6.5.11-1
- b. Mapeamento dos Usos do Solo e Ocupação do Solo na All.....3.6.5.11-104
 - b.1 Uso e Ocupação do Solo Rural na All.....3.6.5.11-133
 - b.2 Culturas e Sistema de Produção no Corredor em Estudo3.6.5.11-173
- c. Travessia de Rios Navegáveis3.6.5.11-166
- d. Projetos de Desenvolvimento Econômico .3.6.5.11-174
- e. Proximidade com Estruturas Impeditivas ..3.6.5.11-183
- f. Projetos Viários3.6.5.11-187
- g. Malhas Urbanas Vulneráveis ao Empreendimento3.6.5.11-191
- h. Demandas por infraestrutura decorrentes do empreendimento3.6.5.11-197

3.6.5.12 PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E ARQUEOLÓGICO E DE LAZER – AID/AII3.6.5.12-1

- a. Áreas de Valor Histórico, Arqueológico, Cultural e Paisagístico3.6.5.12-1
 - a.1 Patrimônio Arqueológico3.6.5.12-1
 - a.2 Patrimônio Paisagístico3.6.5.12-73
 - a.3 Patrimônio Histórico e Cultural3.6.5.12-80
- b. Atendimento às Recomendações do IPHAN3.6.5.12-136
- c. Instituições Envolvidas com o Patrimônio Histórico/Cultural Local3.6.5.12-137
- d. Locais para Prática de Turismo e Lazer3.6.5.12-138

ANEXOS

- 3.6.5-12-1 – Belezas Cênicas
- 3.6.5-12-2 – Belezas Cênicas
- 3.6.5-12-3 – Belezas Cênicas

VOLUME 6 / 9

DIAGNÓSTICO DO MEIO SOCIOECONÔMICO – PARTE B

ANEXO

- 3.6.5.10-1 – Povos e Etnias Indígenas

VOLUME 7 / 9

ANÁLISE INTEGRADA, IMPACTOS, MEDIDAS, PROGRAMAS, PROGNÓSTICOS, CONCLUSÕES, BIBLIOGRAFIA E GLOSSÁRIO

3.6.6	ANÁLISE INTEGRADA	3.6.6-1
3.6.6.1	METODOLOGIA	3.6.6-1
	a. Síntese da Qualidade Ambiental	3.6.6-1
	b. Identificação dos Principais Indicadores de Sensibilidade	3.6.6-2
	c. Pontuação	3.6.6-5
	d. Especialização e Integração dos Indicadores de Sensibilidade	3.6.6-5
3.6.6.2	SÍNTESE DA QUALIDADE AMBIENTAL.....	3.6.6-7
	a. Primeira Geounidade	3.6.6-7
	b. Segunda Geounidade	3.6.6-13
	c. Terceira Geounidade	3.6.6-17
3.6.6.3	SÍNTESE CONCLUSIVA – ÁREAS DE SENSIBILIDADE.....	3.6.6-20
3.6.7	IDENTIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS	3.6.7-1
	a. Considerações da avaliação de impactos e metodologia.....	3.6.7-1
	b. Espacialização dos Impactos	3.6.7-7
	c. Efeitos cumulativos e sinergia	3.6.7-8
	d. Descrição dos Cenários, Intervenções e Processos Indutores	3.6.7-8
	e. Resultados – Descrição dos Impactos Ambientais	3.6.7-40
	f. Programas e Medidas Ambientais.....	3.6.7-115
	g. Conclusão	3.6.7-123

ANEXO

3.6.7-1 – Matriz de Impactos Ambientais

3.6.8	MEDIDAS MITIGADORAS E PROGRAMAS AMBIENTAIS.....	3.6.8-1
	a. Medidas de Controle e Programas Ambientais	3.6.8-1
	b. Proposição Integrada para Monitoramento Ambiental para as Diversas Áreas de Influência.....	3.6.8-1

- c. Composição dos Programas Ambientais3.6.8-5
- d. Medidas Mitigadoras para Construção de Obras3.6.8-5
- e. Outras Medidas Compensatórias3.6.8-5
- f. Incorporar medidas específicas de resgate e manejo de fauna3.6.8-6
- g. Medidas do meio socioeconômico visando à inserção regional do empreendimento3.6.8-6
- h. Identificar a participação do empreendedor junto a parceiros institucionais que desenvolvam programas de capacitação e qualificação3.6.8-6
- i. Apresentar o Plano Ambiental para a Construção (PAC), Programa de Gestão de Resíduos, Programa de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD), Programa de Prevenção e Controle de Processos Erosivos, entre outros programas e medidas de controle ambiental relacionados ao meio físico3.6.8-7
- j. Apresentar medidas de controle do efeito indutor de penetração e ocupação antrópica gerado pela abertura da faixa de servidão e demais áreas necessárias para instalação do empreendimento3.6.8-7
- k. Considerar a hipótese de promoção do incremento e/ou melhoria das estruturas e serviços médicos municipais de pronto-atendimento e pronto-socorro, dos serviços de Segurança Pública junto aos pontos de apoio logístico do empreendimento (canteiros de obras, cidades, vilas, comunidades), entre outros serviços, conforme os resultados dos levantamentos realizados na elaboração do EIA e das análises de impactos3.6.8-7
- l. Considerar a hipótese de promoção do incremento e/ou melhoria das infraestrutura e serviços de segurança pública junto aos pontos de apoio logístico do empreendimento (canteiros de obras, cidades, vilas, comunidades), conforme os resultados dos levantamentos realizados na elaboração das análises de impactos3.6.8-8

m.	Apresentar medidas de segurança no trânsito e mobilidade urbana, com ênfase no convívio sustentável da mobilidade intraurbana, em razão do incremento do tráfego de veículos pesados no período de obras.....	3.6.8-8
n.	Apresentar medidas e programas de controle/recuperação quanto à instabilização de taludes e encostas marginais e demais áreas sensíveis identificadas na AID.....	3.6.8-8
o.	Apresentar, caso se verifique a presença de áreas de interesse paleontológico, um Programa de Monitoramento Paleontológico, com o objetivo de identificar e mapear as áreas potenciais de ocorrência de vestígios fósseis na AID, conforme as formações litoestratigráficas presentes...	3.6.8-9
p.	Propor ações para qualificar a mão de obra local e regional de forma a priorizar sua contratação	3.6.8-9
q.	Planos e Programas	3.6.8-11
3.6.9	PROGNÓSTICO	3.6.9-1
3.6.9.1	REGIÃO SEM O EMPREENDIMENTO	3.6.9-1
3.6.9.2	A REGIÃO COM O EMPREENDIMENTO	3.6.9-2
3.6.10	CONCLUSÃO	3.6.10-1
3.6.11	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	3.6.11-1
3.6.12	GLOSSÁRIO.....	3.6.12-1
3.6.13	ANEXOS DO EIA.....	3.6.13-1
4.	ORIENTAÇÕES PARA A APRESENTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	4-1
4.1	ENCAMINHAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR	4-1
4.2	NORMAS E PADRÕES PARA PRODUTOS CARTOGRÁFICOS	4-1
4.2.1	PADRÕES GERAIS.....	4-1
4.2.2	IMAGENS	4-6
4.2.3	PLANOS DE INFORMAÇÃO.....	4-9
4.2.4	ATRIBUTOS	4-9
4.2.5	LEGENDA	4-9
4.2.6	ESCALA	4-10
4.2.7	PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA E BASE DE DADOS	4-11

ANEXO

4.1-1 DVDs (1/2 e 2/2) - ILUSTRAÇÕES EDITÁVEIS – ARQUIVOS MXD E SHAPES ASSOCIADOS

VOLUME 8 / 9

ILUSTRAÇÕES – PARTE A

ILUSTRAÇÃO 1 – LOCALIZAÇÃO E ACESSOS

ILUSTRAÇÃO 2 – RESTRIÇÕES AMBIENTAIS

ILUSTRAÇÃO 3 – CORREDORES ALTERNATIVOS

ILUSTRAÇÃO 4 – DIRETRIZES DE TRAÇADO

ILUSTRAÇÃO 5 – ÁREAS DE INFLUÊNCIA

ILUSTRAÇÃO 6 – GEOLOGIA, CAVIDADES NATURAIS, PALEONTOLOGIA E JAZIMENTOS MINERAIS

ILUSTRAÇÃO 7 – ZONAS SISMOGÊNICAS E SISMOS

ILUSTRAÇÃO 8 – GEOMORFOLOGIA

ILUSTRAÇÃO 9 – PEDOLOGIA

ILUSTRAÇÃO 10 – SUSCETIBILIDADE À EROSÃO

ILUSTRAÇÃO 11 – PROCESSOS MINERÁRIOS (DNPM)

ILUSTRAÇÃO 12 – SUB-BACIAS HIDROGRÁFICAS

ILUSTRAÇÃO 13 – RECURSOS HÍDRICOS E ÁREAS ALAGÁVEIS

ILUSTRAÇÃO 14 – SÍNTESE DO MEIO FÍSICO

VOLUME 9 / 9

ILUSTRAÇÕES – PARTE B

ILUSTRAÇÃO 15 – COBERTURA VEGETAL, USO E OCUPAÇÃO DAS TERRAS

ILUSTRAÇÃO 16 – CARTA-IMAGEM E PONTOS DE INTERESSE PARA A SOCIOECONOMIA

ILUSTRAÇÃO 17 – UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, ÁREAS PRIORITÁRIAS E CORREDORES ECOLÓGICOS

ILUSTRAÇÃO 18 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DO MEIO BIÓTICO

ILUSTRAÇÃO 19 – PROJETOS DE ASSENTAMENTOS, TERRAS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

ILUSTRAÇÃO 20 – SENSIBILIDADE AMBIENTAL

ILUSTRAÇÃO 21 – ESPACIALIZAÇÃO DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS

ANEXO 3.6.4.4-1

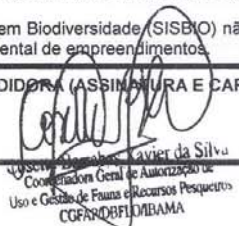
AUTORIZAÇÕES PARA CAPTURA, COLETA E TRANSPORTE DE MATERIAL BIOLÓGICO



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
COORDENAÇÃO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO E GESTÃO DE FAUNA

Nº 1

AUTORIZAÇÃO PARA CAPTURA, COLETA E TRANSPORTE DE MATERIAL BIOLÓGICO

PROCESSO IBAMA Nº 02001.9643/2009-81	AUTORIZAÇÃO Nº 039/2010	VALIDADE 25/01/2010 a 06/11/2010
ATIVIDADE	<input checked="" type="checkbox"/> LEVANTAMENTO	<input type="checkbox"/> MONITORAMENTO
	<input type="checkbox"/> RESGATE/SALVAMENTO	
TIPO	<input checked="" type="checkbox"/> RECURSOS FAUNÍSTICOS	<input type="checkbox"/> RECURSOS PESQUEIROS
EMPREENDEDOR: INTERLIGAÇÃO ELÉTRICA DO MADEIRA S.A. CNPJ: 10.562.611/0001-87 CTF: 4034860 ENDEREÇO: RUA LAURO MULLER, 116 - SALAS 2601-2608 - BOTAFOGO EMPREENDIMENTO: LT PORTO VELHO - ARARAQUARA 2, Nº 1		
CONSULTORIA RESPONSÁVEL PELA ATIVIDADE: JGP CONSULTORIA E PARTICIPAÇÕES LTDA. CNPJ/CPF: 69.282.879/0001-08 CTF: 250868		
COORDENADOR GERAL DA ATIVIDADE: Fernanda Teixeira Marciano CPF: 260.518.898-17 CTF: 2947737		
<p>DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Realização de captura de quantidade ilimitada de indivíduos de herpetofauna, avifauna, mastofauna de pequeno porte, lepidópteros e anofelinos. 2. Realização de coleta e transporte de até 06 (seis) indivíduos de espécies silvestres de pequenos mamíferos, répteis, anfíbios e aves por campanha realizada (02 campanhas) e por área amostral (08 áreas) e coleta e transporte de quantidade ilimitada de anofelinos, conforme programa de levantamento de fauna aprovado, desde que estes estejam com etiquetas identificadoras individuais. Os animais encontrados mortos deverão obedecer as condicionantes desta licença. 3. Métodos de marcação autorizados: brinco para mastofauna terrestre de pequeno porte, colar plástico para mastofauna voadora, anilha colorida para avifauna e elastômeros e corte de escamas para herpetofauna. 		
<p>SÍTIOS AMOSTRAIS:</p> <p>De herpetofauna, avifauna, mastofauna e lepidópteros: Municípios de Porto Velho, Pimenta Bueno e Parecis (RO); Municípios de Comodoro, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres, Alto Paraguai, Sto. Antônio do Leverger e Alto Araguaia (MT); Municípios de Sta. Rita do Araguaia e Mineiros (GO). De anofelinos: 7 sítios amostrais em Rondônia e 9 sítios em Mato Grosso na área de influência da LT Porto Velho Araraquara 2.</p>		
<p>PETRECHOS:</p> <p>Rede de neblina, gaiolas tipo Sherman e Tomahawk, armadilhas de queda (Pit Fall), parcelas de areia para pegadas; Armadilhas fotográficas, armadilha cilíndrica de tecido fino, armadilha de Shannon, Concha entomológica.</p>		
<p>DESTINAÇÃO DO MATERIAL: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP).</p>		
<p>ESTA AUTORIZAÇÃO NÃO PERMITE:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE/SOLTURA DE ESPÉCIES EM ÁREA PARTICULAR SEM O CONSENTIMENTO DO PROPRIETÁRIO; 2. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE/SOLTURA DE ESPÉCIES EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS, ESTADUAIS, DISTRITAIS OU MUNICIPAIS, SALVO QUANDO ACOMPANHADAS DA ANUÊNCIA DO ÓRGÃO ADMINISTRADOR COMPETENTE; 3. COLETA/TRANSPORTE DE ESPÉCIES LISTADAS NA INSTRUÇÃO NORMATIVA MMA Nº 03/2003 E ANEXOS CITES; 4. COLETA DE MATERIAL BIOLÓGICO POR TÉCNICOS NÃO LISTADOS NO VERSO DESTA; 5. EXPORTAÇÃO DE MATERIAL BIOLÓGICO; 6. ACESSO AO PATRIMÔNIO GENÉTICO, NOS TERMOS DA REGULAMENTAÇÃO CONSTANTE NA MEDIDA PROVISÓRIA Nº 2.186-16, DE 23 DE AGOSTO DE 2001. <p>Observação: As autorizações obtidas por meio do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) não podem ser utilizadas para a coleta de material biológico referente ao processo de licenciamento ambiental de empreendimentos.</p>		
LOCAL E DATA DE EMISSÃO:	AUTORIDADE EXPEDIDORA (ASSINATURA E CARIMBO):	
Brasília, 03 de fevereiro de 2010.	 <p>Wesley Roberto de Azevedo Coordenador Geral de Autorização de Uso e Gestão de Fauna e Recursos Pesqueiros CGFAR/IBAMA</p>	



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
COORDENAÇÃO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO E GESTÃO DE FAUNA

CONDICIONANTES:

1. CONDIÇÕES GERAIS:

- 1.1. VÁLIDA SOMENTE SEM EMENDAS E/OU RASURAS;
- 1.2. O IBAMA, MEDIANTE DECISÃO MOTIVADA, PODERÁ MODIFICAR AS CONDICIONANTES, BEM COMO SUSPENDER OU CANCELAR ESTA AUTORIZAÇÃO CASO OCORRA:
 - a) VIOLAÇÃO OU INADEQUAÇÃO DE QUAISQUER CONDICIONANTES OU NÓRMAS LEGAIS;
 - b) OMISSÃO OU FALSA DESCRIÇÃO DE INFORMAÇÕES RELEVANTES QUE SUBSIDIARAM A EXPEDIÇÃO DA AUTORIZAÇÃO;
 - c) SUPERVIÊNÊNCIA DE GRAVES RISCOS AMBIENTAIS E DE SAÚDE.
- 1.3. A OCORRÊNCIA DE SITUAÇÕES DESCRITAS NOS ITENS "1.2.a)" E "1.2.b)" ACIMA SUJEITA OS RESPONSÁVEIS, INCLUINDO TODA A EQUIPE TÉCNICA, À APLICAÇÃO DE SANÇÕES PREVISTAS NA LEGISLAÇÃO PERTINENTE;
- 1.4. O PEDIDO DE RENOVAÇÃO, CASO NECESSÁRIO, DEVERÁ SER PROTOCOLADO 30 (TRINTA) DIAS ANTES DE EXPIRAR O PRAZO DE VALIDADE DESTA AUTORIZAÇÃO;
- 1.5. A RENOVAÇÃO SOMENTE PODERÁ SER CONCEDIDA APÓS O RECEBIMENTO E ANÁLISE DO RELATÓRIO ESPECIFICADO NO ITEM 2.1 ABAIXO.

2. CONDIÇÕES ESPECÍFICAS:

- 2.1. EM ATÉ 30 (DIAS) CONTADOS DO FINAL DO PRAZO DE VALIDADE DESTA AUTORIZAÇÃO, A COORDENAÇÃO DE PROJETO DEVERÁ ENCAMINHAR RELATÓRIO IMPRESSO E DIGITAL CONTENDO:
 - a) Lista das espécies encontradas, forma de registro e habitat, destacando as espécies ameaçadas de extinção, endêmicas, raras, as não descritas previamente para a área estudada ou pela ciência, as passíveis de serem utilizadas como indicadores de qualidade ambiental, as de importância econômica e cinegética, as potencialmente invasoras ou de risco epidemiológico, inclusive domésticas, e as migratórias;
 - b) Caracterização do ambiente encontrado na área de influência do empreendimento, com descrição dos tipos de habitats. os tipos de habitats deverão ser mapeados, com indicação dos seus tamanhos em termos percentuais e absolutos, além de indicar os pontos amostrados para cada grupo taxonômico;
 - c) Esforço e eficiência amostral, parâmetros de riqueza e abundância das espécies, índice de diversidade e demais análises estatísticas pertinentes, por fitofisionomia e grupo inventariado, contemplando a sazonalidade em cada área amostrada;
 - d) Anexo digital com lista dos dados brutos dos registros de todos os espécimes – forma de registro, local georreferenciado (sistema de coordenadas planas, projeção UTM, Datum Sad-69), habitat e data;
 - e) bases digitais, necessárias à manipulação em ambiente SIG (ARCGIS), da localização do empreendimento com suas respectivas áreas de amostragem. utilizar tanto para as bases digitais quanto para as imagens sistema de coordenadas planas projeção UTM, Datum sad-69.
 - f) Mosaico de imagens Landsat 5 tm de 2009, disponibilizado pelo IBGE ou INPE, em escala que contemple toda extensão do empreendimento, bem como imagem em escala 1:70.000 para as áreas amostrais selecionadas.
 - g) detalhamento da captura, tipo de marcação, triagem e dos demais procedimentos a serem adotados para os exemplares capturados ou coletados, informando o tipo de identificação individual, registro e biometria;
 - h) Curva do coletor por grupo inventariado em cada área amostral;
 - i) detalhamento dos possíveis impactos do empreendimento sobre a fauna já detectados;
 - j) Declaração de recebimento **original ou autenticada**, emitida pela instituição de depósito, com número de tombamento dos animais recebidos. caso o tombamento não seja possível no momento da entrada do(s) indivíduo(s), a instituição deverá comprometer-se em encaminhá-los posteriormente.
- 2.2. O PRAZO ESTABELECIDO NO ITEM 2.1 ACIMA PODERÁ SER PRORROGADO MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO CONTENDO JUSTIFICATIVA A SER ANALISADA PELO IBAMA;
- 2.3. O COORDENADOR E DEMAIS TÉCNICOS DEVERÃO RUBRICAR TODAS AS PÁGINAS DO RELATÓRIO.
- 2.4. ENCAMINHAR CÓPIA DO NÚMERO DO PROTOCOLO OU DECLARAÇÃO DO CRBIO QUE JÁ FOI DADA ENTRADA NA SOLICITAÇÃO DAS ANOTAÇÕES DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA DE TODOS OS PROFISSIONAIS EM 20 DIAS.

EQUIPE TÉCNICA:

NOMES:

DÉLSIO NATAL
HUSSAM EL DINE ZAHER
ERIKA HINGST ZAHER
PRISCILA MACHION LEONIS
PEDRO FERNANDO DO REGO
MARCIO UEHARA PRADO
BRUNO FERREIRA
HELEN WALDEMARIN
VITOR RADEMARKER
FABRÍCIA GUERREIRO
FERNANDA T. MARCIANO
LEANDRO PEREZ GODOY

CTF:

316758
1956232
4026767
2826556
4906082
1981993
4000762
1833753
2432950
199678
2947737
2530331

AUTORIDADE EXPEDIDORA (ASSINATURA E CARIMBO):

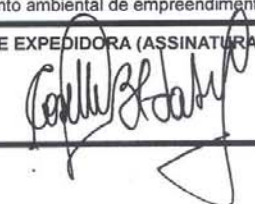

Cosete Mendes K. da Silva
Coordenadora Geral de Autorização de
Uso e Gestão de Fauna e Recursos Pesqueiros
COORDENAÇÃO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO E GESTÃO DE FAUNA

0102200



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
COORDENAÇÃO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO E GESTÃO DE FAUNA

AUTORIZAÇÃO PARA CAPTURA, COLETA E TRANSPORTE DE MATERIAL BIOLÓGICO

PROCESSO IBAMA Nº 02001.009542/2009-18	AUTORIZAÇÃO Nº 002/2010	VALIDADE 6 (seis) meses, a partir da assinatura.
ATIVIDADE <input checked="" type="checkbox"/> LEVANTAMENTO <input type="checkbox"/> MONITORAMENTO <input type="checkbox"/> RESGATE/SALVAMENTO		
TIPO <input type="checkbox"/> RECURSOS FAUNÍSTICOS <input checked="" type="checkbox"/> RECURSOS PESQUEIROS		
EMPREENDEDOR: Interligação Elétrica do Madeira S.A.		
CNPJ: 10.562.611/0001-87	CTF: 4034860	
ENDEREÇO: Rua Lauro Muller, 116 - Salas 2601 - 2608, CEP: 22290-160, Botafogo, Rio de Janeiro /RJ.		
EMPREENDIMENTO: LT 600 KV CC Coleta Porto Velho/Araraquara 2 - nº 1.		
CONSULTORIA RESPONSÁVEL PELA ATIVIDADE: JGP Consultoria e Participações Ltda.		
CNPJ/CPF: 69.282.879/0001-08	CTF: 250868	
COORDENADOR GERAL DA ATIVIDADE: Eliete Francisca da Silva		
CPF: 723.826.271-15	CTF: 979638	
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:	Captura, coleta e transporte de ictiofauna em áreas de várzea, na ADA (Área Diretamente Afetada) pela construção da Linha de Transmissão 600 kV CC Coleta Porto Velho/Araraquara 2 - nº 1, Estação Retificadora nº 2 e Estação 2 Inversora nº 2, nos Estados de Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.	
SÍTIOS AMOSTRAIS:	Ic1 (rio Guaporé, Comodoro - MT); Ic2 (confluência do rio Capivari com o Guaporé, Vila Bela de Santíssima Trindade - MT); Ic3 (rio Cuiabá, Cuiabá - MT); Ic4 (rio Araguaia, Alto Araguaia - MT); Ic5 (rio Paranaíba, Limeira do Oeste - MG).	
PETRECHOS:	Puçá (60cm de diâmetro e malha de 0,5cm); redes de espera (malhas: 2,5,6,7cm - entre nós opostos), 20m de comprimento e 2m de largura; tarrafas (malhas: 2,5 e 6cm - entre nós opostos); redes de arrasto (malhas: 12 e 29mm), com 2,5m e 3,5m (respectivamente).	
DESTINAÇÃO DO MATERIAL:	Laboratório de Ictiologia e Limnologia da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Nova Xavantina - MT.	
<p align="center">ESTA AUTORIZAÇÃO NÃO PERMITE:</p> 1. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE/SOLTURA DE ESPÉCIES EM ÁREA PARTICULAR SEM O CONSENTIMENTO DO PROPRIETÁRIO; 2. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE/SOLTURA DE ESPÉCIES EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS, ESTADUAIS, DISTRITAIS OU MUNICIPAIS, SALVO QUANDO ACOMPANHADAS DA ANUÊNCIA DO ÓRGÃO ADMINISTRADOR COMPETENTE; 3. COLETA/TRANSPORTE DE ESPÉCIES LISTADAS NA INSTRUÇÃO NORMATIVA MMA Nº 03/2003 E ANEXOS CITES; 4. COLETA DE MATERIAL BIOLÓGICO POR TÉCNICOS NÃO LISTADOS NO VERSO DESTA; 5. EXPORTAÇÃO DE MATERIAL BIOLÓGICO; 6. ACESSO AO PATRIMÔNIO GENÉTICO, NOS TERMOS DA REGULAMENTAÇÃO CONSTANTE NA MEDIDA PROVISÓRIA Nº 2.186-16, DE 23 DE AGOSTO DE 2001.		
Observação: As autorizações obtidas por meio do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) não podem ser utilizadas para a coleta de material biológico referente ao processo de licenciamento ambiental de empreendimentos.		
LOCAL E DATA DE EMISSÃO:	AUTORIDADE EXPEDIDORA (ASSINATURA E CARIMBO):	
Brasília, 04 de janeiro de 2010.		



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
COORDENAÇÃO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO E GESTÃO DE FAUNA

CONDICIONANTES:

1. CONDIÇÕES GERAIS:

- 1.1. VÁLIDA SOMENTE SEM EMENDAS E/OU RASURAS;
1.2. O IBAMA, MEDIANTE DECISÃO MOTIVADA, PODERÁ MODIFICAR AS CONDICIONANTES, BEM COMO SUSPENDER OU CANCELAR ESTA AUTORIZAÇÃO CASO OCORRA:
a) VIOLAÇÃO OU INADEQUAÇÃO DE QUAISQUER CONDICIONANTES OU NORMAS LEGAIS;
b) OMISSÃO OU FALSA DESCRIÇÃO DE INFORMAÇÕES RELEVANTES QUE SUBSIDIARAM A EXPEDIÇÃO DA AUTORIZAÇÃO;
c) SUPERVENIÊNCIA DE GRAVES RISCOS AMBIENTAIS E DE SAÚDE.
1.3. A OCORRÊNCIA DE SITUAÇÕES DESCRITAS NOS ITENS "1.2.a)" E "1.2.b)" ACIMA SUJEITA OS RESPONSÁVEIS, INCLUINDO TODA A EQUIPE TÉCNICA, À APLICAÇÃO DE SANÇÕES PREVISTAS NA LEGISLAÇÃO PERTINENTE;
1.4. O PEDIDO DE RENOVAÇÃO, CASO NECESSÁRIO, DEVERÁ SER PROTOCOLADO 30 (TRINTA) DIAS ANTES DE EXPIRAR O PRAZO DE VALIDADE DESTA AUTORIZAÇÃO;
1.5. A RENOVAÇÃO SOMENTE PODERÁ SER CONCEDIDA APÓS O RECEBIMENTO E ANÁLISE DO RELATÓRIO ESPECIFICADO NO ITEM 2.1 ABAIXO.
1.6. FICA REVOGADA A AUTORIZAÇÃO N° 252/2009, DE 11 DE NOVEMBRO DE 2009.

2. CONDIÇÕES ESPECÍFICAS:

- 2.1. EM ATÉ 30 (DIAS) CONTADOS DO FINAL DO PRAZO DE VALIDADE DESTA AUTORIZAÇÃO, A COORDENAÇÃO DE PROJETO DEVERÁ ENCAMINHAR RELATÓRIO IMPRESSO E DIGITAL CONTENDO:
a) LISTA DAS ESPÉCIES ENCONTRADAS, FORMA DE REGISTRO E HABITAT, DESTACANDO AS ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO, ENDÊMICAS, RARAS, AS NÃO DESCRITAS PREVIAMENTE PARA A ÁREA ESTUDADA, AS PASSÍVEIS DE SEREM UTILIZADAS COMO INDICADORAS DE QUALIDADE AMBIENTAL E AS MIGRATÓRIAS;
b) CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ENCONTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO EMPREENDIMENTO, COM DESCRIÇÃO DOS TIPOS DE HABITATS. OS TIPOS DE HABITATS DEVERÃO SER MAPEADOS, COM INDICAÇÃO DOS SEUS TAMANHOS EM TERMOS PERCENTUAIS E ABSOLUTOS.
c) ESFORÇO E EFICIÊNCIA AMOSTRAL, PARÂMETROS DE RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DAS ESPÉCIES, ÍNDICE DE DIVERSIDADE E DEMAIS ANÁLISES ESTATÍSTICAS PERTINENTES, CONTEMPLANDO A SAZONALIDADE EM CADA ÁREA AMOSTRADA;
d) ANEXO DIGITAL COM LISTA DOS DADOS BRUTOS DOS REGISTROS DE TODOS OS ESPÉCIMES – FORMA DE REGISTRO, LOCAL GEORREFERENCIADO (SISTEMA DE COORDENADAS PLANAS, PROJEÇÃO UTM, DATUM SAD-69), HABITAT E DATA;
e) DETALHAMENTO DA CAPTURA, TRIAGEM E DOS DEMAIS PROCEDIMENTOS A SEREM ADOTADOS PARA OS EXEMPLARES CAPTURADOS OU COLETADOS, INFORMANDO O TIPO DE IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL, REGISTRO E BIOMETRIA;
f) CURVA DO COLETOR POR GRUPO INVENTARIADO EM CADA ÁREA AMOSTRAL.
- 2.2. O PRAZO ESTABELECIDO NO ITEM 2.1 ACIMA PODERÁ SER PRORROGADO MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO CONTENDO JUSTIFICATIVA A SER ANALISADA PELO IBAMA;
2.3. O COORDENADOR E DEMAIS TÉCNICOS DEVERÃO RUBRICAR TODAS AS PÁGINAS DO RELATÓRIO.
2.4. DEVERÁ SER ENVIADO AO IBAMA O MOSAICO DE IMAGENS LANDSAT DE 2009, DISPONIBILIZADAS PELO IBGE OU INPE, EM ESCALA QUE CONTEMPLE TODA A EXTENSÃO DO EMPREENDIMENTO, BEM COMO, IMAGEM EM ESCALA 1:70.000 PARA AS ÁREAS AMOSTRAS SELECIONADAS; E AINDA, MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO COM SUAS RESPECTIVAS ÁREAS DE AMOSTRAGEM.
2.5. AS BASES DIGITAIS PARA MANIPULAÇÃO EM AMBIENTE SIG (ArcGis) UTILIZADAS NA ELABORAÇÃO DOS MAPAS.

EQUIPE TÉCNICA:

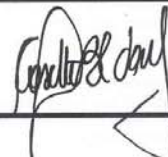
NOMES:

- Eliete Francisca da Silva
- Fernanda Teixeira Marciano
- Rodrigo José Ilario
- Marcela Roquetti Velludo
- Tatiane Ferraz Luiz

CTF:

- 979638
- 2947737
- 601021
- 4577248
- 4578065

AUTORIDADE EXPEDIDORA (ASSINATURA E CARIMBO):

 04.01.2010

Consórcio Madeira -
LT P. Velho, Araraquara
Laurina

LT Nº 1 - Ictiofauna



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
COORDENAÇÃO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO E GESTÃO DE FAUNA

AUTORIZAÇÃO PARA CAPTURA, COLETA E TRANSPORTE DE MATERIAL BIOLÓGICO

PROCESSO IBAMA Nº 02001.009542/2009-18	AUTORIZAÇÃO Nº 059/2010	VALIDADE 6 (seis) meses, a partir da assinatura.
ATIVIDADE <input checked="" type="checkbox"/> LEVANTAMENTO <input type="checkbox"/> MONITORAMENTO <input type="checkbox"/> RESGATE/SALVAMENTO		
TIPO <input type="checkbox"/> RECURSOS FAUNÍSTICOS <input checked="" type="checkbox"/> RECURSOS PESQUEIROS		
EMPREENDEDOR: Interligação Elétrica do Madeira S.A.		
CNPJ: 10.562.611/0001-87		CTF: 4034860
ENDEREÇO: Rua Lauro Muller, 116 - Salas 2601 - 2608, CEP: 22290-160, Botafogo, Rio de Janeiro /RJ.		
EMPREENDIMENTO: LT 600 kV CC Coleta Porto Velho/Araraquara 2 - nº 1.		
CONSULTORIA RESPONSÁVEL PELA ATIVIDADE: JGP Consultoria e Participações Ltda.		
CNPJ/CPF: 69.282.879/0001-08		CTF: 250868
COORDENADOR GERAL DA ATIVIDADE: Fernanda Teixeira Marciano		
CPF: 192.820.048-64		CTF: 2947737
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Captura, coleta e transporte de ictiofauna em áreas de várzea, na ADA (Área Diretamente Afetada) pela construção da Linha de Transmissão 600 kV CC Coleta Porto Velho/Araraquara 2 - nº 1, Estação Retificadora nº 2 e Estação 2 Inversora nº 2, nos Estados de Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.		
SÍTIOS AMOSTRAIS: Ic1 (rio Guaporé, Comodoro - MT); Ic2 (confluência do rio Capivari com o Guaporé, Vila Bela de Santíssima Trindade - MT); Ic3 (rio Cuiabá, Cuiabá - MT); Ic4 (rio Araguaia, Alto Araguaia - MT); Ic5 (rio Paranaíba, Limeira do Oeste - MG).		
PETRECHOS: Puçá (60cm de diâmetro e malha de 0,5cm); redes de espera (malhas: 2,5,6,7cm - entre nós opostos), 20m de comprimento e 2m de largura; tarrafas (malhas: 2,5 e 6cm - entre nós opostos); redes de arrasto (malhas: 12 e 29mm), com 2,5m e 3,5m (respectivamente).		
DESTINAÇÃO DO MATERIAL: Laboratório de Ictiologia e Limnologia da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Nova Xavantina - MT.		
<p align="center">ESTA AUTORIZAÇÃO NÃO PERMITE:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE/SOLTURA DE ESPÉCIES EM ÁREA PARTICULAR SEM O CONSENTIMENTO DO PROPRIETÁRIO; 2. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE/SOLTURA DE ESPÉCIES EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS, ESTADUAIS, DISTRITAIS OU MUNICIPAIS, SALVO QUANDO ACOMPANHADAS DA ANUÊNCIA DO ÓRGÃO ADMINISTRADOR COMPETENTE; 3. COLETA/TRANSPORTE DE ESPÉCIES LISTADAS NA INSTRUÇÃO NORMATIVA MMA Nº 03/2003 E ANEXOS CITES; 4. COLETA DE MATERIAL BIOLÓGICO POR TÉCNICOS NÃO LISTADOS NO VERSO DESTA; 5. EXPORTAÇÃO DE MATERIAL BIOLÓGICO; 6. ACESSO AO PATRIMÔNIO GENÉTICO, NOS TERMOS DA REGULAMENTAÇÃO CONSTANTE NA MEDIDA PROVISÓRIA Nº 2.186-16, DE 23 DE AGOSTO DE 2001. <p>Observação: As autorizações obtidas por meio do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) não podem ser utilizadas para a coleta de material biológico referente ao processo de licenciamento ambiental de empreendimentos.</p>		
LOCAL E DATA DE EMISSÃO: Brasília, 15 de março de 2010		AUTORIDADE EXPEDIDORA (ASSINATURA E CARIMBO): Cosette Bernabes Xavier da Silva Coordenadora Geral de Autorização de Uso e Gestão de Fauna e Recursos Pesqueiros CVFAP/DBFLOIBAMA



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
COORDENAÇÃO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO E GESTÃO DE FAUNA

CONDICIONANTES:

1. CONDIÇÕES GERAIS:

- 1.1. VÁLIDA SOMENTE SEM EMENDAS E/OU RASURAS;
1.2. O IBAMA, MEDIANTE DECISÃO MOTIVADA, PODERÁ MODIFICAR AS CONDICIONANTES, BEM COMO SUSPENDER OU CANCELAR ESTA AUTORIZAÇÃO CASO OCORRA:
a) VIOLAÇÃO OU INADEQUAÇÃO DE QUAISQUER CONDICIONANTES OU NORMAS LEGAIS;
b) OMISSÃO OU FALSA DESCRIÇÃO DE INFORMAÇÕES RELEVANTES QUE SUBSIDIARAM A EXPEDIÇÃO DA AUTORIZAÇÃO;
c) SUPERVENIÊNCIA DE GRAVES RISCOS AMBIENTAIS E DE SAÚDE.
1.3. A OCORRÊNCIA DE SITUAÇÕES DESCRITAS NOS ITENS "1.2.a)" E "1.2.b)" ACIMA SUJEITA OS RESPONSÁVEIS, INCLUINDO TODA A EQUIPE TÉCNICA, À APLICAÇÃO DE SANÇÕES PREVISTAS NA LEGISLAÇÃO PERTINENTE;
1.4. O PEDIDO DE RENOVAÇÃO, CASO NECESSÁRIO, DEVERÁ SER PROTOCOLADO 30 (TRINTA) DIAS ANTES DE EXPIRAR O PRAZO DE VALIDADE DESTA AUTORIZAÇÃO;
1.5. A RENOVAÇÃO SOMENTE PODERÁ SER CONCEDIDA APÓS O RECEBIMENTO E ANÁLISE DO RELATÓRIO ESPECIFICADO NO ITEM 2.1 ABAIXO.
1.6. FICA REVOGADA A AUTORIZAÇÃO N° 002/2010, DE 04 DE JANEIRO DE 2010.

2. CONDIÇÕES ESPECÍFICAS:

- 2.1. EM ATÉ 30 (DIAS) CONTADOS DO FINAL DO PRAZO DE VALIDADE DESTA AUTORIZAÇÃO, A COORDENAÇÃO DE PROJETO DEVERÁ ENCAMINHAR RELATÓRIO IMPRESSO E DIGITAL CONTENDO:
a) LISTA DAS ESPÉCIES ENCONTRADAS, FORMA DE REGISTRO E HABITAT, DESTACANDO AS ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO, ENDÊMICAS, RARAS, AS NÃO DESCRITAS PREVIAMENTE PARA A ÁREA ESTUDADA, AS PASSÍVEIS DE SEREM UTILIZADAS COMO INDICADORAS DE QUALIDADE AMBIENTAL E AS MIGRATÓRIAS;
b) CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ENCONTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO EMPREENDIMENTO, COM DESCRIÇÃO DOS TIPOS DE HABITATS. OS TIPOS DE HABITATS DEVERÃO SER MAPEADOS, COM INDICAÇÃO DOS SEUS TAMANHOS EM TERMOS PERCENTUAIS E ABSOLUTOS.
c) ESFORÇO E EFICIÊNCIA AMOSTRAL, PARÂMETROS DE RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DAS ESPÉCIES, ÍNDICE DE DIVERSIDADE E DEMAIS ANÁLISES ESTATÍSTICAS PERTINENTES, CONTEMPLANDO A SAZONALIDADE EM CADA ÁREA AMOSTRADA;
d) ANEXO DIGITAL COM LISTA DOS DADOS BRUTOS DOS REGISTROS DE TODOS OS ESPÉCIMES – FORMA DE REGISTRO, LOCAL GEORREFERENCIADO (SISTEMA DE COORDENADAS PLANAS, PROJEÇÃO UTM, DATUM SAD-69), HABITAT E DATA;
e) DETALHAMENTO DA CAPTURA, TRIAGEM E DOS DEMAIS PROCEDIMENTOS A SEREM ADOTADOS PARA OS EXEMPLARES CAPTURADOS OU COLETADOS, INFORMANDO O TIPO DE IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL, REGISTRO E BIOMETRIA;
f) CURVA DO COLETOR POR GRUPO INVENTARIADO EM CADA ÁREA AMOSTRAL.
2.2. O PRAZO ESTABELECIDO NO ITEM 2.1 ACIMA PODERÁ SER PRORROGADO MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO CONTENDO JUSTIFICATIVA A SER ANALISADA PELO IBAMA;
2.3. O COORDENADOR E DEMAIS TÉCNICOS DEVERÃO RUBRICAR TODAS AS PÁGINAS DO RELATÓRIO.
2.4. DEVERÁ SER ENVIADO AO IBAMA O MOSAICO DE IMAGENS LANDSAT DE 2009, DISPONIBILIZADAS PELO IBGE OU INPE, EM ESCALA QUE CONTEMPLE TODA A EXTENSÃO DO EMPREENDIMENTO, BEM COMO, IMAGEM EM ESCALA 1:70.000 PARA AS ÁREAS AMOSTRAIS SELECIONADAS; E AINDA, MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO COM SUAS RESPECTIVAS ÁREAS DE AMOSTRAGEM.
2.5. AS BASES DIGITAIS PARA MANIPULAÇÃO EM AMBIENTE SIG (ArcGis) UTILIZADAS NA ELABORAÇÃO DOS MAPAS.

EQUIPE TÉCNICA:

NOMES:

- Eliete Francisca da Silva
- Fernanda Teixeira Marciano
- Rodrigo José Ilario
- Marcela Roquetti Velludo
- Tatiane Ferraz Luiz

CTF:

- 979638
- 2947737
- 601021
- 4577248
- 4578065

AUTORIDADE EXPEDIDORA (ASSINATURA E CARIMBO):

[Assinatura]
Cosme Barralme Xavier da Silva
Coordenador Geral de Autorização de
Uso e Gestão de Fauna e Recursos Pesqueiros
CGFAP/DBFL/IBAMA 15032010

ANEXO 3.6.4.4.1-1

**ESPÉCIES DE MASTOFAUNA DE OCORRÊNCIA
NAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA INDIRETA DA LT**

Espécies de mastofauna de ocorrência na Área de Influência Indireta da LT 600 Coletora Porto Velho

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Caluromys lanatus</i>	X	X	X	X	X	cuíca-lanosa	-	LC
		<i>Caluromys philander</i>	X	X	X	X	X	cuíca-lanosa	-	LC
		<i>Caluromysiops irrupta</i>					X	cuíca-de-colete	X	LC
		<i>Chironectes minimus</i>	X	X	X	X		cuíca-d'água	-	LC
		<i>Didelphis albiventris</i>	X	X	X	X	X	gambá	-	LC
		<i>Didelphis aurita</i>	X					gambá	-	LC
		<i>Didelphis imperfecta</i>					X	gambá	-	LC
		<i>Didelphis marsupialis</i>		X	X	X	X	gambá	-	LC
		<i>Glironia venusta</i>					X	cuíca	-	LC
		<i>Gracilinanus agilis</i>		X	X	X		cuíca	-	LC
		<i>Gracilinanus microtarsus</i>	X	X		X		cuíca-graciosa	-	LC
		<i>Lutreolina crassicaudata</i>	X	X		X	X	cuíca-de-cauda-grossa	-	LC
		<i>Marmosa lepida</i>					X	marmosa	-	LC
		<i>Marmosa murina</i>		X	X	X	X	marmosa	-	LC
		<i>Marmosops bishopi</i>		X		X	X	marmosa	-	LC
		<i>Marmosops neblina</i>					X	marmosa	-	LC
		<i>Marmosops noctivagus</i>		X	X	X	X	marmosa	-	LC
		<i>Metachirus nudicaudatus</i>	X	X	X	X	X	cuíca-de-quatro-olhos	-	LC
		<i>Micoureus constantiae</i>		X	X	X	X	cuíca	-	LC
		<i>Micoureus demerarae</i>		X	X	X	X	cuíca	-	LC
<i>Micoureus paraguayanus</i>	X	X				guaiquica-cinza	-	LC		
<i>Monodelphis americana</i>	X	X				cuíca-três-listras	-	LC		
<i>Monodelphis brevicaudata</i>				X		X	catita	-	LC	

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN
Didelphimorphia (cont.)	Didelphidae (cont.)	<i>Monodelphis domestica</i>		X	X	X		catita	-	LC
		<i>Monodelphis emiliae</i>					X	catita	-	LC
		<i>Monodelphis glirina</i>					X	catita	-	LC
		<i>Monodelphis kunsii</i>		X			X	catita	-	LC
		<i>Monodelphis rubida</i>		X				catita	-	DD
		<i>Monodelphis sorex</i>	X					catita	-	LC
		<i>Monodelphis unistriata</i>		X				catita	-	VU
		<i>Philander frenatus</i>	X	X				cuíca-de-quatro-olhos	-	LC
		<i>Philander opossum</i>		X	X	X	X	cuíca-de-quatro-olhos	-	LC
		<i>Thylamys karimii</i>		X			X	catita	-	VU
		<i>Thylamys macrurus</i>		X				catita	-	NT
		<i>Thylamys pusillus</i>		X	X			catita	-	LC
		<i>Thylamys velutinus</i>		X				catita	-	LC
Pilosa	Bradypodidae	<i>Bradypus variegatus</i>	X	X		X	X	preguiça-de-garganta-marrom	-	LC
	Megalonychidae	<i>Choloepus didactylus</i>					X	preguiça-real	-	LC
		<i>Choloepus hoffmanni</i>					X	preguiça-real	-	LC
	Myrmecophagidae	<i>Cyclopes didactylus</i>					X	tamanduá	-	LC
		<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	X	X	X	X	X	tamanduá-bandeira	X	NT
<i>Tamandua tetradactyla</i>		X	X	X	X	X	tamanduá-mirim	-	LC	
Cingulata	Dasypodidae	<i>Cabassous chacoensis</i>			X			tatu-de-rabo-mole	-	NT
		<i>Cabassous tatouay</i>	X	X	X			tatu-de-rabo-mole-pequeno	-	LC
		<i>Cabassous unicinctus</i>		X	X	X	X	tatu-de-rabo-mole-grande	-	LC

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN
Cingulata (cont.)	Dasypodidae (cont.)	<i>Dasybus kappleri</i>			X	X	X	tatu-de-quinze-quilos	-	LC
		<i>Dasybus novemcinctus</i>	X	X	X	X	X	tatu-galinha	-	LC
		<i>Dasybus septemcinctus</i>	X	X	X	X	X	tatuí	-	LC
		<i>Euphractus sexcinctus</i>	X	X	X	X	X	tatu-peba	-	LC
		<i>Priodontes maximus</i>	X	X	X	X	X	tatu-canastra	X	VU
		<i>Tolypeutes matacus</i>		X	X			tatu-bola	-	NT
Primates	Aotidae	<i>Aotus azarai</i>			X			macaco-da-noite	-	LC
		<i>Aotus infulatus</i>		X	X	X	X	macaco-da-noite	-	NT
		<i>Aotus nigriceps</i>					X	macaco-da-noite	-	LC
	Atelidae	<i>Alouatta caraya</i>	X	X	X	X	X	bugio-preto	-	LC
		<i>Alouatta clamitans</i>	X					guariba-marrom	-	LC
		<i>Ateles chamek</i>				X	X	macaco-aranha-de-cara-preta	-	END
		<i>Ateles paniscus</i>			X			macaco-aranha	-	VU
		<i>Brachyteles arachnoides</i>	X					muriqui-do-sul	X	END
		<i>Lagothrix cana</i>					X	macaco-barrigudo	-	END
	Cebidae	<i>Callibella humilis</i>					X	sagüi-anão	-	VU
		<i>Callithrix aurita</i>	X					sagüi-da-serra-escuro	X	VU
		<i>Callithrix jacchus</i>		X				sagüi-comum	-	LC
		<i>Callithrix penicillata</i>		X				sagüi-do-Cerrado	-	LC
		<i>Cebus apella</i>		X	X	X	X	macaco-prego	-	LC
<i>Cebus cay</i>			X				macaco-prego	-	LC	
<i>Cebus libidinosus</i>		X	X				macaco-prego	-	LC	

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Primates (cont.)	Cebidae (cont.)	<i>Cebus nigrinus</i>	X					macaco-prego	-	NT	
		<i>Mico emiliae</i>					X	soim	-	DD	
		<i>Mico melanurus</i>	X	X	X	X	X	sagüi-de-rabo-preto	-	LC	
		<i>Mico nigricaps</i>					X	sagüi-de-cara-preta	-	DD	
		<i>Mico rondoni</i>					X	sagüi-branco	-	VU	
		<i>Saguinus fuscicollis</i>					X	sagüi-de-cara-suja	-	LC	
		<i>Saimiri ustus</i>					X	X	macaco-de-cheiro	-	NT
	Pitheciidae	<i>Callicebus bernhardi</i>						X	zogue-zogue	-	LC
		<i>Callicebus brunneus</i>						X	zogue-zogue	-	LC
		<i>Callicebus cinerascens</i>						X	zogue-zogue	-	LC
		<i>Callicebus donacophilus</i>				X	X	X	-	-	LC
		<i>Callicebus moloch</i>					X	X	zogue-zogue	-	LC
		<i>Callicebus personatus</i>						X	sauá	X	VU
		<i>Callicebus nigrifrons</i>	X						guigó	-	NT
		<i>Chiropotes albinasus</i>					X	X	cuxiú-de-nariz-branco	-	END
	<i>Pithecia irrorata</i>						X	parauacu	-	LC	
Lagomorpha	Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	X	X	X	X	X	tapeti	-	LC	
Chiroptera	Emballonuridae	<i>Centronycteris maximiliani</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Cormura brevirostris</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Diclidurus albus</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Peropteryx kappleri</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Chiroptera (cont.)	Emballonuridae	<i>Pteropteryx leucoptera</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Pteropteryx macrotis</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Rhynchonycteris naso</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Saccopteryx bilineata</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Saccopteryx canescens</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Saccopteryx leptura</i>		X			X	morcego	-	LC	
	Furipteridae	<i>Furipterus horrens</i>	X	X		X	X	morcego	-	LC	
	Molossidae	<i>Cynomops abrasus</i>			X	X	X	X	morcego	-	DD
		<i>Cynomops planirostris</i>			X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Eumops auripendulus</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Eumops bonariensis</i>			X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Eumops glaucinus</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Eumops hansae</i>	X	X			X	X	morcego	-	LC
		<i>Eumops perotis</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Molossops mattogrossensis</i>			X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Molossops neglectus</i>	X					X	morcego	-	DD
		<i>Molossops temminckii</i>			X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Molossus ater</i>			X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Molossus molossus</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Molossus rufus</i>	X	X			X		morcego	-	LC
<i>Nyctinomops aurispinosus</i>				X	X	X		morcego	-	LC	
<i>Nyctinomops laticaudatus</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC		

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Chiroptera (cont.)	Molossidae (cont.)	<i>Nyctinomops macrotis</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Promops nasutus</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Tadarida brasiliensis</i>	X	X				morcego	-	LC	
	Mormoopidae	<i>Pteronotus davyi</i>				X			morcego	-	LC
		<i>Pteronotus gymnotus</i>				X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Pteronotus parnelli</i>				X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Pteronotus personatus</i>				X	X	X	morcego	-	LC
	Natalidae	<i>Natalus stramineus</i>	X	X		X		morcego	-	LC	
	Noctilionidae	<i>Noctilio albiventris</i>	X	X	X	X	X	X	morcego-pescador	-	LC
		<i>Noctilio leporinus</i>	X	X	X	X	X	X	morcego-pescador	-	LC
	Phyllostomidae	<i>Ametrida centurio</i>					X	X	morcego	-	LC
		<i>Anoura caudifer</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Anoura geoffroyi</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Artibeus andersoni</i>						X	morcego	-	LC
		<i>Artibeus cinereus</i>			X	X			morcego	-	LC
		<i>Artibeus concolor</i>			X		X	X	morcego	-	LC
		<i>Artibeus glaucus</i>						X	morcego	-	LC
<i>Artibeus jamaicensis</i>		X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
<i>Artibeus fimbriatus</i>		X						morcego	-	LC	
<i>Artibeus lituratus</i>				X	X	X	X	morcego	-	LC	
<i>Artibeus obscurus</i>		X				X	X	morcego	-	LC	
<i>Artibeus planirostris</i>			X	X	X	X	morcego	-	LC		

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Chiroptera (cont.)	Phyllostomidae (cont.)	<i>Carollia benkeithi</i>				X	X	morcego	-	LC	
		<i>Carollia brevicauda</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Carollia perspicillata</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Chiroderma doriae</i>	X					morcego	-	LC	
		<i>Chiroderma trinitatum</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Chiroderma villosum</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Choeroniscus minor</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Chrotopterus auritus</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Desmodus rotundus</i>	X	X	X	X	X	morcego-vampiro	-	LC	
		<i>Diaemus youngi</i>	X	X	X	X	X	morcego-vampiro	-	LC	
		<i>Diphylla ecaudata</i>	X	X	X	X	X	morcego-vampiro	-	LC	
		<i>Glossophaga soricina</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Glyphonycteris behni</i>		X	X	X	X	morcego	-	DD	
		<i>Glyphonycteris daviesi</i>						X	morcego	-	LC
		<i>Glyphonycteris sylvestris</i>	X					X	morcego	-	LC
		<i>Lamproncycteris brachyotis</i>	X	X			X		morcego	-	LC
		<i>Lichonycteris degener</i>						X	morcego	-	LC
		<i>Lionycteris spurrelli</i>					X	X	morcego	-	LC
		<i>Lonchophylla bokermanni</i>		X					morcego	X	DD
		<i>Lonchophylla dekeyseri</i>		X			X		morcego	X	NT
<i>Lonchophylla thomasi</i>					X	X	morcego	-	LC		
<i>Lonchorhina aurita</i>	X	X	X	X	X	X	morcego	-	LC		

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Chiroptera (cont.)	Phyllostomidae (cont.)	<i>Lophostoma brasiliense</i>		X		X	X	morcego	-	LC	
		<i>Lophostoma carrikeri</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Lophostoma silvicolum</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Macrophyllum macrophyllum</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Mesophyla macconnelli</i>				X	X	morcego	-	LC	
		<i>Micronycteris hirsuta</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Micronycteris megalotis</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Micronycteris minuta</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Micronycteris schmidtorum</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Mimon benneti</i>	X	X	X			morcego	-	LC	
		<i>Mimon crenulatum</i>	X	X		X	X	morcego	-	LC	
		<i>Phylloiderma stenops</i>	X	X		X	X	morcego	-	LC	
		<i>Phyllostomus discolor</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Phyllostomus elongatus</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Phyllostomus hastatus</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Platyrrhinus brachycephalus</i>					X	X	morcego	-	LC
		<i>Platyrrhinus helleri</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Platyrrhinus lineatus</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Platyrrhinus recifinus</i>	X	X				morcego	X	LC	
		<i>Pygoderma bilabiatum</i>	X		X			X	morcego	-	LC
<i>Rhinophylla fischeriae</i>						X	morcego	-	LC		
<i>Rhinophylla pumilio</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC			

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Chiroptera (cont.)	Phyllostomidae (cont.)	<i>Sphaeronycteris toxophyllum</i>					X	morcego	-	DD	
		<i>Sturnira lilium</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Sturnira tildae</i>	X	X		X	X	morcego	-	LC	
		<i>Tonatia bidens</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	DD	
		<i>Tonatia saurophila</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Trachops cirrhosus</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Uroderma bilobatum</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Uroderma magnirostrum</i>		X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Vampyressa pusilla</i>	X	X	X			morcego	-	DD	
		<i>Vampyriscus bidens</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Vampyriscus brocki</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Vampyrodes caraccioli</i>					X	morcego	-	LC	
		<i>Vampyrum spectrum</i>				X	X	X	morcego	-	NT
	Thyropteridae	<i>Thyroptera discifera</i>					X	X	morcego	-	LC
		<i>Thyroptera tricolor</i>						X	morcego	-	LC
	Vespertilionidae	<i>Eptesicus brasiliensis</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Eptesicus diminutus</i>	X	X				morcego	-	DD	
		<i>Eptesicus furinalis</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC	
		<i>Histiotus velatus</i>	X	X	X			morcego	-	DD	
		<i>Lasiurus blossevillii</i>	X	X			X	morcego	-	LC	
		<i>Lasiurus cinereus</i>	X	X	X			morcego	-	LC	
<i>Lasiurus ega</i>		X	X	X	X	X	morcego	-	LC		

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN
Chiroptera (cont.)	Vespertilionidae (cont.)	<i>Lasiurus egregius</i>	X	X				morcego	-	DD
		<i>Myotis albescens</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Myotis levis</i>	X							
		<i>Myotis nigricans</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Myotis riparius</i>	X	X	X	X	X	morcego	-	LC
		<i>Myotis ruber</i>	X					morcego	X	NT
		<i>Myotis simus</i>					X	morcego	-	DD
		<i>Rhogeessa io</i>		X		X	X	morcego	-	LC
Carnivora	Canidae	<i>Atelocynus microtis</i>		X	X	X	X	cachorro-do-mato-de-orelha-curta	-	NT
		<i>Cerdocyon thous</i>	X	X	X	X	X	cachorro-do-mato	-	LC
		<i>Chrysocyon brachyurus</i>		X	X	X	X	lobo-guará	X	NT
		<i>Lycalopex vetulus</i>		X	X			raposa-do-campo	-	LC
		<i>Speothos venaticus</i>		X	X	X	X	cachorro-do-mato-vinagre	X	NT
	Felidae	<i>Leopardus colocolo</i>		X	X			gato-palheiro	X	NT
		<i>Leopardus geoffroy</i>		X	X			gato-do-mato-grande	-	NT
		<i>Leopardus pardalis</i>	X	X	X	X	X	jaguaritica	X	LC
		<i>Leopardus tigrinus</i>	X	X	X	X	X	gato-do-mato-pequeno	X	VU
		<i>Leopardus wiedii</i>	X	X	X	X	X	gato-maracajá	X	NT
		<i>Panthera onca</i>	X	X	X	X	X	onça-pintada	X	NT
		<i>Puma concolor</i>	X	X	X	X	X	onça-parda	X	LC
		<i>Puma yagouarundi</i>	X	X	X	X	X	jaguarundi	-	LC
	Mephitidae	<i>Conepatus chinga</i>	X	X				zorrilho	-	LC
<i>Conepatus semistriatus</i>			X	X			jaritaca	-	LC	

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN
Carnívora (cont.)	Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	X	X	X	X	X	irara	-	LC
		<i>Galictis cuja</i>	X	X	X			furão-pequeno	-	LC
		<i>Galictis vittata</i>		X	X	X	X	furão	-	LC
		<i>Lontra longicaudis</i>	X	X	X	X	X	lontra	-	DD
		<i>Mustela africana</i>					X	doninha-amazônica	-	LC
		<i>Pteronura brasiliensis</i>	X	X	X	X	X	ariranha	X	END
	Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	X	X	X	X	X	quati	-	LC
		<i>Potos flavus</i>		X		X	X	jupará	-	LC
		<i>Procyon cancrivorus</i>	X	X	X	X	X	mão-pelada	-	LC
Peryssodactyla	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	X	X	X	X	X	anta	-	VU
Artiodactyla	Cervidae	<i>Blastocerus dichotomus</i>	X	X	X	X		cervo-do-pantanal	X	VU
		<i>Mazama americana</i>	X	X	X	X	X	veado-mateiro	-	DD
		<i>Mazama guazoubira</i>	X	X	X			veado catingueiro	-	LC
		<i>Mazama nemorivaga</i>				X	X	veado	-	LC
		<i>Ozotoceros bezoarticus</i>		X	X	X	X	veado-campeiro	-	NT
	Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	X	X	X	X	X	cateto	-	LC
		<i>Tayassu pecari</i>	X	X	X	X	X	queixada	-	NT
Cetacea	Delphinidae	<i>Sotalia fluviatilis</i>		X		X	X	tucuxi	-	DD
	Platanistidae	<i>Inia boliviensis</i>					X	-	-	DD
		<i>Inia geoffrensis</i>		X		X	X	boto-cor-de-rosa	-	DD
Sirenia	Trichechidae	<i>Trichechus inunguis</i>					X	X	VU	

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Rodentia	Caviidae	<i>Cavia aperea</i>		X	X	X		preá	-	LC	
		<i>Cavia fulgida</i>	X	X				preá	-	LC	
		<i>Cavia porcellus</i>					X		preá	-	LC
		<i>Galea spixii</i>		X		X	X		preá	-	LC
		<i>Galea musteloides</i>				X			-	-	LC
		<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	X	X	X	X	X		capivara	-	LC
		<i>Kerodon acrobata</i>		X					-	-	DD
		<i>Kerodon rupestris</i>		X					-	-	LC
	Cricetidae	<i>Akodon cursor</i>			X	X	X		rato-do-chão	-	LC
		<i>Akodon lindbergui</i>			X				rato-do-chão	-	DD
		<i>Akodon montensis</i>			X				rato-do-chão	-	LC
		<i>Akodon toba</i>				X			rato-do-chão	-	LC
		<i>Bibimys labiosus</i>	X	X					-	-	LC
		<i>Calomys callosus</i>		X	X	X			rato-calunga	-	LC
		<i>Calomys expulsus</i>		X					rato-calunga	-	LC
		<i>Calomys tener</i>		X		X			rato-calunga	-	LC
		<i>Cerradomys maracajuensis</i>		X		X			rato-do-cerrado	-	LC
		<i>Cerradomys marinhos</i>		X					rato-do-cerrado	-	DD
		<i>Cerradomys scotti</i>		X		X			rato-do-cerrado	-	LC
		<i>Cerradomys subflavus</i>		X	X				rato-do-cerrado	-	LC
<i>Euryoryzomys russatus</i>		X					rato-do-mato	-	LC		
<i>Euryoryzomys lamia</i>		X					rato-do-mato	-	END		

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Rodentia (cont.)	Cricetidae (cont.)	<i>Euryoryzomys nitidus</i>					X	rato-do-mato	-	LC	
		<i>Holochilus brasiliensis</i>	X	X	X			rato-de-cana	-	LC	
		<i>Holochilus sciureus</i>		X	X	X	X		rato-de-cana	-	LC
		<i>Hylaeamys megacephalus</i>		X	X	X	X		rato-do-mato	-	LC
		<i>Hylaeamys yunganus</i>		X			X	X	rato-do-mato	-	LC
		<i>Kunsia fronto</i>			X				rato-do-mato	X	END
		<i>Kunsia tomentosus</i>			X	X	X		rato-do-mato	-	LC
		<i>Microakodontomys transitorius</i>			X				-	-	VU
		<i>Neacomys spinosus</i>			X	X	X	X	rato-de-espinho-pequeno	-	LC
		<i>Necomys lasiurus</i>			X	X	X		pixuna	-	LC
		<i>Necomys lenguarum</i>				X			-	-	LC
		<i>Nectomys rattus</i>			X			X	rato-d'água	-	LC
		<i>Nectomys squamipes</i>		X	X	X	X	X	rato-d'água	-	LC
		<i>Oecomys bicolor</i>			X	X	X	X	rato-da-árvore	-	LC
		<i>Oecomys catherinae</i>		X	X			X	rato-da-árvore	-	LC
		<i>Oecomys concolor</i>			X	X	X	X	rato-da-árvore	-	LC
		<i>Oecomys mamorae</i>				X		X	rato-da-árvore	-	LC
		<i>Oecomys paricola</i>				X			rato-da-árvore	-	DD
		<i>Oecomys rex</i>				X			rato-da-árvore	-	LC
		<i>Oecomys roberti</i>				X	X	X	X	rato-da-árvore	-
<i>Oecomys trinitatis</i>				X		X		rato-da-árvore	-	LC	
<i>Oligoryzomys chacoensis</i>				X	X			camundongo-do-mato	-	LC	

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN
Rodentia (cont.)	Cricetidae (cont.)	<i>Oligoryzomys flavescens</i>		X	X			camundongo-do-mato	-	LC
		<i>Oligoryzomys fornesi</i>		X	X	X		camundongo-do-mato	-	LC
		<i>Oligoryzomys microtis</i>		X	X	X	X	camundongo-do-mato	-	LC
		<i>Oligoryzomys moojeni</i>			X			camundongo-do-mato	-	DD
		<i>Oligoryzomys nigripes</i>	X	X	X	X		rato-catingueiro	-	LC
		<i>Oligoryzomys rupestris</i>		X		X		camundongo-do-mato	-	DD
		<i>Oxymycterus amazonicus</i>				X	X	rato-do-brejo	-	LC
		<i>Oxymycterus delator</i>	X	X		X		rato-do-brejo	-	LC
		<i>Oxymycterus roberti</i>		X	X			rato-do-brejo	-	LC
		<i>Pseudoryzomys simplex</i>		X	X	X		-	-	LC
		<i>Rhipidomys emiliae</i>		X				rato-da-árvore	-	LC
		<i>Rhipidomys leucodactylus</i>					X	rato-da-árvore	-	LC
		<i>Rhipidomys macrurus</i>		X		X		rato-da-árvore	-	LC
		<i>Rhipidomys mastacalis</i>	X	X	X			rato-da-árvore	-	LC
		<i>Rhipidomys nitela</i>		X		X		rato-da-árvore	-	LC
		<i>Sooretamys angouya</i>	X	X				rato-do-mato	-	LC
		<i>Thalpomys cerradensis</i>		X		X		rato-do-chão	-	LC
		<i>Thalpomys lasiotis</i>		X				rato-do-chão	-	LC
		<i>Thrichomys pachyurus</i>		X						
	<i>Wiedomys pyrrhorhinos</i>		X				rato-de-palmatória	-	LC	
		Ctenomyidae	<i>Ctenomys brasiliensis</i>		X				tuco-tuco	-
	<i>Ctenomys minutus bicolor</i>			X		X		tuco-tuco	-	DD

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Rodentia (cont.)	Ctenomyidae (cont.)	<i>Ctenomys nattereri</i>		X	X	X		tuco-tuco	-	NA	
	Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	X	X	X	X	X	paca	-	LC	
	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i>	X	X	X	X			cutia	-	DD
		<i>Dasyprocta fuliginosa</i>						X	cutia	-	LC
		<i>Dasyprocta punctata</i>			X	X	X		cutia	-	LC
	Echimyidae	<i>Carterodon sulcidens</i>			X	X	X		rato-de-espinho	X	DD
		<i>Clyomys laticeps</i>			X	X			rato-de-espinho	-	LC
		<i>Dactylomys dactylinus</i>			X		X		rato-do-bambu	-	LC
		<i>Euryzygomatomys spinosus</i>			X				guirá-do-rio	-	LC
		<i>Isothrix bistrata</i>			X	X	X	X	rato-coró	-	LC
		<i>Makalata didelphoides</i>			X	X	X		rato-coró	-	LC
		<i>Mesomys hispidus</i>						X	rato-de-espinho	-	LC
		<i>Phyllomys brasiliensis</i>			X	X			rato-de-espinho	X	END
		<i>Phyllomys medius</i>	X	X					rato-de-espinho	-	LC
		<i>Phyllomys nigrispinus</i>	X	X					rato-de-espinho	-	LC
		<i>Proechimys gardneri</i>						X	rato-de-espinho	-	DD
		<i>Proechimys goeldii</i>			X		X		rato-de-espinho	-	VU
		<i>Proechimys longicaudatus</i>			X	X	X	X	rato-de-espinho	-	LC
		<i>Proechimys roberti</i>			X		X		rato-de-espinho	-	VU
		<i>Thrichomys apereoides</i>			X	X			rabudo	-	LC
<i>Thrichomys pachyurus</i>				X				rabudo	-	LC	

Ordem	Família	Espécie	MA-Ce	Ce	Pa	Am-Ce	Am	Nome Vulgar	MMA	IUCN	
Rodentia (cont.)	Erethizontidae	<i>Coendou prehensilis</i>		X	X	X	X	coandu	-	LC	
		<i>Sphiggurus spinosus</i>		X				ouriço-caixeiro	-	LC	
		<i>Sphiggurus villosus</i>	X					ouriço-caixeiro	-	LC	
	Sciuridae	<i>Guerlinguetus aestuans</i>				X			coatipuru	-	LC
		<i>Guerlinguetus ingrami</i>	X						caxinguelê	-	LC
		<i>Guerlinguetus ignitus</i>				X	X	X	coatipuruzinho	-	DD
		<i>Sciurillus pusillus</i>						X	coatipuru-pequeno	-	DD
		<i>Urosciurus spadiceus</i>				X	X	X	coatipuru-grande	-	LC

Legenda: MA-Ce (Mata Atlântica- Cerrado); Ce (Cerrado); Pa (Pantanal); Am-Ce (Amazônia-Cerrado) e Am (Amazônia).

LC – Least concerned; DD – data deficient; VU- vulnerable

ANEXO 3.6.4.4.1-2

**ESPÉCIES DE AVES DE OCORRÊNCIA NA ÁREA
DE INFLUÊNCIA INDIRETA DA LT**

Espécies de aves de ocorrência na Área de Influência Indireta da LT 600 Coletora Porto Velho

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
STRUTHIONIFORMES									
Rheidae									
<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)	Ema		CR			x	x	x	
TINAMIFORMES									
Tinamidae									
<i>Tinamus tao</i> Temminck, 1815	Azulona				x	x		x	
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	Macuco		VU						x
<i>Tinamus major</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-de-cabeça-vermelha				x	x			
<i>Tinamus guttatus</i> Pelzeln, 1863	inhambu-galinha				x				
<i>Crypturellus cinereus</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-preto				x	x			
<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)	Tururim				x	x		x	
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)	inhambuguaçu				x	x		x	x
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	Jaó		EN		x	x	x	x	
<i>Crypturellus strigulosus</i> (Temminck, 1815)	inhambu-relógio				x	x			
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	jaó-do-sul	AM	EN						x
<i>Crypturellus variegatus</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-anhangá				x	x			
<i>Crypturellus brevirostris</i> (Pelzeln, 1863)	inhambu-carijó				x				
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	inhambu-chororó				x	x	x	x	x
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	inhambu-chintã				x	x	x	x	x
<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)	perdiz		VU		x	x	x	x	x
<i>Nothura minor</i> (Spix, 1825)	codorna-mineira	AM	CR	VU				x	
<i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815)	codorna-amarela							x	x
<i>Taoniscus nanus</i> (Temminck, 1815)	inhambu-carapé	AM	CR	VU				x	
ANSERIFORMES									
Anhimidae									
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	anhuma		CR		x	x		x	x
<i>Chauna torquata</i> (Oken, 1816)	tachã					x	x	x	

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
Anatidae									
<i>Dendrocygna bicolor</i> (Vieillot, 1816)	marreca-caneleira						x	x	x
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	irerê					x	x	x	x
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	asa-branca				x		x	x	x
<i>Cygnus melancoryphus</i> (Molina, 1782)	cisne-de-pescoço-preto							x	
<i>Neochen jubata</i> (Spix, 1825)	pato-corredor		CR			x	x	x	x
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato				x	x	x	x	x
<i>Sarkidiornis sylvicola</i> Ihering & Ihering, 1907	pato-de-crista		EN				x	x	x
<i>Callonetta leucophrys</i> (Vieillot, 1816)	marreca-de-coleira								x
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	pé-vermelho					x	x	x	x
<i>Anas flavirostris</i> Vieillot, 1816	marreca-pardinha								x
<i>Anas georgica</i> Gmelin, 1789	marreca-parda								x
<i>Anas bahamensis</i> Linnaeus, 1758	marreca-toicinho						x		x
<i>Anas versicolor</i> Vieillot, 1816	marreca-cricri								x
<i>Anas discors</i> Linnaeus, 1766	marreca-de-asa-azul								x
<i>Anas platalea</i> Vieillot, 1816	marreca-colhereira						x		
<i>Netta erythrophthalma</i> (Wied, 1832)	paturi-preta						x		x
<i>Netta peposaca</i> (Vieillot, 1816)	marrecão								x
<i>Mergus octosetaceus</i> Vieillot, 1817	pato-mergulhão	AM		CR				x	x
<i>Nomonyx dominica</i> (Linnaeus, 1766)	marreca-de-bico-roxo						x		x
<i>Oxyura vittata</i> (Philippi, 1860)	marreca-pé-na-bunda							x	
GALLIFORMES									
Cracidae									
<i>Ortalis canicollis</i> (Wagler, 1830)	aracuã-do-pantanal						x		
<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)	aracuã		CR		x	x		x	x
<i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815	jacupemba				x		x	x	x
<i>Penelope jacquacu</i> Spix, 1825	jacu-de-spix				x	x			
<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815	jacuaçu							x	x
<i>Penelope ochrogaster</i> Pelzeln, 1870	jacu-de-barriga-castanha	AM		VU			x		
<i>Aburria cumanensis</i> (Jacquin, 1784)	jacutinga-de-garganta-azul				x	x	x		

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Aburria kujubi</i> (Pelzeln, 1858)	cujubi						x		
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	jacutinga	AM	CR	EN				x	
<i>Pauxi tuberosa</i> (Spix, 1825)	mutum-cavalo				x	x			
<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825	mutum-de-penacho		CR				x	x	
Odontophoridae									
<i>Odontophorus gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	uru-corcovado				x	x			
<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)	uru							x	
<i>Odontophorus stellatus</i> (Gould, 1843)	uru-de-topete				x				
PODICIPEDIFORMES									
Podicipedidae									
<i>Rollandia rolland</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	mergulhão-de-orelha-branca							x	x
<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	mergulhão-pequeno					x	x	x	
<i>Podilymbus podiceps</i> (Linnaeus, 1758)	mergulhão-caçador						x	x	
<i>Podiceps major</i> (Boddaert, 1783)	mergulhão-grande							x	
<i>Podiceps occipitalis</i> Garnot, 1826	mergulhão-de-orelha-amarela							x	
PELECANIFORMES									
Phalacrocoracidae									
<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	biguá				x	x	x	x	x
Anhingidae									
<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	biguatinga				x	x	x	x	x
CICONIIFORMES									
Ardeidae									
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi				x	x	x	x	x
<i>Tigrisoma fasciatum</i> (Such, 1825)	socó-boi-escuro	AM	CR					x	x
<i>Agamia agami</i> (Gmelin, 1789)	garça-da-mata				x	x	x		
<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	arapapá		EN			x	x	x	
<i>Zebriilus undulatus</i> (Gmelin, 1789)	socoí-zigue-zague					x			
<i>Botaurus pinnatus</i> (Wagler, 1829)	socó-boi-baio							x	x
<i>Ixobrychus exilis</i> (Gmelin, 1789)	socoí-vermelho						x	x	x
<i>Ixobrychus involucris</i> (Vieillot, 1823)	socoí-amarelo							x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	savacu						x	x	x
<i>Nyctanassa violacea</i> (Linnaeus, 1758)	savacu-de-coroa		VU					x	x
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho				x	x	x	x	x
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira				x	x	x	x	x
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura				x	x	x	x	x
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande				x	x	x	x	x
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira						x	x	x
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real		VU		x	x	x	x	x
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena				x	x	x	x	x
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	garça-azul						x	x	x
Threskiornithidae									
<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)	guará		EN						x
<i>Plegadis chihi</i> (Vieillot, 1817)	caraúna-de-cara-branca						x	x	x
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	coró-coró				x	x	x	x	x
<i>Phimosus infuscatus</i> (Lichtenstein, 1823)	tapicuru-de-cara-pelada						x	x	x
<i>Theristicus caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	maçarico-real						x		
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	curicaca					x	x	x	x
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	colhereiro				x		x	x	x
Ciconiidae									
<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	maguari		CR			x	x	x	
<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	tuiuiú		EN			x	x	x	x
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca					x	x	x	x
CATHARTIFORMES									
Cathartidae									
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha				x	x	x	x	x
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela		VU		x	x	x	x	x
<i>Cathartes melambrotus</i> Wetmore, 1964	urubu-da-mata				x				
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-de-cabeça-preta				x	x	x	x	x
<i>Sarcorampus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei		EN		x	x	x	x	x

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
FALCONIFORMES									
Pandionidae									
<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora						x	x	
Accipitridae									
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-de-cabeça-cinza				x	x	x	x	x
<i>Chondrohierax uncinatus</i> (Temminck, 1822)	caracoleiro						x	x	x
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura				x	x	x	x	x
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1825	gaviãozinho					x	x	x	x
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira				x		x	x	x
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	gavião-caramujeiro					x	x	x	x
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 1790)	gavião-ripina					x			
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	gavião-bombachinha							x	x
<i>Ictinia mississippiensis</i> (Wilson, 1811)	sauveiro-do-norte							x	
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi					x	x	x	x
<i>Circus cinereus</i> Vieillot, 1816	gavião-cinza	AM	VU					x	x
<i>Circus buffoni</i> (Gmelin, 1788)	gavião-do-banhado		CR					x	x
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	tauató-pintado				x				x
<i>Accipiter superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	gavião-miudinho							x	x
<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1808	gavião-miúdo						x	x	x
<i>Accipiter bicolor</i> (Vieillot, 1817)	gavião-bombachinha-grande						x	x	x
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo					x	x	x	x
<i>Leucopternis lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	gavião-pombo-pequeno	AM	VU	VU					x
<i>Leucopternis albicollis</i> (Latham, 1790)	gavião-branco				x	x		x	
<i>Leucopternis polionotus</i> (Kaup, 1847)	gavião-pombo-grande		VU						x
<i>Buteogallus aequinoctialis</i> (Gmelin, 1788)	caranguejeiro		CR					x	x
<i>Buteogallus urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto				x	x	x	x	x
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	gavião-caboclo					x	x	x	x
<i>Harpyhaliaetus coronatus</i> (Vieillot, 1817)	águia-cinzenta	AM	CR	EN				x	x
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	gavião-belo		CR		x	x	x	x	x
<i>Parabuteo unicinctus</i> (Temminck, 1824)	gavião-asa-de-telha		VU			x		x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Percnohierax leucorhous</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	gavião-de-sobre-branco								x
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó				x	x	x	x	x
<i>Buteo albicaudatus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-rabo-branco					x	x	x	x
<i>Buteo melanoleucus</i> (Vieillot, 1819)	águia-chilena						x		
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 1790)	gavião-pedrés				x	x	x	x	x
<i>Buteo platypterus</i> (Vieillot, 1823)	gavião-de-asa-larga					x			
<i>Buteo swainsoni</i> Bonaparte, 1838	gavião-papa-gafanhoto							x	x
<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta					x		x	x
<i>Buteo albonotatus</i> Kaup, 1847	gavião-de-rabo-barrado						x	x	
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	uirauçu-falso		CR		x			x	x
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real		CR		x	x		x	x
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	gavião-pega-macaco		VU		x	x		x	x
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato		CR			x		x	x
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	gavião-de-penacho		CR		x	x		x	x
Falconidae									
<i>Daptrius ater</i> Vieillot, 1816	gavião-de-anta				x	x			
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	gralhão		CR		x	x		x	x
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	caracará					x	x	x	x
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro					x	x	x	x
<i>Milvago chimango</i> (Vieillot, 1816)	chimango							x	x
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã				x	x	x	x	x
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-caburé				x	x		x	x
<i>Micrastur gilvicollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-mateiro				x	x			
<i>Micrastur mintoni</i> Whittaker, 2002	falcão-críptico				x				
<i>Micrastur mirandollei</i> (Schlegel, 1862)	tanatau				x				
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	falcão-relógio				x		x	x	x
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri					x	x	x	x
<i>Falco ruficularis</i> Daudin, 1800	cauré		EN		x	x	x	x	x
<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1825	falcão-de-peito-laranja							x	
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	falcão-de-coleira					x	x	x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Falco peregrinus</i> Tunstall, 1771	falcão-peregrino						x	x	
GRUIFORMES									
Aramidae									
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão					x	x	x	x
Psophiidae									
<i>Psophia leucoptera</i> Spix, 1825	jacamim-de-costas-brancas				x				
<i>Psophia viridis</i> Spix, 1825	jacamim-de-costas-verdes				x				
Rallidae									
<i>Coturnicops notatus</i> (Gould, 1841)	pinto-d'água-carijó			VU			x	x	
<i>Micropygia schomburgkii</i> (Schomburgk, 1848)	maxalalagá		CR				x		
<i>Rallus longirostris</i> Boddaert, 1783	saracura-matraca						x		
<i>Aramides mangle</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mangue						x	x	
<i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller, 1776)	saracura-três-potes				x	x	x	x	
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mato							x	
<i>Amaurolimnas concolor</i> (Gosse, 1847)	saracura-lisa					x	x	x	
<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	sanã-castanha				x	x	x		
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	sanã-parda					x	x	x	
<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	sanã-do-capim						x	x	
<i>Laterallus leucopyrrhus</i> (Vieillot, 1819)	sanã-vermelha						x	x	
<i>Laterallus xenopterus</i> Conover, 1934	sanã-de-cara-ruiva		CR	VU			x		
<i>Porzana flaviventer</i> (Boddaert, 1783)	sanã-amarela						x	x	
<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó					x	x	x	
<i>Neocrex erythrops</i> (Sclater, 1867)	turu-turu					x	x	x	
<i>Pardirallus maculatus</i> (Boddaert, 1783)	saracura-carijó							x	
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-sanã					x	x	x	
<i>Pardirallus sanguinolentus</i> (Swainson, 1837)	saracura-do-banhado						x	x	
<i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	frango-d'água-comum						x	x	
<i>Gallinula melanops</i> (Vieillot, 1819)	frango-d'água-carijó		VU				x	x	
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul				x	x	x	x	
<i>Porphyrio flavirostris</i> (Gmelin, 1789)	frango-d'água-pequeno						x	x	

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Fulica armillata</i> Vieillot, 1817	carqueja-de-bico-manchado						x		
<i>Fulica rufifrons</i> Philippi & Landbeck, 1861	carqueja-de-escudo-vermelho						x	x	
<i>Fulica leucoptera</i> Vieillot, 1817	carqueja-de-bico-amarelo						x	x	
Heliornithidae									
<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	picaparra		CR		x	x	x	x	x
Eurypygidae									
<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	pavãozinho-do-pará				x	x	x		
Cariamidae									
<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriema					x	x	x	x
CHARADRIIFORMES									
Charadriidae									
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	batuira-de-esporão		CR		x		x	x	x
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	quero-quero					x	x	x	x
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	batuiraçu					x	x	x	x
<i>Pluvialis squatarola</i> (Linnaeus, 1758)	batuiraçu-de-axila-preta						x	x	
<i>Charadrius semipalmatus</i> Bonaparte, 1825	batuira-de-bando								x
<i>Charadrius wilsonia</i> Ord, 1814	batuira-bicuda								x
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuira-de-coleira					x	x	x	x
<i>Charadrius falklandicus</i> Latham, 1790	batuira-de-coleira-dupla								x
<i>Charadrius modestus</i> Lichtenstein, 1823	batuira-de-peito-tijolo								x
Haematopodidae									
<i>Haematopus palliatus</i> Temminck, 1820	piru-piru		VU						x
Recurvirostridae									
<i>Himantopus melanurus</i> Vieillot, 1817	pernilongo-de-costas-brancas						x	x	x
Scolopacidae									
<i>Gallinago paraguayae</i> (Vieillot, 1816)	narceja				x		x	x	x
<i>Gallinago undulata</i> (Boddaert, 1783)	narcejão							x	x
<i>Limosa haemastica</i> (Linnaeus, 1758)	maçarico-de-bico-virado					x	x	x	x
<i>Numenius borealis</i> (Forster, 1772)	maçarico-esquimó	AM	CR	CR		x			x
<i>Numenius phaeopus</i> (Linnaeus, 1758)	maçarico-galego								x

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Bartramia longicauda</i> (Bechstein, 1812)	maçarico-do-campo					x		x	x
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado				x	x	x	x	x
<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário					x	x	x	x
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-grande-de-perna-amarela				x	x	x	x	x
<i>Tringa semipalmata</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-asa-branca						x	x	x
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-perna-amarela					x	x	x	x
<i>Arenaria interpres</i> (Linnaeus, 1758)	vira-pedras								x
<i>Calidris canutus</i> (Linnaeus, 1758)	maçarico-de-papo-vermelho						x		x
<i>Calidris alba</i> (Pallas, 1764)	maçarico-branco						x		x
<i>Calidris pusilla</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-rasteirinho								x
<i>Calidris minutilla</i> (Vieillot, 1819)	maçariquinho					x	x		x
<i>Calidris fuscicollis</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-sobre-branco					x	x	x	x
<i>Calidris bairdii</i> (Coues, 1861)	maçarico-de-bico-fino								x
<i>Calidris melanotos</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-colete					x	x	x	x
<i>Calidris himantopus</i> (Bonaparte, 1826)	maçarico-pernilongo						x	x	x
<i>Tryngites subruficollis</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-acanelado					x		x	x
<i>Phalaropus tricolor</i> (Vieillot, 1819)	pisa-n'água						x		x
Jacanidae									
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã				x	x	x	x	x
Laridae									
<i>Chroicocephalus maculipennis</i> (Lichtenstein, 1823)	gaivota-maria-velha					x			
Sternidae									
<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	trinta-réis-anão		VU		x		x	x	x
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande		VU		x		x	x	x
<i>Sterna hirundo</i> Linnaeus, 1758	trinta-réis-boreal						x		
Rynchopidae									
<i>Rynchops niger</i> Linnaeus, 1758	talha-mar				x	x	x	x	x

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
COLUMBIFORMES									
Columbidae									
<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus, 1758)	rolinha-cinza							X	
<i>Columbina minuta</i> (Linnaeus, 1766)	rolinha-de-asa-canela		VU			X	X	X	X
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa				X	X	X	X	X
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-apagou						X	X	X
<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	rolinha-picui					X	X	X	X
<i>Columbina cyanopsis</i> (Pelzeln, 1870)	rolinha-do-planalto	AM	CR	CR				X	
<i>Claravis pretiosa</i> (Ferrari-Perez, 1886)	pararu-azul				X	X	X	X	X
<i>Claravis godefrida</i> (Temminck, 1811)	pararu-espelho	AM	CR	CR				X	X
<i>Uropelia campestris</i> (Spix, 1825)	rolinha-vaqueira					X	X	X	
<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	pombo-doméstico					X		X	X
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pomba-trocal		EN			X		X	X
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	pombão					X	X	X	X
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega				X	X	X	X	X
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa				X	X		X	X
<i>Patagioenas subvinacea</i> (Lawrence, 1868)	pomba-botafofo				X	X			
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	pomba-de-bando					X	X	X	X
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu				X	X	X	X	X
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-gemeadeira				X	X	X	X	X
<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)	juriti-vermelha		EN		X			X	X
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	pariri				X	X	X	X	X
PSITTACIFORMES									
Psittacidae									
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham, 1790)	arara-azul-grande	AM		EN			X	X	
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé		CR		X	X	X	X	
<i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758)	araracanga					X			
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	arara-vermelha-grande		CR		X	X	X	X	X
<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-guaçu				X	X			
<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	maracanã-do-buriti		CR		X	X		X	

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	maracanã-verdadeira		EN				x	x	
<i>Primolius auricollis</i> (Cassin, 1853)	maracanã-de-colar				x	x	x		
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena		CR		x	x	x	x	
<i>Aratinga acuticaudata</i> (Vieillot, 1818)	aratinga-de-testa-azul					x			
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Stadius Muller, 1776)	periquitão-maracanã			x	x	x	x	x	
<i>Aratinga nenday</i> (Vieillot, 1823)	periquito-de-cabeça-preta					x			
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	jandaia-de-testa-vermelha						x	x	
<i>Aratinga weddellii</i> (Deville, 1851)	periquito-de-cabeça-suja			x	x				
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rei			x	x	x	x		
<i>Pyrrhura frontalis</i> (Vieillot, 1817)	tiriba-de-testa-vermelha						x	x	
<i>Pyrrhura perlata</i> (Spix, 1824)	tiriba-de-barriga-vermelha			x	x				
<i>Pyrrhura snethlageae</i> Joseph & Bates, 2002	tiriba-do-madeira			x					
<i>Myiopsitta monachus</i> (Boddaert, 1783)	caturríta					x	x		
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim						x	x	
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rico							x	
<i>Brotogeris versicolurus</i> (Stadius Muller, 1776)	periquito-de-asa-branca			x	x	x	x	x	
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo			x		x	x	x	
<i>Brotogeris chrysoptera</i> (Linnaeus, 1766)	periquito-de-asa-dourada			x					
<i>Brotogeris sanctithomae</i> (Stadius Muller, 1776)	periquito-testinha			x					
<i>Touit melanonotus</i> (Wied, 1820)	apuim-de-costas-pretas	AM	VU	EN				x	
<i>Touit surdus</i> (Kuhl, 1820)	apuim-de-cauda-amarela			VU				x	
<i>Pionites leucogaster</i> (Kuhl, 1820)	marianinha-de-cabeça-amarela				x				
<i>Pyrilia barrabandi</i> (Kuhl, 1820)	curica-de-bochecha-laranja				x				
<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1769)	cuiú-cuiú							x	
<i>Alipiopsitta xanthops</i> (Spix, 1824)	papagaio-galego		CR			x	x		
<i>Pionus menstruus</i> (Linnaeus, 1766)	maitaca-de-cabeça-azul				x	x	x		
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	maitaca-verde					x	x	x	
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	papagaio-de-peito-roxo	AM	EN	VU			x	x	
<i>Amazona pretrei</i> (Temminck, 1830)	papagaio-charão	AM		VU				x	
<i>Amazona kawalli</i> Grantsau & Camargo, 1989	papagaio-dos-garbes				x				

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro		CR		x	x			x
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-de-cara-roxa	AM	EN	VU					x
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica		VU		x	x	x	x	x
<i>Amazona ochrocephala</i> (Gmelin, 1788)	papagaio-campeiro				x	x			
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-verdadeiro					x	x	x	x
<i>Derophtus accipitrinus</i> (Linnaeus, 1758)	anacã				x				
<i>Tricharia malachitacea</i> (Spix, 1824)	sabiá-cica		VU	VU				x	x
OPISTHOCOMIFORMES									
Opisthocomidae									
<i>Opisthocomus hoazin</i> (Statius Muller, 1776)	cigana				x	x			
CUCULIFORMES									
Cuculidae									
<i>Coccyua minuta</i> (Vieillot, 1817)	chincoã-pequeno				x	x	x	x	
<i>Micrococcyx cinereus</i> (Vieillot, 1817)	papa-lagarta-cinzento							x	
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato				x	x	x	x	x
<i>Piaya melanogaster</i> (Vieillot, 1817)	chincoã-de-bico-vermelho				x				
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	papa-lagarta-acanelado						x	x	x
<i>Coccyzus americanus</i> (Linnaeus, 1758)	papa-lagarta-de-asa-vermelha							x	x
<i>Coccyzus euleri</i> Cabanis, 1873	papa-lagarta-de-euler							x	x
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroça		VU		x	x	x	x	x
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto				x	x	x	x	x
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco					x	x	x	x
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci					x	x	x	x
<i>Dromococcyx phasianellus</i> (Spix, 1824)	peixe-frito-verdadeiro		CR			x	x	x	x
<i>Dromococcyx pavoninus</i> Pelzeln, 1870	peixe-frito-pavonino				x	x		x	x
<i>Neomoropus geoffroyi</i> (Temminck, 1820)	jacu-estalo					x			
STRIGIFORMES									
Tytonidae									
<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)	coruja-da-igreja						x	x	x

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
Strigidae									
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato				x	x	x	x	x
<i>Megascops watsonii</i> (Cassin, 1849)	corujinha-orelhuda				x	x			
<i>Megascops usta</i> (Sclater, 1858)	corujinha-relógio						x		
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)	corujinha-sapo						x	x	
<i>Lophotrix cristata</i> (Daudin, 1800)	coruja-de-crista				x				
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)	murucututu				x	x	x	x	x
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	murucututu-de-barriga-amarela								x
<i>Bubo virginianus</i> (Gmelin, 1788)	jacurutu		VU			x	x	x	x
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825	coruja-listrada								x
<i>Strix virgata</i> (Cassin, 1849)	coruja-do-mato				x	x			x
<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800	coruja-preta					x	x	x	x
<i>Glaucidium hardyi</i> Vielliard, 1990	caburé-da-amazônia					x			
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)	caburé-miudinho								x
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	caburé				x	x	x	x	x
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)	coruja-buraqueira				x	x	x	x	x
<i>Aegolius harrisi</i> (Cassin, 1849)	caburé-acanelado								x
<i>Asio clamator</i> (Vieillot, 1808)	coruja-orelhuda						x	x	x
<i>Asio stygius</i> (Wagler, 1832)	mocho-diabo						x	x	x
<i>Asio flammeus</i> (Pontoppidan, 1763)	mocho-dos-banhados		EN				x	x	x
CAPRIMULGIFORMES									
Nyctibiidae									
<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua-gigante		CR		x	x	x	x	x
<i>Nyctibius aethereus</i> (Wied, 1820)	mãe-da-lua-parda		CR		x	x		x	x
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua				x	x	x	x	x
Caprimulgidae									
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju				x	x		x	x
<i>Chordeiles pusillus</i> Gould, 1861	bacurauzinho					x	x	x	
<i>Chordeiles rupestris</i> (Spix, 1825)	bacurau-da-praia				x				
<i>Chordeiles acutipennis</i> (Hermann, 1783)	bacurau-de-asa-fina				x		x	x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Chordeiles minor</i> (Forster, 1771)	bacurau-norte-americano				x			x	x
<i>Nyctiprogne leucopyga</i> (Spix, 1825)	bacurau-de-cauda-barrada					x	x		
<i>Podager nacunda</i> (Vieillot, 1817)	coruçã					x	x	x	x
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau				x	x	x	x	x
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	bacurau-ocelado				x	x			x
<i>Caprimulgus rufus</i> Boddaert, 1783	joão-corta-pau					x	x	x	x
<i>Caprimulgus sericocaudatus</i> (Cassin, 1849)	bacurau-rabo-de-seda							x	x
<i>Caprimulgus longirostris</i> Bonaparte, 1825	bacurau-da-telha							x	x
<i>Caprimulgus maculicaudus</i> (Lawrence, 1862)	bacurau-de-rabo-maculado		VU				x	x	x
<i>Caprimulgus parvulus</i> Gould, 1837	bacurau-chintã					x	x	x	x
<i>Caprimulgus nigrescens</i> Cabanis, 1848	bacurau-de-lajeado				x				
<i>Hydropsalis climacocerca</i> (Tschudi, 1844)	acurana				x				
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura					x	x	x	x
<i>Macropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	bacurau-tesoura-gigante							x	x
<i>Eleothreptus anomalus</i> (Gould, 1838)	curiango-do-banhado		CR	DD				x	x
<i>Eleothreptus candicans</i> (Pelzeln, 1867)	bacurau-de-rabo-branco	AM	CR	EN				x	
APODIFORMES									
Apodidae									
<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)	taperuçu-preto							x	x
<i>Cypseloides senex</i> (Temminck, 1826)	taperuçu-velho							x	x
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)	taperuçu-de-coleira-branca				x	x		x	x
<i>Streptoprocne biscutata</i> (Sclater, 1866)	taperuçu-de-coleira-falha							x	x
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862	andorinhão-de-sobre-cinzent								x
<i>Chaetura egregia</i> Todd, 1916	taperá-de-garganta-branca					x			
<i>Chaetura</i> sp.					x				
<i>Chaetura chapmani</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-de-chapman				x				
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal				x		x	x	x
<i>Chaetura brachyura</i> (Jardine, 1846)	andorinhão-de-rabo-curto				x	x		x	
<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	tesourinha		VU		x	x		x	
<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	andorinhão-estofador				x				x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
Trochilidae									
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	beija-flor-rajado								x
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto					x	x	x	x
<i>Threnetes leucurus</i> (Linnaeus, 1766)	balança-rabo-de-garganta-preta				x				
<i>Phaethornis squalidus</i> (Temminck, 1822)	rabo-branco-pequeno								x
<i>Phaethornis nattereri</i> Berlepsch, 1887	besourão-de-sobre-amarelo					x	x	x	
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	rabo-branco-rubro				x	x	x		x
<i>Phaethornis subochraceus</i> Todd, 1915	rabo-branco-de-barriga-fulva				x		x		
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	rabo-branco-acanelado						x	x	x
<i>Phaethornis eurynome</i> (Lesson, 1832)	rabo-branco-de-garganta-rajada								x
<i>Phaethornis hispidus</i> (Gould, 1846)	rabo-branco-cinza					x			
<i>Phaethornis philippii</i> (Bourcier, 1847)	rabo-branco-amarelo				x				
<i>Phaethornis superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	rabo-branco-de-bigodes				x				
<i>Phaethornis malaris</i> (Nordmann, 1835)	besourão-de-bico-grande				x				
<i>Campylopterus largipennis</i> (Boddaert, 1783)	asa-de-sabre-cinza				x				
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura					x	x	x	x
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-cinza					x		x	x
<i>Florisuga mellivora</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-azul-de-rabo-branco				x				
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-preto							x	x
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	beija-flor-de-orelha-violeta					x		x	x
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta				x	x	x	x	x
<i>Topaza pella</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-brilho-de-fogo				x				
<i>Chrysolampis mosquitos</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-vermelho						x	x	
<i>Stephanoxis lalandi</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-topete							x	x
<i>Lophornis gouldii</i> (Lesson, 1832)	topetinho-do-brasil-central							x	
<i>Lophornis magnificus</i> (Vieillot, 1817)	topetinho-vermelho		VU					x	x
<i>Lophornis chalybeus</i> (Vieillot, 1822)	topetinho-verde								x
<i>Chlorostilbon mellisugus</i> (Linnaeus, 1758)	esmeralda-de-cauda-azul					x			
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	besourinho-de-bico-vermelho					x	x	x	x
<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura-verde		VU		x	x	x	x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Thalurania glaucopsis</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-fronte-violeta						x	x	
<i>Hylocharis sapphirina</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-safira		VU			x	x	x	
<i>Hylocharis cyanus</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-roxo				x			x	
<i>Hylocharis chrysura</i> (Shaw, 1812)	beija-flor-dourado					x	x	x	
<i>Leucochloris albicollis</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-papo-branco						x	x	
<i>Polytmus guainumbi</i> (Pallas, 1764)	beija-flor-de-bico-curvo		VU			x	x	x	
<i>Amazilia chionogaster</i> (Tschudi, 1845)	beija-flor-verde-e-branco					x			
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-banda-branca				x		x	x	
<i>Amazilia brevirostris</i> (Lesson, 1829)	beija-flor-de-bico-preto							x	
<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-garganta-verde					x	x	x	
<i>Amazilia lactea</i> (Lesson, 1832)	beija-flor-de-peito-azul						x	x	
<i>Clytolaema rubicauda</i> (Boddaert, 1783)	beija-flor-rubi							x	
<i>Heliophryx auritus</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-bochecha-azul				x	x		x	
<i>Heliactin bilophus</i> (Temminck, 1820)	chifre-de-ouro		CR			x		x	
<i>Heliomaster longirostris</i> (Audebert & Vieillot, 1801)	bico-reto-cinzeno				x	x		x	
<i>Heliomaster squamosus</i> (Temminck, 1823)	bico-reto-de-banda-branca						x	x	
<i>Heliomaster furcifer</i> (Shaw, 1812)	bico-reto-azul				x	x	x		
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)	estrelinha-ametista						x	x	
TROGONIFORMES									
Trogonidae									
<i>Trogon melanurus</i> Swainson, 1838	surucuá-de-cauda-preta				x	x			
<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766	surucuá-grande-de-barriga-amarela				x	x		x	
<i>Trogon surrucura</i> Vieillot, 1817	surucuá-variado						x	x	
<i>Trogon violaceus</i> Gmelin, 1788	surucuá-violáceo					x			
<i>Trogon curucui</i> Linnaeus, 1766	surucuá-de-barriga-vermelha					x	x		
<i>Trogon rufus</i> Gmelin, 1788	surucuá-de-barriga-amarela				x	x		x	
<i>Trogon collaris</i> Vieillot, 1817	surucuá-de-coleira				x	x			

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
CORACIIFORMES									
Alcedinidae									
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande				x	x	x	x	x
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	martim-pescador-verde				x		x	x	x
<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	martinho				x	x	x	x	x
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno				x	x	x	x	x
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-da-mata				x		x	x	x
Momotidae									
<i>Electron platyrhynchum</i> (Leadbeater, 1829)	udu-de-bico-largo				x				
<i>Baryphthengus martii</i> (Spix, 1824)	juruva-ruiva				x				
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	juruva-verde							x	x
<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	udu-de-coroa-azul		VU		x	x	x	x	x
GALBULIFORMES									
Galbulidae									
<i>Brachygalba lugubris</i> (Swainson, 1838)	ariramba-preta		CR		x		x	x	x
<i>Jacamaralcyon tridactyla</i> (Vieillot, 1817)	cuitelão		CR	EN				x	x
<i>Galbula albirostris</i> Latham, 1790	ariramba-de-bico-amarelo				x				
<i>Galbula cyanicollis</i> Cassin, 1851	ariramba-da-mata				x				
<i>Galbula ruficauda</i> Cuvier, 1816	ariramba-de-cauda-ruiva				x	x	x	x	x
<i>Galbula cyanescens</i> Deville, 1849	ariramba-da-capoeira				x				
<i>Galbula leucogastra</i> Vieillot, 1817	ariramba-bronzeada					x			
<i>Galbula dea</i> (Linnaeus, 1758)	ariramba-do-paraíso				x				
<i>Jacamerops aureus</i> (Statius Muller, 1776)	jacamarazu				x				
Bucconidae									
<i>Notharchus macrorhynchos</i> (Gmelin, 1788)	macuru-de-pescoço-branco				x			x	x
<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	macuru-de-barriga-castanha								x
<i>Notharchus tectus</i> (Boddaert, 1783)	macuru-pintado					x		x	
<i>Bucco tamatia</i> Gmelin, 1788	rapazinho-carijó				x	x		x	
<i>Nystalus striolatus</i> (Pelzeln, 1856)	rapazinho-estriado					x			
<i>Nystalus chacuru</i> (Vieillot, 1816)	joão-bobo					x	x	x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	rapazinho-dos-velhos						x	x	
<i>Nystalus striatipectus</i> (Sclater, 1854)	rapazinho-do-chaco						x		
<i>Malacoptila fusca</i> (Gmelin, 1788)	barbudo-pardo				x				
<i>Malacoptila striata</i> (Spix, 1824)	barbudo-rajado							x	x
<i>Malacoptila rufa</i> (Spix, 1824)	barbudo-de-pescoço-ferrugem				x				
<i>Nonnula rubecula</i> (Spix, 1824)	macuru		VU		x			x	x
<i>Nonnula ruficapilla</i> (Tschudi, 1844)	freirinha-de-coroa-castanha				x	x			
<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	chora-chuva-preto		CR		x	x	x	x	x
<i>Monasa morphoeus</i> (Hahn & Küster, 1823)	chora-chuva-de-cara-branca				x	x			
<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	urubuzinho		CR		x	x		x	
PICIFORMES									
Capitonidae									
<i>Capito dayi</i> Cherrie, 1916	capitão-de-cinta				x				
<i>Capito niger</i> (Statius Muller, 1776)	capitão-de-bigode-carijó				x				
Ramphastidae									
<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	tucanuçu				x	x	x	x	x
<i>Ramphastos tucanus</i> Linnaeus, 1758	tucano-grande-de-papo-branco				x	x			
<i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823	tucano-de-bico-preto		CR		x	x	x	x	x
<i>Ramphastos dicolorus</i> Linnaeus, 1766	tucano-de-bico-verde								x
<i>Selenidera reinwardtii</i> (Wagler, 1827)	saripoca-de-coleira				x				
<i>Selenidera gouldii</i> (Natterer, 1837)	saripoca-de-gould				x				
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	araçari-poca								x
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	araçari-banana		VU						x
<i>Pteroglossus inscriptus</i> Swainson, 1822	araçari-miudinho-de-bico-riscado				x	x		x	
<i>Pteroglossus bitorquatus</i> Vigors, 1826	araçari-de-pescoço-vermelho	AM			x	x			
<i>Pteroglossus azara</i> (Vieillot, 1819)	araçari-de-bico-de-marfim				x				
<i>Pteroglossus mariae</i> Gould, 1854	araçari-de-bico-marrom				x				
<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758)	araçari-de-bico-branco		CR					x	x
<i>Pteroglossus castanotis</i> Gould, 1834	araçari-castanho		CR		x	x	x	x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
Picidae									
<i>Picumnus aurifrons</i> Pelzeln, 1870	pica-pau-anão-dourado				x	x	x		
<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	pica-pau-anão-barrado							x	x
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845	pica-pau-anão-de-coleira								x
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	pica-pau-anão-escamado						x	x	x
<i>Picumnus albosquamatus guttifer</i>							x	x	x
<i>Picumnus fuscus</i> Pelzeln, 1870	pica-pau-anão-fusco					x			
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	birro, pica-pau-branco					x	x	x	x
<i>Melanerpes cruentatus</i> (Boddaert, 1783)	benedito-de-testa-vermelha				x	x	x	x	
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	benedito-de-testa-amarela								x
<i>Veniliornis affinis</i> (Swainson, 1821)	picapauzinho-avermelhado				x	x			
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	picapauzinho-de-testa-pintada								x
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	picapauzinho-anão					x	x	x	x
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)	picapauzinho-verde-carijó								x
<i>Veniliornis mixtus</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-chorão		CR					x	x
<i>Piculus leucolaemus</i> (Natterer & Malherbe, 1845)	pica-pau-de-garganta-branca				x	x			
<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-bufador				x			x	x
<i>Piculus chrysochloros</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-dourado-escuro				x	x	x		
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)	pica-pau-dourado								x
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado					x	x	x	x
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo					x	x	x	x
<i>Celeus grammicus</i> (Natterer & Malherbe, 1845)	picapauzinho-chocolate				x	x			
<i>Celeus elegans</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-chocolate				x	x			
<i>Celeus lugubris</i> (Malherbe, 1851)	pica-pau-louro						x	x	
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-cabeça-amarela				x		x	x	x
<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-amarelo				x				
<i>Celeus torquatus</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-coleira				x	x	x	x	
<i>Dryocopus galeatus</i> (Temminck, 1822)	pica-pau-de-cara-canela	AM	EN	VU					x
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca				x	x	x	x	x
<i>Campephilus rubricollis</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-barriga-vermelha				x	x		x	

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	pica-pau-rei								x
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-topete-vermelho		VU		x	x	x	x	
PASSERIFORMES									
Melanopareiidae									
<i>Melanopareia torquata</i> (Wied, 1831)	tapaculo-de-colarinho		EN		x	x		x	
Thamnophilidae									
<i>Cymbilaimus lineatus</i> (Leach, 1814)	papa-formiga-barrado				x				
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	chocão-carijó								x
<i>Batara cinerea</i> (Vieillot, 1819)	matracão							x	x
<i>Mackenziaena leachii</i> (Such, 1825)	borralhara-assobiadora								x
<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)	borralhara							x	x
<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi				x	x	x	x	x
<i>Biatas nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	papo-branco	AM	EN	VU					x
<i>Thamnophilus doliatus</i> (Linnaeus, 1764)	choca-barrada				x	x	x	x	x
<i>Thamnophilus ruficapillus</i> Vieillot, 1816	choca-de-chapéu-vermelho							x	x
<i>Thamnophilus torquatus</i> Swainson, 1825	choca-de-asa-vermelha							x	
<i>Thamnophilus palliatus</i> (Lichtenstein, 1823)	choca-listrada					x			x
<i>Thamnophilus schistaceus</i> d'Orbigny, 1835	choca-de-olho-vermelho				x	x			
<i>Thamnophilus murinus</i> Sclater & Salvin, 1868	choca-murina				x				
<i>Thamnophilus punctatus</i> (Shaw, 1809)	choca-bate-cabo					x	x	x	x
<i>Thamnophilus stictocephalus</i> Pelzeln, 1868	choca-de-natterer				x				
<i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924	choca-do-planalto							x	x
<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata							x	x
<i>Thamnophilus aethiops</i> Sclater, 1858	choca-lisa				x	x			
<i>Thamnophilus amazonicus</i> Sclater, 1858	choca-canela				x	x			
<i>Megastictus margaritatus</i> (Sclater, 1855)	choca-pintada				x				
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	choquinha-de-peito-pintado								x
<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)	choquinha-lisa				x		x	x	x
<i>Dysithamnus xanthopterus</i> Burmeister, 1856	choquinha-de-asa-ferrugem								x
<i>Thamnomanes saturninus</i> (Pelzeln, 1878)	uirapuru-selado				x				

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Thamnomanes caesius</i> (Temminck, 1820)	ipeçuá				x	x			
<i>Pygoptila stellaris</i> (Spix, 1825)	choca-cantadora				x	x			
<i>Epinecophylla leucophthalma</i> (Pelzeln, 1868)	choquinha-de-olho-branco				x				
<i>Epinecophylla haematonota</i> (Sclater, 1857)	choquinha-de-garganta-carijó				x				
<i>Epinecophylla ornata</i> (Sclater, 1853)	choquinha-ornada				x				
<i>Myrmotherula brachyura</i> (Hermann, 1783)	choquinha-miúda				x	x			
<i>Myrmotherula sclateri</i> Snethlage, 1912	choquinha-de-garganta-amarela				x	x			
<i>Myrmotherula multostriata</i> Sclater, 1858	choquinha-estriada-da-amazônia				x				
<i>Myrmotherula hauxwelli</i> (Sclater, 1857)	choquinha-de-garganta-clara				x	x			
<i>Myrmotherula gularis</i> (Spix, 1825)	choquinha-de-garganta-pintada								x
<i>Myrmotherula axillaris</i> (Vieillot, 1817)	choquinha-de-flanco-branco				x	x			
<i>Myrmotherula minor</i> Salvadori, 1864	choquinha-pequena	AM	VU	VU					x
<i>Myrmotherula longipennis</i> Pelzeln, 1868	choquinha-de-asa-comprida				x				
<i>Myrmotherula iheringi</i> Snethlage, 1914	choquinha-de-ihering				x				
<i>Myrmotherula unicolor</i> (Ménétrières, 1835)	choquinha-cinzenta		VU						x
<i>Myrmotherula menetriesii</i> (d'Orbigny, 1837)	choquinha-de-garganta-cinza				x				
<i>Myrmorchilus strigilatus</i> (Wied, 1831)	piu-piu						x		
<i>Herpsilochmus atricapillus</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-chapéu-preto							x	x
<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-bico-comprido		EN			x	x	x	x
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temminck, 1822)	chorozinho-de-asa-vermelha				x	x		x	x
<i>Microrhopias quixensis</i> (Cornalia, 1849)	papa-formiga-de-bando				x	x			
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	papa-formiga-pardo				x	x	x		
<i>Formicivora melanogaster</i> Pelzeln, 1868	formigueiro-de-barriga-preta		VU					x	x
<i>Formicivora rufa</i> (Wied, 1831)	papa-formiga-vermelho				x	x	x	x	x
<i>Formicivora</i> aff. <i>acutirostris</i>			CR						x
<i>Dryomphila ferruginea</i> (Temminck, 1822)	trovoada							x	x
<i>Dryomphila rubricollis</i> (Bertoni, 1901)	trovoada-de-bertoni								x
<i>Dryomphila genei</i> (Filippi, 1847)	choquinha-da-serra								x
<i>Dryomphila ochropyga</i> (Hellmayr, 1906)	choquinha-de-dorso-vermelho								x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Drymophila malura</i> (Temminck, 1825)	choquinha-carijó								x
<i>Drymophila squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	pintadinho								x
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)	zidedê								x
<i>Terenura humeralis</i> Sclater & Salvin, 1880	zidedê-de-encontro				x				
<i>Cercomacra cinerascens</i> (Sclater, 1857)	chororó-pocua				x	x	x		
<i>Cercomacra nigrescens</i> (Cabanis & Heine, 1859)	chororó-negro				x	x			
<i>Cercomacra melanaria</i> (Ménétrières, 1835)	chororó-do-pantanal						x		
<i>Pyriglena leuconota</i> (Spix, 1824)	papa-taoca					x	x	x	
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	papa-taoca-do-sul							x	x
<i>Myrmoborus leucophrys</i> (Tschudi, 1844)	papa-formiga-de-sobrancelha				x	x			
<i>Myrmoborus myotherinus</i> (Spix, 1825)	formigueiro-de-cara-preta				x	x			
<i>Hypocnemis cantator</i> (Boddaert, 1783)	cantador-da-guiana				x	x			
<i>Hypocnemoides maculicauda</i> (Pelzeln, 1868)	solta-asa					x	x		
<i>Hypocnemoides melanopogon</i> (Sclater, 1857)	solta-asa-do-norte				x				
<i>Sclateria naevia</i> (Gmelin, 1788)	papa-formiga-do-igarapé				x	x			
<i>Schistocichla leucostigma</i> (Pelzeln, 1868)	formigueiro-de-asa-pintada				x				
<i>Myrmeciza loricata</i> (Lichtenstein, 1823)	formigueiro-assobiador								x
<i>Myrmeciza squamosa</i> Pelzeln, 1868	papa-formiga-de-grota								x
<i>Myrmeciza hemimelaena</i> Sclater, 1857	formigueiro-de-cauda-castanha				x	x			
<i>Myrmeciza atrothorax</i> (Boddaert, 1783)	formigueiro-de-peito-preto				x	x		x	
<i>Myrmeciza fortis</i> (Sclater & Salvin, 1868)	formigueiro-de-taoca				x				
<i>Gymnopathys salvini</i> (Berlepsch, 1901)	mãe-de-taoca-de-cauda-barrada				x				
<i>Rhegmatorhina hoffmannsi</i> (Hellmayr, 1907)	mãe-de-taoca-papuda				x				
<i>Hylophylax naevius</i> (Gmelin, 1789)	guarda-floresta				x				
<i>Hylophylax punctulatus</i> (Des Murs, 1856)	guarda-várzea				x	x			
<i>Willisornis poecilinotus</i> (Cabanis, 1847)	rendadinho				x	x			
<i>Phlegopsis nigromaculata</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	mãe-de-taoca				x	x			

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
Conopophagidae									
<i>Conopophaga lineata</i> (Wied, 1831)	chupa-dente						x	x	x
<i>Conopophaga aurita</i> (Gmelin, 1789)	chupa-dente-de-cinta				x				
<i>Conopophaga melanops</i> (Vieillot, 1818)	cuspidor-de-máscara-preta								x
Grallariidae									
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)	tovacuçu				x				x
<i>Hylopezus berlepschi</i> (Hellmayr, 1903)	torom-torom					x			
<i>Hylopezus nattereri</i> (Pinto, 1937)	pinto-do-mato								x
<i>Myrmothera campanisona</i> (Hermann, 1783)	tovaca-patinho				x				
Rhinocryptidae									
<i>Liosceles thoracicus</i> (Sclater, 1865)	corneteiro-da-mata				x				
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétrières, 1835)	tapaculo-pintado								x
<i>Merulaxis ater</i> Lesson, 1830	entufado								x
<i>Eleoscytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)	macuquinho								x
<i>Scytalopus notorius</i> Raposo, Stopiglia, Loskot & Kirwan, 2006	tapaculo-preto								x
<i>Scytalopus speluncaae</i> (Ménétrières, 1835)	tapaculo-do-espinhaço								x
Formicariidae									
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	galinha-do-mato				x	x			x
<i>Formicarius analis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	pinto-do-mato-de-cara-preta				x				
<i>Chamaeza campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)	tovaca-campainha							x	x
<i>Chamaeza meruloides</i> Vigors, 1825	tovaca-cantadora								x
<i>Chamaeza ruficauda</i> (Cabanis & Heine, 1859)	tovaca-de-rabo-vermelho								x
Scleruridae									
<i>Sclerurus mexicanus</i> Sclater, 1857	vira-folha-de-peito-vermelho		VU		x				x
<i>Sclerurus rufularis</i> Pelzelin, 1868	vira-folha-de-bico-curto				x				
<i>Sclerurus caudacutus</i> (Vieillot, 1816)	vira-folha-pardo				x				
<i>Sclerurus albigularis</i> Sclater & Salvin, 1869	vira-folha-de-garganta-cinza					x			
<i>Sclerurus scansor</i> (Ménétrières, 1835)	vira-folha							x	x
<i>Geositta poeciloptera</i> (Wied, 1830)	andarilho	AM	CR					x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
Dendrocolaptidae									
<i>Dendrocincla fuliginosa</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-pardo				x	x			x
<i>Dendrocincla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-liso								x
<i>Dendrocincla merula</i> (Lichtenstein, 1829)	arapaçu-da-taoca				x	x			
<i>Deconychura longicauda</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-rabudo				x	x			
<i>Deconychura stictolaema</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-de-garganta-pintada				x				
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde				x	x	x	x	x
<i>Glyphorhynchus spirurus</i> (Vieillot, 1819)	arapaçu-de-bico-de-cunha				x	x			
<i>Nasica longirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-bico-comprido				x				
<i>Dendrexetastes rufigula</i> (Lesson, 1844)	arapaçu-galinha				x	x			
<i>Hylexetastes perrotii</i> (Lafresnaye, 1844)	arapaçu-de-bico-vermelho					x			
<i>Hylexetastes uniformis</i> Hellmayr, 1909	arapaçu-uniforme				x				
<i>Xiphocolaptes promeropirhynchus</i> (Lesson, 1840)	arapaçu-vermelho				x				
<i>Xiphocolaptes albicollis</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-garganta-branca							x	x
<i>Xiphocolaptes major</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-do-campo					x			
<i>Dendrocolaptes certhia</i> (Boddaert, 1783)	arapaçu-barrado				x	x			
<i>Dendrocolaptes picumnus</i> Lichtenstein, 1820	arapaçu-meio-barrado				x	x	x		
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i> Spix, 1825	arapaçu-grande						x	x	x
<i>Dendroplex picus</i> (Gmelin, 1788)	arapaçu-de-bico-branco				x	x	x	x	
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-rajado							x	x
<i>Xiphorhynchus ocellatus</i> (Spix, 1824)	arapaçu-ocelado				x				
<i>Xiphorhynchus elegans</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-elegante				x	x			
<i>Xiphorhynchus spixii</i> (Lesson, 1830)	arapaçu-de-spix				x				
<i>Xiphorhynchus obsoletus</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-riscado					x			
<i>Xiphorhynchus guttatus</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-de-garganta-amarela				x	x	x	x	
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-cerrado					x	x	x	x
<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	arapaçu-escamado								x
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	arapaçu-escamado-do-sul								x
<i>Lepidocolaptes albolineatus</i> (Lafresnaye, 1845)	arapaçu-de-listras-brancas				x	x			
<i>Campylorhamphus trochillostris</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-beija-flor		CR				x	x	

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)	arapaçu-de-bico-torto								x
<i>Campylorhamphus procurvoides</i> (Lafresnaye, 1850)	arapaçu-de-bico-curvo				x				
Furnariidae									
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	casaca-de-couro-da-lama							x	x
<i>Furnarius leucopus</i> Swainson, 1838	casaca-de-couro-amarelo						x	x	
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	joão-de-barro					x	x	x	x
<i>Phleocryptes melanops</i> (Vieillot, 1817)	bate-bico		VU					x	x
<i>Leptasthenura setaria</i> (Temminck, 1824)	grimpeiro								x
<i>Oreophylax moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	garrincha-chorona		EN					x	x
<i>Schoeniophylax phryganophilus</i> (Vieillot, 1817)	bichoita						x	x	
<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819	pichororé							x	x
<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823	pi-puí							x	x
<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	petrim					x	x	x	x
<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	uí-pi					x	x	x	
<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	joão-teneném							x	x
<i>Synallaxis hypospodia</i> Sclater, 1874	joão-grilo		EN		x		x	x	x
<i>Synallaxis rutilans</i> Temminck, 1823	joão-teneném-castanho				x	x			
<i>Synallaxis cherriei</i> Gyldenstolpe, 1930	puruchém					x			
<i>Synallaxis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	joão-teneném-becuá				x		x		
<i>Synallaxis albiflora</i> Pelzeln, 1856	joão-do-pantanal					x	x		
<i>Synallaxis scutata</i> Sclater, 1859	estrelinha-preta		EN					x	x
<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	arredio-do-rio					x	x	x	x
<i>Cranioleuca obsoleta</i> (Reichenbach, 1853)	arredio-oliváceo								x
<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	arredio-pálido								x
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	curutié						x	x	x
<i>Phacellodomus rufifrons</i> (Wied, 1821)	joão-de-pau						x	x	x
<i>Phacellodomus ruber</i> (Vieillot, 1817)	graveteiro						x	x	
<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i> (Wied, 1821)	joão-botina-da-mata							x	x
<i>Phacellodomus ferrugineigula</i> (Pelzeln, 1858)	joão-botina-do-brejo							x	x
<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i> (Pelzeln, 1859)	cisqueiro								x

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Anumbius annumbi</i> (Vieillot, 1817)	cochicho						x		
<i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824)	casaca-de-couro					x			
<i>Pseudoseisura unirufa</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)	casaca-de-couro-de-crista-cinza					x			
<i>Berlepschia rikeri</i> (Ridgway, 1886)	limpa-folha-do-buriti				x		x		
<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	limpa-folha-miúdo							x	
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i> (Lafresnaye, 1832)	trepador-quiete							x	
<i>Syndactyla dimidiata</i> (Pelzeln, 1859)	limpa-folha-do-brejo						x		
<i>Ancistrops strigilatus</i> (Spix, 1825)	limpa-folha-picanço				x				
<i>Hyloctistes subulatus</i> (Spix, 1824)	limpa-folha-riscado				x				
<i>Philydor ruficaudatum</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)	limpa-folha-de-cauda-ruiva				x				
<i>Philydor erythrocerum</i> (Pelzeln, 1859)	limpa-folha-de-sobre-ruivo				x	x			
<i>Philydor lichtensteini</i> Cabanis & Heine, 1859	limpa-folha-ocráceo							x	
<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)	limpa-folha-coroado							x	
<i>Philydor rufum</i> (Vieillot, 1818)	limpa-folha-de-testa-baia						x	x	
<i>Philydor pyrrhodes</i> (Cabanis, 1848)	limpa-folha-vermelho				x				
<i>Anabazenops fuscus</i> (Vieillot, 1816)	trepador-coleira							x	
<i>Cichlocolaptes leucophrus</i> (Jardine & Selby, 1830)	trepador-sobrancelha							x	
<i>Automolus ochrolaemus</i> (Tschudi, 1844)	barranqueiro-camurça				x				
<i>Automolus infuscatus</i> (Sclater, 1856)	barranqueiro-pardo				x				
<i>Automolus paraensis</i> Hartert, 1902	barranqueiro-do-pará				x				
<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)	barranqueiro-de-olho-branco						x	x	
<i>Hylocryptus rectirostris</i> (Wied, 1831)	fura-barreira					x	x	x	
<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)	joão-porca						x	x	
<i>Heliobletus contaminatus</i> Berlepsch, 1885	trepadorzinho							x	
<i>Xenops milleri</i> (Chapman, 1914)	bico-virado-da-copa				x				
<i>Xenops tenuirostris</i> Pelzeln, 1859	bico-virado-fino					x			
<i>Xenops minutus</i> (Sparman, 1788)	bico-virado-miúdo				x	x	x	x	
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	bico-virado-carijó				x	x	x	x	
Tyrannidae									
<i>Mionectes oleagineus</i> (Lichtenstein, 1823)	abre-asa				x	x		x	

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Mionectes macconnelli</i> (Chubb, 1919)	abre-asa-da-mata				x				
<i>Mionectes rufiventris</i> Cabanis, 1846	abre-asa-de-cabeça-cinza							x	
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	cabeçudo				x	x	x	x	
<i>Corythopsis torquatus</i> (Tschudi, 1844)	estalador-do-norte				x	x			
<i>Corythopsis delalandi</i> (Lesson, 1830)	estalador					x	x	x	
<i>Hemitriccus minor</i> (Snethlage, 1907)	maria-sebinha				x	x			
<i>Hemitriccus flammulatus</i> Berlepsch, 1901	maria-de-peito-machetado					x			
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)	olho-falso							x	
<i>Hemitriccus obsoletus</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	catraca							x	
<i>Hemitriccus zosterops</i> (Pelzeln, 1868)	maria-de-olho-branco					x			
<i>Hemitriccus griseipectus</i> (Snethlage, 1907)	maria-de-barriga-branca				x				
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	tiririzinho-do-mato						x	x	
<i>Hemitriccus striaticollis</i> (Lafresnaye, 1853)	sebinho-rajado-amarelo				x	x	x		
<i>Hemitriccus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	tachuri-campainha						x	x	
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	sebinho-de-olho-de-ouro					x	x	x	
<i>Hemitriccus minimus</i> (Todd, 1925)	maria-mirim				x				
<i>Hemitriccus furcatus</i> (Lafresnaye, 1846)	papa-moscas-estrela		VU	VU				x	
<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	miudinho						x	x	
<i>Myiornis ecaudatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	caçula				x	x			
<i>Poecilatriccus plumbeiceps</i> (Lafresnaye, 1846)	tororó						x	x	
<i>Poecilatriccus latirostris</i> (Pelzeln, 1868)	ferreirinho-de-cara-parda					x	x		
<i>Todirostrum maculatum</i> (Desmarest, 1806)	ferreirinho-estriado				x	x			
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	teque-teque						x	x	
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio					x	x	x	
<i>Todirostrum chrysocrotaphum</i> Strickland, 1850	ferreirinho-pintado				x				
<i>Phyllomyias burmeisteri</i> Cabanis & Heine, 1859	piolhinho-chiador						x	x	
<i>Phyllomyias virescens</i> (Temminck, 1824)	piolhinho-verdoso							x	
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	piolhinho					x	x	x	
<i>Phyllomyias griseocapilla</i> Sclater, 1862	piolhinho-serrano							x	

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Tyrannulus elatus</i> (Latham, 1790)	maria-te-viu				x				
<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	maria-pechim		VU		x	x	x	x	x
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	guaracava-cinzenta					x		x	x
<i>Myiopagis viridicata</i> (Vieillot, 1817)	guaracava-de-crista-alaranjada						x	x	x
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	guaracava-de-barriga-amarela				x	x	x	x	x
<i>Elaenia spectabilis</i> Pelzeln, 1868	guaracava-grande						x	x	x
<i>Elaenia chilensis</i> Hellmayr, 1927	guaracava-de-crista-branca							x	x
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-bico-curto							x	x
<i>Elaenia mesoleuca</i> (Deppe, 1830)	tuque							x	x
<i>Elaenia cristata</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-topete-uniforme		EN		x	x		x	
<i>Elaenia chiriquensis</i> Lawrence, 1865	chibum						x	x	x
<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	tucão							x	x
<i>Ornithion inerme</i> Hartlaub, 1853	poiaeiro-de-sobrancelha				x				
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha				x	x	x	x	x
<i>Suiriri suiriri</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-cinzentos		CR			x		x	
<i>Suiriri islerorum</i> Zimmer, Whittaker & Oren, 2001	suiriri-da-chapada							x	
<i>Serpophaga nigricans</i> (Vieillot, 1817)	joão-pobre							x	x
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	alegrinho						x	x	x
<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	bagageiro				x		x	x	x
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	marianinha-amarela							x	x
<i>Polystictus pectoralis</i> (Vieillot, 1817)	papa-moscas-canela	AM	CR					x	
<i>Polystictus superciliaris</i> (Wied, 1831)	papa-moscas-de-costas-cinzentas							x	
<i>Pseudocolopteryx acutipennis</i> (Sclater & Salvin, 1873)	tricolino-oliváceo						x		
<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	amarelinho-do-junco							x	x
<i>Euscarthmus meloryphus</i> Wied, 1831	barulhento					x	x	x	x
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i> (Pelzeln, 1868)	maria-corrúia		CR	VU				x	
<i>Zimmerius gracilipes</i> (Sclater & Salvin, 1868)	poiaeiro-de-pata-fina				x	x			
<i>Phylloscartes eximius</i> (Temminck, 1822)	barbudinho		VU						x

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)	borboletinha-do-mato						x	x	
<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	maria-da-restinga	AM	VU	VU				x	
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	não-pode-parar		VU	VU				x	
<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Sclater, 1887)	papa-moscas-de-olheiras							x	
<i>Phylloscartes difficilis</i> (Ihering & Ihering, 1907)	estalinho							x	
<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	maria-pequena							x	
<i>Sublegatus modestus</i> (Wied, 1831)	guaracava-modesta		EN		x	x	x	x	
<i>Inezia inornata</i> (Salvadori, 1897)	alegrinho-do-chaco				x	x			
<i>Tachuris rubrigastra</i> (Vieillot, 1817)	papa-piri							x	
<i>Culicivora caudacuta</i> (Vieillot, 1818)	papa-moscas-do-campo	AM	CR	VU			x		
<i>Cnipodectes subbrunneus</i> (Sclater, 1860)	flautim-pardo				x				
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i> (Temminck, 1820)	bico-chato-grande				x				
<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta				x	x	x	x	
<i>Tolmomyias assimilis</i> (Pelzeln, 1868)	bico-chato-da-copa				x				
<i>Tolmomyias poliocephalus</i> (Taczanowski, 1884)	bico-chato-de-cabeça-cinza				x				
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo				x		x	x	
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818	patinho						x	x	
<i>Platyrinchus coronatus</i> Sclater, 1858	patinho-de-coroa-dourada				x				
<i>Platyrinchus platyrhynchos</i> (Gmelin, 1788)	patinho-de-coroa-branca				x		x		
<i>Platyrinchus leucoryphus</i> Wied, 1831	patinho-gigante		VU	VU				x	
<i>Onychorhynchus coronatus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-leque				x			x	
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	maria-leque-do-sudeste		VU					x	
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	filipe				x	x	x	x	
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	assanhadinho				x			x	
<i>Myiobius atricaudus</i> Lawrence, 1863	assanhadinho-de-cauda-preta							x	
<i>Terentotriccus erythrurus</i> (Cabanis, 1847)	papa-moscas-uirapuru				x	x			
<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	gibão-de-couro						x		
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado					x	x	x	
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu				x	x	x	x	
<i>Contopus cooperi</i> (Nuttall, 1831)	piui-boreal							x	

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Contopus virens</i> (Linnaeus, 1766)	piui-verdadeiro				x				x
<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)	papa-moscas-cinzento						x	x	x
<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe				x	x	x	x	x
<i>Lessonia rufa</i> (Gmelin, 1789)	colegial								x
<i>Knipolegus hudsoni</i> Sclater, 1872	maria-preta-do-sul						x		
<i>Knipolegus cyanirostris</i> (Vieillot, 1818)	maria-preta-de-bico-azulado							x	x
<i>Knipolegus lophotes</i> Boie, 1828	maria-preta-de-penacho							x	
<i>Knipolegus nigerrimus</i> (Vieillot, 1818)	maria-preta-de-garganta-vermelha							x	
<i>Hymenops perspicillatus</i> (Gmelin, 1789)	viuvinha-de-óculos					x		x	
<i>Ochthornis littoralis</i> (Pelzeln, 1868)	maria-da-praia				x				
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-pequeno						x	x	x
<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	primavera					x	x	x	
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	noivinha-branca					x	x	x	x
<i>Xolmis irupero</i> (Vieillot, 1823)	noivinha						x		
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	tesoura-do-brejo							x	x
<i>Muscippra vetula</i> (Lichtenstein, 1823)	tesoura-cinzenta							x	x
<i>Fluvicola pica</i> (Boddaert, 1783)	lavadeira-do-norte						x	x	
<i>Fluvicola albiventer</i> (Spix, 1825)	lavadeira-de-cara-branca					x	x	x	
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavadeira-mascarada							x	x
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha						x	x	x
<i>Alectrurus tricolor</i> (Vieillot, 1816)	galito	AM	CR	VU				x	
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha					x		x	x
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro					x	x	x	x
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata				x	x	x	x	x
<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-asa-ferrugínea				x	x	x	x	x
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho				x		x	x	x
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi				x	x	x	x	x
<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	bentevizinho-do-brejo				x	x	x	x	x

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	bem-te-vi-pequeno								x
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado				x	x	x	x	x
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei				x	x	x	x	x
<i>Tyrannopsis sulphurea</i> (Spix, 1825)	suiriri-de-garganta-rajada				x			x	
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica				x	x	x	x	x
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	peitica-de-chapéu-preto				x		x	x	
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri-de-garganta-branca					x	x	x	
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri				x	x	x	x	x
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	tesourinha				x	x	x	x	x
<i>Tyrannus tyrannus</i> (Linnaeus, 1766)	suiriri-valente							x	
<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein, 1823)	vissia				x	x			x
<i>Rhytipterna simplex frederici</i>									x
<i>Rhytipterna immunda</i> (Sclater & Salvin, 1873)	vissia-cantor				x				
<i>Syrstes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador				x	x		x	x
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro				x	x	x	x	
<i>Myiarchus tuberculifer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	maria-cavaleira-pequena					x			
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré							x	x
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira				x	x	x	x	x
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado					x	x	x	x
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)	maria-cabeçuda								x
<i>Ramphotrigon ruficauda</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-rabo-vermelho				x	x			
<i>Ramphotrigon fuscicauda</i> Chapman, 1925	maria-de-cauda-escura				x				
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	capitão-castanho				x	x			x
<i>Attila cinnamomeus</i> (Gmelin, 1789)	tinguaçu-ferrugem					x			
<i>Attila bolivianus</i> Lafresnaye, 1848	bate-pára				x	x	x	x	
<i>Attila rufus</i> (Vieillot, 1819)	capitão-de-saíra								x
<i>Attila spadiceus</i> (Gmelin, 1789)	capitão-de-saíra-amarelo				x				

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
Cotingidae									
<i>Phibalura flavirostris</i> Vieillot, 1816	tesourinha-da-mata							x	x
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)	corocochó								x
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	sabiá-pimenta	AM	CR	VU					x
<i>Cotinga maynana</i> (Linnaeus, 1766)	cotinga-azul				x				
<i>Cotinga cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-azul				x				
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	araponga		VU						x
<i>Tijuca atra</i> Ferrusac, 1829	saudade								x
<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)	cricrió				x	x			
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	tropeiro-da-serra		VU	VU					x
<i>Gymnoderus foetidus</i> (Linnaeus, 1758)	anambé-pombo				x	x	x		
<i>Querula purpurata</i> (Statius Muller, 1776)	anambé-una				x				
<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)	pavó		VU						x
<i>Cephalopterus ornatus</i> Geoffroy Saint-Hilaire, 1809	anambé-preto				x	x	x		
Pipridae									
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	fruxu-do-cerradão		VU		x	x		x	
<i>Neopelma chrysocephalum</i> (Pelzeln, 1868)	fruxu-do-carrasco								x
<i>Neopelma aurifrons</i> (Wied, 1831)	fruxu-baiano								x
<i>Neopelma sulphureiventer</i> (Hellmayr, 1903)	fruxu-de-barriga-amarela					x			
<i>Tyrannetes stolzmanni</i> (Hellmayr, 1906)	uirapuruzinho				x				
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1822)	papinho-amarelo				x	x			x
<i>Piprites chloris bolivianus</i>									x
<i>Piprites pileata</i> (Temminck, 1822)	caneleirinho-de-chapéu-preto	AM	VU	VU					x
<i>Ilicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1809)	tangarazinho								x
<i>Machaeropterus regulus</i> (Hahn, 1819)	tangará-rajado				x				
<i>Machaeropterus pyrocephalus</i> (Sclater, 1852)	uirapuru-cigarra				x	x		x	
<i>Lepidothrix coronata</i> (Spix, 1825)	uirapuru-de-chapéu-azul				x				
<i>Lepidothrix nattereri</i> (Sclater, 1865)	uirapuru-de-chapéu-branco				x	x			
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira				x	x		x	x
<i>Antilophia galeata</i> (Lichtenstein, 1823)	soldadinho						x	x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)	tangará-falso				x				
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)	tangará						x	x	
<i>Xenopipo atronitens</i> Cabanis, 1847	pretinho				x				
<i>Heterocercus linteatus</i> (Strickland, 1850)	coroa-de-fogo				x				
<i>Dixiphia pipra</i> (Linnaeus, 1758)	cabeça-branca				x		x		
<i>Pipra aureola</i> (Linnaeus, 1758)	uirapuru-vermelho				x				
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 1906	uirapuru-laranja		VU		x	x	x	x	
<i>Pipra erythrocephala</i> (Linnaeus, 1758)	cabeça-de-ouro				x				
<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck, 1821	cabeça-encarnada				x	x			
Tityridae									
<i>Oxyruncus cristatus</i> Swainson, 1821	araponga-do-horto							x	
<i>Schiffornis major</i> Des Murs, 1856	flautim-ruivo				x				
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)	flautim						x	x	
<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom				x	x			
<i>Laniocera hypopyrra</i> (Vieillot, 1817)	chorona-cinza				x				
<i>Laniisoma elegans</i> (Thunberg, 1823)	chibante		VU	VU			x	x	
<i>Iodopleura isabellae</i> Parzudaki, 1847	anambé-de-coroa				x				
<i>Iodopleura pipra</i> (Lesson, 1831)	anambezinho		EN	VU				x	
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	anambé-branco-de-bochecha-parda				x	x	x	x	
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto					x	x	x	
<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1825)	anambé-branco-de-máscara-negra					x	x		
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde					x	x	x	
<i>Pachyramphus rufus</i> (Boddaert, 1783)	caneleiro-cinzentos							x	
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)	caneleiro							x	
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto				x	x	x	x	
<i>Pachyramphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-bordado				x		x	x	
<i>Pachyramphus minor</i> (Lesson, 1830)	caneleiro-pequeno					x			
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-de-chapéu-preto					x	x	x	

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Xenopsaris albinucha</i> (Burmeister, 1869)	tijerila						x		
Vireonidae									
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari				x	x	x	x	
<i>Vireolanius leucotis</i> (Swainson, 1838)	assobiador-do-castanhal				x				
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruviana				x	x	x	x	
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822	verdinho-coroado					x		x	
<i>Hylophilus amaurocephalus</i> (Nordmann, 1835)	vite-vite-de-olho-cinza						x	x	
<i>Hylophilus thoracicus</i> Temminck, 1822	vite-vite					x		x	
<i>Hylophilus semicinereus</i> Sclater & Salvin, 1867	verdinho-da-várzea				x				
<i>Hylophilus pectoralis</i> Sclater, 1866	vite-vite-de-cabeça-cinza					x			
<i>Hylophilus hypoxanthus</i> Pelzeln, 1868	vite-vite-de-barriga-marela				x				
<i>Hylophilus muscicapinus</i> Sclater & Salvin, 1873	vite-vite-camurça				x	x			
<i>Hylophilus ochraceiceps</i> Sclater, 1860	vite-vite-uirapuru				x				
Corvidae									
<i>Cyanocorax cyanomelas</i> (Vieillot, 1818)	gralha-do-pantanal					x	x	x	
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	gralha-azul							x	
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	gralha-do-campo					x	x	x	
<i>Cyanocorax chrysops</i> (Vieillot, 1818)	gralha-picaça				x		x	x	
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	gralha-cancã						x		
Hirundinidae									
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa					x	x	x	
<i>Alopochelidon fucata</i> (Temminck, 1822)	andorinha-morena						x	x	
<i>Atticora fasciata</i> (Gmelin, 1789)	peitoril				x				
<i>Atticora tibialis</i> (Cassin, 1853)	calcinha-branca				x			x	
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora				x	x	x	x	
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo				x	x	x	x	
<i>Progne subis</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-azul					x	x		
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-doméstica-grande				x	x	x	x	
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio				x	x	x	x	
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-sobre-branco					x	x		

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Riparia riparia</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-do-barranco						x	x	
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando					x	x	x	
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-dorso-acanelado					x	x	x	
Troglodytidae									
<i>Microcerculus marginatus</i> (Sclater, 1855)	uirapuru-veado				x				
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra				x	x	x	x	
<i>Cistothorus platensis</i> (Latham, 1790)	corruíra-do-campo		CR					x	
<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied, 1831)	catatau				x	x	x	x	
<i>Pheugopedius genibarbis</i> (Swainson, 1838)	garrinchão-pai-avô				x	x	x	x	
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	garrinchão-de-barriga-vermelha				x		x	x	
<i>Cantorchilus guarayanus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	garrincha-do-oeste				x	x			
<i>Cantorchilus longirostris</i> (Vieillot, 1819)	garrinchão-de-bico-grande							x	x
<i>Cyphorhinus arada</i> (Hermann, 1783)	uirapuru-verdadeiro				x				
Donacobiidae									
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim				x	x	x	x	x
Poliopitidae									
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	bico-assoavelado				x	x			x
<i>Poliopitila lactea</i> Sharpe, 1885	balança-rabo-leitoso								x
<i>Poliopitila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	balança-rabo-de-máscara					x	x	x	
Turdidae									
<i>Catharus fuscescens</i> (Stephens, 1817)	sabiá-norte-americano				x			x	x
<i>Catharus ustulatus</i> (Nuttall, 1840)	sabiá-de-óculos				x				x
<i>Turdus flavipes</i> Vieillot, 1818	sabiá-una								x
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	sabiá-laranjeira					x	x	x	x
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-barranco				x	x	x	x	x
<i>Turdus fumigatus</i> Lichtenstein, 1823	sabiá-da-mata				x	x		x	
<i>Turdus lawrencii</i> Coues, 1880	caraxué-de-bico-amarelo				x				
<i>Turdus ignobilis</i> Sclater, 1858	caraxué-de-bico-preto				x				
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca					x	x	x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Turdus subalaris</i> (Seebohm, 1887)	sabiá-ferreiro						x	x	
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818	sabiá-coleira				x	x	x	x	
Mimidae									
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	sabiá-do-campo					x	x	x	
<i>Mimus triurus</i> (Vieillot, 1818)	calhandra-de-três-rabos					x	x	x	
Motacillidae									
<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro-zumbidor					x	x	x	
<i>Anthus correndera</i> Vieillot, 1818	caminheiro-de-espora						x	x	
<i>Anthus nattereri</i> Sclater, 1878	caminheiro-grande	AM	CR	VU			x	x	
<i>Anthus hellmayri</i> Hartert, 1909	caminheiro-de-barriga-acanelada						x		
Coerebidae									
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica				x	x	x	x	
Thraupidae									
<i>Saltator grossus</i> (Linnaeus, 1766)	bico-encarnado				x				
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)	pimentão						x	x	
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola				x	x	x	x	
<i>Saltator coerulescens</i> Vieillot, 1817	sabiá-gongá					x	x		
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro-verdadeiro					x	x	x	
<i>Saltator maxillosus</i> Cabanis, 1851	bico-grosso							x	
<i>Saltator aurantirostris</i> Vieillot, 1817	bico-duro							x	
<i>Saltatricula atricollis</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-pimenta		VU			x	x	x	
<i>Parkerthraustes humeralis</i> (Lawrence, 1867)	furriel-de-encontro				x				
<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	sanhaçu-pardo						x	x	
<i>Schistochlamys melanopis</i> (Latham, 1790)	sanhaçu-de-coleira		EN			x	x	x	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	bico-de-veludo						x	x	
<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)	tietinga				x	x	x	x	
<i>Neothraupis fasciata</i> (Lichtenstein, 1823)	cigarra-do-campo		EN				x	x	
<i>Conothraupis mesoleuca</i> (Berlioz, 1939)	tiê-bicudo			EN			x		
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saira-de-chapéu-preto					x	x	x	

Nome do Taxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Orthogonys chloricterus</i> (Vieillot, 1819)	catirumbava								x
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saí-canário					x	x		x
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i> (Strickland, 1844)	cabecinha-castanha								x
<i>Cypsnagra hirundinacea</i> (Lesson, 1831)	bandoleta		EN			x		x	
<i>Trichothraupis melanops</i> (Vieillot, 1818)	tiê-de-topete							x	x
<i>Eucometis penicillata</i> (Spix, 1825)	pipira-da-taoca		EN		x	x	x	x	x
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo				x	x		x	x
<i>Tachyphonus nattereri</i> Pelzeln, 1870	pipira-de-natterer						x		
<i>Tachyphonus luctuosus</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	tem-tem-de-dragona-branca				x	x		x	
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	tiê-preto							x	x
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta		VU			x	x	x	x
<i>Tachyphonus phoenicius</i> Swainson, 1838	tem-tem-de-dragona-vermelha				x				
<i>Lanio versicolor</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	pipira-de-asa-branca				x				
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha				x	x	x	x	x
<i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-sangue							x	x
<i>Thraupis episcopus</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-da-amazônia				x				
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-cinzento					x	x	x	x
<i>Thraupis cyanoptera</i> (Vieillot, 1817)	sanhaçu-de-encontro-azul								x
<i>Thraupis ornata</i> (Sparman, 1789)	sanhaçu-de-encontro-amarelo								x
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1823)	sanhaçu-do-coqueiro				x	x	x	x	x
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temminck, 1823)	sanhaçu-frade								x
<i>Pipraeidea melanonota</i> (Vieillot, 1819)	saíra-viúva							x	x
<i>Tangara mexicana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-bando					x			
<i>Tangara mexicana boliviana</i>					x				
<i>Tangara chilensis</i> (Vigors, 1832)	sete-cores-da-amazônia				x	x		x	
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)	saíra-sete-cores								x
<i>Tangara cyanocephala</i> (Statius Muller, 1776)	saíra-militar								x
<i>Tangara desmaresti</i> (Vieillot, 1819)	saíra-lagarta								x
<i>Tangara cyanoventris</i> (Vieillot, 1819)	saíra-douradinha								x
<i>Tangara gyrola</i> (Linnaeus, 1758)	saíra-de-cabeça-castanha				x	x			

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-amarela						x	x	x
<i>Tangara peruviana</i> (Desmarest, 1806)	saíra-sapucaia		EN	VU					x
<i>Tangara preciosa</i> (Cabanis, 1850)	saíra-preciosa								x
<i>Tangara cyanicollis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saíra-de-cabeça-azul					x			
<i>Tangara nigrocincta</i> (Bonaparte, 1838)	saíra-mascarada				x				
<i>Tangara velia</i> (Linnaeus, 1758)	saíra-diamante				x				
<i>Tangara callophrys</i> (Cabanis, 1849)	saíra-opala				x				
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha				x	x		x	x
<i>Dacnis lineata</i> (Gmelin, 1789)	saí-de-máscara-preta				x	x			
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	saí-de-pernas-pretas		VU	VU					x
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul				x	x		x	x
<i>Cyanerpes nitidus</i> (Hartlaub, 1847)	saí-de-bico-curto				x				
<i>Cyanerpes caeruleus</i> (Linnaeus, 1758)	saí-de-perna-amarela				x	x			
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor				x	x		x	x
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	saí-verde					x			x
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-papo-preto					x		x	x
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)	saíra-ferrugem							x	x
<i>Hemithraupis flavicollis</i> (Vieillot, 1818)	saíra-galega				x	x			
<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)	figuinha-de-rabo-castanho					x	x	x	x
<i>Conirostrum bicolor</i> (Vieillot, 1809)	figuinha-do-mangue								x
Emberizidae									
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico				x	x	x	x	x
<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	tico-tico-do-campo					x	x	x	x
<i>Ammodramus aurifrons</i> (Spix, 1825)	cigarrinha-do-campo				x				
<i>Porphyospiza caeruleascens</i> (Wied, 1830)	campainha-azul							x	
<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851	cigarra-bambu								x
<i>Donacospiza albifrons</i> (Vieillot, 1817)	tico-tico-do-banhado		VU					x	x
<i>Poospiza thoracica</i> (Nordmann, 1835)	peito-pinhão							x	x
<i>Poospiza lateralis</i> (Nordmann, 1835)	quete							x	x
<i>Poospiza cabanisi</i> Bonaparte, 1850	tico-tico-da-taquara								x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Pooipiza cinerea</i> Bonaparte, 1850	capacinho-do-oco-do-pau		CR	VU				x	
<i>Sicalis citrina</i> Pelzel, 1870	canário-rasteiro					x	x		
<i>Sicalis columbiana</i> Cabanis, 1851	canário-do-amazonas					x			
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra-verdadeiro					x	x		
<i>Sicalis luteola</i> (Sparman, 1789)	tipio				x		x		
<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo				x	x	x	x	
<i>Emberizoides pyiranganus</i> Ihering & Ihering, 1907	canário-do-brejo		VU				x	x	
<i>Embernagra platensis</i> (Gmelin, 1789)	sabiá-do-banhado		VU				x	x	
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu				x	x	x	x	x
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	pixoxó	AM	CR	VU					x
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	cigarra-verdadeira	AM	CR	VU					x
<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	patativa		EN		x	x	x	x	
<i>Sporophila collaris</i> (Boddaert, 1783)	coleiro-do-brejo		VU			x	x	x	
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho					x	x	x	
<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	baiano							x	
<i>Sporophila caeruleascens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho				x	x	x	x	x
<i>Sporophila leucoptera</i> (Vieillot, 1817)	chorão						x	x	
<i>Sporophila nigrorufa</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	caboclinho-do-sertão	AM		VU		x			
<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Müller, 1776)	caboblinho		VU				x	x	
<i>Sporophila minuta</i> (Linnaeus, 1758)	caboclinho-lindo							x	
<i>Sporophila hypoxantha</i> Cabanis, 1851	caboclinho-de-barriga-vermelha		CR			x	x	x	
<i>Sporophila ruficollis</i> Cabanis, 1851	caboclinho-de-papo-escuro		CR			x		x	
<i>Sporophila palustris</i> (Barrows, 1883)	caboclinho-de-papo-branco	AM	CR	EN				x	
<i>Sporophila castaneiventris</i> Cabanis, 1849	caboclinho-de-peito-castanho				x				
<i>Sporophila cinnamomea</i> (Lafresnaye, 1839)	caboclinho-de-chapéu-cinzento	AM	CR	VU				x	
<i>Sporophila melanogaster</i> (Pelzel, 1870)	caboclinho-de-barriga-preta	AM	CR					x	
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió		VU			x	x	x	
<i>Sporophila maximiliani</i> (Cabanis, 1851)	bicudo	AM	CR					x	
<i>Tiaris obscurus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	cigarra-parda						x	x	
<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)	cigarra-do-coqueiro							x	x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Arremon taciturnus</i> (Hermann, 1783)	tico-tico-de-bico-preto				x	x		x	x
<i>Arremon semitorquatus</i> Swainson, 1838	tico-tico-do-mato								x
<i>Arremon flavirostris</i> Swainson, 1838	tico-tico-de-bico-amarelo						x	x	x
<i>Charitospiza eucosma</i> Oberholser, 1905	mineirinho		CR			x		x	
<i>Coryphasiza melanotis</i> (Temminck, 1822)	tico-tico-de-máscara-negra	AM	CR	VU				x	x
<i>Coryphospingus cucullatus</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico-rei					x	x	x	
<i>Paroaria coronata</i> (Miller, 1776)	cardeal						x	x	
<i>Paroaria gularis</i> (Linnaeus, 1766)	cardeal-da-amazônia				x	x			
<i>Paroaria capitata</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	cavalaria						x	x	
Cardinalidae									
<i>Piranga flava</i> (Vieillot, 1822)	sanhaçu-de-fogo							x	x
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-do-mato-grosso				x	x		x	x
<i>Pheucticus aureoventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	rei-do-bosque					x	x	x	
<i>Granatellus pelzelni</i> Sclater, 1865	polícia-do-mato					x			
<i>Cyanoloxia moesta</i> (Hartlaub, 1853)	negrinho-do-mato		VU						x
<i>Cyanoloxia cyanooides</i> (Lafresnaye, 1847)	azulão-da-amazônia				x	x			
<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão		VU				x	x	x
<i>Cyanoloxia glaucocaeerulea</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	azulinho					x		x	x
Parulidae									
<i>Parula pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita				x	x	x	x	x
<i>Dendroica striata</i> (Forster, 1772)	mariquita-de-perna-clara							x	x
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra						x	x	x
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	pula-pula					x	x	x	x
<i>Basileuterus hypoleucus</i> Bonaparte, 1830	pula-pula-de-barriga-branca						x	x	x
<i>Basileuterus flaveolus</i> (Baird, 1865)	canário-do-mato				x	x	x	x	x
<i>Basileuterus leucoblepharus</i> (Vieillot, 1817)	pula-pula-assobiador							x	x
<i>Basileuterus leucophrys</i> Pelzelin, 1868	pula-pula-de-sobrancelha		EN					x	
<i>Phaeothlypis fulvicauda</i> (Spix, 1825)	pula-pula-de-cauda-avermelhada				x				

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Phaeothlypis rivularis</i> (Wied, 1821)	pula-pula-ribeirinho					x			x
Icteridae									
<i>Psarocolius angustifrons</i> (Spix, 1824)	japu-pardo				x				
<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	japu-verde				x				
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu				x	x	x	x	x
<i>Psarocolius bifasciatus</i> (Spix, 1824)	japuaçu				x	x			
<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	iraúna-de-bico-branco					x	x	x	
<i>Cacicus chrysopterus</i> (Vigors, 1825)	tecelão								x
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	guaxe					x	x	x	x
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xexéu				x	x	x	x	
<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	encontro				x	x	x	x	x
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	corrupião					x	x		
<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	graúna					x	x	x	x
<i>Amblyramphus holosericeus</i> (Scopoli, 1786)	cardeal-do-banhado						x	x	
<i>Agelasticus cyanopus</i> (Vieillot, 1819)	carretão					x	x	x	
<i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	garibaldi							x	x
<i>Pseudoleistes guirahuro</i> (Vieillot, 1819)	chopim-do-brejo							x	x
<i>Agelaioides badius</i> (Vieillot, 1819)	asa-de-telha						x	x	
<i>Molothrus rufoaxillaris</i> Cassin, 1866	vira-bosta-picumã						x	x	
<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande				x	x	x	x	
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta				x	x	x	x	x
<i>Sturnella militaris</i> (Linnaeus, 1758)	polícia-inglesa-do-norte			VU		x			
<i>Sturnella superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)	polícia-inglesa-do-sul						x	x	x
<i>Dolichonyx oryzivorus</i> (Linnaeus, 1758)	triste-pia					x			
Fringillidae									
<i>Sporagra magellanica</i> (Vieillot, 1805)	pintassilgo							x	
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim				x	x	x	x	x
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo-verdadeiro						x	x	x
<i>Euphonia lanirostris</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	gaturamo-de-bico-grosso				x	x		x	
<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	cais-cais		VU						x

Nome do Táxon	Nome em Português	Grau de Ameaça			Amazônia	Transição Amazônia/Cerrado	Pantanal	Cerrado	Mata Atlântica
		BR	SP	IUCN					
<i>Euphonia cyanocephala</i> (Vieillot, 1818)	gaturamo-rei						x	x	
<i>Euphonia minuta</i> Cabanis, 1849	gaturamo-de-barriga-branca					x	x		
<i>Euphonia rufiventris</i> (Vieillot, 1819)	gaturamo-do-norte				x				
<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)	ferro-velho							x	
<i>Chlorophonia cyanea</i> (Thunberg, 1822)	bandeirinha							x	
Estrildidae									
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre						x	x	
Passeridae									
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal					x	x	x	

Legenda: AM – Ameaçada; CR – criticamente ameaçada; EN – ameaçada e VU - vulnerável

ANEXO 3.6.4.4.1-3

**ESPÉCIES DE HERPETOFAUNA DE OCORRÊNCIA
NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DA LT**

Espécies de herpetofauna de ocorrência na Área de Influência Indireta da LT 600 Coletora Porto Velho

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA	
Anfíbios	Aromobatidae	<i>Allobates goianus</i>	rã			X	X		DD		
	Brachycephalidae	<i>Ischnocnema juipoca</i>	rãzinha			X	X		LC		
		<i>Ischnocnema quixensis</i>	rãzinha	X							
	Bufonidae	<i>Rhaebo guttatus</i>	sapo-preto		X	X	X			LC	
		<i>Rhinella crucifer</i>	sapo-da-mata			X	X			LC	
		<i>Rhinella margaritifera</i>	sapo-folha			X	X	X		LC	
		<i>Rhinella gr margaritifera</i>	sapo-folha	X						LC	
		<i>Rhinella granulosa</i>	sapo-de-verruga	X	X	X	X			LC	
		<i>Rhinella marina</i>	sapo-cururu	X	X					LC	
		<i>Rhinella ocellata</i>	sapo-cururu				X	X		LC	
		<i>Rhinella ornata</i>	sapo-cururu				X	X	X	LC	
		<i>Rhinella paracnemis</i>	sapo-cururu				X	X			
		<i>Rhinella schneideri</i>	sapo-cururu	X	X	X	X	X	X	LC	
		<i>Rhinella rubescens</i>	sapo-cururu				X	X		LC	
		<i>Dendrophryniscus minutus</i>	sapo	X						LC	
		<i>Dendrophryniscus sp.</i>	sapo		X						
	Caeciliidae	<i>Siphonops annulatus</i>	cobra-cega				X	X		LC	
		<i>Siphonops paulensis</i>	cobra-cega				X	X		LC	
	Centrolenidae	<i>Cochranella oyampiensis</i>	rã	X						LC	
		<i>Hyalinobatrachium cf. bergeri</i>	rã		X						
		<i>Hyalinobatrachium eurygnathum</i>	rã				X	X		LC	
		<i>Allophryne ruthveni</i>	rã		X					LC	
	Ceratophryidae	<i>Ceratophrys cornuta</i>	sapo-intanha	X	X				LC		
Cycloramphidae	<i>Odontophrynus americanus</i>	sapo				X	X		LC		
	<i>Odontophrynus cultripes</i>	sapo				X	X		LC		

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA	
Anfíbios (cont.)	Cycloramphidae (cont.)	<i>Odontophrynus moratoi</i>	sapo			X	X		CR	SP	
		<i>Odontophrynus salvatori</i>	sapo			X	X		DD		
		<i>Proceratophrys concavitypanum</i>	sapo-verruca		X				DD		
		<i>Proceratophrys cururu</i>	sapo-de-chifre			X	X		DD		
		<i>Proceratophrys goyana</i>	sapo			X	X		LC		
		<i>Thoropa megatypanum</i>	sapo			X	X		LC		
	Dendrobatidae	<i>Ameerega braccata</i>	sapinho-listrado				X	X		LC	
		<i>Ameerega flavopicta</i>	sapo-flecha				X	X		LC	
		<i>Ameerega picta</i>	sapo	X	X	X	X		LC		
		<i>Ameerega trivittata</i>	sapinho	X					LC		
		<i>Adelphobates quinquevittatus</i>	sapinho-listrado	X	X				LC		
		<i>Colostethus sp</i>	rãzinha	X							
	<i>Dendrobates ventrimaculatus</i>	rã-flecha	X								
	Hylidae	<i>Aplastodiscus pervirides</i>	perereca				X	X		LC	
		<i>Bokermannohyla alvarengai</i>	perereca				X	X		LC	
		<i>Bokermannohyla circumdata</i>	perereca				X	X		LC	
		<i>Bokermannohyla nanuzae</i>	perereca				X	X		LC	
		<i>Bokermannohyla pseudopseudis</i>	perereca				X	X		LC	
		<i>Bokermannohyla saxicola</i>	perereca				X	X			
		<i>Bokermannohyla sazimai</i>	perereca				X	X		DD	
<i>Corythomantis greeningi</i>		perereca-de-capacete-da-Caatinga				X	X		LC		
<i>Dendropsophus aff. microcephalus</i>		pererequinha-do-brejo		X	X	X		LC			
<i>Dendropsophus parvipes</i>		pererequinha	X	X				LC			
<i>Hemiphractus scutatus</i>		rã	X								
<i>Dendropsophus acranus</i>		pererequinha	X					LC			

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Anfíbios (cont.)	Hylidae (cont.)	<i>Dendropsophus anataliasiasi</i>	pererequinha			X	X			
		<i>Dendropsophus branneri</i>	pererequinha			X	X			
		<i>Dendropsophus elianae</i>	pererequinha				X	X		
		<i>Dendropsophus melanargyreus</i>	pererequinha			X	X			
		<i>Dendropsophus minutus</i>	pererequinha	X	X	X	X	X		
		<i>Dendropsophus nanus</i>	pererequinha	X	X	X	X	X		
		<i>Dendropsophus rhodopeplus</i>	pererequinha	X						
		<i>Dendropsophus rubicundulus</i>	pererequinha				X	X		
		<i>Dendropsophus sanborni</i>	pererequinha					X	X	
		<i>Dendropsophus triangulum</i>	pererequinha	X						
		<i>Dendropsophus triataeniatus</i>	pererequinha				X	X		
		<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	perereca	X	X	X	X	X		
		<i>Hypsiboas boans</i>	perereca	X	X					
		<i>Hypsiboas cinerascens</i>	perereca	X						
		<i>Hypsiboas cipoensis</i>	perereca				X	X		
		<i>Hypsiboas crepitans</i>	perereca				X	X		
		<i>Hypsiboas faber</i>	perereca				X	X	X	
		<i>Hypsiboas calcaratus</i>	perereca	X	X					
		<i>Hypsiboas cinerascens</i>	perereca		X					
		<i>Hypsiboas fasciatus</i>	perereca	X	X					
<i>Hypsiboas geographicus</i>	perereca	X	X							
<i>Hypsiboas lanciformis</i>	perereca	X	X							
<i>Hypsiboas lundii</i>	perereca					X	X	X		
<i>Hypsiboas multifasciatus</i>	perereca					X	X			

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA	
Anfíbios (cont.)	Hylidae (cont.)	<i>Hypsiboas pardalis</i>	perereca			X	X		LC		
		<i>Hypsiboas polytaenius</i>	perereca			X	X		LC		
		<i>Hypsiboas pulchellus</i>	perereca			X	X		LC		
		<i>Hypsiboas punctatus</i>	perereca	X	X	X	X		LC		
		<i>Hypsiboas raniceps</i>	perereca	X	X	X	X	X	LC		
		<i>Hypsiboas wavrini</i>	perereca	X					LC		
		<i>Osteocephalus aff buckleyi</i>	perereca-de-árvore	X					LC		
		<i>Osteocephalus aff oophagus</i>	perereca-de-árvore	X					LC		
		<i>Osteocephalus leprieurii</i>	perereca-de-árvore	X	X				LC		
		<i>Osteocephalus taurinus</i>	perereca-de-árvore	X	X				LC		
		<i>Phasmahyla jandaia</i>	perereca			X	X		LC		
		<i>Phrynohyas resinifictrix</i>	rã-do-leite-de-amazon	X							
		<i>Phrynohyas venulosa</i>	cunauaru	X	X	X	X	X			
		<i>Phyllomedusa bicolor</i>	sapo-verde	X						LC	
		<i>Phyllomedusa boliviana</i>	perereca-da-folhagem		X					LC	
		<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	perereca				X	X		LC	
		<i>Phyllomedusa centralis</i>	perereca				X	X		DD	
		<i>Phyllomedusa hypochondrialis</i>	rã-de-cera	X	X	X	X			LC	
		<i>Phyllomedusa megacephala</i>	perereca				X	X		DD	
		<i>Phyllomedusa tomopterna</i>	rã	X						LC	
<i>Phyllomedusa vaillanti</i>	perereca	X	X					LC			
<i>Pseudis caraya</i>	perereca				X	X		LC			
<i>Pseudis limellus</i>	perereca	X	X	X	X			LC			
<i>Pseudis paradoxa</i>	perereca	X	X	X	X	X		LC			

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Anfíbios (cont.)	Hylidae (cont.)	<i>Scinax acuminatus</i>	perereca			X	X		LC	
		<i>Scinax berthae</i>	perereca				X	X	LC	
		<i>Scinax canastrensis</i>	perereca			X	X		DD	
		<i>Scinax centralis</i>	perereca			X	X		LC	
		<i>Scinax duartei</i>	perereca			X	X		LC	
		<i>Scinax fuscomarginatus</i>	perereca			X	X	X	LC	
		<i>Scinax aff fuscovarius</i>	perereca	X					LC	
		<i>Scinax boesemani</i>	perereca		X					
		<i>Scinax fuscovarius</i>	perereca			X	X	X	LC	
		<i>Scinax garbei</i>	perereca	X	X				LC	
		<i>Scinax luizotavioi</i>	perereca			X	X		LC	
		<i>Scinax gr. catherinae</i>	perereca		X				LC	
		<i>Scinax machadoi</i>	perereca			X	X		LC	
		<i>Scinax maracaya</i>	perereca			X	X		DD	
		<i>Scinax nebulosus</i>	perereca	X	X	X	X		LC	
		<i>Scinax ruber</i>	perereca	X	X				LC	
		<i>Scinax pinima</i>	perereca			X	X		DD	
		<i>Scinax similis</i>	perereca				X	X	LC	
		<i>Scinax squalirostris</i>	perereca			X	X		LC	
		<i>Sphaenorhynchus lacteus</i>	perereca	X					LC	
	<i>Trachycephalus nigromaculatus</i>	perereca			X	X		LC		
<i>Trachycephalus venulosus</i>	perereca-leopardo			X	X	X	LC			
	Hylodidae	<i>Crossodactylus bokermanni</i>	rã			X	X		DD	
		<i>Crossodactylus trachystomus</i>	rã			X	X		DD	
		<i>Hylodes octavioi</i>	rã			X	X		DD	

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA	
Anfíbios (cont.)	Leiuperidae	<i>Eupemphix nattereri</i>	rã			X	X	X	LC		
		<i>Physalaemus albonotatus</i>	rã			X	X		LC		
		<i>Physalaemus centralis</i>	rã			X	X	X	LC		
		<i>Physalaemus cuvieri</i>	rã-cachorro			X	X	X	LC		
		<i>Physalaemus deimaticus</i>	rã			X	X		DD		
		<i>Physalaemus evangelistai</i>	rã			X	X		DD		
		<i>Physalaemus petersi</i>	rã	X			X				
		<i>Pleuroderma fuscomaculatum</i>	rã			X	X	X	DD		
		<i>Pseudopaludicola sp.</i>	rã		X						
		<i>Pseudopaludicola boliviana</i>	rã			X	X		LC		
		<i>Pseudopaludicola falcipes</i>	rã			X	X		LC		
		<i>Pseudopaludicola mineira</i>	rã			X	X		DD		
		<i>Pseudopaludicola mystacalis</i>	rã			X	X		LC		
		<i>Pseudopaludicola saltica</i>	rã			X	X	X	LC		
	<i>Pseudopaludicola ternetzi</i>	rã			X	X		LC			
	Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus aff fenestratus</i>	rã	X							
		<i>Eleutherodactylus altamazonicus</i>	rã	X							
		<i>Eleutherodactylus gr ockendeni</i>	rã	X							
		<i>Eleutherodactylus ventrimarmoratus</i>	rã	X							
		<i>Hydrolaetare schmidti</i>	rã	X						LC	
<i>Leptodactylus andreae</i>		rãzinha	X	X					LC		
<i>Leptodactylus bokermanni</i>		rãzinha			X	X			LC		
<i>Leptodactylus bolivianus</i>		rãzinha	X						LC		
<i>Leptodactylus camaquara</i>		rãzinha			X	X			DD		
<i>Leptodactylus chaquensis</i>		rãzinha			X	X	X		LC		

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Anfíbios (cont.)	Leptodactylidae (cont.)	<i>Leptodactylus cunicularius</i>	rãzinha			X	X		LC	
		<i>Leptodactylus furnarius</i>	rãzinha			X	X	X	LC	
		<i>Leptodactylus fuscus</i>	rãzinha	X	X	X	X	X	LC	
		<i>Leptodactylus hylaedactylus</i>	pererequinha	X	X				LC	
		<i>Leptodactylus jolyi</i>	rãzinha			X	X		LC	
		<i>Leptodactylus knudseni</i>	rã-pimenta	X	X				LC	
		<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	rã			X	X	X	LC	
		<i>Leptodactylus leptodactyloides</i>	rãzinha		X				LC	
		<i>Leptodactylus lineatus</i>	rã		X				LC	
		<i>Leptodactylus longirostris</i>	rã	X					LC	
		<i>Leptodactylus macrosternum</i>	rã	X					LC	
		<i>Leptodactylus martinezi</i>	rã			X	X		LC	
		<i>Leptodactylus mystaceus</i>	rã	X	X	X	X	X	LC	
		<i>Leptodactylus mystacinus</i>	rã			X	X	X	LC	
		<i>Leptodactylus ocellatus</i>	rã			X	X	X	LC	
		<i>Leptodactylus pentadactylus</i>	rã-pimenta	X	X				LC	
		<i>Leptodactylus petersii</i>	rã	X	X	X	X		LC	
		<i>Leptodactylus podicipinus</i>	rã	X	X	X	X	X	LC	
		<i>Leptodactylus pustulatus</i>	rã			X	X		LC	
		<i>Leptodactylus rhodomystax</i>	rã-de-bigode	X	X				LC	
		<i>Leptodactylus stenodema</i>	rã	X					LC	
		<i>Leptodactylus syphax</i>	rã			X	X		LC	
		<i>Leptodactylus tapiti</i>	rã			X	X		DD	
<i>Leptodactylus troglodytes</i>	rã			X	X		LC			
<i>Lithodytes lineatus</i>	rã	X								
<i>Phyzelaphryne sp</i>	rã	X								

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Anfíbios (cont.)	Microhylidae	<i>Chiasmocleis albopunctata</i>	rãzinha			X	X		LC	
		<i>Chiasmocleis bassleri</i>	rãzinha		X				LC	
		<i>Chiasmocleis centralis</i>	rãzinha			X	X		DD	
		<i>Chiasmocleis hudsoni</i>	rãzinha	X					LC	
		<i>Chiasmocleis mehelyi</i>	rãzinha			X	X		DD	
		<i>Chiasmocleis shudikarensis</i>	rãzinha	X					LC	
		<i>Chiasmocleis ventrimaculata</i>	rãzinha		X				LC	
		<i>Ctenophryne geayi</i>	rãzinha	X	X				LC	
		<i>Dermatonotus muelleri</i>	rãzinha			X	X	X	LC	
		<i>Elachistocleis bicolor</i>	rãzinha	X	X	X	X	X	LC	
		<i>Elachistocleis ovalis</i>	rãzinha	X	X	X	X		LC	
	<i>Hamptophryne boliviana</i>	rãzinha	X	X				LC		
	Pipidae	<i>Pipa arrabali</i>	sapo		X				LC	
	Plethodontidae	<i>Bolitoglossa aff altamazonica</i>	salamandra	X					DD	
Strabomantidae	<i>Barycholos ternetzi</i>	rã			X	X		LC		
	<i>Pristimantis fenestratus</i>	rã		X	X	X		LC		
Ranidae	<i>Lithobates palmipes</i>	rã	X	X	X	X				
"Lagartos"	Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena alba</i>	cobra-de-duas-cabeças	X	X		X	X		
		<i>Amphisbaena anaemariae</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena bolivica</i>	cobra-de-duas-cabeças				p			
		<i>Amphisbaena camura</i>	cobra-de-duas-cabeças				p			
		<i>Amphisbaena crisae</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena dubia</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X		
		<i>Amphisbaena fuliginosa</i>	cobra-de-duas-cabeças		X		X			

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
"Lagartos" (cont.)	Amphisbaenidae (cont.)	<i>Amphisbaena ibijara</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena lesseri</i>	cobra-de-duas-cabeças		X		X			
		<i>Amphisbaena mertensi</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X		
		<i>Amphisbaena miringoera</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena neglecta</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena prunicolor</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X		
		<i>Amphisbaena sanctaeritae</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X		
		<i>Amphisbaena silvestrii</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena talisiae</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena trachura</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X		
		<i>Amphisbaena vermicularis</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Amphisbaena wiedi</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X		
		<i>Bronia bedai</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Bronia kraoh</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Bronia saxosa</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Cercolophia absaberi</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Cercolophia cuiabana</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Cercolophia roberti</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X		
		<i>Cercolophia steindachneri</i>	cobra-de-duas-cabeças			X	X			
		<i>Leposternon cerradensis</i>	cobra-de-duas-cabeças				X			
		<i>Leposternon infraorbitale</i>	cobra-de-duas-cabeças		X	X	X	X		
		<i>Leposternon microcephalum</i>	cobra-de-duas-cabeças		X	X	X	X		
		<i>Leposternon polystegum</i>	cobra-de-duas-cabeças		X	X	X	X		
<i>Leposternon wuchereri</i>	cobra-de-duas-cabeças				X	X				

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
"Lagartos" (cont.)	Anguidae	<i>Ophiodes fragilis</i>	cobra-de-vidro					X		
		<i>Ophiodes striatus</i>	cobra-de-vidro				X	X		
	Anomalepididae	<i>Liotyphlops beui</i>	cobra-cega				X	X		
		<i>Liotyphlops ternetzii</i>	cobra-cega				X	X		
	Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabouia</i>	lagartixa-doméstica-tropical		X		X	X		
		<i>Hemidactylus palaichthus</i>	lagartixa		X					
		<i>Lygodactylus wetzeli</i>	lagartixa				X			
	Phyllodactylidae	<i>Phyllopezus pollicaris</i>	lagartixa				X			
		<i>Gymnodactylus gekkoides</i>	lagartixa				X			
	Sphaerodactylidae	<i>Gonatodes hasemani</i>	lagartixa	X	X					
		<i>Gonatodes humeralis</i>	lagartixa	X	X		X			
		<i>Coleodactylus amazonicus</i>	lagarto	X						
		<i>Coleodactylus brachystoma</i>	lagarto				X			
		<i>Coleodactylus meridionalis</i>	lagarto				X			
	Leiosauridae	<i>Anisolepis grilli</i>	lagartixa				X	X		
		<i>Enyalius bilineatus</i>	lagarto-papa-vento				X			
		<i>Enyalius brasiliensis</i>	calango-da-mata				X			
		<i>Enyalius catenatus</i>	lagarto-verde				X			
		<i>Enyalius perditus</i>	lagarto				X	X		
		<i>Urostrophus vautieri</i>	lagarto-da-pedra				X	X		
	Gymnophthalmidae	<i>Arthrosaura reticulata</i>	lagarto	X						
		<i>Bachia bresslaui</i>	lagartinho-sem-pernas-do-cerrado				X			
		<i>Bachia cacerensis</i>	lagarto				X			
<i>Bachia dorbignyi</i>		lagarto				X				
<i>Bachia scolecoides</i>		lagarto				X				

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
"Lagartos" (cont.)	Gymnophthalmidae (cont.)	<i>Cercosaura eigenmanni</i>	jacarezinho	X	X					
		<i>Cercosaura ocellata</i>	lagarto	X	X		X	X		
		<i>Colobosaura modesta</i>	lagarto				X	X		
		<i>Iphisa elegans</i>	lagarto	X						
		<i>Gymnophthalmus leucomystax</i>	lagarto		X					
		<i>Gymnophthalmus underwoodi</i>	lagarto		X					
		<i>Leposoma osvaldoi</i>	lagarto	X	X					
		<i>Leposoma percarinatum</i>	lagarto	X						
		<i>Micrablepharus atticolus</i>	lagarto-do-rabo-azul	X	X		X	X		
		<i>Micrablepharus maximiliani</i>	lagarto-do-rabo-azul				X			
		<i>Neusticurus bicarinatus</i>	lagarto	X						
		<i>Pantodactylus albostrigatus</i>	lagartinho				X			
		<i>Pantodactylus parkeri</i>	lagartinho	X	X		X			
		<i>Pantodactylus schreibersii</i>	lagartixinha		X		X	X		
		<i>Prionodactylus argulus</i>	lagarto	X						
	<i>Vanzosaura rubricauda</i>	calango-cauda-vermelha		X		X				
	Hoplocercidae	<i>Hoplocercus spinosus</i>	rabo-de-abacaxi	X	X		X			
	Iguanidae	<i>Iguana iguana</i>	iguana-verde	X	X		X			
	Phyllodactylidae	<i>Thecadactylus rapicauda</i>	nabo-de-cauda-salamandras	X						
		<i>Thecadactylus solimoensis</i>	lagarto		X					
	Polychrotidae	<i>Anolis auratus</i>	lagarto		X					
		<i>Anolis chrysolepis brasiliensis</i>	lagarto		X		X			
		<i>Anolis chrysolepis</i>	lagarto				X	X		
<i>Anolis fuscoauratus</i>		papa-vento	X	X						
<i>Anolis meridionalis</i>		papa-vento		X		X	X			
	<i>Anolis nitens</i>	lagarto	X	X		X				

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
"Lagartos" (cont.)	Polychrotidae (cont.)	<i>Anolis ortonii</i>	papa-vento	X	X					
		<i>Anolis phyllorhinus</i>	lagarto		X					
		<i>Anolis punctatus</i>	papa-vento	X						
		<i>Anolis transversalis</i>	lagarto	X	X					
		<i>Polychrus acutirostris</i>	calango-verde		X		X	X		
		<i>Polychrus marmoratus</i>	camaleão-verde	X	X					
	Teiidae	<i>Ameiva ameiva</i>	calango-verde	X	X		X	X		
		<i>Cnemidophorus cryptus</i>	lagarto		X					
		<i>Cnemidophorus gramivagus</i>	lagartinho		X					
		<i>Cnemidophorus lemniscatus</i>	lagartinho		X					
		<i>Cnemidophorus parecis</i>	lagarto				X	X		
		<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	lagarto		X		X			
		<i>Dracaena paraguayensis</i>	víbora				X			
		<i>Kentropyx altamazonica</i>	calango-da-mata	X						
		<i>Kentropyx calcarata</i>	calango-da-mata	X	X		X			
		<i>Kentropyx paulensis</i>	lagarto-listrado-do-cerrado				X	X		
		<i>Kentropyx pelviceps</i>	lagarto	X						
		<i>Kentropyx striata</i>	lagarto				X			
		<i>Kentropyx vanzoi</i>	lagarto		X		X			
		<i>Kentropyx viridstringa</i>	lagarto	X	X		X			
<i>Teius teyou</i>	lagarto				X					
<i>Tupinambis duseni</i>	teiú				X					
<i>Tupinambis longilineus</i>	teiú-de-linha-longa		X							
<i>Tupinambis merianae</i>	teiú		X		X	X				

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA	
"Lagartos" (cont.)	Teiidae (cont.)	<i>Tupinambis palustris</i>	teiú-pantaneiro				X	X			
		<i>Tupinambis quadrilineatus</i>	teiú-quatro-listras				X	X			
		<i>Tupinambis teguixin</i>	teiú-branco	X	X		X				
	Tropiduridae	<i>Plica plica</i>	calango	X	X						
		<i>Plica umbra</i>	calango	X							
		<i>Stenocercus caducus</i>	lagarto	X	X		X				
		<i>Stenocercus sinesaccus</i>	lagarto				X				
		<i>Tropidurus etheridgei</i>	lagartixa				X				
		<i>Tropidurus guarani</i>	calango				X				
		<i>Tropidurus hispidus</i>	calango		X		X				
		<i>Tropidurus insulanus</i>	calango		X						
		<i>Tropidurus itambere</i>	calango				X	X			
		<i>Tropidurus montanus</i>	calango				X				
		<i>Tropidurus oreadicus</i>	calango	X	X		X				
		<i>Tropidurus torquatus</i>	calango				X	X			
	<i>Uranoscodon superciliosus</i>	lagarto	X	X							
	Scincidae	<i>Mabuya bistrata</i>	lagarto-de-vidro		X						
		<i>Mabuya dorsivittata</i>	lagartixa				X	X			
<i>Mabuya frenata</i>		lagarto		X		X	X				
<i>Mabuya guaporicola</i>		lagarto		X		X					
<i>Mabuya nigropunctata</i>		briba	X	X		X	X				
Serpentes	Aniliidae	<i>Anilius scytale</i>	falsa-coral	X	X		X				
	Boidae	<i>Boa constrictor</i>	jibóia	X	X		X	X			
		<i>Corallus caninus</i>	cobra-papagaio	X	X		X				
		<i>Corallus hortulanus</i>	suaçuboia	X	X		X				
		<i>Epicrates cenchria</i>	cobra-salamanta	X	X		X	X			
		<i>Epicrates crassus</i>	cobra-salamanta				X	X			
		<i>Eunectes murinus</i>	sucuri	X	X		X	X			
		<i>Eunectes notaeus</i>	sucuri-amarela		X		X	X			

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Serpentes (cont.)	Colubridae	<i>Chironius bicarinatus</i>	cobra-cipó				X	X		
		<i>Chironius carinatus</i>	acutimbóia		X					
		<i>Chironius exoletus</i>	cobra-cipó		X		X	X		
		<i>Chironius flavolineatus</i>	cobra-cipó				X	X		
		<i>Chironius fuscus</i>	cobra-cipó				X			
		<i>Chironius laevicollis</i>	cobra-cipó		X					
		<i>Chironius laurenti</i>	cobra-cipó				X			
		<i>Chironius multiventris</i>	cobra-cipó				X			
		<i>Chironius quadricarinatus</i>	cobra-cipó	X						
		<i>Chironius scurrulus</i>	cobra-cipó		X					
		<i>Dendrophidion dendrophis</i>	cobra				X			
		<i>Drymarchon corais</i>	cobra-papa-pinto	X	X		X			
		<i>Drymobius rhombifer</i>	papa-ovo	X						
		<i>Drymoluber brazili</i>	cobra	X						
		<i>Drymoluber dichrous</i>	cobra	X			X			
		<i>Leptophis ahaetulla</i>	azulão-boia	X						
		<i>Masticophis mentovarius</i>	cobra				X	X		
		<i>Mastigodryas bifossatus</i>	jararacuçu-do-brejo				X			
		<i>Mastigodryas boddaerti</i>	biru-listrada	X						
		<i>Oxybelis aeneus</i>	cobra-cipó	X						
		<i>Oxybelis fulgidus</i>	cobra-bicuda	X	X		X			
		<i>Pseustes sulphureus</i>	papa-ovo	X						
		<i>Rhinobothryum lentiginosum</i>	cobra		X		X	X		
<i>Simophis rhinostoma</i>	falsa-coral				X	X				
<i>Spilotes pullatus</i>	caninana	X								
<i>Tantilla melanocephala</i>	cobra-da-terra	X	X		X	X				

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Serpentes (cont.)	Dipsadidae	<i>Apostolepis "igniaria"</i>	cobra		X		X	X		
		<i>Apostolepis assimilis</i>	cabeça-preta	X	X					
		<i>Apostolepis christineae</i>	cobra				X	X		
		<i>Apostolepis dimidiata</i>	cobra-da-terra		X		X			
		<i>Apostolepis flavotorquata</i>	cobra-da-terra	X	X					
		<i>Apostolepis goiasensis</i>	cobra		X		X	X		
		<i>Apostolepis intermedia</i>	cobra	X	X		X			
		<i>Apostolepis lineata</i>	cobra		X		X			
		<i>Apostolepis quinquelineatus</i>	falsa-coral	X	X		X			
		<i>Apostolepis rondoni</i>	cobra				X			
		<i>Apostolepis vittata</i>	cobra		X		X			
		<i>Atractus albuquerquei</i>	cobra				X			
		<i>Atractus flammigerus</i>	cobra	X	X					
		<i>Atractus insipidus</i>	cobra	X	X		X	X		
		<i>Atractus latifrons</i>	falsa-coral	X						
		<i>Atractus major</i>	cobra	X						
		<i>Atractus pantostictus</i>	cobra-de-jardim	X	X		X	X		
		<i>Atractus reticulatus</i>	cobra-tijolo	X						
		<i>Atractus schach</i>	cobra		X		X	X		
		<i>Atractus snethlageae</i>	cobra	X						
		<i>Atractus taeniatus</i>	cobra-da-terra	X						
		<i>Atractus zidocki</i>	cobra	X						
		<i>Boiruna maculata</i>	muçurana		X		X	X		
		<i>Clelia bicolor</i>	muçurana	X	X		X	X		
		<i>Clelia plumbea</i>	muçurana		X		X			
		<i>Clelia rustica</i>	muçurana-parda		X		X	X		
		<i>Dipsas catesbyi</i>	cobra				X			
<i>Dipsas indica</i>	dormideira		X		X					
<i>Dipsas pavonina</i>	cobra				X					

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Serpentes (cont.)	Dipsadidae (cont.)	<i>Drepanoides anomalus</i>	falsa-coral		X		X	X		
		<i>Echinanthera undulata</i>	papa-rã				X			
		<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	falsa-coral	X	X		X	X		
		<i>Erythrolamprus almadensis</i>	falsa-coral	X	X		X	X		
		<i>Erythrolamprus breviceps</i>	cobra	X	X		X	X		
		<i>Erythrolamprus cobellus</i>	cobra	X	X		X			
		<i>Erythrolamprus frenatus</i>	cobra				X	X		
		<i>Erythrolamprus jaegeri</i>	cobra	X						
		<i>Erythrolamprus longiventris</i>	cobra				X	X		
		<i>Erythrolamprus maryellenae</i>	cobra			X	X			
		<i>Erythrolamprus miliaris</i>	cobra	X	X		X			
		<i>Erythrolamprus oligolepis</i>	cobra			X	X	X		
		<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	falsa-coral	X						
		<i>Erythrolamprus reginae</i>	falsa-coral	X	X		X	X		
		<i>Erythrolamprus typhlus</i>	cobra	X						
		<i>Gomesophis brasiliensis</i>	cobra-do-lodo	X	X		X	X		
		<i>Helicops angulatus</i>	falsa-coral	X	X		X	X		
		<i>Helicops carinicaudus</i>	cobra-da-água				X	X		
		<i>Helicops gomesi</i>	cobra-d'água				X			
		<i>Helicops hagmanni</i>	cobra-d'água				X			
		<i>Helicops infrataeniatus</i>	cobra-d'água	X						
		<i>Helicops leopardinus</i>	piraguara		X		X	X		
		<i>Helicops modestus</i>	cobra-d'água	X	X		X			
		<i>Helicops polylepis</i>	cobra-d'água				X	X		
		<i>Hydrodynastes bicinctus</i>	cobra	X						
		<i>Hydrodynastes gigas</i>	surucucu-do-pantanal	X	X		X			
<i>Hydrops triangularis</i>	cobra-d'água	X	X							
<i>Imantodes cenchoa</i>	dormideira	X								
<i>Imantodes lentiferus</i>	cobra	X								

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Serpentes (cont.)	Dipsadidae (cont.)	<i>Leptodeira annulata</i>	serpente-olho-de-gato-anelada		X		X	X		
		<i>Liophis cf. flavifrenatus</i>	jararaca-listrada				X			
		<i>Liophis dilepis</i>	cobra				X			
		<i>Liophis lineatus</i>	cobra	X	X					
		<i>Liophis meridionalis</i>	jararaca-listrada	X	X		X	X		
		<i>Liophis paucidens</i>	cobra	X	X		X	X		
		<i>Mussurana quimi</i>	cobra		X		X			
		<i>Ninia hudsoni</i>	cobra		X		X	X		
		<i>Oxyrhopus clathratus</i>	falsa-coral				X			
		<i>Oxyrhopus formosus</i>	falsa-coral				X	X		
		<i>Oxyrhopus guibei</i>	falsa-coral				X	X		
		<i>Oxyrhopus melanogenys</i>	falsa-coral				X	X		
		<i>Oxyrhopus petola</i>	falsa-coral				X	X		
		<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	falsa-coral				X	X		
		<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	falsa-coral			X		X		
		<i>Phalotris concolor</i>	falsa-coral					X	X	
		<i>Phalotris lativittatus</i>	falsa-coral					X	X	
		<i>Phalotris matogrossensis</i>	falsa-coral			X				
		<i>Phalotris mertensi</i>	falsa-coral					X	X	
		<i>Phalotris multipunctatus</i>	cobra					X	X	
		<i>Phalotris nasutus</i>	fura-terra-nariguda					X	X	
		<i>Phalotris tricolor</i>	falsa-coral	X	X		X	X		
		<i>Philodryas aestiva</i>	cobra-verde	X	X		X	X		
		<i>Philodryas agassizi</i>	cobra				X			
		<i>Philodryas argentea</i>	cobra	X	X		X			
		<i>Philodryas boulengeri</i>	cobra	X	X		X	X		
<i>Philodryas livida</i>	cobra-cipó-do-campo	X								
<i>Philodryas matogrossensis</i>	cobra-do-papo-amarelo	X								
<i>Philodryas nattereri</i>	cobra-verde				X	X				

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Serpentes (cont.)	Dipsadidae (cont.)	<i>Philodryas olfersii</i>	cobra-verde				X			
		<i>Philodryas patagoniensis</i>	parelheira				X	X		
		<i>Philodryas psammophidea</i>	cobra	X	X		X			
		<i>Philodryas viridissima</i>	cobra-verde	X	X		X			
		<i>Phimophis guerini</i>	cobra		X		X			
		<i>Pseudoboa coronata</i>	cobra				X	X		
		<i>Pseudoboa haasi</i>	cobra				X	X		
		<i>Pseudoboa neuwiedii</i>	cobra	X						
		<i>Pseudoboa nigra</i>	mussurana				X	X		
		<i>Pseudoeryx plicatilis</i>	cobra-d'água			X	X	X		
		<i>Psomophis genimaculatus</i>	cobra-cabelo			X	X			
		<i>Psomophis jobertii</i>	cobra-da-areia			X	X	X		
		<i>Rhachidelus brazili</i>	mussurana	X						
		<i>Sibynomorphus mikanii</i>	dormideira	X	X					
		<i>Sibynomorphus turgidus</i>	dormideira	X	X		X			
		<i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i>	dormideira			X				
		<i>Siphlophis cervinus</i>	dorme-dorme	X	X		X	X		
		<i>Siphlophis compressus</i>	cobra-cipó			X	X	X	X	
		<i>Siphlophis worontzowi</i>	cobra-cipó	X	X		X	X		
		<i>Sordellina punctata</i>	cobra-d'água					X		
		<i>Taeniophallus brevirostris</i>	cobra			X	X	X	X	
		<i>Taeniophallus occipitalis</i>	cobra-cipó-de-chão	X	X		X	X		
		<i>Thamnodynastes chaquensis</i>	falsa-jararaca					X	X	
		<i>Thamnodynastes hypoconia</i>	corredeira					X	X	
		<i>Thamnodynastes rutilus</i>	cobra			X				
		<i>Thamnodynastes strigatus</i>	jararaquinha					X		
<i>Tomodon dorsatus</i>	cobra-espada					X				
<i>Xenodon dorbignyi</i>	cobra			X		X				
<i>Xenodon histricus</i>	cobra					X	X			

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Serpentes (cont.)	Dipsadidae (cont.)	<i>Xenodon matogrossensis</i>	cobra				X	X		
		<i>Xenodon merremii</i>	cobra	X	X					
		<i>Xenodon nattereri</i>	cobra	X	X		X			
		<i>Xenodon rabdocephalus</i>	falsa-jararaca	X						
		<i>Xenodon severus</i>	jacanarana		X		X	X		
		<i>Xenopholis scalaris</i>	cobra	X						
		<i>Xenopholis undulatus</i>	cobra	X						
	Elapidae	<i>Micrurus albicinctus</i>	coral-verdadeira	X						
		<i>Micrurus corallinus</i>	coral-verdadeira				X	X		
		<i>Micrurus frontalis</i>	coral-verdadeira		X		X	X		
		<i>Micrurus henrichii</i>	coral-verdadeira	X						
		<i>Micrurus lemniscatus</i>	coral-verdadeira	X	X		X	X		
		<i>Micrurus ornatissimus</i>	coral-verdadeira	X						
		<i>Micrurus pyrrhocryptus</i>	coral-verdadeira		X					
		<i>Micrurus spixii</i>	coral-verdadeira	X	X					
		<i>Micrurus surinamensis</i>	coral-verdadeira	X	X		X			
		<i>Micrurus tricolor</i>	coral-verdadeira		X					
	Leptotyphlopidae	<i>Leptotyphlops albifrons</i>	cobra-cega		X					
		<i>Leptotyphlops koppesi</i>	cobra-cega				X	X		
		<i>Leptotyphlops macrolepis</i>	cobra-cega	X						
		<i>Leptotyphlops munoai</i>	cobra-cega				X			
		<i>Leptotyphlops septemstriatus</i>	cobra-cega	X						
	Typhlopidae	<i>Typhlops brongersmianus</i>	cobra-cega		X		X	X		
		<i>Typhlops reticulatus</i>	cobra-cega	X	X					
	Viperidae	<i>Bothrops bilineatus</i>	jararaca-verde				X	X		
		<i>Bothrops taeniatus</i>	jararaca	X	X					
		<i>Bothrops alternatus</i>	urutu	X						
<i>Bothrops atrox</i>		jararaca				X	X			
<i>Bothrops brazili</i>		jararaca-vermelha	X							

Grupo	Família	Espécie	Nome Vulgar	Am	Am-Ce	Pa	Ce	Ce-MA	IUCN	IBAMA
Serpentes (cont.)	Viperidae (cont.)	<i>Bothrops cotiara</i>	cotiara				X	X		
		<i>Bothrops hyoprora</i>	jararaca		X					
		<i>Bothrops itapetiningae</i>	jararaca		X		X	X		
		<i>Bothrops jararacussu</i>	jararacuçu		X		X	X		
		<i>Bothrops mattogrossensis</i>	jararaca		X		X	X		
		<i>Bothrops moojeni</i>	jararacão				X	X		
		<i>Bothrops neuwiedi</i>	jararaca-rabo-de-osso	X						
		<i>Bothrops pauloensis</i>	jararaca	X						
		<i>Crotalus durissus</i>	cascavel		X			X	X	
		<i>Lachesis muta</i>	surucucu	X	X		X			
Crocodylia	Alligatoridae	<i>Caiman crocodilus</i>	jacaretinga	X	X		X		LR	
		<i>Caiman latirostris</i>	jacaré-de-papo-amarelo			X	X		LR	
		<i>Caiman yacare</i>	jacaré-do-pantanal	X	X	X	X	X	LR	
		<i>Melanosuchus niger</i>	jacaré-açu	X	X	X	X		LR	
		<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	jacaré-anão	X	X	X	X	X	LR	
		<i>Paleosuchus trigonatus</i>	jacaré-coroa	X	X		X		LR	
Testudines	Chelidae	<i>Acanthochelys macrocephala</i>	tartaruga-do-pantanal			X	X		LR	
		<i>Chelus fimbriatus</i>	mata-mata	X	X		X		LR	
		<i>Hydromedusa tectifera</i>	cágado-de-pescoço-comprido			X	X			
		<i>Mesoclemmys cf. vanderhaegei</i>	cágado-vanderhaege		X					
		<i>Mesoclemmys gibba</i>	cágado	X	X	X	X	X		
		<i>Mesoclemmys vanderhaegei</i>	cágado-vanderhaege			X	X			
		<i>Phrynops geoffroanus</i>	cágado-de-barbicha	X	X		X	X		
		<i>Platemys platycephala</i>	jabuti-machado	X	X		X			
	Kinosternidae	<i>Kinosternon scorpioides</i>	muçua		X	X	X			
	Pelumedusidae	<i>Podocnemis expansa</i>	tartaruga-do-amazonas	X	X		X		LR	
		<i>Podocnemis unifilis</i>	tracajá	X	X		X		VU	
	Testudinidae	<i>Chelonoidis carbonaria</i>	jabuti-piranga	X	X	X	X			

Legenda: Vu – Vulnerável; LC – Least Concerned; DD – data deficient, LR –lower risk (1994).

ANEXO 3.6.4.4.1-4

**ESPÉCIES DE BORBOLETAS DE OCORRÊNCIA NA
ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DA LT**

Espécies de borboletas frugívoras (Nymphalidae) com ocorrência na Área de Influência Indireta da LT 600 Coletora Porto Velho

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Biblidinae	<i>Antigonis pharsalia</i>				X	
	<i>Asterope batesii</i>	X				
	<i>Asterope markii</i>		X		X	
	<i>Baeotus aeilus</i>	X	X		X	
	<i>Baeotus deucalion</i>	X	X		X	
	<i>Baeotus japetus</i>	X	X		X	
	<i>Batesia hypochlora</i>		X		X	
	<i>Biblis hyperia</i>					LA, PF, RC, SR
	<i>Callicore astarte</i>	X	X	X	X	LA, PF, SR
	<i>Callicore cynosura</i>	X	X		X	
	<i>Callicore eunomia</i>		X		X	
	<i>Callicore excelsior</i>	X				
	<i>Callicore hesperis</i>	X	X		X	
	<i>Callicore hydaspes</i>			X		LA, PF
	<i>Callicore hystaspes</i>	X	X		X	
	<i>Callicore pygas</i>	X	X		X	LA
	<i>Callicore sorana</i>	X				LA, PF, SR
	<i>Callicore texa</i>	X	X		X	
	<i>Catacore kolyma</i>	X	X		X	
	<i>Catonephele acontius</i>	X	X		X	LA, RC
<i>Catonephele antinoe</i>	X	X		X		
<i>Catonephele numilia</i>	X	X		X	LA, PF	
<i>Catonephele salacia</i>		X		X		

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Biblidinae (cont.)	<i>Cybdelis phaesyala</i>			X		
	<i>Diaethria candrena</i>	X				RC, SR
	<i>Diaethria clymena</i>	X	X	X	X	LA, PF, RC
	<i>Ectima iona</i>	X	X		X	
	<i>Ectima thecla</i>	X	X		X	PF, RC
	<i>Eunica alpais</i>	X	X		X	
	<i>Eunica amelia</i>		X		X	
	<i>Eunica anna</i>		X		X	
	<i>Eunica bechina</i>	X	X		X	LA, SR
	<i>Eunica caelina</i>		X		X	
	<i>Eunica concordia</i>	X	X		X	
	<i>Eunica eurota</i>	X	X		X	
	<i>Eunica ingens</i>	X	X		X	
	<i>Eunica interphasis</i>		X			
	<i>Eunica maja</i>					LA, PF, SR
	<i>Eunica malvina</i>	X	X		X	LA
	<i>Eunica margarita</i>					LA, PF, RC
	<i>Eunica marsolia</i>		X		X	
	<i>Eunica monima</i>		X		X	
	<i>Eunica mygdonia</i>	X	X		X	
	<i>Eunica orphise</i>	X	X		X	
	<i>Eunica pusilla</i>	X	X		X	
	<i>Eunica sophonisba</i>		X		X	
	<i>Eunica sydonia</i>	X	X		X	
<i>Eunica tatila</i>		X		X	LA, PF, SR	
<i>Eunica veronica</i>		X		X		
<i>Eunica viola</i>	X	X		X		

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Biblidinae (cont.)	<i>Eunica volumna</i>		X		X	
	<i>Haematera pyrame</i>		X		X	LA, PF, SR
	<i>Hamadryas amphinome</i>	X	X		X	LA, PF, RC, SR
	<i>Hamadryas arete</i>					LA, PF, RC, SR
	<i>Hamadryas arinome</i>	X	X		X	
	<i>Hamadryas belladonna</i>	X				
	<i>Hamadryas chloe</i>	X	X		X	LA, PF
	<i>Hamadryas epinome</i>					LA, PF, RC, SR
	<i>Hamadryas februa</i>	X	X		X	LA, PF, SR
	<i>Hamadryas feronia</i>	X	X		X	LA, PF, RC, SR
	<i>Hamadryas iphthime</i>	X	X		X	
	<i>Hamadryas laodamia</i>	X	X		X	
	<i>Hamadryas velutina</i>	X	X		X	
	<i>Myscelia capenas</i>		X		X	
	<i>Myscelia orsis</i>					PF, RC
	<i>Nessaea hewitsonii</i>		X		X	
	<i>Nessaea obrinus</i>	X	X		X	
	<i>Nica flavilla</i>	X	X		X	LA, PF, SR
	<i>Panacea procilla</i>		X		X	
	<i>Panacea prola</i>		X		X	
	<i>Paulogramma pyracmon</i>	X	X		X	SR
	<i>Peria lamis</i>	X	X		X	
	<i>Pyrrhogyra amphiro</i>	X	X		X	
	<i>Pyrrhogyra crameri</i>	X	X		X	
	<i>Pyrrhogyra edocla</i>		X		X	
	<i>Pyrrhogyra neaerea</i>		X		X	LA, PF
<i>Pyrrhogyra otolais</i>		X		X		

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Biblidinae (cont.)	<i>Pyrrhogyra stratonicus</i>		X		X	
	<i>Temenis huebneri</i>			X		
	<i>Temenis laothoe</i>	X	X		X	LA, PF, RC, SR
	<i>Temenis pulchra</i>	X	X		X	
Brassolinae	<i>Aponarope sutor</i>	X	X		X	
	<i>Bia actorion</i>	X	X		X	
	<i>Blepolenis batea</i>			X		SR
	<i>Brassolis sophorae</i>		X		X	
	<i>Caligo arisbe</i>			X		
	<i>Caligo eurilochus</i>	X	X		X	
	<i>Caligo idomeneus</i>	X	X		X	
	<i>Caligo illioneus</i>	X	X		X	LA, PF, SR
	<i>Caligo teucer</i>	X	X		X	
	<i>Caligopsis seleucida</i>	X				
	<i>Catoblepia amphirhoe</i>			X		
	<i>Catoblepia berecynthia</i>	X	X		X	
	<i>Catoblepia soranus</i>	X	X		X	
	<i>Catoblepia xanthicles</i>		X		X	
	<i>Dynastor darius</i>					LA
	<i>Eryphanis automedon</i>	X	X		X	
	<i>Eryphanis reevesi</i>					LA
	<i>Narope cyllabarus</i>		X		X	
	<i>Narope cyllastros</i>		X		X	
	<i>Narope denticulatus</i>	X				
<i>Opoptera aorsa</i>	X					
<i>Opoptera sulcius</i>			X			
<i>Opsiphanes cassiae</i>	X	X		X		

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Brassolinae (cont.)	<i>Opsiphanes cassina</i>		X		X	
	<i>Opsiphanes invirae</i>	X	X		X	LA
	<i>Opsiphanes quiteria</i>	X	X	X	X	
	<i>Selenophanes cassiope</i>	X	X	X	X	
Charaxinae	<i>Agrias amydon</i>	X	X		X	
	<i>Agrias claudina</i>	X	X	X	X	SR
	<i>Archaeoprepona amphimachus</i>	X	X		X	LA, PF, SR
	<i>Archaeoprepona chalciope</i>			X		
	<i>Archaeoprepona demophon</i>	X	X		X	LA, PF, RC, SR
	<i>Archaeoprepona demophon</i>	X	X		X	PF, SR
	<i>Archaeoprepona licomedes</i>	X	X		X	
	<i>Archaeoprepona meander</i>	X	X		X	
	<i>Consul fabius</i>	X	X		X	
	<i>Fountainea glycerium</i>					LA
	<i>Fountainea halice</i>		X		X	
	<i>Fountainea ryphea</i>	X	X	X	X	LA, PF, RC, SR
	<i>Hypna clytemnestra</i>	X	X		X	LA, PF
	<i>Memphis acidalia</i>					LA, PF, RC, SR
	<i>Memphis anna</i>		X		X	
	<i>Memphis appias</i>					LA, PF
	<i>Memphis arginussa</i>					LA, PF
	<i>Memphis basilia</i>		X		X	
	<i>Memphis glauce</i>	X	X		X	
	<i>Memphis leonida</i>	X	X		X	
<i>Memphis moruus</i>	X	X		X		
<i>Memphis oenomais</i>	X	X		X		
<i>Memphis offa</i>		X		X		

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Charaxinae (cont.)	<i>Memphis phantes</i>		X		X	
	<i>Memphis philumena</i>	X	X		X	
	<i>Memphis polycarnes</i>	X	X		X	
	<i>Memphis polyxo</i>	X	X	X	X	
	<i>Memphis xenocles</i>		X	X	X	
	<i>Polygrapha xenocrates</i>	X	X		X	
	<i>Prepona dexamenus</i>	X	X		X	
	<i>Prepona laertes</i>	X	X		X	LA, SR
	<i>Prepona pheridamas</i>	X	X		X	
	<i>Prepona pylene</i>	X	X		X	
	<i>Siderone galanthis</i>	X	X		X	
	<i>Zaretis isidora</i>		X		X	
	<i>Zaretis itys</i>	X	X		X	LA, PF, SR
Morphinae (cont.)	<i>Antirreha philoctetes</i>	X	X		X	
	<i>Antirreha taygetina</i>	X	X		X	
	<i>Antirreha watkinsi</i>	X				
	<i>Caerois chorinaeus</i>	X	X		X	
	<i>Morpho achilles</i>	X	X		X	
	<i>Morpho aega</i>	X		X		
	<i>Morphoanaxibia</i>					PF
	<i>Morpho cisseis</i>	X	X		X	
	<i>Morpho deidamia</i>	X	X		X	
	<i>Morpho epistrophus</i>			X		
	<i>Morpho helenor</i>	X	X	X	X	LA, PF, RC, SR
	<i>Morpho marcus</i>		X		X	
	<i>Morpho menelaus</i>	X	X		X	LA, PF
<i>Morpho portis</i>	X		X			

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Morphinae	<i>Morpho rhetenor</i>	X	X		X	
	<i>Morpho telemachus</i>	X	X		X	
	<i>Morpho zephyritis</i>	X				
Nymphalinae	<i>Colobura annulata</i>	X				
	<i>Colobura dirce</i>	X	X		X	LA, PF, RC
	<i>Historis acheronta</i>		X		X	
	<i>Historis odius</i>	X	X		X	LA, PF
	<i>Smyrna blomfieldia</i>	X				LA, PF, SR
	<i>Tigridia acesa</i>	X	X		X	
Satyrinae	<i>Amphidecta calliomma</i>	X	X		X	
	<i>Amphidecta reynoldsi</i>	X		X		
	<i>Caeruleptychia aegrota</i>	X				
	<i>Caeruleptychia brixius</i>	X	X		X	
	<i>Caeruleptychia caerulea</i>	X				
	<i>Caeruleptychia coelestis</i>		X		X	
	<i>Caeruleptychia cyanites</i>	X	X		X	
	<i>Caeruleptychia helios</i>		X		X	
	<i>Caeruleptychia lobelia</i>		X		X	
	<i>Caeruleptychia pilata</i>		X		X	
	<i>Caeruleptychia tenera</i>	X	X		X	
	<i>Caeruleptychia umbrosa</i>		X		X	
	<i>Cepheptychia cephus</i>		X		X	
	<i>Chloreptychia amaca</i>	X	X		X	
	<i>Chloreptychia callichloris</i>				X	
	<i>Chloreptychia chlorimene</i>	X	X		X	
<i>Chloreptychia herseis</i>	X	X		X		
<i>Chloreptychia hewitsonii</i>	X	X		X		

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Satyrinae (cont.)	<i>Chloreuptychia marica</i>	X				
	<i>Chloreuptychia tolumnia</i>		X		X	
	<i>Cissia confusa</i>	X	X		X	
	<i>Cissia myncea</i>	X	X		X	
	<i>Cissia pallidia</i>		X		X	
	<i>Cissia penelope</i>	X	X		X	LA
	<i>Cissia terrestris</i>	X	X		X	
	<i>Cithaerias andromeda</i>	X				
	<i>Cithaerias pireta</i>		X		X	
	<i>Erichthodes antonina</i>	X	X		X	
	<i>Eteona tisiphone</i>			X		
	<i>Euptychia enyo</i>		X		X	
	<i>Euptychia insignis</i>				X	
	<i>Euptychia jesia</i>		X		X	
	<i>Euptychia meta</i>	X	X		X	
	<i>Euptychia mollina</i>	X			X	
	<i>Euptychia picea</i>		X		X	
	<i>Euptychia rufocincta</i>			X	X	
	<i>Euptychia sp (4)</i>			X	X	
	<i>Euptychia westwoodi</i>	X				
	<i>Euptychoides castrensis</i>					LA
	<i>Forsterinaria quantius</i>					LA
	<i>Haetera piera</i>	X	X		X	
	<i>Harjesia blanda</i>	X	X		X	
	<i>Harjesia griseola</i>	X	X			
<i>Harjesia obscura</i>	X	X		X		
<i>Hermeuptychia hermes</i>	X	X		X	LA, PF, RC, SR	

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Satyrinae (cont.)	<i>Hermeuptychia sp.</i>					LA, SR
	<i>Magneuptychia alcinoe</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia analis</i>	X	X	X	X	
	<i>Magneuptychia fugitiva</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia gera</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia harpyia</i>	X	X		X	
	<i>Magneuptychia iris</i>	X	X		X	
	<i>Magneuptychia lea</i>	X	X		X	
	<i>Magneuptychia libye</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia mimas</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia ocnus</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia ocypete</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia pallega</i>		X		X	
	<i>Magneuptychia segesta</i>	X	X		X	
	<i>Magneuptychia tricolor</i>	X	X		X	
	<i>Megeuptychia antonoe</i>		X		X	
	<i>Moneuptychia umuarama</i>			X		
	<i>Pareuptychia binocula</i>		X		X	
	<i>Pareuptychia hesionides</i>	X	X		X	
	<i>Pareuptychia ocirrhoe</i>	X	X		X	LA, PF, RC, SR
	<i>Pareuptychia summandosa</i>					PF
	<i>Paryphthimoides phronius</i>				X	LA, PF, RC, SR
	<i>Paryphthimoides poltys</i>	X				LA, PF, SR
	<i>Paryphthimoides undulata</i>				X	
	<i>Pharneuptychia innocentia</i>					SR
	<i>Pharneuptychia phares</i>					SR
	<i>Pharneuptychia pharmaces</i>					SR

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Satyrinae (cont.)	<i>Pierella astyoche</i>	X	X		X	
	<i>Pierella hortonae</i>	X				
	<i>Pierella hyalinus</i>	X	X		X	
	<i>Pierella lamia</i>	X	X		X	
	<i>Pierella lena</i>	X	X		X	
	<i>Posttaygetis penelea</i>	X	X		X	
	<i>Praefaunula liturata</i>	X				
	<i>Pseudodebis valentina</i>	X	X		X	
	<i>Rareuptychia clio</i>		X		X	
	<i>Splendeuptychia ashna</i>	X				
	<i>Splendeuptychia doxes</i>					LA
	<i>Splendeuptychia itonis</i>	X				
	<i>Splendeuptychia libitina</i>		X		X	
	<i>Splendeuptychia quadrina</i>	X	X		X	
	<i>Splendeuptychia salvina</i>	X	X		X	
	<i>Taydebis peculiaris</i>			X		
	<i>Taygetis angulosa</i>	X	X		X	
	<i>Taygetis cleopatra</i>	X	X		X	
	<i>Taygetis echo</i>	X	X		X	
	<i>Taygetis kerea</i>				X	LA
	<i>Taygetis laches</i>		X	X	X	LA, PF, SR
	<i>Taygetis larua</i>	X				
	<i>Taygetis leuctra</i>	X	X		X	
	<i>Taygetis mermeria</i>	X	X		X	
<i>Taygetis rufomarginata</i>					LA	
<i>Taygetis sosis</i>	X	X		X		
<i>Taygetis thamyra</i>	X	X		X		

Subfamília	Espécie	Escala Regional (Savela 2008)			Inventários Locais	
		Mato Grosso	Rondônia	São Paulo	Cacaulândia, RO (Emmel & Austin 1991, Garwood & Lehman 2007)	São Paulo (SinBiota)*
Satyrinae	<i>Taygetis virgilia</i>	X	X		X	PF
	<i>Taygetomorpha celia</i>		X		X	
	<i>Ypthimoides ca. urbana</i>					SR
	<i>Ypthimoides celmis</i>		X		X	SR
	<i>Ypthimoides disaffecta</i>					RC
	<i>Ypthimoides maepius</i>		X		X	LA, SR
	<i>Ypthimoides manasses</i>					SR
	<i>Ypthimoides pacta</i>	X				
	<i>Ypthimoides renata</i>		X		X	LA, PF, SR
<i>Zischkaia saundersi</i>					PF	

* <http://sinbiota.cria.org.br/>

Referências

EMMEL, T.C., AUSTIN, G.T. The tropical rain forest butterfly fauna of Rondônia, Brazil: species diversity and conservation. Trop. Lepid. 1: 1-12, 1990.

GARWOOD, K.M.; LEHMAN, R., CARTER W., CARTER, G. Butterflies of Southern Amazonia. Neotropical Butterflies, Mission, Texas, 2007.

SAVELA, M. 2008. Lepidoptera and some other life forms. Disponível em: <http://ftp.funet.fi/pub/sci/bio/life/intro.html>

ANEXO 3.6.4.4.1-5

ESPÉCIES DE ICTIOFAUNA DE OCORRÊNCIA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DA LT

Dados secundários das espécies de peixes registradas nas drenagens do rio Tapajós e bacia Amazônica (BH01), bacia hidrográfica do Rio das Mortes (BH02), bacia hidrográfica do Alto rio Paraná (BH03), espécies de peixes da serra da Mesa – Alto Tocantins, GO (BH04), na bacia do rio Araguaia (BH05) e na bacia hidrográfica do rio Guaporé (BH06).

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Ordem Atheriniformes							
Família Atherinopsidae							
Subfamília Atheriopsinae	<i>Odonthestes bonariensis</i> (Valenciennes, 1835)			x			
Ordem Batrachoidiformes							
Família Batrachoididae	<i>Potamobatrachus trispinosus</i> (Collette, 1995)					x	
Ordem Beloniformes							
Família Belonidae	<i>Potamorrhaphis guianensis</i> (Jardine, 1843)						x
	<i>Pseudotyloturus</i> sp					x	
	<i>Strongylura</i> sp						x
Ordem Characiformes							
Família Acestrorhynchidae	<i>Acestrorhynchus altus</i> (Menezes, 1969)						X
	<i>Acestrorhynchus falcatus</i> (Bloch, 1574)	x					x
	<i>Acestrorhynchus</i> aff. <i>falcatus</i> (Bloch, 1574)						x
	<i>Acestrorhynchus falcirostris</i> (Cuvier, 1819)		x			x	
	<i>Acestrorhynchus isalineae</i> (Menezes & Gery, 1983)	x					
	<i>Acestrorhynchus lacustris</i> (Lütken, 1875)			x			x
	<i>Acestrorhynchus microlepis</i> (Schomburgki, 1841)		x			x	
	<i>Acestrorhynchus</i> cf. <i>microlepis</i> (Schomburgki, 1841)	x					x
	<i>Acestrocephalus stigmatus</i> (Menezes, 2006)						x
Família Anostomidae	<i>Abramites hypselonotus</i> (Günther, 1868)						x
	<i>Anostomoides laticeps</i> (Eigmann, 1912)		x			x	
	<i>Anostomus ternetzi</i> (Fernández-Yépez, 1949)					x	
	<i>Laemolyta fernandesi</i> (Myers, 1950)		x			x	
	<i>Laemolyta taeniata</i> (Kner, 1858)					x	
	<i>Leporellus vittatus</i> (Valenciennes, 1850)			x	x		

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Leporinus affinis</i> (Günther, 1864)	x	x			x	
<i>Leporinus agassizi</i> (Steindachner, 1876)					x	
<i>Leporinus aguapeiensis</i> (Campos, 1945)			x			
<i>Leporinus amblyrhynchus</i> (Garavello & Britski, 1987)			x			
<i>Leporinus elongatus</i> (Valenciennes, 1850)			x			
<i>Leporinus fasciatus</i> (Bloch, 1794)	x					
<i>Leporinus friderici</i> (Bloch, 1794)		x	x		x	x
<i>Leporinus</i> cf. <i>friderici</i> (Bloch, 1794)	x	x				
<i>Leporinus lacustris</i> (Campos, 1945)			x			
<i>Leporinus macrocephalus</i> (Garavello & Britski, 1988)			x			
<i>Leporinus microphthalmus</i> (Garavello, 1989)			x			
<i>Leporinus obtusidens</i> (Valenciennes, 1836)			x			
<i>Leporinus octofasciatus</i> (Steindachner, 1915)			x			
<i>Leporinus paranensis</i> (Garavello & Britski, 1987)			x			
<i>Leporinus pearsoni</i> (Fowler, 1940)						x
<i>Leporinus striatus</i> (Kner, 1859)			x			x
<i>Leporinus</i> cf. <i>taeniofasciatus</i> (Britski, 1997)	x					
<i>Leporinus tigrinus</i> (Borodin, 1929)			x			
<i>Leporinus trifasciatus</i> (Steindachner, 1876)		x			x	x
<i>Leporinus unitaeniatus</i> (Garavello & Santos, 2009)					x	
<i>Leporinus vanzoi</i> (Britski & Garavello, 2006)	x					
<i>Leporinus venerei</i> (Britski & Birindelli, 2008)					x	
<i>Leporinus</i> sp1				x	x	
<i>Leporinus</i> sp2					x	
<i>Rhytiodus argenteofuscus</i> (Kner, 1858)						x
<i>Rhytiodus microlepis</i> (Kner, 1858)						x
<i>Rhytiodus</i> sp						x

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Anostomidae (cont.)	<i>Schizodon altoparanae</i> (Garavello & Britski, 1990)			x			
	<i>Schizodon borellii</i> (Boulenger, 1900)			x			
	<i>Schizodon fasciatum</i> (Spix & Agassiz, 1829)						x
	<i>Schizodon intermedius</i> (Garavello & Britski, 1990)			x			
	<i>Schizodon nasutus</i> (Kner, 1858)			x			
	<i>Schizodon cf. vittatus</i> (Valenciennes, 1850)	x					
	<i>Schizodon vittatus</i> (Valenciennes, 1850)		x				x
Família Characidae							
Subfamília Agoniatinae	<i>Agoniates halecinus</i> (Muller & Troschel, 1845)		x			x	
Subfamília Incertae sedis	<i>Aphiodite</i> sp						x
	<i>Astyanacinus multidentis</i> (Eigenmann, 1908)						x
	<i>Astyanax abramis</i> (Jenyns, 1842)						x
	<i>Astyanax altiparanae</i> (Garutti & Britski, 2000)			x			
	<i>Astyanax argyrimarginatus</i> (Garutti, 1999)	x					
	<i>Astyanax biotae</i> (Castro & Vari, 2004)			x			
	<i>Astyanax bimaculatus</i> (Linnaeus, 1758)						x
	<i>Astyanax aff. bimaculatus</i> (Linnaeus, 1758)					x	
	<i>Astyanax gr. bimaculatus</i> (Linnaeus, 1758)				x		
	<i>Astyanax eigenmanniorum</i> (Cope, 1894)			x			
	<i>Astyanax fasciatus</i> (Cuvier, 1819)			x			x
	<i>Astyanax goyacensis</i> (Eigenmann, 1908)			x			
	<i>Astyanax lineatus</i> (Perugia, 1891)						x
	<i>Astyanax maculisquamis</i> (Garutti & Britski, 1997)	x					
	<i>Astyanax mucronatus</i> (Eigenmann, 1909)						x
	<i>Astyanax paranae</i> (Eigenmann, 1914)			x			
	<i>Astyanax paranahybae</i> (Eigenmann, 1911)			x			
	<i>Astyanax schubarti</i> (Britski, 1964)			x			
<i>Astyanax cf. schubarti</i> (Britski, 1964)			x				

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Astyanax trierythropterus</i> (Godoy, 1970)			x			
<i>Astyanax xavante</i> (Garutti & Venere, 2009)					x	
<i>Astyanax</i> sp				x		x
<i>Bryconamericus exodon</i> (Eigenmann, 1907)			x			
<i>Bryconamericus iheringii</i> (Boulenger, 1887)			x			
<i>Bryconamericanus cf. peruanus</i> (Muller & Troschel, 1845)						X
<i>Bryconamericus stramineus</i> (Eigenmann, 1908)			x			
<i>Bryconamericus turiuba</i> (Langeani <i>et al</i> , 2005)			x			
<i>Bryconexodon juruena</i> (Gery, 1980)	x					
<i>Bryconops alburnoides</i> (Kner, 1858)		x			x	
<i>Bryconops gracilis</i> (Eigenmann, 1908)	x					
<i>Bryconops</i> sp						x
<i>Bryconamericus</i> sp				x	x	
<i>Chalceus epakros</i> (Zanata & Toledo-Piza, 2004)		x			x	
<i>Chalceus</i> sp						x
<i>Coptobrycon bilineatus</i> (Ellis, 1911)			x			
<i>Creagrutus beni</i> (Eigenmann, 1911)						x
<i>Creagrutus figueiredoi</i> (Vari & Harold, 2001)					x	
<i>Creagrutus molinus</i> (Vari & Harold, 2001)					x	
<i>Creagrutus seductus</i> (Vari & Harold, 2001)					x	
<i>Creagrutus varii</i> (Ribeiro; Benine & Figueiredo, 2004)			x			
<i>Creagrutus</i> sp				x	x	
<i>Ctenobrycon spilurus</i> (Valenciennes, 1850)						
<i>Deuterodon</i> sp					x	
<i>Exodon paradoxus</i> (Muller & Troschel, 1844)					x	
<i>Gymnocorymbus ternetzi</i> (Boulenger, 1895)			x			x
<i>Gymnocorymbus thayeri</i> (Boulenger, 1895)						x
<i>Hasemanianus crenuchoides</i> (Zarske & Géry, 1999)			x			

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Hasemanian hansenii</i> (Fowler, 1949)			x			
<i>Hemibrycon</i> sp						x
<i>Hemigrammus lunatus</i> (Durbin, 1918)						x
<i>Hemigrammus marginatus</i> (Ellis, 1911)			x			
<i>Hemigrammus unilineatus</i> (Gill, 1858)						x
<i>Hemigrammus</i> sp	x				x	x
<i>Hollandichthys multifasciatus</i> (Eigenmann & Norris, 1900)			x			
<i>Hyphessobrycon amandae</i> (Géry & Uj, 1987)					x	
<i>Hyphessobrycon anisitsi</i> (Eigenmann, 1907)			x			
<i>Hyphessobrycon balbus</i> (Myers, 1927)			x			
<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i> (Ellis, 1911)			x			
<i>Hyphessobrycon</i> aff. <i>cachimbensis</i> (Travassos, 1964)	x					
<i>Hyphessobrycon callistus</i> (Steindachner, 1882)						x
<i>Hyphessobrycon coelestinus</i> (Myers, 1929)			x			
<i>Hyphessobrycon duragenys</i> (Ellis, 1911)			x			
<i>Hyphessobrycon eilyos</i> (Lima & Moreira, 2003)					x	
<i>Hyphessobrycon eques</i> (Steindachner, 1882)			x			
<i>Hyphessobrycon flammeus</i> (Myers, 1924)			x			
<i>Hyphessobrycon haraldschultzi</i> (Travassos, 1960)					x	
<i>Hyphessobrycon heliacus</i> (Moreira, Landim & Costa, 2002)	x					
<i>Hyphessobrycon langeanii</i> (Lima & Moreira, 2003)					x	
<i>Hyphessobrycon melanopleurus</i> (Ellis, 1911)			x			
<i>Hyphessobrycon moniliger</i> (Moreira, Lima & Costa, 2002)					x	
<i>Hyphessobrycon reticulatus</i> (Ellis, 1911)			x			
<i>Hyphessobrycon serape</i> (Steindachner, 1882)						x
<i>Hyphessobrycon weitzmanorum</i> (Lima & Moreira, 2003)					x	
<i>Hyphessobrycon</i> sp	x				x	x
<i>Jupiaba apenina</i> (Zanata, 1997)	x					

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Jupiaba polylepis</i> (Günther, 1864)	x				x	
<i>Knodus cf. breviceps</i> (Eigenmann, 1908)						X
<i>Knodus cf. moenkhausii</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)						x
<i>Knodus moenkhausii</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)			x			
<i>Knodus</i> sp				x		x
<i>Markiana nigripinnis</i> (Perugia, 1891)						x
<i>Megalampodus</i> sp						x
<i>Moenkhausia dichroua</i> (Kner, 1858)					x	x
<i>Moenkhausia intermedia</i> (Eigenmann, 1908)			x			
<i>Moenkhausia cf. intermedia</i> (Eigenmann, 1908)					x	
<i>Moenkhausia jamesi</i> (Eigenmann, 1908)						x
<i>Moenkhausia lepidura</i> (Kner, 1858)	x					
<i>Moenkhausia loweae</i> (Géry, 1992)					x	
<i>Moenkhausia oligolepis</i> (Günther, 1864)	x					x
<i>Moenkhausia pyrophthalma</i> (Costa, 1994)					x	
<i>Moenkhausia sanctaefilomenae</i> (Steindachner, 1907)			x			x
<i>Moenkhausia</i> sp1				x	x	x
<i>Moenkhausia</i> sp2					x	
<i>Oligosarcus paranensis</i> (Menezes & Géry, 1983)			x			
<i>Oligosarcus pinto</i> (Campos, 1945)			x			
<i>Oligosarcus planaltinae</i> (Menezes & Géry, 1983)			x			
<i>Paragoniates alburnus</i> (Steindachner, 1876)						x
<i>Piabina anhembí</i> (Silva & Kaefer, 2003)			x			
<i>Piabina argentea</i> (Reinhardt, 1867)			x			
<i>Prionobrama filigera</i> (Cope, 1870)						x
<i>Rhinopetitia myersi</i> (Géry, 1964)					x	
<i>Salminus maxillosus</i> (Cuvier, 1816)						x
<i>Thayeria boehlkei</i> (Weitzman, 1957)					x	

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Incertae sedis (cont.)	<i>Thayeria obliqua</i> (Eigenmann, 1909)	x					
	<i>Triportheus albus</i> (Cope, 1872)					x	x
	<i>Triportheus angulatus</i> (Spix & Agassiz, 1829)						x
	<i>Triportheus auritus</i> (Valenciennes, 1850)		x			x	
	<i>Triportheus culter</i> (Cope, 1872)						x
	<i>Triportheus nematurus</i> (Kner, 1858)			x			
	<i>Triportheus trifurcates</i> (Castelnau, 1890)		x			x	
Subfamília Aphyocharacinae	<i>Aphyocharax alburnus</i> (Günther, 1869)						x
	<i>Aphyocharax anisitsi</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)			x			
	<i>Aphyocharax dentatus</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)			x			x
	<i>Aphyocharax paraguayensis</i> (Eigenmann, 1915)						x
	<i>Aphyocharax</i> sp					x	
Subfamília Bryconinae	<i>Brycon cf. cephalus</i> (Günther, 1869)						x
	<i>Brycon falcatus</i> (Muller & Troschel, 1844)	x	x			x	
	<i>Brycon gouldingi</i> (Lima, 2004)					x	
	<i>Brycon hilarii</i> (Valenciennes, 1903)			x			
	<i>Brycon nattereri</i> (Günther, 1864)			x			
	<i>Brycon orbignyanus</i> (Valenciennes, 1850)			x			
	<i>Brycon pesu</i> (Muller & Troschel, 1844)	x	x			x	
	<i>Brycon</i> sp					x	
Subfamília Characinae	<i>Acestrocephalus</i> sp				x		
	<i>Charax gibbosus</i> (Linnaeus, 1758)						x
	<i>Charax letíciae</i> (Lucena, 1987)					x	
	<i>Cynopotamus amazonus</i> (Günther, 1868)					x	x
	<i>Cynodon gibbosus</i> (Valenciennes, 1850)					x	
	<i>Cynopotamus juruena</i> (Menezes, 1987)	x					
	<i>Cynopotamus kincaidi</i> (Schultz, 1950)			x			
	<i>Eucynopotamus</i> sp						x

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Characinae (cont.)	<i>Galeocharax gulo</i> (Cope, 1870)						
	<i>Galeocharax knerii</i> (Steindachner, 1879)			x			
	<i>Phenacogaster</i> sp	x					x
	<i>Roeboides affinis</i> (Gunther, 1864)						x
	<i>Roeboides descavadensis</i> (Fowler, 1932)			x			x
	<i>Roeboides myersi</i> (Gill, 1870)						x
	<i>Roeboides</i> sp		x			x	
Subfamília Cheirodontinae	<i>Aphyocheirodon hemigrammus</i> (Eigenmann, 1915)			x			
	<i>Aphyocheirodon</i> sp						x
	<i>Cheirodon piaba</i> (Lütken, 1875)						x
	<i>Cheirodon stenodon</i> (Eigenmann, 1915)			x			
	<i>Cheirodon</i> sp						x
	<i>Kolpotocheirodon theloura</i> (Malabarba & Weitzman, 2000)			x			
	<i>Odontostilbe hasemani</i> (Fower, 1940)						x
	<i>Odontostilbe microcephala</i> (Eigenmann, 1907)			x			
	<i>Odontostilbe</i> sp					x	
	<i>Prodontocharax melanotus</i> (Pearson, 1924)						x
	<i>Serrapinnus heterodon</i> (Eigenmann, 1915)			x			
	<i>Serrapinnus micropterus</i> (Eigenmann, 1907)	x					
	<i>Serrapinnus notomelas</i> (Eigenmann, 1915)			x			
	<i>Spintherobolus papilliferus</i> (Eigenmann, 1911)			x			
Subfamília Glandulocaudinae	<i>Gephyrocharax chapare</i> (Fowler, 1940)						x
	<i>Glandulocauda melanogenys</i> (Eigenmann, 1911)			x			
	<i>Lophiobrycon weitzmani</i> (Castro; Ribeiro; Benine & Melo, 2003)			x			
	<i>Mimagoniates microlepis</i> (Steindachner, 1876)			x			
	<i>Planaltina britskii</i> (Menezes, Weitzman & Burns, 2003)			x			
	<i>Planaltina glandipedis</i> (Menezes, Weitzman & Burns, 2003)			x			
	<i>Planaltina myersi</i> (Böhlke, 1954)			x			

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Glandulocaudinae (cont.)	<i>Pseudocorynopoma heterandria</i> (Eigenmann, 1914)			x			
	<i>Tytocharax</i> sp						x
	<i>Xenrobrycon coracoralinae</i> (Moreira, 2005)					x	
Subfamília Iguanodectinae	<i>Iguanodectes</i> sp						x
	<i>Piabucus melanostomus</i> (Holmberg, 1891)						x
Subfamília Salmininae	<i>Salminus brasiliensis</i> (Cuvier, 1816)			x			
	<i>Salminus hilarii</i> (Valenciennes, 1850)			x			
Subfamília Serrasalminae	<i>Catoprion mento</i> (Cuvier, 1819)					x	
	<i>Colossoma brachypomum</i> (Cuvier, 1818)						x
	<i>Colossoma macropomum</i> (Cuvier, 1818)			x			x
	<i>Mylesinus paucisquamatus</i> (Jégu & Santos, 1988)				x		
	<i>Metynnis argenteus</i> (Ahl, 1923)	x				x	x
	<i>Metynnis hypsauchen</i> (Muller & Troschel, 1844)		x			x	x
	<i>Metynnis lippincottianus</i> (Cope, 1870)	x	x			x	
	<i>Metynnis maculatus</i> (Kner, 1858)			x			
	<i>Metynnis mola</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)			x			
	<i>Metynnis schomburgkii</i> (Jardine & Schomburgk, 1841)		x				
	<i>Myleus asterias</i> (Muller & Troschel, 1844)		x				
	<i>Myleus tiete</i> (Eigenmann & Norris, 1900)			x			
	<i>Myleus torquatus</i> (Kner, 1818)	x	x			x	
	<i>Myleus</i> sp					x	x
	<i>Myloplus asterias</i> (Muller & Troschel, 1844)					x	
	<i>Myloplus schomburgkii</i> (Jardine & Schomburgk, 1841)	x				x	
	<i>Mylossoma duriventre</i> (Cuvier, 1818)			x		x	x
	<i>Mylossoma</i> sp						x
	<i>Piaractus brachypomus</i> (Cuvier, 1818)					x	
	<i>Piaractus mesopotamicus</i> (Holmberg, 1887)			x			
<i>Pygocentrus nattereri</i> (Kner, 1858)		x			x	x	

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Serrasalminae (cont.)	<i>Serrasalmus eigenmanni</i> (Norman, 1929)		x			x	
	<i>Serrasalmus elongatus</i> (Kner, 1858)						x
	<i>Serrasalmus geryi</i> (Jégu & Santos, 1988)		x			x	
	<i>Serrasalmus gibbus</i> (Castelnau, 1855)					x	
	<i>Serrasalmus humeralis</i> (Valenciennes, 1850)						x
	<i>Serrasalmus maculatus</i> (Kner, 1858)	x		x			
	<i>Serrasalmus marginatus</i> (Valenciennes, 1837)			x			
	<i>Serrasalmus rhombeus</i> (Valenciennes, 1837)	x	x			x	x
	<i>Serrasalmus spilopleura</i> (Kner, 1855)					x	x
	<i>Serrasalmus</i> sp						x
	Tambacu (Híbrido)	x					
	<i>Tometes</i> sp.	x				x	
	<i>Utiaritichthys sennaebregai</i> (Miranda Ribeiro, 1937)					x	
Subfamília Stethaprioninae	<i>Brachyhalcinus orbicularis</i> (Valenciennes, 1850)	x					
	<i>Poptella compressa</i> (Günther, 1864)					x	
	<i>Poptella longipinnis</i> (Popta, 1901)					x	
	<i>Poptella orbicularis</i> (Valenciennes, 1850)						x
	<i>Stethaprion crenatum</i> (Eigenmann, 1916)						x
Subfamília Tetragonopterinae	<i>Tetragonopterus argenteus</i> (Spix & Agassiz, 1829)		x			x	x
	<i>Tetragonopterus chalceus</i> (Spix & Agassiz, 1829)	x	x			x	
	<i>Tetragonopterus</i> sp					x	
Família Chilodontidae	<i>Caenotropus labyrinthicus</i> (Kner, 1858)		x			x	
	<i>Caenotropus schizodon</i> (Scharcansky & Lucena, 2007)	x					
	<i>Chilodus</i> sp					x	
Família Crenuchidae							
Subfamília Characidiinae	<i>Characidium cf. bolivianum</i> (Pearson, 1924)						x
	<i>Characidium fasciatum</i> (Reinhardt, 1866)			x			
	<i>Characidium gomesi</i> (Travassos, 1956)			x			

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06	
Subfamília Characidiinae (cont.)	<i>Characidium laterale</i> (Boulenger, 1895)			x			
	<i>Characidium oiticicaí</i> (Travassos, 1967)			x			
	<i>Characidium schubarti</i> (Travassos, 1955)			x			
	<i>Characidium zebra</i> (Eigenmann, 1909)			x			
	<i>Characidium</i> sp.	x			x	x	x
	<i>Melanocharacidium auroradiatum</i> (Costa & Vicente, 1994)					x	
Família Ctenoluciidae	<i>Boulengerella cuvieri</i> (Agassiz, 1829)		x		x		
	<i>Boulengerella maculata</i> (Valenciennes, 1850)				x		
	<i>Bourengerella</i> sp.	x					
Família Curimatidae	<i>Curimata acutirostris</i> (Vari & Reis, 1995)				x		
	<i>Curimata cyprinoides</i> (Linnaeus, 1766)		x		x		
	<i>Curimata inornata</i> (Vari, 1989)				x		
	<i>Curimata roseni</i> (Vari, 1989)				x		
	<i>Curimata</i> sp					x	
	<i>Curimatella dorsalis</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)		x		x	x	
	<i>Curimatella meyeri</i> (Steindachner, 1882)					x	
	<i>Curimatella immaculate</i> (Fernández-Yépez, 1948)				x		
	<i>Cyphocharax festivus</i> (Vari, 1992)				x		
	<i>Cyphocharax gangamom</i> (Vari, 1992)	x					
	<i>Cyphocharax gillii</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)			x			
	<i>Cyphocharax modestus</i> (Fernández-Yépez, 1948)			x			
	<i>Cyphocharax nagelii</i> (Steindachner, 1881)			x			
	<i>Cyphocharax</i> cf. <i>nagelii</i> (Steindachner, 1881)			x			
	<i>Cyphocharax notatus</i> (Steindachner, 1908)				x		
	<i>Cyphocharax spiluros</i> (Gunther, 1889)					x	
	<i>Cyphocharax spiluroopsis</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)				x		
	<i>Cyphocharax stilbolepis</i> (Vari, 1992)				x		
<i>Cyphocharax spiluroopsis</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)		x					

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Cyphocarax stilbolepis</i> (Vari, 1992)		x				
<i>Cyphocarax vanderi</i> (Britski, 1980)			x			
<i>Potamorhina latior</i> (Spix & Agassiz, 1829)						x
<i>Potamorhina</i> sp	x					
<i>Steindachnerina brevipinna</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)			x			
<i>Steindachnerina corumbae</i> (Pavanelli & Britski, 1999)			x			
<i>Steindachnerina</i> cf. <i>guentheri</i> (Allen, 1942)						x
<i>Steindachnerina dobula</i> (Steindachner, 1882)						x
<i>Steindachnerina insculpta</i> (Fernández-Yépez, 1948)			x			
<i>Steindachnerina leucisea</i> (Gunther, 1868)						
<i>Psectrogaster amazonica</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)		x			x	
<i>Psectrogaster</i> sp.	x					
<i>Steindachnerina fasciata</i> (Vari & Gery, 1985)	x					
<i>Steindachnerina</i> sp					x	
Família Curimatidae (cont.)						
<i>Cynodon gibbus</i> (Spix & Agassiz, 1829)		x				x
<i>Hydrolycus armatus</i> (Jardine & Schomburgk, 1841)		x			x	
<i>Hydrolycus scomberoides</i> (Cuvier, 1819)						x
<i>Hydrolycus tatauaia</i> (Toledo-Piza <i>et al.</i> 1999)		x			x	
<i>Hydrolycus</i> sp.1	x					
<i>Hydrolycus</i> sp.2	x					
<i>Rhaphiodon vulpinus</i> (Spix & Agassiz, 1829)		x	x		x	x
Família Erythrinidae						
<i>Erythrinus erythrinus</i> (Bloch & Schneider, 1801)			x			x
<i>Hoplias aimara</i> (Valenciennes, 1847)					x	
<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)		x	x	x	x	x
<i>Hoplias</i> cf. <i>malabaricus</i> (Bloch, 1794)	x		x			
<i>Hoplias microcephalus</i> (Agassiz, 1829)			x			
<i>Hoplias</i> sp.	x					
<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i> (Agassiz, 1829)	x		x		x	x

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Gasteropelecidae	<i>Carnegiella myersi</i> (Fernández-Yépez, 1950)						x
	<i>Gasteropelecus sternicla</i> (Linnaeus, 1758)						x
	<i>Thoracocharax securis</i> (De Filippi, 1853)						x
	<i>Thoracocharax stellatus</i> (Kner, 1858)					x	x
Família Hemiodontidae	<i>Anodus orinocensis</i> (Steindachner, 1887)		x			x	
	<i>Argonectes longiceps</i> (Kner, 1858)					x	
	<i>Argonectes robertsi</i> (Langeani, 1999)	x	x			x	
	<i>Bivibranchia fowleri</i> (Steindachner, 1908)					x	
	<i>Hemiodus argenteus</i> (Pellegrin, 1908)	x	x			x	
	<i>Hemiodus cf. microlepis</i> (Kner, 1858)	x	x				
	<i>Hemiodus microlepis</i> (Kner, 1858)		x			x	
	<i>Hemiodus orthonops</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)				x		
	<i>Hemiodus semitaeniatus</i> (Kner, 1858)					x	
	<i>Hemiodus ternetzi</i> (Myers, 1927)					x	
	<i>Hemiodus tocantinensis</i> (Langeani, 1999)						x
	<i>Hemiodus unimaculatus</i> (Bloch, 1974)	x	x				x
Família Lebiasinidae							
Subfamília Pyrrhulinae	<i>Pyrrhulina australis</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)				x		
	<i>Pyrrhulina brevis</i> (Steindachner, 1876)						x
	<i>Pyrrhulina cf. vittata</i> (Regan, 1912)						x
	<i>Pyrrhulina</i> sp					x	x
Família Parodontidae	<i>Apareiodon affinis</i> (Steindachner, 1879)				x		
	<i>Apareiodon ibitiensis</i> (Campos, 1944)				x		
	<i>Apareiodon machrisi</i> (Travassos, 1957)				x	x	
	<i>Apareiodon piracicabae</i> (Eigenmann, 1907)				x		
	<i>Apareiodon vladii</i> (Pavanelli, 2006)				x		
	<i>Parodon moreirai</i> (Ingenito & Buckup, 2005)				x		
	<i>Parodon nasus</i> (Kner, 1859)				x		

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Parodontidae (cont.)	<i>Parodon</i> sp						x
Família Poeciliidae							
Subfamília Poeciliinae	<i>Pamphorichthys scalpridens</i> (Garman, 1895)	x					
Família Prochilodontidae	<i>Prochilodus lineatus</i> (Valenciennes, 1836)			x			
	<i>Prochilodus nigricans</i> (Agassiz, 1829)	x	x			x	x
	<i>Prochilodus vimboides</i> (Kner, 1859)			x			
	<i>Prochilodus</i> spp.			x			
	<i>Semaprochilodus brama</i> (Valenciennes 1850)		x			x	
Ordem Clupeiformes							
Família Clupeidae	<i>Pellona flavipinnis</i> (Valenciennes, 1837)						x
	<i>Platanichthys platana</i> (Regan, 1917)			x			
Família Engraulidae	<i>Engraulidae</i> sp1						x
	<i>Engraulidae</i> sp2						x
	<i>Lycongraulis batesii</i> (Günther, 1868)		x			x	
Família Pristigasteridae	<i>Pellona castelnaeana</i> (Valenciennes, 1847)		x			x	x
	<i>Pellona flavipinnes</i> (Valenciennes, 1837)						x
	<i>Pristigaster cayana</i> (Cuvier, 1829)		x			x	
Ordem Cypriniformes							
Família Cyprinidae	<i>Aristichthys nobilis</i> (Richardson, 1845)			x			
	<i>Ctenopharyngodon idella</i> (Valenciennes, 1844)			x			
	<i>Cyprinus carpio</i> (Linnaeus, 1758)			x			
Ordem Cyprinodontiformes							
Família Poeciliidae							
Subfamília Poeciliinae	<i>Cnesterodon hypselurus</i> (Lucinda & Garavello, 2001)			x			
	<i>Cnesterodon septentrionalis</i> (Rosa & Costa, 1993)					x	
	<i>Pamphorichthys araguaiensis</i> (Costa, 1991)					x	
	<i>Pamphorichthys hollandi</i> (Henn, 1916)			x			
	<i>Phalloceros caudimaculatus</i> (Hensel, 1868)			x			

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Poeciliinae (cont.)	<i>Phallotorynus fasciolatus</i> (Henn, 1916)			x		
	<i>Phallotorynus jucundus</i> (Ihering, 1930)			x		
	<i>Phalloceros leticiae</i> (Lucinda, 2008)					x
	<i>Phallotorynus pankalos</i> (Lucinda; Rosa & Reis, 2005)			x		
	<i>Phallotorynus victoriae</i> (Oliveros, 1983)			x		
	<i>Poecillia reticulata</i> (Peters, 1859)			x		
	<i>Poecillia vivipara</i> (Bloch & Schneider, 1801)			x		
	<i>Xiphophorus helleri</i> (Heckel, 1848)			x		
	<i>Xiphophorus maculatus</i> (Günther, 1866)			x		
Família Rivulidae	<i>Maratecoara lacortei</i> (Lazara, 1991)					x
	<i>Pituna obliquoseriata</i> (Costa, 2007)					x
	<i>Pituna poranga</i> (Costa, 1989)					x
	<i>Plesiolebias aruana</i> (Lazara, 1991)					x
	<i>Plesiolebias fragilis</i> (Costa, 2007)					x
	<i>Plesiolebias lacerdai</i> (Costa, 1989)					x
	<i>Rivulus apiamici</i> (Costa, 1989)			x		
	<i>Rivulus crixas</i> (Costa, 2007)					x
	<i>Rivulus egens</i> (Costa, 2005)			x		
	<i>Rivulus javahe</i> (Costa, 2007)					x
	<i>Rivulus karaja</i> (Costa, 2007)					x
	<i>Rivulus kayapo</i> (Costa, 2006)					x
	<i>Rivulus modestus</i> (Costa, 1991)	x				
	<i>Rivulus pictus</i> (Costa, 1989)			x		
	<i>Rivulus pinima</i> (Costa, 1989)			x		
	<i>Rivulus vittatus</i> (Costa, 1989)			x		
	<i>Rivulus rossoi</i> (Costa, 2005)			x		
	<i>Rivulus rubromarginatus</i> (Costa, 2007)					x
	<i>Rivulus rutilicaudus</i> (Costa, 2005)			x		

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Rivulidae (cont.)	<i>Rivulus salmonicaudus</i> (Costa, 2007)					x	
	<i>Rivulus scalaris</i> (Costa, 2005)			x			
	<i>Rivulus violaceus</i> (Costa, 1991)					x	
	<i>Rivulus zygonectes</i> (Myers, 1927)					x	
	<i>Rivulus</i> sp						x
	<i>Simpsonichthys boitonei</i> (de Carvalho, 1959)			x			
	<i>Simpsonichthys costai</i> (Lazara, 1991)					x	
	<i>Simpsonichthys parallelus</i> (Costa, 2002)			x			
	<i>Simpsonichthys santanae</i> (Shibata & Garavello, 1992)			x			
	<i>Spectrolebias semiocellatus</i> (Costa & Nielsen, 1997)						x
	<i>Trigonectes rubromarginatus</i> (Costa, 1990)						x
Ordem Dipteriformes							
Família Lepidosirenidae	<i>Lepidosiren paradoxa</i> (Fitzinger, 1837)						x
Ordem Gymnotiformes							
Família Apteronotidae	<i>Adontosternarchus</i> sp						x
	<i>Apteronotus albifrons</i> (Linnaeus, 1766)	x		x			
	<i>Apteronotus</i> aff. <i>albifrons</i> (Linnaeus, 1766)				x		
	<i>Apteronotus brasiliensis</i> (Reinhardt, 1852)			x			
	<i>Apteronotus caudimaculosus</i> (Santana, 2003)			x			
	<i>Apteronotus ellisi</i> (Arámburu, 1957)			x			
	<i>Porotergus</i> cf. <i>gimbeli</i> (Ellis, 1912)						x
	<i>Sternarchella curvioperculata</i> (Godoy, 1968)			x			
	<i>Sternarchorhynchus britskii</i> (Campos-da-Paz, 2000)			x			
	<i>Sternarchorhynchus oxyrhynchus</i> (Muller & Truschel, 1849)						x
	<i>Sternarchorhynchus</i> sp						x
	<i>Sternarchus albifrons</i> (Linnaeus, 1766)						x
	<i>Sternarchus</i> sp						x
	<i>Tembeassu marauna</i> (Triques, 1988)			x			

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Gymnotidae	<i>Electrophorus electricus</i> (Linnaeus, 1766)					x	
	<i>Gymnotus carapo</i> (Linnaeus, 1758)	x		x	x	x	
	<i>Gymnotus diamantinensis</i> (Campos-da-Paz, 2002)	x					
	<i>Gymnotus inaequilabiatus</i> (Valenciennes, 1839)			x			
	<i>Gymnotus pantherinus</i> (Steindachner, 1908)			x			
	<i>Gymnotus paraguensis</i> (Albert & Crampton, 2003)			x			
	<i>Gymnotus sylvius</i> (Albert & Fernandes-Matioli, 1999)			x			
<i>Gymnotus</i> sp							x
Família Hypopomidae	<i>Brachyhypopomus pinnicaudatus</i> (Hopkins <i>et al</i> , 1990)			x			
	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i> (Lichtenstein, 1819)					x	x
	<i>Brachyhypopomus</i> sp.	x					
Família Rhamphichthyidae	<i>Gymnorhamphichthys hypostomus</i> (Ellis, 1912)	x					
	<i>Gymnorhamphichthys petiti</i> (Géry & Vu-Tân- Tuê, 1964)					x	
	<i>Gymnorhamphichthys rondoni</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	x					
	<i>Rhamphichthys hahni</i> (Meinken, 1937)			x			
	<i>Rhamphichthys marmoratus</i> (Castelnau, 1855)					x	
	<i>Rhamphichthys rostratus</i> (Linnaeus, 1766)						x
	<i>Rhamphichthys</i> sp						x
Família Sternopygidae	<i>Distocyclus conirostris</i> (Eigenmann & Allen, 1942)						x
	<i>Eigenmannia limbata</i> (Schreiner & Miranda Ribeiro, 1903)	x					
	<i>Eigenmannia melanopogon</i> (Cope, 1878)						x
	<i>Eigenmannia trilineata</i> (López & Castello, 1966)			x			
	<i>Eigenmannia virescens</i> (Valenciennes, 1847)			x			x
	<i>Eigenmannia</i> cf. <i>virescens</i> (Valenciennes, 1847)				x		
	<i>Eigenmannia</i> sp					x	x
	<i>Sternopygus macrurus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	x		x	x	x	x
	<i>Sternopygus obtusirostris</i> (Steindachner, 1881)		x				x

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06	
Ordem Osteoglossiformes								
Família Osteoglossidae	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i> (Cuvier, 1829)					x		
Família Arapaimatidae	<i>Arapaima gigas</i> (Schinz, 1822)					x		
Ordem Perciformes								
Família Centrarchidae	<i>Micropterus salmoides</i> (La Cepède, 1802)	x						
Família Cichlidae								
Subfamília Astronotinae	<i>Astronotus crassipinnis</i> (Heckel, 1840)			x		x		
	<i>Astronotus ocellatus</i> (Agassiz, 1831)	x					x	
	<i>Chaetobranchiopsis orbicularis</i> (Steindachner, 1875)						x	
	<i>Chaetobranchiopsis</i> sp						x	
Subfamília Cichlasomatinae	<i>Aequidens epae</i> (Kullander, 1995)	x						
	<i>Aequidens gerciliae</i> (Kullander, 1995)	x						
	<i>Aequidens hoehnei</i> (Miranda Ribeiro, 1918)					x		
	<i>Aequidens pallidus</i> (Heckel, 1840)		x			x		
	<i>Aequidens vittatus</i> (Heckel, 1840)						x	
	<i>Aequidens</i> sp						x	
	<i>Australoheros facetus</i> (Jenyns, 1842)			x				
	<i>Caquetaia spectabilis</i> (Steindachner, 1875)					x		
	<i>Cichlasoma araguaiensis</i> (Kullander, 1983)				x			
	<i>Cichlasoma paranaense</i> (Kullander, 1983)			x				
	<i>Cichlasoma boliviense</i> (Kullander, 1983)						x	
	<i>Cichlasoma</i> sp						x	
	<i>Heros efasciatus</i> (Heckel, 1840)						x	
	<i>Heros severus</i> (Heckel, 1840)							x
	<i>Laetacara araguaiae</i> (Ottoni & Costa, 2009)						x	
	<i>Mesonauta acora</i> (Castelnau, 1855)			x			x	
<i>Mesonauta festivus</i> (Heckel, 1840)							x	

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Cichlinae	<i>Batrachops</i> sp						x
	<i>Cichla kelberi</i> (Kullander & Ferreira, 2006)			x		x	
	<i>Cichla ocellaris</i> (Bloch & Schneider, 1801)						x
	<i>Cichla pinima</i> (Kullander & Ferreira, 2006)	x					
	<i>Cichla piquiti</i> (Kullander & Ferreira, 2006)			x		x	
	<i>Cichla temensis</i> (Humboldt, 1821)		x				
	<i>Cichla</i> aff. <i>temensis</i> (Humboldt, 1821)	x					
	<i>Crenicichla britskii</i> (Kullander, 1982)			x			
	<i>Crenicichla haroldoi</i> (Luengo & Britski, 1974)			x			
	<i>Crenicichla</i> aff. <i>hemera</i> (Kullander, 1990)	x					
	<i>Crenicichla jaguarensis</i> (Haseman, 1911)			x			
	<i>Crenicichla johanna</i> (Heckel, 1840)					x	
	<i>Crenicichla</i> cf. <i>johanna</i> (Heckel, 1840)		x				
	<i>Crenicichla jupiaiensis</i> (Britski & Luengo, 1968)			x			
	<i>Crenicichla lepidota</i> (Heckel, 1840)						x
	<i>Crenicichla</i> cf. <i>lugubris</i> (Heckel, 1840)		x			x	
	<i>Crenicichla niederleinii</i> (Holmberg, 1891)			x			
	<i>Crenicichla</i> sp1					x	x
<i>Crenicichla</i> sp2					x		
Subfamília Geophaginae	<i>Apistogramma</i> sp						x
	<i>Biotodoma cupido</i> (Heckel, 1840)					x	
	<i>Biotodoma</i> sp		x				
	<i>Geophagus brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)			x			
	<i>Geophagus proximus</i> (Castelnau, 1855)			x			
	<i>Geophagus surinamensis</i> (Bloch, 1791)		x			x	
	<i>Gymnogeophagus setequedas</i> (Reis; Malabarba & Pavanelli, 1992)			x			
	<i>Mikrogeophagus altispinosus</i> (Haseman, 1911)						x
	<i>Satanoperca acuticeps</i> (Heckel, 1840)	x					

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Geophaginae (cont.)	<i>Satanoperca jurupari</i> (Heckel, 1840)						
	<i>Satanoperca cf jurupari</i> (Heckel, 1840)	x				x	x
	<i>Satanoperca papaterra</i> (Heckel, 1840)		x	x		x	
Subfamília Pseudocrenilabrinae	<i>Oreochromis niloticus</i> (Linnaeus, 1758)			x			
	<i>Tilapia rendalli</i> (Boulenger, 1897)			x			
Subfamília Retroculinae	<i>Retroculus lapidifer</i> (Castelnau, 1855)				x	x	
Família Scieanidae	<i>Pachypops fourcroyi</i> (Lacepède, 1802)					x	
	<i>Pachypops trifilis</i> (Müller & Troschel, 1860)						x
	<i>Pachyurus junki</i> (Soares & Casatti, 2000)					x	
	<i>Pachyurus schomburgkii</i> (Günther, 1860)		x			x	
	<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)		x	x		x	x
	<i>Plagioscion</i> sp.	x					
Ordem Pleuronectiformes							
Família Achiridae	<i>Achirus achirus</i> (Linnaeus, 1758)					x	
	<i>Achirus</i> sp						x
	<i>Catathyridium jenynsii</i> (Günther, 1862)			x			
	<i>Hypoclinemus mentalis</i> (Günther, 1862)					x	
Ordem Rajiformes							
Família Potamotrygonidae	<i>Potamotrygon falkneri</i> (Castex & Maciel, 1963)			x			
	<i>Potamotrygon henlei</i>					x	
	<i>Potamotrygon motoro</i> (Müller & Henle, 1841)			x			
	<i>Potamotrygon</i> sp						x
Ordem Siluriformes		x					
Família Aspredinidae							
Subfamília Bunicephalinae	<i>Bunocephalus knerii</i> (Steindachner, 1882)	x					
	<i>Bunocephalus larai</i> (Ihering, 1930)			x			
	<i>Bunocephalus</i> sp					x	
Família Astroblepidae	<i>Astroblepus</i> sp						x

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06	
Família Auchenipteridae								
Subfamília Auchenipterinae	<i>Ageneiosus brevis</i> (Valenciennes, 1840; Fisher, 1917)						x	
	<i>Ageneiosus inermis</i> (Linnaeus, 1766)		x	x		x		
	<i>Ageneiosus militaris</i> (Valenciennes, 1836)			x				
	<i>Ageneiosus ucayalensis</i> (Castelnau, 1855)			x		x	x	
	<i>Ageneiosus</i> sp					x		
	<i>Auchenipterichthys coracoideus</i> (Eigenmann & Allen, 1942)		x			x		
	<i>Auchenipterichthys longimanus</i> (Günther, 1864)		x			x		
	<i>Auchenipterichthys thoracatus</i> (Kner, 1858)						x	
	<i>Auchenipterus nigripinnis</i> (Boulenger, 1895)						x	
	<i>Auchenipterus nuchali</i> (Spix & Agassiz, 1829)		x			x		
	<i>Auchenipterus osteomystax</i> (Miranda Ribeiro, 1918)				x			
	<i>Epapterus</i> sp						x	
	<i>Parauchenipterus cf galeatus</i> (Linnaeus, 1766)						x	
	<i>Parauchenipterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)				x			
	<i>Parauchenipterus cf. porosus</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1888)	x						
	<i>Parauchenipterus striatulus</i> (Steindachner, 1877)						x	
	<i>Trachelyopterus coriaceus</i> (Valenciennes, 1840)				x			
	<i>Trachelyopterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)		x				x	
	<i>Tympanopleura</i> sp							x
	Subfamília Centromochlinae	<i>Centromochlus</i> sp						x
<i>Entomocorus benjamini</i> (Eigenmann, 1917)							x	
<i>Glanidium cesarpintoii</i> (Ihering, 1928)					x			
<i>Tatia aulopygia</i> (Kner, 1853)		x					x	
<i>Tatia intermedia</i> (Steindachner, 1877)						x		
<i>Tatia neivai</i> (Ihering, 1930)					x			
<i>Tatia</i> sp1			x			x		
<i>Tatia</i> sp 2						x		

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Callichthyidae							
Subfamília Callichthyinae	<i>Callichthys callichthys</i> (Linnaeus, 1758)			x			x
	<i>Dianema longibarbis</i> (Cope, 1872)						x
	<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)			x			x
	<i>Hoplosternum thoracatum</i> (Valenciennes, 1840)						x
	<i>Lepthoplosternum pectorale</i> (Boulenger, 1895)			x			
	<i>Megalechis personata</i> (Ranzani, 1841)			x			
	<i>Megalechis thoracata</i> (Valenciennes, 1840)	x					
Subfamília Corydoradinae	<i>Aspidoras belenos</i> (Britto, 1998)					x	
	<i>Aspidoras brunneus</i> (Nijssen & Isbrücker, 1976)					x	
	<i>Aspidoras fuscoguttatus</i> (Nijssen & Isbrücker, 1976)			x			
	<i>Aspidoras lakoi</i> (Miranda-Ribeiro, 1949)			x			
	<i>Aspidoras pauciradiatus</i> (Weitzman & Nijssen, 1970)					x	
	<i>Aspidoras poecilus</i> (Nijssen & Isbrücker, 1976)					x	
	<i>Aspidoras velites</i> (Britto, Lima & Moreira, 2002)					x	
	<i>Aspidoras</i> sp.	x				x	
	<i>Brochis cf. multiradiatus</i> (Orces, 1960)						x
	<i>Brochis splendens</i> (Castelnau, 1855)						x
	<i>Corydoras aeneus</i> (Gill, 1858)	x		x			
	<i>Corydoras araguaiaensis</i> (Sands, 1990)					x	
	<i>Corydoras cochui</i> (Myers & Weitzman, 1954)					x	
	<i>Corydoras difuviatilis</i> (Britto & Castro, 2002)			x			
	<i>Corydoras ehrhardti</i> (Steindachner, 1910)			x			
	<i>Corydoras flaveolus</i> (Ihering, 1911)			x			
	<i>Corydoras geryi</i> (Nijssen & Isbrücker, 1983)						x
	<i>Corydoras hastatus</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1888)						x
<i>Corydoras maculifer</i> (Nijssen & Isbrücker, 1971)					x		
<i>Corydoras nattereri</i> (Steindachner, 1877)			x				

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Subfamília Corydoradinae (cont.)	<i>Corydoras paleatus</i> (Jenyns, 1842)			x			
	<i>Corydoras</i> cf. <i>xinguensis</i> (Nijssen, 1972)	x					
	<i>Corydoras</i> sp						x
	<i>Scleromystax macropterus</i> (Regan, 1913)			x			
Família Cetopsidae							
Subfamília Cetopsinae	<i>Cetopsis coecutiens</i> (Lichtenstein, 1819)						x
	<i>Cetopsidium orientale</i> (Vari, Ferraris & Keith, 2003)					x	
	<i>Cetopsis caiapo</i> (Vari, Ferraris & de Pinna, 2005)	x					
	<i>Cetopsis candiru</i> (Spix & Agassiz, 1829)					x	
	<i>Cetopsis gobioides</i> (Kner, 1857)			x			
	<i>Cetopsis plumbeus</i> (Steindachner, 1882)						x
	<i>Hemicetopsis candiru</i> (Spix & Agassiz, 1829)						x
<i>Pseudocetopsis</i> sp					x		
Família Clariidae	<i>Clarias gariepinus</i> (Burchell, 1822)			x			
Família Doradidae	<i>Anadoras wedellii</i> (Castelnau, 1855)						x
	<i>Astrodoros asterifrons</i> (Kner, 1853)						x
	<i>Doras fimbriatus</i> (Kner, 1855)						x
	<i>Doras punctatus</i> (Kner, 1853)						x
	<i>Doras zuanoni</i> (Sabaj Pérez & Birindelli, 2008)					x	
	<i>Doras</i> sp					x	x
	<i>Hassar wilderi</i> (Kindle, 1895)		x			x	
	<i>Megalodoros uranoscopus</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1888)						x
	<i>Nemadoras humeralis</i> (Kner, 1855)						x
	<i>Platydoros armatulus</i> (Valenciennes, 1840)			x			
	<i>Platydoros costatus</i> (Linnaeus, 1758)					x	x
	<i>Pterodoros granulatus</i> (Valenciennes, 1821)			x			x
	<i>Trachydoras steindachneri</i> (Perugia, 1897)						x
	<i>Opsodoros</i> sp						x

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Doradidae (cont.)	<i>Oxydoras eigenmanni</i> (Boulenger, 1895)			x		
	<i>Oxydoras niger</i> (Valenciennes, 1821)	x				x
	<i>Rhinodoras dorbignyi</i> (Kner, 1855)			x		
	<i>Trachydoras paraguayensis</i> (Eigenmann & Ward, 1907)			x		
	<i>Trachydoras</i> sp					x
Família Heptapteridae	<i>Cetopsorhamdia iheringi</i> (Schubart & Gomes, 1959)			x		
	<i>Cetopsorhamdia molinae</i> (Milles, 1943)				x	
	<i>Cetopsorhamdia</i> sp				x	
	<i>Chasmocranus brachynema</i> (Gomes & Schubart, 1958)			x		
	<i>Heptapterus multiradiatus</i> (Ihering, 1907)			x		
	<i>Heptapterus mustelinus</i> (Valenciennes, 1835)			x		
	<i>Imparfinis borodini</i> (Mees & Cala, 1989)			x	x	
	<i>Imparfinis cochabambae</i> (Fowler, 1940)					x
	<i>Imparfinis</i> cf. <i>hasemani</i> (Steindachner, 1917)	x				
	<i>Imparfinis mirini</i> (Haseman, 1911)			x		x
	<i>Imparfinis piperatus</i> (Eigenmann & Norris, 1900)			x		
	<i>Imparfinis schubarti</i> (Gomes, 1956)			x		
	<i>Imparfinis</i> cf. <i>schubarti</i> (Gomes, 1956)				x	
	<i>Imparfinis stictonotus</i> (Fowler, 1940)					x
	<i>Leiaris marmoratus</i> (Gill, 1870)					x
	<i>Nannorhamdia guttatus</i> (Pearson, 1924)					x
	<i>Paulicea Lütkeni</i> (Steindachner, 1877)					x
	<i>Phenacorhamdia boliviana</i> (Pearson, 1924)					x
	<i>Phenacorhamdia somnians</i> (Mees, 1974)	x				
	<i>Phenacorhamdia tenebrosa</i> (Schubart, 1964)			x		
	<i>Phenacorhamdia unifasciata</i> (Britski, 1993)			x		
<i>Phenacorhamdia</i> sp				x		
<i>Pimelodella avanhandavae</i> (Eigenmann, 1917)			x			

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Heptapteridae (cont.)	<i>Pimelodella boschmai</i> (Van der Stigchel, 1964)			x			
	<i>Pimelodella cristata</i> (Muller & Troschel, 1849)						x
	<i>Pimelodella gracilis</i> (Valenciennes, 1835)			x			
	<i>Pimelodella meeki</i> (Eigenmann, 1910)			x			
	<i>Pimelodella mucosa</i> (Eigenmann & Ward, 1907)						
	<i>Pimelodella rudolphi</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)			x			
	<i>Pimelodella serrata</i> (Eigenmann, 1917)						x
	<i>Pimelodella steindachneri</i> (Eigenmann, 1917)	x					
	<i>Pimelodella taenioptera</i> (Miranda-Ribeiro, 1914)			x			
	<i>Pimelodella</i> sp				x	x	x
	<i>Rhamdella longipinnis</i> (Borodin, 1927)			x			
	<i>Rhamdia quelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824)			x	x		x
	Rhamdia sp1			x			x
	Rhamdia sp2			x			
	Rhamdia sp3			x			
<i>Rhamdiopsis microcephala</i> (Lütken, 1874)			x				
<i>Taunaya bifasciata</i> (Eigenmann & Norris, 1900)			x				
Família Loricariidae							
Subfamília Ancistrinae	<i>Ancistrus aguaboensis</i> (Fisch-Muller, Mazzoni & Weber, 2001)				x		
	<i>Ancistrus cirrhosus</i> (Valenciennes, 1836)			x			
	<i>Ancistrus minutus</i> (Fisch-Muller, Mazzoni & Weber, 2001)				x		
	<i>Ancistrus stigmaticus</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)					x	
	<i>Ancistrus</i> sp.	x					x
	Ancistrinae sp1					x	
	Ancistrinae sp 2					x	
	<i>Hemiancistrus cerrado</i> (de Souza, Melo, Chamon & Armbruster, 2008)					x	
	<i>Megalancistrus parananus</i> (Peters, 1881)			x			
<i>Panaque nigrolineatus</i> (Peters, 1877)					x		

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Corumbataia cuestae</i> (Britski, 1997)			x			
<i>Corumbataia tocantinensis</i> (Britski, 1997)				x	x	
<i>Hypoptopoma gulare</i> (Cope, 1878)					x	
<i>Hypoptopoma</i> sp		x				
<i>Hisonotus depressicauda</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)			x			
<i>Hisonotus depressinotus</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)			x			
<i>Hisonotus francirochai</i> (Ihering, 1928)			x			
<i>Hisonotus insperatus</i> (Britski & Garavello, 2003)			x			
<i>Hisonotus paulinus</i> (Regan, 1908)			x			
<i>Microlepidogaster perforatus</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)			x			
<i>Microlepidogaster</i> sp				x		
<i>Otocinc</i>					x	
<i>Otocinclus</i> cf. <i>tapirape</i> (Britto & Moreira, 2002)	x					
<i>Otothyropsis marapoama</i> (Ribeiro; Carvalho & Melo, 2005)			x			
<i>Pseudotocinclus tietensis</i> (Ihering, 1907)			x			
<i>Aphanotorulus frankei</i> (Steindachner, 1908)						x
<i>Cochliodon</i> sp				x		x
<i>Hypoptopoma joberti</i> (Vaillant, 1880)						x
<i>Hypoptopoma thoracatum</i> (Gunther, 1868)						x
<i>Hypostomus albopunctatus</i> (Regan, 1908)			x			
<i>Hypostomus ancistroides</i> (Ihering, 1911)			x			
<i>Hypostomus brevis</i> (Nichols, 1919)			x			
<i>Hypostomus cochliodon</i> (Kner, 1854)			x			
<i>Hypostomus commersonii</i> (Valenciennes, 1836)			x			
<i>Hypostomus dlouhiyi</i> (Weber, 1985)			x			
<i>Hypostomus fluviatilis</i> (Schubart, 1964)			x			
<i>Hypostomus hermanni</i> (Ihering, 1905)			x			
<i>Hypostomus iheringi</i> (Regan, 1908)			x			

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Hypostomus lexi</i> (Ihering, 1911)			x			
<i>Hypostomus margaritifer</i> (Regan, 1908)			x			
<i>Hypostomus meleagris</i> (Marini; Nichols & La Monte, 1933)			x			
<i>Hypostomus microstomus</i> (Weber, 1987)			x			
<i>Hypostomus nigromaculatus</i> (Schubart, 1967)			x			
<i>Hypostomus paulinus</i> (Ihering, 1905)			x			
<i>Hypostomus</i> cf. <i>plecostomus</i> (Linnaeus, 1758)				x		
<i>Hypostomus regani</i> (Ihering, 1905)			x			
<i>Hypostomus scaphyceps</i> (Nichols, 1919)			x			
<i>Hypostomus strigaticeps</i> (Regan, 1908)			x			
<i>Hypostomus ternetzi</i> (Boulenger, 1895)			x			
<i>Hypostomus tietensis</i> (Ihering, 1905)			x			
<i>Hypostomus topavae</i> (Godoy, 1969)			x			
<i>Hypostomus variipictus</i> (Ihering, 1911)			x			
<i>Hypostomus</i> sp 1			x	x	x	x
<i>Hypostomus</i> sp 2					x	
<i>Hypostomus</i> sp 3					x	
<i>Pterygoplichthys anisitsi</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)			x			
<i>Pterygoplichthys multiradiatus</i> (Handcock, 1828)						
<i>Pterygoplichthys</i> sp					x	x
<i>Rhinelepis aspera</i> (Spix & Agassiz, 1829)			x			
<i>Squaliforma emarginata</i> (Valenciennes, 1840)					x	
Subfamília Loricariinae						
<i>Farlowella oxyrryncha</i> (Kner, 1853)	x					
<i>Farlowella hahni</i> (Meinken, 1937)			x			
<i>Farlowella henriquei</i> (Miranda Ribeiro, 1918)					x	
<i>Farlowella oxyrhyncha</i> (Kner, 1853)			x			
<i>Farlowella</i> sp					x	x
<i>Harttia gracilis</i> (Oyakawa, 1993)			x			

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Harttia punctata</i> (Rapp Py-Daniel & Oliveira, 2001)				x		
<i>Loricaria lata</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)					x	
<i>Loricaria lentiginosa</i> (Isbrücker, 1979)			x			
<i>Loricaria piracicabae</i> (Ihering, 1907)			x			
<i>Loricaria prolixa</i> (Isbrücker & Nijssen, 1978)			x			
<i>Loricaria cf simillima</i> (Regan, 1904)						x
<i>Loricaria simillima</i> (Regan, 1904)			x			
<i>Loricaria sp</i>				x		
<i>Loricariichthys cf. maculatus</i> (Bloch, 1794)						x
<i>Loricariichthys platymetopon</i> (Isbrücker & Nijssen, 1979)			x			
<i>Loricariichthys rostratus</i> (Reis & Pereira, 2000)			x			
<i>Planiloricaria cryptodon</i> (Isbrücker, 1971)						x
<i>Planiloricaria sp</i>						x
<i>Pterosturisoma SP</i>						x
<i>Rineloricaria cf. hasemani</i> (Isbrücker & Nijssen, 1979)	x					
<i>Rineloricaria latirostris</i> (Boulenger, 1900)			x			
<i>Rineloricaria pentamaculata</i> (Langeani & Araújo, 1994)			x			
<i>Rineloricaria sp1</i>					x	x
<i>Rineloricaria sp2</i>					x	
<i>Sturisoma cf. nigrirostrum</i> (Fower, 1940)						x
<i>Sturisoma sp</i>					x	
Subfamília Neoplecostominae						
<i>Isbrueckerichthys calvus</i> (Jerep <i>et al</i> , 2006)			x			
<i>Isbrueckerichthys saxicola</i> (Jerep <i>et al</i> , 2006)			x			
<i>Neoplecostomus paranensis</i> (Langeani, 1990)			x			
<i>Pareorhina carrancas</i> (Bockmann & Ribeiro, 2003)			x			
Família Pimelodidae						
<i>Branchyplatystoma filamentosum</i> (Lichtensten, 1819)	x					
<i>Branchyplatystoma rousseauxii</i> (Castelnau, 1855; Kner, 1858; Steindachner, 1860)	x					
<i>Hemisorubim platyrhynchos</i> (Valenciennes, 1840)			x		x	x

Táxon	BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
<i>Hypophthalmus edentatus</i> (Spix & Agassiz, 1829)			x			x
<i>Hypophthalmus marginatus</i> (Valenciennes, 1840)						x
<i>Iheringichthys labrosus</i> (Lütken, 1874)			x			
<i>Megalonema platanum</i> (Günther, 1880)			x			x
<i>Pimelodina flavipinnis</i> (Steindachner, 1876)					x	x
<i>Pimelodus albofasciatus</i> (Mees, 1974)	x					
<i>Pimelodus blochii</i> (Valenciennes, 1840)		x			x	
<i>Pimelodus fur</i> (Lütken, 1874)			x			
<i>Pimelodus heraldoi</i> (Azpelicueta, 2001)			x			
<i>Pimelodus maculatus</i> (La Cepède, 1803)			x			
<i>Pimelodus ornatus</i> (Kner, 1858)			x			
<i>Pimelodus paranaensis</i> (Britski & Langeani, 1988)			x			
<i>Pimelodus platicirris</i> (Borodin, 1927)			x			
<i>Pimelodus</i> sp						x
<i>Pinirampus pirinampu</i> (Spix & Agassiz, 1829)		x	x		x	x
<i>Phractocephalus hemiliopterus</i> (Bloch & Schneider, 1801; Humboldt, 1821; Spix & Agassiz, 1829; Parin, 1984)	x				x	x
<i>Propimelodus araguayae</i> (Rocha, de Oliveira & Rappy-Daniel, 2007)					x	
<i>Pseudoplatystoma corruscans</i> (Spix & Agassiz, 1829)			x			
<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i> (Linnaeus, 1766)	x	x	x			x
<i>Pseudoplatystoma tigrinum</i> (Valenciennes, 1840)						x
<i>Sorubimichthys planiceps</i> (Spix & Agassiz, 1829)					x	x
<i>Sorubim lima</i> (Bloch & Schneider, 1801)	x	x			x	x
<i>Steindachneridion scriptum</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)			x			
<i>Steindachneridion punctatum</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)			x			
<i>Zungaro jahu</i> (Ihering, 1898)			x			
<i>Zungaro zungaro</i> (Humboldt, 1821)	x				x	x

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Família Pseudopimelodidae (cont.)	<i>Microglanis garavelloi</i> (Shibatta & Benine, 2005)			x			
	<i>Microglanis</i> sp						x
	<i>Pseudopimelodus mangurus</i> (Valenciennes, 1835)			x			
	<i>Pseudopimelodus</i> aff. <i>pulcher</i> (Boulenger, 1887)			x			
Família Scoloplacidae	<i>Scoloplax distolothrix</i> (Schaefer, Weitzman & Britski, 1989)					x	
Família Trichomycteridae	<i>Ammoglanis diaphanus</i> (Costa, 1994)					x	
	<i>Apomatoceros</i> SP						x
	<i>Henonemus intermedius</i> (Eigenman & Eigenman, 1889)					x	
	<i>Ituglanis macunaima</i> (Datovo & Landim, 2005)					x	
	<i>Ituglanis</i> sp.	x					
	<i>Ochmacanthus batrachostomus</i> (Miranda Ribeiro, 1912)						x
	<i>Ochmacanthus</i> sp						x
	<i>Paracanthopoma</i> sp						x
	<i>Parastegophilus paulensis</i> (Miranda Ribeiro, 1918)			x			
	<i>Paravandellia oxyptera</i> (Miranda Ribeiro, 1912)			x			
	<i>Pseudostegophilus nemurus</i> (Gunther, 1869)						x
	<i>Trichomycterus brasiliensis</i> (Lütken, 1874)			x			
	<i>Trichomycterus</i> cf. <i>barbouri</i> (Eigenman, 1911)						x
	<i>Trichomycterus candidus</i> (Miranda-Ribeiro, 1949)			x			
	<i>Trichomycterus diabolus</i> (Bockmann; Casatti & de Pinna, 2004)			x			
	<i>Trichomycterus maracaya</i> (Bockmann & Sazima, 2004)			x			
	<i>Trichomycterus paolence</i> (Eigenmann, 1917)			x			
	<i>Trichomycterus pauciradiatus</i> (Alencar & Costa, 2006)			x			
	<i>Trichomycterus punctatissimus</i> (Castelnau, 1855)						x
	<i>Vandellia cirrhosa</i> (Valenciennes, 1846)						
<i>Vandellia hasemani</i> (Eigenmann, 1918)							x

Táxon		BH 01	BH 02	BH 03	BH 04	BH 05	BH 06
Ordem Synbranchiformes							
Família Synbranchidae	<i>Synbranchus marmoratus</i> (Bloch, 1795)			x		x	
	<i>Synbranchus</i> sp						x
Ordem Tetraodontiformes							
Família Tetraodontidae	<i>Colomesus asellus</i> (Muller & Troschel, 1849)					x	

ANEXO 3.6.4.4.1-6

OFÍCIO Nº 265/2010/CGFAP/DBFLO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério do Meio Ambiente
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
Diretoria de Uso Sustentável da Biodiversidade e Florestas
Coordenação Geral de Autorização de Uso e Gestão de Fauna e Recursos Pesqueiros
SCEN Av. L4 Norte Ed. Sede – Cx. Postal nº 09870 – CEP: 70800-200 – Brasília – DF
Telefone: (61) 3316-1480, Fax: (61) 3316-1238, E-mail: fauna.sede@ibama.gov.br

Ofício n. 265 /2010/CGFAP/DBFLO

Brasília, 23 de março de 2010.

Ao senhor
ANDRÉ FERREIRA DA COSTA
Interligação Elétrica do Madeira S.A.
Rua Lauro Muller, 116 – Salas 2601/2608 - Botafogo
22.290-160 Rio de Janeiro - RJ

Com Cópia
Ao Senhor
ADRIANA AKEMI KUNIY
JGP Consultoria e Participações Ltda.
Rua Américo Brasiliense, 615
04.715-003 São Paulo - SP

Assunto: Condicionantes da Autorização n. 019/2010 de captura, coleta e transporte de fauna para o levantamento de fauna da LT Porto Velho – Araraquara 2, n. 1, Estação Retificadora n. 2, processo 2001.009643/2009-81.

Prezado Senhor,

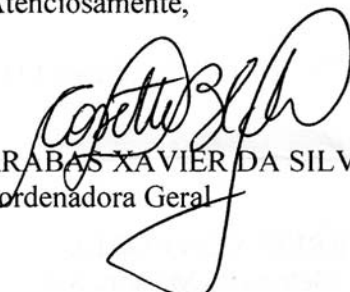
1. Fazendo referência a Autorização n. 019/2010 de captura, coleta e transporte de fauna silvestre, que tem como condicionante específica:
 - “2.4. Encaminhar cópia do número do protocolo ou declaração do CRBIO que já foi dada entrada na solicitação das Anotações de Responsabilidade Técnica de todos os profissionais em 20 dias”.
2. Solicitamos que tal condicionante seja cumprida dentro de 10 (dez) dias contados a partir da data deste ofício, sob pena de suspensão automática da Autorização n. 019/2010.





3. Informamos que não será necessário o cumprimento do item 2.1 do Ofício 104/2009/CGFAP/DBFLO, de 30 de janeiro de 2010, uma vez que foi acordado em reunião que na área de entorno do Parque Nacional das Emas será feita amostragem somente de mamíferos de médio e grande porte e avifauna.

Atenciosamente,


COSETTE BARRABAS XAVIER DA SILVA
Coordenadora Geral

ANEXO 3.6.4.4.1-7

PADRÕES UTILIZADOS PARA A ANÁLISE DE SOLOS

1. MÉTODOS DE ANÁLISE DE SOLOS¹

1.1 GRANULOMETRIA

Foi determinada na terra fina seca ao ar T.F.S.A. (menor que 2mm de diâmetro) usando-se o método da pipeta, tendo como dispersante o hexametáfosfato com hidróxido de sódio.

- As frações de areia foram obtidas por peneiramento e o silte por diferença;
- Argila dispersa em água: procedeu-se da mesma maneira como foi feito para a obtenção de argila total, porém usando-se unicamente água destilada como dispersante.

Cálculos:

% Grau de floculação = [(argila total - argila natural) / argila total].100

Classificação granulométrica quanto ao diâmetro das partículas:

- areia muito grossa (AMG): 2 –1mm,
- areia grossa (AG): 1-0,5 mm,
- areia média (AM): 0,5-0,25mm,
- areia fina (AF): 0,25-0,1mm,
- areia muito fina (AMF): 0,1-0,05 mm,
- silte: 0,05 - 0,002 mm,
- argila: < 0,002 mm.

Adota-se a classificação textural segundo a SBCS (1984) (**Figura 1-1**).

¹ Realizadas no Laboratório do Depto. de Ciências do Solo, ESALQ - USP

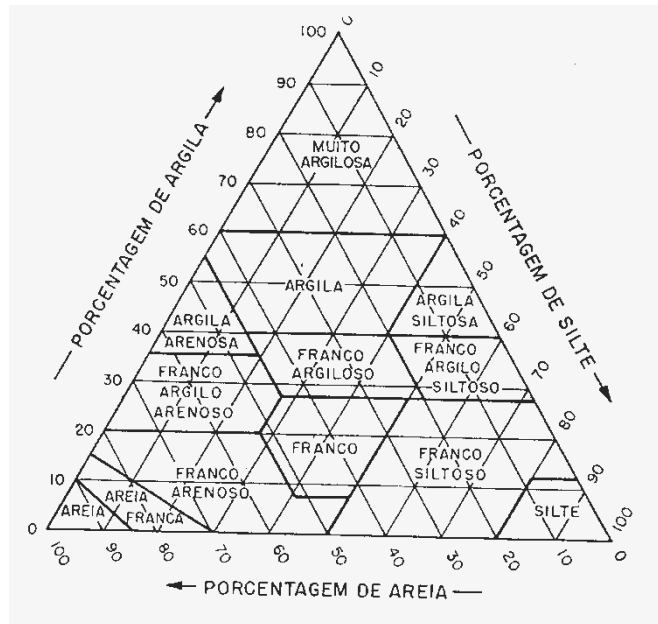


Figura 1-1 - Classes Texturais do Solo

1.2 ANÁLISES QUÍMICAS

- Complexo sortivo, pH e matéria orgânica
- P, Ca²⁺, Mg²⁺, K⁺, Na⁺, extraídos com resina trocadora de íons
- Determinação de Ca²⁺, Mg²⁺ por espectrofotometria de absorção atômica, e K⁺, Na⁺ por fotometria de chama
- Determinação de P colorimétrica com molibdato de amônia
- Acidez titulável (H⁺ + A13⁺): extração por agitação de 5g de T.F.S.A. com 100ml de acetato de cálcio 1N a pH7 e titulação com NaOH 0,1N usando fenolfetaleína como indicador
- Alumínio trocável (Al³⁺): extraído por agitação de 5g de T.F.S.A. com 100ml de cloreto de potássio 1N e titulação com NaOH 0,1N usando fenolfetaleína como indicador
- pH em água e solução de KCl 1N: determinação potenciométrica após três horas de repouso; relação solo: líquido igual a 1: 2,5
- Matéria orgânica: oxidação com solução 1N de bicromato de potássio em meio ácido e titulação do excesso de bicromato com solução de sulfato ferroso amoniacal 0,5N, usando a difenilamina como indicador.

Os cálculos utilizados para obtenção dos parâmetros químicos e físicos utilizados neste trabalho são indicados no **Quadro 1-1**.

Quadro 1-1 - Cálculos para Obtenção dos Parâmetros Químicos e Físicos Utilizados neste Trabalho

Parâmetro	Símbolo	Unidade	Fórmula
Soma de bases	SB	cmol _e /Kg	$SB = Ca^{+2} + Mg^{+2} + K^{+} + Na^{+}$
Capacidade de Troca Catiônica	CTC	cmol _e /Kg	$CTC = SB + (Al^{+3} + H^{+})$
Saturação por bases	V%	%	$V\% = (SB / CTC) \times 100$
Saturação por Alumínio	Al%	%	$Al\% = Al^{+3} / (Al^{+3} + SB) \times 100$
Atividade da fração argila	T argila	cmol _e /Kg argila	$T\ argila = (CTCpH_7 \times 1000) / \text{argila (g/Kg)}$

2. HORIZONTE SUPERFICIAL DO PERFIL DE SOLO

Nos solos tropicais, o horizonte A (camada superficial) apresenta-se com grande importância nas relações solo-planta.

No ambiente tropical, de maneira geral, há ampla disponibilidade térmica e excedente hídrico para a ocorrência de reações químicas de intemperismo. Isto implica em transformação rápida das rochas ou materiais inconsolidados que dão origem aos solos, transformação esta que resulta na eliminação de elementos solúveis nutrientes de plantas, na geração de minerais de argila (geralmente caulinita) e de óxidos de Ferro e Alumínio.

O resultado dos processos de pedogênese, nestas circunstâncias, é a geração de solos pobres em relação à fertilidade natural, isto é, com baixo teor de elementos essenciais para as plantas.

No caso de ambientes não perturbados, a vegetação nativa encontra-se plenamente adaptada às características locais, pois o processo de evolução da biota vegetal ocorre ajustado aos atributos pedológicos.

A vegetação nativa e os demais organismos do solo apresentam notável papel na ciclagem dos elementos químicos, pois os ciclos biogeoquímicos são perfeitamente ajustados à demanda local.

O mecanismo envolvido na disponibilização e retenção desses elementos está vinculado à presença da matéria orgânica em vários estágios de evolução e à biota do solo. No ambiente tropical, as temperaturas elevadas e a água proporcionam condições

de rápida decomposição e, portanto, os teores de matéria orgânica tendem a ser baixos, com exceção dos primeiros centímetros do perfil de solo que recebe material fresco.

Os solos das parcelas de inventário de vegetação estão localizados, em sua maior parte, em áreas de classes de solo caracterizadas pelo elevado estágio de evolução pedogenética, que implica perdas quase totais de nutrientes.

O que resta está vinculado à reciclagem da biomassa de resíduos vegetais. No entanto, os parâmetros de fertilidade química são ajustados em relação às culturas comerciais implantadas pelo homem ao longo da história. Forçosamente, esses parâmetros são considerados nesta discussão.

A textura do solo (composição granulométrica) também é de extrema importância para a compreensão dos fenômenos que ocorrem, pois responde pelo volume total de poros, retenção de água, superfície específica e interação com a matéria orgânica do solo.

3. CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A INTERPRETAÇÃO DOS ANALÍTICOS DE SOLOS DAS PARCELAS DE INVENTÁRIO DE VEGETAÇÃO DO EIA DA LT

Para a discussão das classes de textura, é adotado o triângulo textural (ver **Figura 1**), o qual define as classes em função da composição proporcional das partículas determinadas pela análise.

4. TABELAS DE INTERPRETAÇÃO DE ANÁLISE DE SOLO (IAC)

Para efeitos de discussão, os dados de análise química de solo da camada de 0-20cm de profundidade das parcelas de vegetação natural podem ser associados aos teores de elementos nas tabelas de interpretação de análises de solos recomendados para culturas florestais (**Quadros 4-1 e 4-2**), pois a produção de biomassa vegetal no ambiente natural maximiza toda a disponibilidade de nutrientes e água.

Quadro 4-1 - Limites de interpretação de teores de potássio e de fósforo em solos

Teor	K ⁺ trocável	P-resina			
		Florestais	Perenes	Anuais	Hortaliças
	mmol/dm ³	-----mg/dm ³ -----			
Muito baixo	0,0-0,7	0-2	0-5	0-6	0-10
Baixo	0,8-1,5	3-5	6-12	7-15	10-25
Médio	1,6-3,0	6-10	13-30	16-40	25-60
Alto	3,1-6,0	10-20	31-60	41-80	61-120
Muito alto	>6,0	>20	>60	>80	>120

Quadro 4-2 - Limites de interpretação dos teores de cálcio, magnésio e enxofre em solos

Teor	Ca ²⁺ trocável	Mg ²⁺ trocável	SO ₄ ²⁻
	-----mmol/dm ³ -----		mg/dm ³
Baixo	0-3	0-4	0-4
Médio	4-7	5-8	5-10
Alto	>7	>8	>10

a. Matéria Orgânica e Argila

O teor de matéria orgânica é útil para dar uma idéia da textura do solo, com valores de até 15g/dm³ para solos arenosos, entre 16 e 30g/dm³ para solos de textura média e de 31 a 60g/dm³ para solos argilosos. Valores muito acima de 60g/dm³ indicam acúmulo de matéria orgânica no solo por condições localizadas, em geral má drenagem ou acidez elevada.

b. Acidez

Os parâmetros relacionados a acidez dos solos, pH em CaCl₂ e saturação por bases apresentam estreita correlação entre si para amostras retiradas da camada arável. A interpretação adotada para valores de pH em CaCl₂ e de saturação por bases é apresentada no **Quadro 4-3**.

Quadro 4-3 - Limites de Interpretação das Determinações Relacionadas com a Acidez da Camada Arável do Solo

Acidez	pH em CaCl ₂	Saturação por bases	V%
Muito alta	Até 4,3	Muito baixa	0-25
Alta	4,4-5,0	Baixa	26-50
Média	5,1-5,5	Média	51-70
Baixa	5,6-6,0	Alta	71-90
Muito baixa	>6,0	Muito alta	>90

c. Classes de reação do solo

Os parâmetros de classes de reação do solo são apresentados no **Quadro 4-4**.

Quadro 4-4 - Classes de reação do solo

Classe	pH em água
Extremamente ácido	< 4,3
Fortemente ácido	4,3 – 5,3
Moderadamente ácido	5,4 – 6,5
Praticamente neutro	6,6 – 7,3
Moderadamente alcalino	7,4 – 8,3
Fortemente alcalino	> 8,3

5. NOMENCLATURA DAS UNIDADES DE MAPEAMENTO DE SOLOS DOS MÓDULOS

Os módulos de amostragem foram localizados em mapas de solos do RADAMBRASIL (RADAMBRASIL, 1978; RADAMBRASIL, 1979; RADAMBRASIL, 1982; RADAMBRASIL, 1983) e a respectiva nomenclatura das unidades de mapeamento foi atualizada conforme os critérios do Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (EMBRAPA, 2006).

ANEXO 3.6.4.4.1-8

**ESTAÇÕES METEOROLÓGICAS UTILIZADAS
COMO SUBSIDIO À COLETA DE FAUNA**

1. PLANILHA GERAL DOS DADOS DA BIOTA – METEOROLOGIA E CLIMA

1.1 MÉDIAS ANUAIS – TEMPERATURA, PLUVIOSIDADE E UMIDADE RELATIVA DO AR (CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA DE KOPPEN)

De forma a subsidiar os estudos gerais da biota relativos ao licenciamento prévio da LT 600kV CC Coletora Porto Velho – Araraquara 2, Nº 01, no que tange à classificação climática e condições meteorológicas, apresenta-se a seguir a lista de informações das estações e plataformas de coleta de dados meteorológicos utilizadas. Cabe ressaltar que os dados presentes neste Anexo os disponibilizados pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) pertencentes ao 9º Distrito de Meteorologia e pelo Instituto de Pesquisas Espaciais através do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC/INPE).

- Ponto: **M1** (8°56'47''S / 63°51'53''W)

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Meteorológica Porto Velho	31998	20

Classificação climática de Koeppen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Am	25,8	185	90

Observações
<p>Estação Meteorológica Porto Velho 31933 (CPTEC) Período: 2004 – 2009 Latitude: -8.79° Longitude: -63.84° Altitude: 95 m</p> <p>Normais Climatológicas 1961 – 1990 INMET (1992)</p>

- Ponto: **M2** (12°05'12"S / 61°11'07"W)

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Meteorológica Cacoal	31993	77
Pluviométrica Pimenta Bueno	1161001	45

Classificação climática de Köppen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Am	25,5	158,9	84,5

Observações
<p>Estação Meteorológica Cacoal 31933 (CPTEC) Período: 2003 – 2008 Latitude: -11.48° Longitude: -61.37° Altitude: 186 m</p> <p>Estação Pluviométrica Pimenta Bueno 1161001 (ANA/CPRM) Período: 1980 - 2007 Latitude: -11°41'11" Longitude: -61°11'32" Município: Pimenta Bueno, RO</p>

- Ponto: **M3** (13°49'12"S / 60°18'24"W)

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Meteorológica Comodoro	A913	59
Meteorológica Cacoal	31933	290

Classificação climática de Koeppen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Am / Aw	24	200	84,5

Observações
<p>Estação Meteorológica Comodoro A913 (INMET) Período: 1987 - 1992 Latitude: -14.26° Longitude: -59.23° Altitude: 600 m</p> <p>Estação Meteorológica Cacoal 31933 (CPTEC) Período: 2003 – 2008 Latitude: -11.48° Longitude: -61.37° Altitude: 186 m</p>

- Ponto: **M4** (14°58'18"S / 59°38'47"W)

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Comodoro	A913	145
Meteorológica Vila Bela Santíssima Trindade	A922	32
Pluviométrica Fazenda Areião	1560000	62

Classificação climática de Köppen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Aw	24,0	94,68	76,2

Observações
<p>Estação Meteorológica Comodoro A913 INMET Período: 1987 - 1992 Latitude: -14.26° Longitude: -59.23° Altitude: 600 m</p> <p>Estação Meteorológica Vila Bela Santíssima Trindade INMET A922 Período: 2006 – 2007 Latitude: -15.06° Longitude: -59.87° Altitude: 222 m</p> <p>Estação Pluviométrica Fazenda Areião 1560000 ANA/CPRM Período: 1986 – 2007 Latitude: -15.24° Longitude: -60.01°</p>

- Ponto: **M5** (15°08'26"S /

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Agrometeorológica Tangará da Serra	31931	62
Meteorológica Cáceres	-	100

Classificação climática de Koeppen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Aw	27	78	60

Observações
<p>Estação Meteorológica Cáceres (INMET) Período: 1971 - 1990 Latitude: -16.05° Longitude: -57.68° Altitude: 118 m</p> <p>Estação Agrometeorológica Tangará da Serra 31931 (CPTEC) Período: 2002 – 2008 Latitude: -14.70° Longitude: -57.37° Altitude: 321 m</p>

- Ponto: **M6** (15°04'23"S / 56°45'42"W)

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Meteorológica Cuiabá	32590	93
Meteorológica Nortelândia	-	69

Classificação climática de Köppen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Aw	28,1	152	69,5

Observações
<p>Estação Meteorológica Nortelândia (INMET) Período: 1962 – 1990 Latitude: -14.36° Longitude: -56.86° Altitude: 244 m</p> <p>Estação Meteorológica Cuiabá 32590 (CPTEC) Período: 2002 – 2008 Latitude: -15.55° Longitude: -56.86° Altitude: 151 m</p> <p>Normais Climatológicas 1961 – 1990 INMET (1992)</p>

- Ponto: **M7** (15°50'13"S / 55°25'03"W)

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Meteorológica Cuiabá	32590	77

Classificação climática de Köppen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Aw / Cwa	27,4	115	69,5

Observações
<p>Estação Meteorológica Cuiabá 32590 (CPTEC) Período: 2002 – 2008 Latitude: -15.55° Longitude: -56.86° Altitude: 151 m</p>

- Ponto: **M8** (17°24'41''S / 53°12'37''W)

Estação	Código	Distância aproximada do ponto (km)
Agrometeorológica Mineiros	32345	73
Pluviométrica Fazenda Babilônia	1753002	9

Classificação climática de Koepfen	Condições climáticas		
	Temperatura média	Pluviosidade média	Umidade relativa média
Cwa	23,2	134,68	68,6

Observações
<p>Estação Agrometeorológica Mineiros 32345 (CPTEC) Período: 2004 - 2008 Latitude: -17.46° Longitude: -52.60° Altitude: 861 m</p> <p>Estação Pluviométrica Fazenda Babilônia 1753002 (ANA/CPRM) Período: 1965 - 2006 Latitude: -17.21° Longitude: -53.5°</p>

ANEXO 3.6.4.4.1-9

AVALIAÇÃO DO POTENCIAL MALARÍGENO (APM)

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	1
1.1	A MALÁRIA	2
1.2	VETORES NA AMAZÔNIA LEGAL	4
1.3	TRANSMISSÃO DE PLASMÓDIOS	5
1.4	EPIDEMIOLOGIA DA MALÁRIA	5
2.	OBJETIVOS	6
3.	MÉTODO	7
3.1	ÁREAS DE ESTUDO E GEORREFERENCIAMENTO DOS CRIADOUROS	7
3.2	CAMPANHA PARA AVALIAÇÃO DO POTENCIAL MALARÍGENO	8
3.3	PESQUISAS DE ANOFELINOS	8
3.3.1	PESQUISA DE ANOFELINOS IMATUROS	8
3.3.2	PESQUISA DE ANOFELINOS ADULTOS	10
3.4	IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL	11
3.5	CADASTRAMENTOS DAS INFORMAÇÕES	12
3.6	PROCESSAMENTOS DOS DADOS E EMISSÃO DO RELATÓRIO	12
4.	RESULTADOS	12
4.1	CADASTRAMENTOS FEITOS NAS ÁREAS DE ESTUDO	12
4.2	MAPA DO TRAJETO DA LT	13
4.3	RESULTADOS DE COLETAS DE ANOFELINOS ADULTOS COM ARMADILHA DE SHANNON	13
4.4	RESULTADOS DE COLETAS DE ANOFELINOS IMATUROS COM CONCHA ENTOMOLÓGICA	18
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
7.	EQUIPE TÉCNICA	25

ANEXO 3.6.4.4.1-9.1 - ASPECTOS DAS TÉCNICAS UTILIZADAS EM CAMPO E EM LABORATÓRIO PARA AVALIAÇÃO DO POTENCIAL MALARÍGENO DA LT

ANEXO 3.6.4.4.1-9.2 - PONTOS GEORREFERENCIADOS E PESQUISADOS PARA COLETA DE ANOFELINOS ADULTOS E IMATUROS, AO LONGO DA LT.

ANEXO 3.6.4.4.1-9.3 - COLETAS EFETUADAS COM ARMADILHA DE SHANNON AO LONGO DA LT

ANEXO 3.6.4.4.1-9.4 - COLETAS EFETUADAS COM CONCHA ENTOMOLÓGICA AO LONGO DA LT

ANEXO 3.6.4.4.1-9.5 - GEORREFERENCIAMENTO DOS PONTOS DE COLETA AO LONGO DA LT, NOS ESTADOS DE RONDÔNIA E MATO GROSSO, INDICANDO OS LOCAIS ONDE FORAM FEITAS AS CAPTURAS DE MOSQUITOS ADULTOS E IMATUROS

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo versa sobre a Avaliação do Potencial Malarígeno (APM), pesquisa exigida pelo Ministério da Saúde, para empreendimentos situados na área reconhecida com de transmissão ou endêmica da malária. Assim, procurou-se atender à Portaria N°47 de 29 de dezembro de 2006 que: “Dispõe sobre a Avaliação do Potencial Malarígeno para os projetos de assentamento de reforma agrária e para outros empreendimentos, nas regiões em que a malária ocorre sob a forma endêmica”; e também, a Portaria N°45, de 13 de dezembro de 2007, que: “Dispõe sobre a emissão do Potencial Malarígeno e do Atestado de Condição Sanitária pelas Secretarias de Estado da Saúde pertencentes à Amazônia Legal, estabelece parâmetros para o repasse de recursos e padroniza os procedimentos para estudos entomológicos”. Além dessas Portarias, esse estudo atende às recomendações das Notas Técnicas: N° 12/2007/CGPNM/DIGES/SVS/MS e N° 16/2009/CGPNM/DEVEP/SVS/MS que versam sobre a “Padronização dos métodos utilizados em pesquisa larvária de *Anopheles* na rotina dos laboratórios de entomologia” e sobre as “Diretrizes para elaboração do Plano de Ação para o Controle da Malária (PACM)”, respectivamente.

O projeto de implantação da Linha de Transmissão 600 kV CC Coletora Porto Velho – Araraquara 2, N° 01 é de grande porte e tem seu desenho na forma de corte em diagonal que atravessará três regiões do país: Norte, Centro-Oeste e Sudeste.

Nessa trajetória a linha cortará cinco Estados, (Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo) passando por mais de 80 municípios e possuirá a dimensão linear de 2.368,5 Km. Entretanto, para efeito desse estudo, os trabalhos de avaliação do potencial malarígeno (APM) irão cobrir apenas os Estados de Rondônia e Mato Grosso, por estarem inseridos na Amazônia Legal. Os biomas representativos da área de estudo serão: Floresta Amazônica e Cerrado do Centro-Oeste, sendo que em muitos espaços da trajetória a ação humana já se fez presente resultando em fragmentos da vegetação primitiva e áreas antropizadas. Assim sendo, nesse estudo de potencial malarígeno, procurar-se-á cobrir toda a extensão da LT nesses dois Estados, de modo que as amostras de anofelinos coletadas representem esse vasto transecto.

A Área de Influência Direta da LT em questão foi delimitada em uma faixa de largura de 2km, ou seja, um quilômetro de cada lado do traçado, que atravessará os territórios dos Estados de Rondônia e Mato Grosso.

Esse estudo contempla o método e as técnicas que foram adotadas para a efetivação dos trabalhos de campo, laboratório e demais procedimentos para a elaboração do relatório científico sobre a APM. O presente documento tomou por base os dados obtidos a partir das áreas amostrais, que foram demarcadas ao longo do traçado da LT.

Dada a peculiaridade desse trabalho, por tratar-se de estudo linear de grande extensão, várias adaptações de procedimentos metodológicos foram adotadas para efeito de viabilizar sua implementação. Procurou-se, entretanto, elaborar o protocolo de forma a obedecer de maneira adequada às recomendações do Ministério da Saúde, para esse tipo de trabalho.

Para atender à Resolução Nº 286 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), de 30 de agosto de 2001, com base nos dados e informações produzidos pelo diagnóstico, o trabalho incluiu a elaboração de orientações voltadas para evitar o contato com os vetores e minimizar o risco da doença na área de influência. Foi dada ênfase à fase de construção do empreendimento e também, sobre suas conseqüências.

Ainda nessa introdução, para uma melhor compreensão desse documento, foi feita uma explanação a qual é exposta a seguir. Tomou-se por base a compreensão da doença em geral, seus principais vetores na Amazônia Legal, a maneira de transmissão dos plasmódios e aspectos epidemiológicos que estimulam a continuidade da endemia, principalmente na região Amazônica. Os conteúdos dessa síntese foram extraídos a partir de livros textos básicos (Consoli & Lourenço-de-Oliveira, 1994; Forattini, 2002), da situação sobre a malária no Brasil (Moura & Natal, 2009) e da experiência vivida pelos autores desse estudo.

1.1 A MALÁRIA

A malária é uma doença febril resultante de uma infecção provocada por parasitos unicelulares pertencentes ao gênero *Plasmodium*. No homem manifesta-se por meio de febres recorrentes e cíclicas, com acessos de 36, 48 e 72 horas, na dependência da espécie do parasito que provocou a infecção. Os acessos de febre coincidem com o período de rompimento das hemácias parasitadas.

Sob o ponto de vista dos hospedeiros dos plasmódios, podem ser reconhecidos dois tipos de malária, a simiana e a humana.

A primeira, de pouca importância no contexto da produção de doença, é considerada uma zoonose, por manter-se entre macacos, sendo também conhecida como malária de macaco. Nesse caso, o parasito circula entre insetos vetores, dípteros hematófagos conhecidos como anofelinos, e populações de macacos, em áreas florestadas. Entre esses animais a transmissão do patógeno verifica-se geralmente na copa das árvores.

No Brasil, os principais parasitos da malária simiana são *P. simium* e *P. brasilianum*. Esses patógenos podem atingir acidentalmente o homem, geralmente quando esse penetra nas matas e é picado por um anofelino infectado. Nos humanos são comuns as

infecções inaparentes, porém, ao se desenvolver o quadro clínico, pela baixa parasitemia esse é geralmente brando e descaracterizado.

A malária humana, de elevada importância epidemiológica, conhecida como clássica, é provocada em nosso país pela infecção motivada por três espécies de plasmódios: *P. falciparum*, *P. vivax* e *P. malariae*, dentre outras cepas variantes. Destas, as infecções por *P. falciparum* são as mais graves, com acessos febris de 36 em 36 horas. Os outros dois parasitos provocam febre em intervalos de 48 e 72 horas respectivamente. Há ainda uma quarta espécie de plasmódio, o *P. ovale*, porém tal infecção não ocorre no Brasil. Esses agentes são veiculados por anofelinos de hábitos antropofílicos, ou seja, mosquitos que sugam o sangue humano. Assim, a tendência desses parasitos é a de serem transmitidos do homem doente, considerado a fonte, ao homem são, considerado o susceptível.

Na Amazônia Legal, a malária é considerada uma doença endêmica. Essa condição significa que considerando a região como um todo, ano após ano, essa enfermidade tem se expressado. Estima-se que no Brasil 99% dos casos de malária notificados concentram-se nessa região.

Nesse vasto território a malária foi incrementada após os esforços da campanha de erradicação terem arrefecido e também, motivada pela ocupação de seus espaços, por meio da abertura de rodovias durante o governo militar. O sentimento nacionalista impingido no slogan “integrar para não entregar” culminou com o estímulo migratório para as franjas da floresta, na abertura de empreendimentos de agropecuária, agrovilas, minerações, construções de hidrelétricas, dentre outras atividades.

No contexto, compôs-se quadro epidemiológico favorável à emergência de surtos e epidemias. Tais situações explicavam-se pelo desequilíbrio ambiental motivado pela derrubada da mata, pela formação de criadouros favoráveis ao mosquito prego, cujo nome científico é *Anopheles darlingi*, principal vetor de plasmódio na região e também, devido à aglomeração de pessoas que as ocupações exigiam. Além desses aspectos, é natural admitir que as condições sociais dos migrantes fossem precárias e assim, sem recursos para investir na qualidade da habitação, construam suas casas com matérias da floresta, como hastes de troncos, amarrações de cipós, coberturas de folhas de palmeiras, entre outras iniciativas. Essas moradias, apesar de adequadas ao clima equatorial úmido, pois permitiam a ventilação, ficavam vulneráveis à entrada noturna dos anofelinos vetores. Em síntese, a malária explodia nas áreas recém-ocupadas e moduladas pelas condições provisórias e pela precariedade socioeconômica.

1.2 VETORES NA AMAZÔNIA LEGAL

Os anofelinos pertencem à família Culicidae, a qual engloba todos os mosquitos. Esses são holometábolos, ou seja, desenvolvem-se por metamorfose que contempla ciclo de vida completo, apresentando quatro fases: ovo, larva, pupa e adulto. Os imaturos, representados pelas três primeiras fases são exclusivamente dependentes da água, enquanto o adulto é de hábito aéreo-terrestre.

Os ambientes aquáticos em que vivem os imaturos são os chamados criadouros. São corpos d'água estagnada de variados aspectos. A maioria dos anofelinos prolifera nas planícies de inundação dos rios, onde tais charcos fazem parte da paisagem. Os alados são frágeis e evitam locais secos. Ocultam-se em ambientes de pouca ventilação, úmidos, escuros, encontrados na vegetação. Somente as fêmeas são hematófagas e têm potencial de agir como vetoras. Os machos são sugadores de exudados açucarados de vegetais, como o néctar.

O Brasil, com a maior parte de seu território inserido no trópico, é detentor de grande diversidade de mosquitos. O país possui rica fauna de anofelinos, havendo espécies com distintas adaptações, desde as silvestres ou exclusivamente zoófilas, ou seja, que sugam sangue de animais, até as que desenvolveram comportamento de aproximação ao homem, no qual obtêm o repasto, sendo designadas como antropofílicas. São essas as que desempenham papel importante como vetoras de plasmódios, no que tange à malária humana.

Na Amazônia, o *Anopheles darlingi* é o principal vetor estando assim envolvido na maioria dos surtos e epidemias. É na relação hematofágica conduzida pela fêmea, caso essa esteja infectada, que se verifica a infecção do indivíduo pelo plasmódio. Esse mosquito é reconhecido como vetor primário e mantenedor da endemia nos Estados da Amazônia Legal. Nessa mesma região, outros anofelinos podem eventualmente auxiliar a transmissão, ou mesmo mantê-la, quando o vetor principal está ausente, sendo esses reconhecidos como vetores secundários.

Dessa forma, espécies secundárias na discussão da malária referem-se às espécies que eventualmente funcionam como vetoras, ou seja: são capazes de veicular plasmódios ao homem. Assim, esses mosquitos podem se infectar em pacientes portadores, tornarem-se infectivos e a partir daí, passam a levar o parasito aos suscetíveis, por meio de suas picadas. Dentre outras espécies, nessa condição, desempenha importante papel um complexo de anofelinos composto por variantes genéticas classificadas como *Anopheles albitalis* sl (sl = senso lato).

Nos ambientes sobre a influência do mar, principalmente nos estuários do Norte, formam-se condições para proliferação de outro anofelino, o *Anopheles aquasalis*,

também de importância médica. Como já referido, na fase imatura, essa espécie é adaptada à água salobra. Trata-se de mosquito com acentuada antropofilia e que pode funcionar como excelente vetor dos plasmódios humanos. Assim, sempre que nessa região irrompe um surto levanta-se a suspeita pela incriminação desse vetor.

1.3 TRANSMISSÃO DE PLASMÓDIOS

Em relação aos parasitos da malária, os anofelinos, ao emergirem na fase adulta, provenientes das pupas, não estão infectados. Para albergar os parasitos da malária há o requisito de se alimentarem em um hospedeiro ou portador o qual funciona como fonte de infecção ao mosquito.

O parasito desenvolve parte de seu ciclo no interior do mosquito. Assim, o que o mosquito ingere junto com o sangue a partir do portador são os gametas do parasito, os quais apresentam dimorfismo sexual, sendo o masculino diminuto em relação à célula feminina. Uma vez atingindo o estômago do mosquito, esses gametas se fundem formando um ovo ou zigoto. Esse irá migrar passando através da parede do estômago e atingindo seu lado oposto, onde se incrusta. Forma-se assim o chamado oocisto, o qual produz uma infinidade de esporozoítos. Esses acabam por atingir o lume das glândulas salivares do mosquito, contaminam sua saliva, tornando-o infectante. Uma fêmea com esporozoítos na saliva conquista a condição de vetor e permanecerá infectante por toda sua vida, estimada em até dois meses. Nessa condição, todas as vezes que tiver contato hematofágico poderá infectar o organismo, espalhando o parasito.

No vertebrado, chamado de hospedeiro definitivo, o ciclo do parasito continua. Por via sanguínea os plasmódios atingem as células do fígado, nas quais se transformam e se multiplicam. Desse órgão migram para o sangue, sendo que algumas formas parasitárias invadem as hemácias. É na invasão das hemácias que se estabelece um ritmo relativamente sincrônico, que culmina com a febre do paciente, no momento de ruptura dessas células sanguíneas. Algumas formas sanguíneas do parasita, diferenciadas em gametas masculinos e femininos, contaminam o sangue periférico, podendo ser ingeridos por anofelinos no momento da picada o que permite que o ciclo se complete.

1.4 EPIDEMIOLOGIA DA MALÁRIA

Para a malária se manter em uma região como uma endemia, produzir surtos ou epidemias há a necessidade da interação de múltiplos fatores, como ocorre em praticamente todas as doenças. Assim, a rede causal desse agravo é complexa e serão assinalados nesse texto, apenas alguns de seus determinantes ou condicionantes.

Aquilo que os entomólogos designam como densidade vetora é fator primordial, pois sem os anofelinos em quantidade a transmissão normalmente não se efetiva. Assim, na área endêmica, em habitats favoráveis e condições climáticas adequadas, os anofelinos podem proliferar e constituir população com elevada densidade de indivíduos, aumentando o risco de surtos.

A simples densidade do vetor não é suficiente para levar ao estabelecimento do processo da transmissão e esse fato é relevante, principalmente quando se aborda a malária humana. É que os plasmódios humanos não são nativos, mas sim levados de região para região pelo próprio homem em seus deslocamentos. Nesse raciocínio, entende-se por que a migração é sempre considerada ao se referir à malária, principalmente na Amazônia. Compreende-se, portanto, o porquê da preocupação com projetos de desenvolvimento na referida região, quando esses empreendimentos se transformam em pólos de atração de trabalhadores, gerando fluxo migratório, como é o caso da abertura de garimpos, das rodovias, das hidrelétricas, das construções de linhas de transmissão de energia, dentre outros. Foi por isso que os projetos de colonização da região, baseados em agrovilas, estimulados pelos governos, acabaram por contribuir com a malária, potencializando a endemia na extensa região amazônica, problema que permanece até a atualidade. É ainda pouco conhecido qual seria o efeito sobre a malária do desmatamento rápido que continua a acontecer nos perímetros da floresta. Com a tecnologia das máquinas e com número restrito de trabalhadores, a mata sede lugar à pecuária, ao algodão, à soja e, até mesmo à cana. Nesses amplos espaços de produção quase não se vê o homem e, provavelmente essa nova forma de ocupação não deva ser relevante para a doença em debate.

Na região amazônica nem mesmo as cidades estão isentas da transmissão pela picada de anofelinos. Isso ocorre não pela adaptação do vetor que poderia ter se urbanizado, como ocorrido com o vetor dos vírus da dengue, o *Aedes aegypti*, mas sim, porque é a cidade que avança em suas bordas sobre os ambientes rurais e mesmo sobre a mata. Esse fenômeno de expansão urbana é realidade em muitas cidades, destacando-se Manaus, onde em certos bairros periféricos já foram registradas epidemias.

2. OBJETIVOS

Essa pesquisa teve como objetivo conhecer a fauna de anofelinos na área de influência da LT 600kV CC Coletora Porto Velho – Araraquara 2, N°01, para subsidiar ações de prevenção e controle da malária durante a fase de construção e de operação da LT.

3. MÉTODO

3.1 ÁREAS DE ESTUDO E GEORREFERENCIAMENTO DOS CRIADOUROS

Foi acordado por meio do empreendedor e a Secretaria de Vigilância Sanitária (SVS) o número de pontos de amostragens (criadouros) e as regiões consideradas endêmicas para a malária. Portanto, por meio de mensagens eletrônicas e contatos telefônicos, foi acordado o número de 16 (dezesesseis) pontos de coletas, distantes cerca de 100 km. Assim, a equipe em campo buscou pontos representativos e paisagisticamente favoráveis aos anofelinos que foram considerados as “áreas de estudo”. Ainda, na efetivação dessa proposta, em comum acordo com a SVS/Ministério da Saúde, foi feita uma única campanha de campo para as coletas.

A área total da pesquisa para avaliação da fauna anofélica foi definida a partir de Porto Velho, adentrando o Estado de Mato Grosso, até atingir a divisa do Estado de Goiás, incluindo assim a região dessa LT inserida na Amazônia Legal. Dado o longo trajeto em estudo, cerca de 2.400, tornou-se impossível uma cobertura total e detalhada dessa extensão. Entretanto, foi feito esforço para se encontrar pontos epidemiologicamente interessantes para a investigação do potencial referente à malária e que estavam acessíveis à equipe de campo, em uma extensão de 1.600 km.

A escolha das áreas de estudo, na dependência do local em que a busca aos anofelinos foi feita, estava alocada em diferentes biomas como o da Mata Amazônica, para o oeste, no Estado de Rondônia e as formações do cerrado do Centro Oeste, para o leste, no Estado do Mato Grosso. Áreas de transição foram também exploradas, na intersecção entre esses dois biomas. Houve assim, esforços para se cobrir a representatividade dessas unidades ecológicas, e suas variações paisagísticas, porém, levando-se sempre em consideração os pontos mais vulneráveis à malária, diante das alterações previstas devido à construção da referida linha de transmissão.

Os criadouros foram procurados com base na bioecologia do principal vetor, o *Anopheles darlingi*. Esses corpos d'água, propícios para essa espécie, são geralmente localizados no entorno de áreas mais vulneráveis à malária, ou seja, nas proximidades de instalações humanas situadas nas imediações da futura LT. Usualmente esse anofelino se estabelece com sucesso em pontos com água estagnada, contendo macrófitas ou ambientes semi-sombreados por vegetação arbórea (Consoli & Lourenço-de-Oliveira, 1994, Forattini, 2002).

Essa tarefa foi executada no período de 18 a 28 de fevereiro de 2010, quando os pontos foram selecionados para definição das áreas de estudo nas quais os potenciais criadouros do mosquito *Anopheles darlingi* e outros *Nyssorhynchus* foram

georreferenciados e fotografados. Nesses criadouros foram feitos os procedimentos para as coletas de imaturos e em suas áreas de influência foram feitas coletas de anofelinos adultos, como explicado a seguir, nesse documento. Para efeito de simplificação das anotações no campo, a designação do nome da LT em questão foi denominada como **LTN**. Todas as anotações no corpo do relatório, a partir desse ponto do relatório, incluindo os anexos, foram feitas seguindo-se essas iniciais.

3.2 CAMPANHA PARA AVALIAÇÃO DO POTENCIAL MALARÍGENO

Conforme autorizado pela SVS/MS foi feita uma única campanha para coletas no campo, a qual ocorreu no período de 17 a 26 de fevereiro de 2010 sob a autorização da Licença de Captura, Coleta e Transporte Número 019/2010 (Ofício 104/2009 CGFAP/ DBFLO com validade de 25/01/2010 a 06/11/2010).

Contou-se com a participação de duas equipes, cada qual com um biólogo e um auxiliar. Uma das equipes iniciou seu trabalho nas proximidades de Porto Velho (RO) enquanto a outra nas imediações de Santa Rita do Araguaia, MT, sendo que ambas caminharam em sentidos inversos ao longo da LT, até se ter o trabalho encerrado. Cada equipe contou também com o trabalho de mais um biólogo, que permanecia na “base”, ou seja, em um mini laboratório itinerante, improvisado nos locais de hospedagem. A partir dos primeiros pontos, a cada dia as equipe estabeleciam novas área de estudo, avançando-se na trajetória das linhas, a cada 100 km por dia. O total desse esforço totalizou 16 áreas de estudo, senda as últimas localizadas em trecho intermediário da extensão avaliada.

Em cada ponto estudado foram vistoriados os criadouros em potencial, que foram georreferenciados, em número de cinco, situados dentro dos limites da área de estudo. Nesses criadouros foram feitas as coletas de anofelinos imaturos, seguindo-se as instruções da Nota Técnica N°12. Também, em cada uma das áreas de estudo, ao entardecer e no início da noite foram executadas as capturas com a armadilha de Shannon, conforme descrito em item anterior.

3.3 PESQUISAS DE ANOFELINOS

3.3.1 PESQUISA DE ANOFELINOS IMATUROS

Os criadouros selecionados e georreferenciados das *áreas de estudo*, circunscritos aos pontos definidos para a pesquisa, dentro de um raio de 2km, foram visitados pela equipe de entomologia para a coleta de larvas e pupas. O **Anexo 3.6.4.4.1-9.1, Foto 1**, ilustra o procedimento de coleta.

Para a captura foram utilizadas conchas entomológicas de cor branca, munidas de cabo de 1m, de 350 ml, diâmetro de abertura de 11cm. Obedeceu-se à padronização

do número de conchadas em cada ponto do criadouro, seguindo-se orientação do Ministério da Saúde (MS). Assim, em determinado criadouro, iniciou-se a coleta fixando-se um ponto inicial. Com os pés colocados na margem do criadouro e olhando-se em direção ao mesmo, executaram-se três conchadas à esquerda, três à direita e mais três à frente, totalizando nove conchadas por ponto amostral. A seguir, caminhavam-se cinco metros adiante, na margem do criadouro e amostrava-se outro ponto, e assim, sucessivamente até completar todo o perímetro do criadouro. Caso o criadouro possuísse mais de 100m de perímetro, amostrava-se no máximo 20 pontos, sendo sempre um a cada cinco metros.

Durante a investigação, ao se proceder a coleta, a cada conchada efetivada contava-se e anotava-se o número de anofelinos, para fim de estimativa de densidade, sem levar em consideração as espécies existentes.

No campo, os imaturos coletados foram transferidos para frascos com água do criadouro e transportados para a base itinerante da pesquisa (laboratório de campo), local em que, sempre que possível, cada exemplar era mantido vivo, em separado, até atingir a fase adulta. As exúvias liberadas (da larva de quarto estágio e da pupa) eram recolhidas e acondicionadas em mini-frascos contendo álcool 70% para envio ao laboratório de identificação. Os adultos emergidos (a partir das pupas) foram fixados por meio de vapor de clorofórmio e a seguir, acondicionados em caixinhas entomológicas ou “tubinhos” de plástico contendo sílica, e enviados ao laboratório para identificação. Foi criado um sistema de rotulagem de maneira a garantir a relação da exúvia da larva, da pupa e do corpo do mosquito adulto referente a um mesmo indivíduo, com o fim de garantir diagnóstico correto no momento da identificação. Após a identificação e contagem de todos os anofelinos segundo as espécies, conhecido o volume de água retirada por meio das conchadas, tornou-se possível estimar a densidade por espécie, inclusive esse indicador para a espécie *Anopheles darlingi*, o principal vetor da malária. O **Anexo 3.6.4.4.1-9.1, Fotos 3, 4, 5 e 6**, mostram aspectos dos cuidados adotados com os imaturos no laboratório de campo.

O parágrafo anterior representa a forma ideal de trabalho, para atender às exigências do Ministério da Saúde. Entretanto, dada a particularidade desse projeto linear e de grande extensão, houve dificuldades em se estabelecer base de pesquisa permanente, de maneira a se conseguir a evolução de todos os imaturos até atingirem a fase adulta, com vistas à obtenção de material completo para estudos taxonômicos. Propôs nesse estudo, para que toda a área fosse coberta, uma mobilidade rápida da equipe, com deslocamentos sucessivos e diários. Dada essa particularidade, o parágrafo anterior foi colocado como meta, porém, houve situações em que por contingência foi feita a fixação do material imaturo logo após a coleta, sem contar com o desenvolvimento até

a fase alada. Além disso, algumas larvas estavam morrendo, possivelmente por ataques de microorganismos e fungos e assim que se percebia tal situação, os exemplares foram fixados em álcool.

3.3.2 PESQUISA DE ANOFELINOS ADULTOS

Em todas as áreas de estudo selecionada ao longo do transecto de 1.600 Km foi escolhido um ponto para instalação de uma armadilha de Shannon (Consoli e Lourenço-de-Oliveira, 1994) o qual foi georreferenciado. O critério de escolha do local de instalação desse equipamento foi baseado na proximidade de criadouros positivos para anofelinos, conforme constatado na pesquisa larvária, feita no período diurno, no mesmo dia de instalação da armadilha de Shannon. Outro elemento que ajudou na seleção desse ponto foi a presença de povoado que pudesse sugerir risco para malária. Essa técnica simula uma moradia humana ao usar o fator atrativo da luz e a presença do coletor. Assim, seu ambiente interno representa o intradomicílio e suas laterais o peridomicílio. Essa alternativa está sendo adotada em substituição à isca humana, para se evitar a exposição direta do coletor, por motivos éticos. Acredita-se que o emprego da armadilha de Shannon não interferirá nos resultados, pois essa armadilha, igualmente à isca humana, atrai mosquitos antropofílicos. O **Anexo 3.6.4.4.1-9.1, Foto 2**, ilustra uma armadilha de Shannon em funcionamento.

Foi trabalhada uma noite em cada área de estudo, sendo que a armadilha de Shannon operou por quatro horas sucessivas abrangendo o crepúsculo vespertino e o início da noite até que se completasse o período estabelecido para a captura. Nesse sentido, foi introduzida outra alteração em relação à proposta estabelecida pelo Ministério da Saúde, que preconiza capturas de três noites seguidas em uma mesma área de estudo. Justifica-se essa alteração, em decorrência da grande linearidade desse projeto e a alternativa estabelecida visou cobrir de forma mais homogênea toda a extensão da linha, na área da Amazônia Legal. Assim, no período claro do dia, investigavam-se os criadouros e ao anoitecer, procedia-se a coleta de alados, numa mesma área de estudo. No dia seguinte, as equipes já se encontravam em deslocamento para a definição de novas áreas de estudo, e assim, sucessivamente, até que fosse completada toda a trajetória da LT.

Para as capturas feitas nas partes interna e externa da armadilha, foi utilizado “tubo mortífero” contendo em seu fundo algodão embebido em clorofórmio e com tela afunilada inserida no interior de sua porção média, para reter os exemplares e evitar que entrassem em contato direto com a substância tóxica. Em caso de elevada frequência de mosquito foi empregado um aspirador elétrico manual movido por bateria de 6 voltz (Natal e Marucci, 1984). Após aspirar quantidade razoável de exemplares, retira-se a câmara coletora e transfere-se a mesma para um saco plástico contendo um

chumaço de algodão embebido em clorofórmio. A seguir, separa-se o material biológico despejando-se o conteúdo da câmara em uma folha branca de papel.

O material coletado foi discriminado “por hora”, não tendo sido feita distinção entre os ambientes: interno e externo da armadilha. Os anofelinos foram guardados em caixinhas entomológicas rotuladas para o envio ao laboratório de identificação. Com essa técnica torna-se possível calcular a frequência horária ou então, a frequência no intervalo de tempo da coleta.

3.4 IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL

Todo material biológico coletado, acondicionado e etiquetado foi conduzido para São Paulo, SP, para a identificação (Carta de Recebimento – **Anexo 3.6.4.4.1-11**). Essa tarefa foi desenvolvida nos Laboratórios de Entomologia em Saúde Pública – LESP, da Faculdade de Saúde Pública da USP e foi feita com base em comparações com espécimes de coleção e utilizando-se publicações específicas (Faran, 1980; Faran & Linthicum, 1981; Consoli & Lourenço-de-Oliveira, 1994; Forattini, 2002) para as confirmações. Além desses recursos bibliográficos, contou-se também com a experiência dos taxonomistas do laboratório. O **Anexo 3.6.4.4.1-9.1, Fotos 7, 8, 9 e 10** mostram os cuidados com o material biológico adotados no referido laboratório.

Do material proveniente das coletas de imaturos, as exúvias ou larvas integrais que deram entrada em embalagens de tubinhos contendo álcool diluído em água (70%) foram montadas em bálsamo do Canadá, entre lâmina e lamínula, para posterior identificação em microscópio óptico.

Um conjunto de imaturos deu entrada ao laboratório na forma viva. Estavam preservados em frascos de plásticos contendo água dos próprios criadouros. Esse material foi mantido no laboratório até o completo desenvolvimento, para aproveitamento das exúvias e adultos emergidos correspondentes.

Os mosquitos na fase alada, provenientes das coletas de imaturos ou de adultos, foram triados e quando necessário, alguns exemplares foram montados em mini-triângulos apoiados em alfinetes entomológicos. A identificação foi feita mediante análise em microscópio estereoscópio.

Alguns exemplares, em bom estado, representativos das espécies coletadas, estarão sendo preservados, para serem destinados à coleção entomológica de referência da Faculdade de Saúde Pública da USP, para serem mantidos como “material testemunha”, porém, esse procedimento demanda tempo e será feito posteriormente à entrega do relatório analítico.

3.5 CADASTRAMENTOS DAS INFORMAÇÕES

Os criadouros foram cadastrados, bem como os dados resultantes das pesquisas de imaturos e de adultos. Para tanto foram utilizadas fichas de notificação: do cadastro de criadouros, da captura de alados e imaturos, conforme normatizado pelo Ministério da Saúde, segundo o Sistema de Informação Vetores_Malária. A equipe responsável pela operacionalização desse plano, que coletou os dados entomológicos, deverá repassar as fichas preenchidas para a Secretaria Estadual de Saúde dos dois Estados envolvidos. Essas Secretarias executarão a tarefa de inserir os dados no sistema eletrônico citado.

3.6 PROCESSAMENTOS DOS DADOS E EMISSÃO DO RELATÓRIO

Após a campanha de campo está sendo emitido esse relatório contendo dados de identificação do material biológico coletado, além de resultados e discussão. Esse relatório estará sendo divulgado de forma completa, permeado de discussão e recomendações de monitoramento e vigilância entomológica na área de influência das LT em estudo.

4. RESULTADOS

4.1 CADASTRAMENTOS FEITOS NAS ÁREAS DE ESTUDO

Na pesquisa de anofelinos da LT programou-se investigar 16 áreas de estudo, no trecho da linha localizado na Amazônia Legal, que cobre a extensão de Porto Velho à divisa do Estado de Goiás. O **Anexo 3.6.4.4.1-9.2** mostra a relação das áreas de estudo que foram georreferenciadas e visitadas para as capturas. Na **Parte A** desse anexo estão representados os pontos de capturas de mosquitos alados com armadilha de Shannon. Observa-se que das 16 capturas planejadas, apenas uma (LTN-P14), em Jaciara, não foi implementada, em decorrência de chuvas em excesso e inacessibilidade ao local devido a quedas de pontes e inundações. Na **Parte B** do mesmo anexo estão representadas as áreas de estudo relativas às pesquisas de imaturos. Igualmente aos trabalhos com adultos, foram programadas 16 áreas de estudo, que coincidem com os mesmos locais pesquisados para anofelinos adultos. Em cada uma dessas áreas, como meta, foram procurados cinco criadouros para ser cadastrados e investigados, o que resultaria em um total de 80 criadouros. Entretanto, no Estado do Mato Grosso, ocorreram algumas situações em que não foi possível encontrar criadouros situados na área de influência do LT, como em: Barra do Bugre (P-12) (2 criadouros); Jaciara (P-14) (5 criadouros); Alto Garças (P-16) (3 criadouros). Assim sendo, de um total de 80 criadouros investigou-se 70 deles, resultando em uma cobertura de 87,5% dos criadouros planejados. Essa região é intensamente alterada pela ação humana, com extensas áreas com plantio de soja e cana, entre outras

culturas e uso do solo, e com topografia desfavorável à formação de criadouros. Além disso, o excesso de chuvas que coincidiu com as coletas e provocou grandes inundações, impediu o reconhecimento ou a delimitação dos possíveis criadouros.

4.2 MAPA DO TRAJETO DA LT

A partir dos dados reunidos no **Anexo 3.6.4.4.1-9.2** que disponibiliza os pontos georreferenciados e pesquisados para as coletas de anofelinos adultos e imaturos, ao longo da LT (LTN), foi elaborado o mapa do transecto, indicando os locais onde foram feitas as capturas, tanto de imaturos como de adultos de anofelinos. Esse mapa pode ser consultado no **Anexo 3.6.4.4.1-9.5**, no final desse relatório. Ao se planejar o trabalho, idealizou-se alocar áreas de estudo a cada 100Km, ao longo da Linha. Porém, ao se efetivar o trabalho, esses locais não tiveram equidistâncias precisas. Justificam-se as variações de posição das áreas de estudo em decorrência de dificuldades de acesso e de existência de infra-estrutura urbana para apoio às equipes.

4.3 RESULTADOS DE COLETAS DE ANOFELINOS ADULTOS COM ARMADILHA DE SHANNON

Foram idealizadas 16 coletas com armadilhas de Shannon, alocadas ao longo do trecho estudado da LT. Destas, apenas uma não foi realizada, por condições já justificadas (P-14, Jaciara) o que resultou em 93,75% de cobertura dos criadouros que deveriam ser incluídos no estudo, como planejado (**Anexo 3.6.4.4.1-9.2**).

O **Anexo 3.6.4.4.1-9.3** mostra os detalhes dos resultados obtidos por meio de armadilhas de Shannon. Esse anexo contém as fichas preenchidas para captura de alados, segundo o modelo recomendado pela SVS/ Ministério da Saúde.

Para cada área de estudo, para a caracterização da coleta de alados, há uma ficha de notificação onde se encontra a coordenada do local em que a captura foi feita. Há também resultados preenchidos no campo, indicando o número de exemplares de anofelinos totais coletados a cada hora, dentro das quatro horas esquematizadas no planejamento. Nesse mesmo anexo, para cada coleta, após a descrição supracitada, apresentam-se as identificações das espécies de anofelinos, cada espécie com seu código, para lançamento no banco de dados do Ministério da Saúde Vetor Malária.

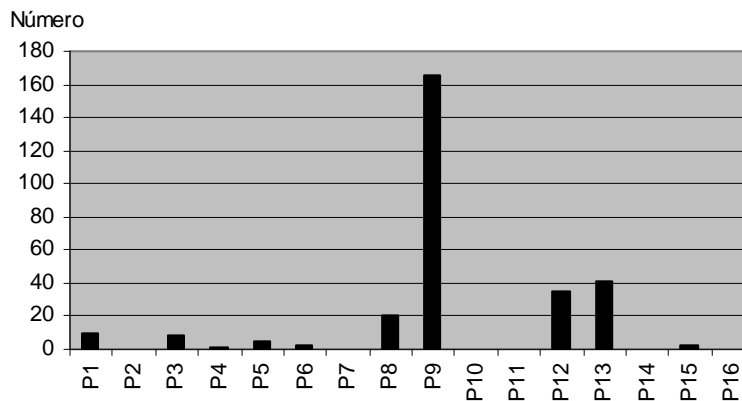
O **Quadro 4.3-1** a seguir sintetiza os resultados das identificações de todas as coletas feitas com armadilha de Shannon, ao longo do trajeto dessa LT, nas 16 áreas de estudo.

Quadro 4.3-1 – Identificação de anofelinos coletados em 16 pontos amostrais com armadilha de Shannon ao longo da linha de transmissão LT, no período de 17 a 26 de março de 2010.

Espécies	Código	Sexo	P01				P02				P03				P04				P05				P06				P07				P08				P09				P10				P11				P12				P13				P14				P15				P16				TOTAL																				
			1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª																																					
<i>Anopheles darlingi</i>	14	F M	3	4	2	1																																																					14																												
<i>Anopheles strodei</i>	54	F M													1																								1	4	1		5	3							1	1							18																												
<i>Anopheles argyritarsis</i>	6	F M													1	4																											3												8																																
<i>Anopheles albitarsis</i> s.l.	1	F M																																									1	1											2																																
<i>Anopheles deaneorum</i>	15	F M																																													3	8	2		6	34	41	32					1	3		1					126																				
<i>Anopheles marajoara</i>	33	F M																																																	3	3			1				2				2	5	3						1	3			2	7	3	6					1				41
<i>Anopheles minor</i>	36	F M																																																	2	5	7	3									2				17																				
<i>Anopheles triannulatus</i>	57	F M																																																					1	1			1				15	10			1								1				33								
<i>Anopheles benarrochi</i>	9	F M																																																					1				3				6	1	1						2								12								
<i>Anopheles rondoni</i>	51	F M																																																					2								2																								
<i>Anopheles braziliensis</i>	11	F M																																																					1								4	4		1									10												
<i>Anopheles parvus</i>	44	F M																																																									1								1																				
TOTAL			3	4	2	1					2	3	4		1				1	4							1	2							1	8	8	3	11	56	59	40					2	19	14		13	17	4	7					1	1	1		293																								

Para se averiguar o rendimento das 16 coletas conduzidas com armadilha de Shannon, construiu-se a partir dos totais obtidos (por pontos de coletas), mostrados no **Quadro 4.3-1**, o gráfico apresentado a seguir (**Figura 4.3-1**).

Figura 4.3-1 - Números de anofelinos coletados por meio de armadilha de Shannon, no período de 18 a 28 de março de 2010, nos 16 pontos amostrais alocados ao longo da LT.



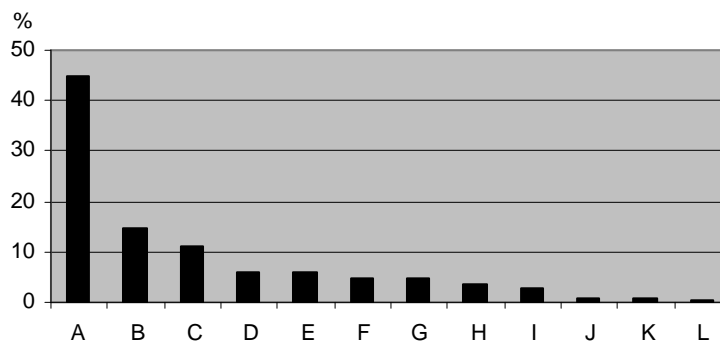
A análise da **Figura 4.3-1** mostra pontos com rendimentos mais elevados nas coletas, no trecho da linha do Estado do Mato Grosso. Chama a atenção a coleta feita no município de Vila Bela da Santíssima Trindade (P-09), sendo esse pico do gráfico explicado pelo elevado rendimento de captura da espécie *Anopheles deaneorum*, com 118 indivíduos coletados nesse ponto, como visto no **Quadro 4.3-1**.

Segundo o **Quadro 4.3-1**, ao se considerar a riqueza da fauna anofélica coletada nas quatro primeiras horas da noite, das 18h às 22h, foram identificadas ao longo da LT uma riqueza de 12 espécies. Destaca-se a presença de *Anopheles darlingi*, o principal vetor de plasmódios no Brasil. Esse anofelino ocorreu na primeira área de estudo amostrada, nas imediações de Porto Velho, RO (P-01) (10 exemplares) e também, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, MT (P-09) (4 exemplares).

Dentre os anofelinos considerados vetores secundários deve-se salientar a presença do Complexo Albitarsis (*Anopheles albitarsis* s.l., *Anopheles deaneorum*, *Anopheles marajoara* e *Anopheles brasiliensis*). Esses mosquitos mostraram-se mais presentes no Estado de Mato Grosso: *Anopheles deaneorum* com 13 exemplares em Nova Lacerda (P-08) e 118 exemplares em Vila Bela da Santíssima Trindade (P-09); *Anopheles marajoara* com 11 exemplares em Vila Bela da Santíssima Trindade (P-09) e 19 exemplares em Cuiabá (P-13). Aliás, foram essas duas espécies de vetores secundários os anofelinos mais freqüentes nesse estudo (*Anopheles deaneorum* 131/293 = 44,7%); *Anopheles marajoara* 43/293 = 14,7%). Dentre as outras espécies,

de menor importância epidemiológica, destaca-se o *Anopheles triannulatus*, sendo que ocorreu com frequência mais elevada em Barra dos Bugres, MT (P-12) (25 exemplares). Essa espécie foi a terceira mais coletada entre os anofelinos (33/293 = 11,3%). A ilustração da **Figura 4.3-2** apresentada a seguir mostra o “ranking” da frequência dos anofelinos obtido em toda a extensão da linha, nos 16 pontos amostrados com a armadilha de Shannon.

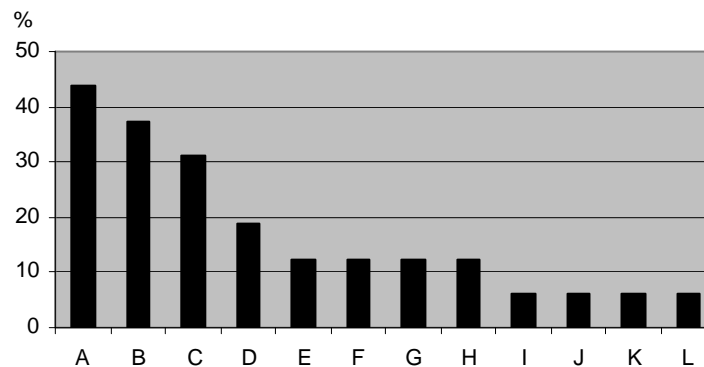
Figura 4.3-2 - Proporção de anofelinos coletados por meio de armadilha de Shannon, no período de 18 a 28 de março de 2010, nos 16 pontos amostrais alocados ao longo da LT. A – *Anopheles deaneorum*, B – *Anopheles marajora*, C – *Anopheles triannulatus*, D – *Anopheles strodeji*, E – *Anopheles minor*, F – *Anopheles benarrochi*, G – *Anopheles darlingi*, H – *Anopheles brasiliensis*, I – *Anopheles argyritarsis*, J – *Anopheles albitarsis* s.l., K – *Anopheles rondoni*, L – *Anopheles parvus*.



Observa-se na **Figura 4.3-2**, que na extensão da Linha incluída no estudo, essa pesquisa mostrou dominância de espécies do Complexo Albitarsis, consideradas como vetores secundários de plasmódios humanos, enquanto o *Anopheles darlingi*, vetor primário, apresentou presença pouco expressiva, ocupando a posição G.

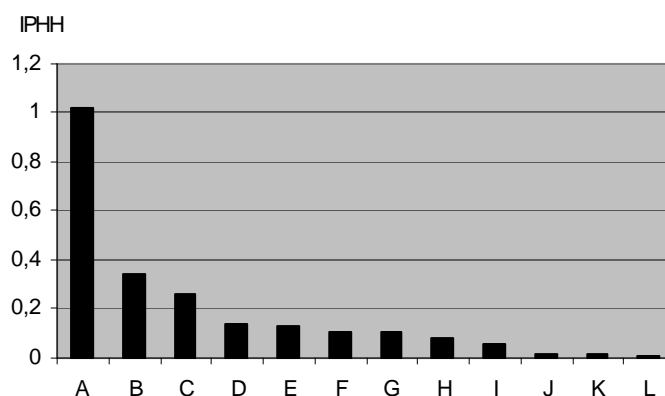
Em relação à constância das espécies, avaliada pelo índice de positividade [(número de coletas positivas para a espécie / total de coletas) x 100] a espécie mais constante foi *Anopheles triannulatus* (43,7%), pois esteve presente em quase que a metade das coletas feitas nos 16 dias. Dentre o Complexo Albitarsis, o *Anopheles marajoara* foi a espécie de maior constância (37,5%). No mesmo complexo, o mosquito de maior frequência numérica, o *Anopheles deaneorum*, teve uma baixa constância (12,5%). O principal vetor de plasmódios, o *Anopheles darlingi* teve baixa constância, pois foi positivo em apenas duas áreas de estudo da LT (12,5%). Essas relações e as encontradas nas demais espécies estão ilustradas na **Figura 4.3-3**, mostrada a seguir.

Figura 4.3-3 - Constância de anofelinos coletados por meio de armadilha de Shannon, avaliada em percentuais, no período de 18 a 28 de março de 2010, nos 16 pontos amostrais alocados ao longo da LT. A – *Anopheles triannulatus*, B – *Anopheles marajoara*, C – *Anopheles strodei*, D – *Anopheles benarrochi*, E – *Anopheles darlingi*, F – *Anopheles argyritarsis*, G – *Anopheles deaneorum*, H – *Anopheles brasiliensis*, I – *Anopheles albitarsis* s.l., J – *Anopheles minor*, K – *Anopheles rondoni*, L – *Anopheles parvus*.



O Índice de Picada Homem Hora (IPHH) é normalmente um indicador utilizado para as avaliações de anofelinos por meio de Isca Humana. Nesse estudo, porém, esse índice foi adaptado para a armadilha de Shannon tendo sido definido como: $IMHH = (\text{número de mosquitos coletados} / \text{número de horas de trabalho de coleta}) / \text{número de coletores}$. Uma estimativa desse indicador para as 12 espécies detectadas na pesquisa pode ser vista a seguir, na **Figura 4.3-4**. Nessa pesquisa a armadilha de Shannon contou sempre com dois capturadores, funcionou por 4 horas cada vez que instalada e operou 16 vezes ao longo do transecto.

Figura 4.3-4 - Índice de Picada Homem Hora (IPHH) estimado para anofelinos coletados por meio de armadilha de Shannon, no período de 18 a 28 de março de 2010, nos 16 pontos amostrais alocados ao longo da LT. A – *Anopheles deaneorum*, B – *Anopheles marajora*, C – *Anopheles triannulatus*, D – *Anopheles strodei*, E – *Anopheles minor*, F – *Anopheles benarrochi*, G – *Anopheles darlingi*, H – *Anopheles brasiliensis*, I – *Anopheles argyritarsis*, J – *Anopheles albitarsis* s.l., K – *Anopheles rondoni*, L – *Anopheles parvus*.



Pode-se notar, nessa visão geral do IPHH, ao se considerar toda a pesquisa, que esses índices assumiram valores muito baixos, sendo que a única espécie que ultrapassou a unidade foi *Anopheles deaneorum*.

Em outra forma de se analisar esse indicador é estimá-lo por ponto. Assim, pode-se obtê-lo, por exemplo, para *Anopheles darlingi*, no Ponto 1 (Porto Velho), seu local de maior frequência como: IPHH = 1,25. Esse mesmo indicador, estimado para fêmeas de *Anopheles deaneorum* na área de estudo em que atingiu a maior frequência (Vila Bela da Santíssima Trindade, P-09) foi: IPHH = 28,5. Assim, ao longo da linha, pode haver lugares em que haja maior concentração de anofelinos com índices de picadas que podem representar risco de transmissão de plasmódios.

4.4 RESULTADOS DE COLETAS DE ANOFELINOS IMATUROS COM CONCHA ENTOMOLÓGICA

Os resultados obtidos nas 16 áreas de estudo, como esforço de busca de cinco criadouros por unidades dessas áreas, obedecendo-se à padronização de coleta indicada pelo Ministério da Saúde, resultou em uma quantidade relativamente elevada de material para a identificação. Os resultados preliminares, das quantidades coletadas em cada criadouro, feitas as contagens no momento das coletas, ainda no campo, podem ser vistos no **Anexo 3.6.4.4.1-9.4**. No momento estão sendo feitas as montagens em lâminas para análise de larvas e exúvias por meio de microscopia

óptica. Assim que concluída a identificação, os resultados obtidos serão agregados a esse relatório, para ser emitida sua versão final.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma breve consideração sobre o atendimento ao **item e. Resultados, Seção 3.6.4.4.1. Levantamento da Fauna Terrestre** no qual versa sobre as espécies potencialmente invasoras, de risco epidemiológico, domésticas e migratórias são apresentadas a seguir. Posteriormente, são apresentadas as considerações preliminares da presente campanha de anofelinos.

Quanto ao atendimento ao item supracitado, não foram detectadas no estudo de anofelinos para a APM, espécies consideradas invasoras exóticas. Todas as espécies são autóctones, ou seja, endêmicas da região. Podem-se citar algumas espécies que se adaptaram a regiões alteradas ou degradadas como o *Anopheles triannulatus* e espécies do Complexo Albitarsis, dentre os quais se destaca o *Anopheles deaneorum*. Essas espécies aumentam suas frequências em criadouros artificiais como açudes e valas de irrigação em áreas de ocupação agrícola ou de pecuária. Para as espécies de risco epidemiológico no estudo para APM, em coletas com armadilhas de Shannon, foram detectadas importantes espécies de anofelinos como: *Anopheles darlingi* – espécie considerada a principal transmissora de plasmódios humanos no Brasil e responsável pela endemia malárica na Amazônia Legal. Além dessa espécie, o levantamento da entomofauna anofélica também registrou na região de influência da LT uma fauna variada do Complexo Albitarsis, representada pelas espécies; *Anopheles albitarsis* s.l., *Anopheles marajoara*, *Anopheles deaneorum* e *Anopheles brasiliensis*. Os anofelinos desse complexo são interpretados como vetores secundários de plasmódio no Brasil, isso é: mesmo na ausência do vetor principal o *Anopheles darlingi*, conhecido como vetor primário, esses outros anofelinos podem eventualmente transmitir plasmódios gerando surtos; porém, não são tão eficientes como o vetor primário. Para as espécies não foram encontradas espécies domésticas; ou seja, domiciliadas no estudo realizado. Entre os anofelinos existentes no Brasil nenhuma espécie evoluiu para a sinantropia, a exemplo do *Aedes aegypti*, sendo todas rurais ou silvestres. Entretanto, algumas espécies podem se aproximar do ambiente urbano, onde geralmente geram conflitos nas áreas periféricas, como acontece com o *Anopheles darlingi* em Manaus onde há transmissão muitas vezes referida como urbana. O estudo foi voltado para o trajeto da Linha e não explorou o ambiente urbano dos municípios cortados pela LT. Finalmente, quanto as espécies migratórias – e suas rotas - entre os mosquitos não há rotas migratórias como ocorre no grupo das aves do Brasil. Mosquitos podem ser carregados passivamente pelo homem, como ocorre com o *Aedes aegypti*, principalmente levado

de área para área na forma de ovos resistentes à dissecação. Na fauna registrada, todas as espécies eram da própria região, sendo consideradas autóctones.

A partir dos resultados obtidos no levantamento de campo, somado as espécies aladas identificadas é possível tecer alguns comentários sobre essa fauna de anofelinos ao longo da LT, no trecho que corta a Amazônia Legal.

Foi detectada riqueza de doze espécies de anofelinos, dentre os quais convém ressaltar a presença de *Anopheles darlingi*, por ser importante espécie, considerada vetor primário de plasmódios e responsável pela transmissão de quase a totalidade dos casos notificados no país.

A ocorrência de *Anopheles darlingi* foi notada na área de estudo alocada no município de Porto Velho, RO, codificada como P-01. Além desse ponto a espécie foi também detectada em Vila Bela da Santíssima Trindade (P-09). Embora o estudo tenha denunciado sua presença, em relação à sua frequência, avaliada por meio do IPHH, foi muito baixa no trecho da linha estudado, ao se incluir todas as 16 coletas; e mesmo ao se considerar o ponto de maior frequência (P-01), esse indicador pouco ultrapassou a unidade. Em outra análise, a maioria das coletas de adultos feitas nas 16 áreas de estudo (14/16) foi negativa para essa espécie, condição que resultou em baixa constância, presente em apenas 12,5% dos pontos.

Pesquisadores têm debatido a malária e seus vetores no Brasil ao focalizarem suas atenções sobre a forma de ocupação do espaço e a epidemiologia dessa doença, como nos exemplos que se seguem. Tadei e cols. retrataram estudo sobre a malária em área urbana de Ariquemes, RO e focalizaram a importância do *Anopheles darlingi* como vetor, além do envolvimento de possíveis outras espécies; Falavigna-Guilherme e cols., 2005 estudaram a área de influência do reservatório de Itaipu, e abordaram sobre o papel de *Anopheles darlingi* e do restante de anofelinos presentes na região, nas proximidades do lago; Barbieri & Sawyer, 2007 centralizaram seus estudos em mineração de ouro no Mato Grosso, região de domínio do principal vetor; Zeilhofer e cols. fizeram mapeamento de habitats de *Anopheles darlingi* associados ao reservatório da hidrelétrica de Manso, em Mato Grosso e discutiram as condições favoráveis a esse vetor; Gomes e cols., estudaram a fauna de mosquitos nos arredores do lago artificial da hidrelétrica de Porto Primavera no Mato Grosso do Sul e salientaram a importância do mosquito *Anopheles darlingi* detectado naquele levantamento. Muitas outras publicações poderiam ser citadas, porém essas são suficientes para demonstrar ser o *Anopheles darlingi* o principal vetor de plasmódios humanos no Brasil e estar sempre em evidência no meio científico; entretanto, não foi encontrada publicação nacional que focalize os impactos de uma Linha de

Transmissão de energia sobre a malária ou mesmo sobre a fauna anofélica, sendo esse tema praticamente desconhecido no meio acadêmico.

Em uma avaliação da distribuição geográfica de anofelinos no Brasil, a região a ser cortada pela LT situa-se dentro da área de domínio de *Anopheles darlingi*, sendo esse mosquito comum, principalmente na região primitivamente ocupada pela Floresta Amazônica, no território do Estado de Rondônia (Faran e Linthicum, 1981; Forattini, 2002; Souza-Santos, 2002; Gil e cols., 2007). Assim sendo, já se esperava coletar a espécie no presente estudo de APM. Também, essa espécie é referida estar presente nas regiões de cerrado do Estado do Mato Grosso ou em outras regiões com formação botânica semelhante (Faran e Linthicum, 1981; Forattini, 2002; Oliveira, 2004; Tubaki e cols., 2004; Zeilhofer e cols., 2007).

A baixa frequência e reduzida constância de *Anopheles darlingi* encontrada nessa pesquisa atrelada à APM, no que tange às coletas de formas aladas, não pode ser tomada como resultado definitivo; pois, em cada área de estudo foi feita uma única coleta de quatro horas, sendo esse esforço limitado e insuficiente para que se possam deduzir interpretações ecológicas. Além desse aspecto, convém reconhecer, que os mosquitos são sazonais sendo comuns as situações em que apresentam dinâmica populacional explosiva em certos períodos e praticamente se tornam raros em outros. Assim, uma única coleta em um único dia do ano em determinado ponto, como foi feito nesse trabalho, não retrata as oscilações que uma determinada espécie está sujeita devido às variações do clima nas quatro estações.

Em outra vertente é fato conhecido que a malária na Amazônia Legal torna-se desafio à Saúde Pública, principalmente em áreas de colonização recente, onde há derrubadas de matas para ocupação dos espaços, instalação de garimpos, aberturas de estradas e caminhos e demais atividades que agregam a população em determinados pontos. A migração e a pobreza rural são também vistas como determinantes da doença (Carne & Venturim, 1999). A região estudada da área de influência da LT, já passou pela fase de desmatamento, sendo de colonização mais antiga e assim, é pertinente admitir que já tenha encontrado um novo equilíbrio sócio-ambiental. Esse *status* é visível na paisagem, conforme verificado durante as coletas no campo, onde em grande parte da LT, apresenta projetos agrícolas e de pecuária, sendo de baixa densidade humana. Observam-se ainda, ao longo do traçado, amplas plantações de cana-de-açúcar, soja, algodão, reflorestamento e pastagens, tornando o ambiente desfavorável para a transmissão sustentada de plasmódios. Essa possibilidade é substanciada pela pesquisa de Zeilhofer e cols., 2007, que demonstraram ser o hábitat mais favorável ao *Anopheles darlingi*, os ambientes mais florestados que bordejam os criadouros, sendo

esses os locais mais adequados à espécie ao se comparar com os sítios de pastagens ou de agricultura.

Em relação ao restante da fauna anofélica diagnosticada chama atenção a presença do Complexo Albitarsis. Esses mosquitos, usualmente designados como *Anopheles albitarsis* s.l., agrupam no país várias populações diferenciadas genética/morfologicamente e por isso a concepção de que formam um complexo (Lehr e cols., 2005). Nesse trabalho foram diagnosticadas quatro espécies: *Anopheles albitarsis* s.l., *Anopheles deaneorum*, *Anopheles marajoara* e *Anopheles brasiliensis*.

Mosquitos desse táxon são usualmente interpretados como vetores secundários de plasmódios humanos no Brasil (Forattini, 2002; Consoli & Lourenço-de-Oliveira, 1994). Tais espécies têm se mostrado adaptadas às áreas antropogenicamente modificadas, como atestou pesquisa de Forattini e cols, 1993, levada a efeito e área de plantio de arroz irrigado no Vale do Ribeira, SP. Assim sendo, na região que será atravessada pela LT, dadas as alterações ambientais sofridas pelo processo de ocupação humana, é provável ser comum a existência de habitats favoráveis para mosquitos desse complexo. É o caso do ponto amostral situado no município de Vila Bela da Santíssima Trindade (P-09), local da maior rendimento de captura, cujo resultado foi enviesado pela marcante presença de *Anopheles deaneorum* (IPHH = 28,5), considerando-se as quatro horas de coleta com dois coletores.

Entre outros anofelinos, pode-se considerar destaque a presença generalizada de *Anopheles triannulatus*. Esse *Nyssorhynchus* é mosquito muito comum no Brasil apresentando-se com frequência em áreas degradadas ou impactadas; porém, é de baixo potencial para a veiculação de plasmódios.

Como síntese desse estudo da APM, pode-se abstrair, sob o ponto de vista entomológico, com base em dados parciais da campanha realizada, que a área estudada possa ter reduzido potencial malarígeno, sendo talvez mais propícia aos vetores secundários, os quais mostraram condição de assumir densidades mais elevadas em determinados pontos da LT. A área que nesse estudo, na avaliação de mosquitos adultos, revelou maior presença do vetor principal, o *Anopheles darlingi*, foi a alocada em Porto Velho, próximo ao início da linha de transmissão e a esse espaço deve ser dada maior atenção.

Esse estudo está atrelado ao Plano de Ação para o Controle da Malária (PACM), no qual são focalizadas mais diretamente as questões sociais e epidemiológicas. Quanto ao componente biológico do contato homem-vetor, referindo-se aos trabalhadores que construirão a linha, essa relação fica reduzida, pois os trabalhos são diurnos e a atividade hematofágica dos anofelinos é predominantemente noturna. Esse aspecto

deve ser levado em consideração e sem dúvida pode ser visto como fator que minimiza o potencial malarígeno.

Os comentários feitos foram sustentados exclusivamente pela pesquisa de alados. Quanto aos imaturos, esses se encontram em processo de montagens em lâminas para análise microscópica. Devido ao elevado número de amostras esse trabalho demandará algumas semanas para ser finalizado, quando então, será emitido o relatório final. Espera-se que com a identificação dos imaturos consiga-se um número maior de informações para subsidiar essa discussão e assim, emitir uma versão final com recomendações mais seguras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbieri AF, Sawyer DO. Heterogeneity of malaria prevalence in alluvial gold mining áreas in Northern Mato Grosso State, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2007, 23(12): 2878-86;

Carme B, Venturin C. Malaria in the Américas. **Med. Trop.** 1999, 59(3): 298-302.

Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA – Resolução n. 286, de 30 de agosto de 2001. Versa sobre exigência da elaboração de um “Programa voltado para o controle da doença e de seus vetores”.

Consoli RAGB, Lourenço-de-Oliveira R. **Principais mosquitos de importância sanitária no Brasil**. Editora Fiocruz, 1994, 228p.

Falavigna-Guilherme AL, da Silva AM, Guilherme EV, Morais DL. Retrospective study of malaria prevalence and *Anopheles* genus in the area of influence of the Binational Itaipu Reservoir. **Rev. Inst. Med. Trop.** São Paulo, 2005, 47(2): 81-86.

Faran ME, Linthicum KJ. A handbook of the Amazonian species of *Anopheles* (*Nyssorhynchus*) (Diptera: Culicidae). **Mosquito Systematics**, 1981; 13(1): 1-81.

Faran ME. Mosquito studies (Diptera: Culicidae) XXXIV. A revision of the Albimanus Section of the subgenus *Nyssorhynchus* of *Anopheles*. **Contribution of the American Entomological Institute**, 1980; 15(7): 1-215

Forattini OP, Kakitani I, Massad E, Marucci D. Estudos sobre mosquitos (Diptera: Culicidae) e ambiente antrópico: Pesquisa de formas adultas em sistema de irrigação para cultivo de arroz e emergência de *Anopheles albitarsis* na região sudeste do Brasil. **Rev. Saúde Pública**, 1993, 27(4): 227-236.

Forattini OP. **Culicidologia Médica**. Identificação, Biologia, Epidemiologia. Editora Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. 860p.

Gil LHS, Tada MS, Katsurugawa TH, Ribolla PE, Silva LHP. Urban and suburban malaria in Rondônia (Brazilian Western Amazon) II. Perennial transmissions with high anopheline densities are associated with human environmental changes. **Mem Inst Oswaldo Cruz** 2007; 102(3): 271-276

Gomes AC, Natal D, de Paula MB, Urbinatti P, Mucci LF, Bitencourt MD. Riqueza e abundância de Culicidae (Diptera) em área impactada, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, 2007, 41(4) 661-4.

Lehr MA, Kilpatrick CW, Wilkerson RC, Conn JE. Cryptic Species in the *Anopheles (Nyssorhynchus) albitarsis* (Diptera: Culicidae) complex: Incongruence Between Random Amplified Polymorphic DNA-Polymerase Chain Reaction Identification and Analysis of Mitochondrial DNA COI Gene Sequences **Ann Entomol Soc Am** 2005; 98(6): 908-917.

Ministério da Saúde (a), Secretaria de Vigilância em Saúde, Portaria – Portaria n.º 47, de 29 de dezembro de 2006. Dispõe sobre a Avaliação do Potencial Malarígeno e o Atestado de Condição Sanitária para os projetos de assentamento de reforma agrária e para outros empreendimentos, nas regiões endêmicas de malária.

Ministério da Saúde (a), Secretaria de Vigilância em Saúde, Portaria n.º 45, de 13 de dezembro de 2007, Diário Oficial, Imprensa Nacional n.º 240 – DOU de 14/12/07. Dispõe sobre a emissão de Laudo de Avaliação do Potencial Malarígeno e do Atestado de Condição Sanitária pelas Secretarias de Estado da Saúde pertencentes à Amazônia Legal, estabelece parâmetros para o repasse de recursos e padroniza os procedimentos para estudos entomológicos.

Ministério da Saúde (b), Secretaria de Vigilância em Saúde, Nota Técnica n.º 12 – de 4 de junho de 2007, CGPNM/DIGES/SVS/MS – Padronização dos métodos utilizados em pesquisa larvária de *Anopheles* na rotina dos laboratórios de entomologia.

Moura EF & Natal D. **Malária**. In: Epidemias – a humanidade em perigo. São Paulo, Editora Escala, 2009.

Natal D, Marucci D. Aparelho de sucção tipo aspirador para captura de mosquitos. **Rev Saúde Pública** 1984; 18: 418-20.

Oliveira MS. **Avaliação ecológica de anofelinos (Diptera: Culicidae) em área sob influência do aproveitamento múltiplo Manso, Mato Grosso, Brasil** [tese de mestrado apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz, Área de Concentração Entomologia], Rio de Janeiro, 2004.

Souza-Santos R. Distribuição sazonal de vetores da malária em Machadinho d'Oeste, Rondônia, Região Amazônica, Brasil. **Cad. Saúde Pública** 2002; 18(6): 1813-8.

ANEXO 3.6.4.4.1-9.1

**ASPECTOS DAS TÉCNICAS UTILIZADAS EM
CAMPO E EM LABORATÓRIO PARA AVALIAÇÃO
DO POTENCIAL MALARÍGENO DA LT**



Foto 1: Realização da coleta de larvas com concha entomológica.



Foto 2: Realização da coleta de adultos com a Armadilha de Shannon.



Foto 3: Laboratório de campo improvisado no local de hospedagem – aspecto geral.



Foto 4: Larvas em processo de triagem – laboratório de campo.



Foto 5: Fixação dos mosquitos – laboratório de campo



Foto 6: Acondicionamento de imaturos para transporte até a FSP/USP.



Foto 7: Larvas em observação no laboratório – FSP.



Foto 8: Imaturos sendo mantidos até se desenvolverem em mosquitos - FSP.



Foto 9: Mosquitos adultos armazenados e caixas entomológicas com sílica – FSP.



Foto 10: Procedimento para fixação dos adultos – FSP.



Foto 11: Área de estudo LTN-P01 CN01.
Coordenadas 0394334 W / 9016118 N



Foto 12: Área de estudo LTN-P01 CN02.
Coordenadas 0393608 W / 9014262 N



Foto 13: Área de estudo LTN-P01 CN03.
Coordenadas 0392983 W / 9012848 N



Foto 14: Área de estudo LTN-P01 CN04.
Coordenadas 0393381 W / 9012576 N



Foto 15: Área de estudo LTN-P01 CN05.
Coordenadas 393315 W / 9012474 N



Foto 16: Área de estudo LTN-P02 CN06.
Coordenadas 0462689 W / 8931308 N



Foto 17: Área de estudo LTN-P02 CN07.
Coordenadas 0464403 W / 8931302 N



Foto 18: Área de estudo LTN-P02 CN08.
Coordenadas 0463391 W / 8935634 N



Foto 19: Área de estudo LTN-P02 CN09.
Coordenadas 0463591 W / 8936616 N



Foto 20: Área de estudo LTN-P02 CN10.
Coordenadas 0463596 W / 8936980 N



Foto 21: Área de estudo LTN-P03 CN11.
Coordenadas 0527335 W / 8863714 N



Foto 22: Área de estudo LTN-P02 CN12.
Coordenadas 0526804 W / 8863318 N



Foto 23: Área de estudo LTN-P03 CN13.
Coordenadas 0526593 W / 8863026 N



Foto 24: Área de estudo LTN-P03 CN14.
Coordenadas 0526348 W / 8862906 N



Foto 25: Área de estudo LTN-P03 CN15.
Coordenadas 0525848 W / 8862374 N



Foto 26: Área de estudo LTN-P04 CN16.
Coordenadas 0592641 W / 8789484 N



Foto 27: Área de estudo LTN-P04 CN17.
Coordenadas 0593712 W / 8789256 N



Foto 28: Área de estudo LTN-P04 CN18.
Coordenadas 0594711 W / 8788946 N



Foto 29: Área de estudo LTN-P04 CN19.
Coordenadas 0595316 W / 8788482 N



Foto 30: Área de estudo LTN-P04 CN20.
Coordenadas 0595429 W / 8788620 N



Foto 31: Área de estudo LTN-P05 CN21.
Coordenadas 0659181 W / 8708238 N



Foto 32: Área de estudo LTN-P05 CN22.
Coordenadas 0659004 W / 8708206 N



Foto 33: Área de estudo LTN-P05 CN23.
Coordenadas 0658860 W / 8708540 N



Foto 34: Área de estudo LTN-P05 CN24.
Coordenadas 0658176 W / 8709544 N



Foto 35: Área de estudo LTN-P05 CN25.
Coordenadas 0657555 W / 8708736 N



Foto 36: Área de estudo LTN-P06 CN26.
Coordenadas 0722405 W / 8626194 N



Foto 37: Área de estudo LTN-P06 CN27.
Coordenadas 0718249 W / 8624806 N



Foto 38: Área de estudo LTN-P06 CN28.
Coordenadas 0717638 W / 8624054 N



Foto 39: Área de estudo LTN-P06 CN29.
Coordenadas 0716258 W / 8623246 N



Foto 40: Área de estudo LTN-P06 CN30.
Coordenadas 0714867 W / 8622260 N



Foto 41: Área de estudo LTN-P07 CN31.
Coordenadas 0766336 W / 8544102 N



Foto 42: Área de estudo LTN-P07 CN32.
Coordenadas 0766411 W / 8540200 N



Foto 43: Área de estudo LTN-P07 CN33.
Coordenadas 0766327 W / 8539806 N



Foto 44: Área de estudo LTN-P07 CN34.
Coordenadas 0766588 W / 8539628 N



Foto 45: Área de estudo LTN-P07 CN35.
Coordenadas 0766279 W / 8538984 N



Foto 46: Área de estudo LTN-P08 CN36.
Coordenadas 0804424 W / 8447834 N

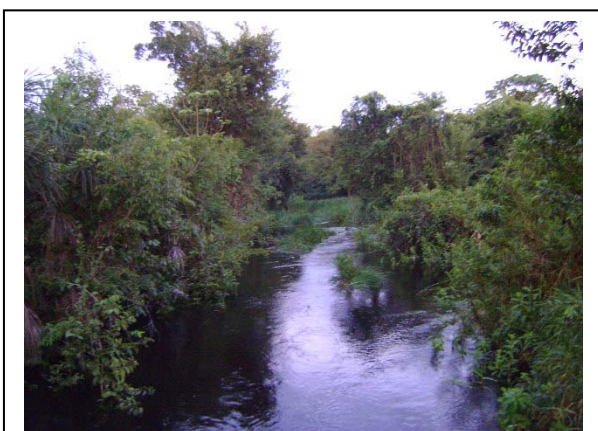


Foto 47: Área de estudo LTN-P08 CN37.
Coordenadas 0804447 W / 8448076 N



Foto 48: Área de estudo LTN-P08 CN38.
Coordenadas 0804397 W / 8448230 N



Foto 49: Área de estudo LTN-P08 CN39.
Coordenadas 0803330 W / 8448998 N



Foto 50: Área de estudo LTN-P08 CN40.
Coordenadas 0801243 W / 8449318 N



Foto 51: Área de estudo LTN-P09 CN41.
Coordenadas 184530 W / 8346080 N



Foto 52: Área de estudo LTN-P09 CN42.
Coordenadas 0184077 W / 8347546 N



Foto 53: Área de estudo LTN-P09 CN43.
Coordenadas 0184466 W / 8355490 N



Foto 54: Área de estudo LTN-P09 CN44.
Coordenadas 0193312 W / 83551996 N



Foto 55: Área de estudo LTN-P09 CN45.
Coordenadas 0191196 W / 8352666 N



Foto 56: Área de estudo LTN-P10 CN46.
Coordenadas 0298395 W / 8322150 N



Foto 57: Área de estudo LTN-P10 CN47.
Coordenadas 0298238 W / 8322237 N



Foto 58: Área de estudo LTN-P10 CN48.
Coordenadas 0296737 W / 8323141 N



Foto 59: Área de estudo LTN-P10 CN49.
Coordenadas 0294233 W / 8323533 N



Foto 60: Área de estudo LTN-P10 CN50.
Coordenadas 0298549 W / 8322037 N



Foto 61: Área de estudo LTN-P11 CN51.
Coordenadas 0398047 W / 8321692 N



Foto 62: Área de estudo LTN-P11 CN52.
Coordenadas 0396341 W / 8321339 N



Foto 63: Área de estudo LTN-P11 CN53.
Coordenadas 0397445 W / 8317667 N



Foto 64: Área de estudo LTN-P11 CN54.
Coordenadas 0399194 W / 8317685 N



Foto 65: Área de estudo LTN-P11 CN55.
Coordenadas 0396334 W / 8321497 N



Foto 66: Área de estudo LTN-P12 CN56.
Coordenadas 0499271 W / 8327794 N



Foto 67: Área de estudo LTN-P12 CN57.
Coordenadas 0503434 W / 8325980 N



Foto 68: Área de estudo LTN-P12 CN58 extra.
Coordenadas 511684 W / 8329650 N



Foto 69: Área de estudo LTN-P13 CN61.
Coordenadas 0504283 W / 8326371 N



Foto 70: Área de estudo LTN-P13 CN62.
Coordenadas 0504058 W / 8326093 N



Foto 71: Área de estudo LTN-P13 CN63.
Coordenadas 0502084 W / 8325586 N



Foto 72: Área de estudo LTN-P13 CN64.
Coordenadas 0594488 W / 8301264 N



Foto 73: Área de estudo LTN-P13 CN65.
Coordenadas 0594500 W / 8301267 N



Foto 74: Área de estudo LTN-P14. Não foram encontrados criadouros. Plantação de soja.



Foto 75: Área de estudo LTN-P15 CN71.
Coordenadas 0765474 W / 8191060 N



Foto 76: Área de estudo LTN-P15 CN72.
Coordenadas 0765831 W / 8191584 N



Foto 77: Área de estudo LTN-P15 CN73.
Coordenadas 0766412 W / 8192599 N



Foto 78: Área de estudo LTN-P15 CN74.
Coordenadas 0766637 W / 8193614 N



Foto 79: Área de estudo LTN-P15 CN75.
Coordenadas 0766850 W / 8195911 N



Foto 80: Área de estudo LTN-P16 CN77.
Coordenadas 0223271 W / 8124604 N



Foto 81: Área de estudo LTN-P16 CN78.
Coordenadas 0223629 W / 8124293 N

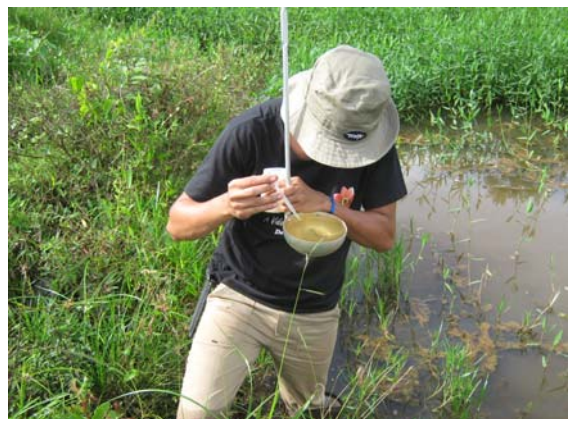


Foto 82: Realização da coleta de larvas.



Foto 83: Anotações realizadas em campo.



Foto 84: Realização da coleta de imaturos e preenchimento das fichas de campo.



Foto 85: Área de estudo LTN-P01.
Coordenadas 0393016 W / 9012848 N



Foto 86: Área de estudo LTN-P02. Coordenadas
0463502 W / 8936636 N

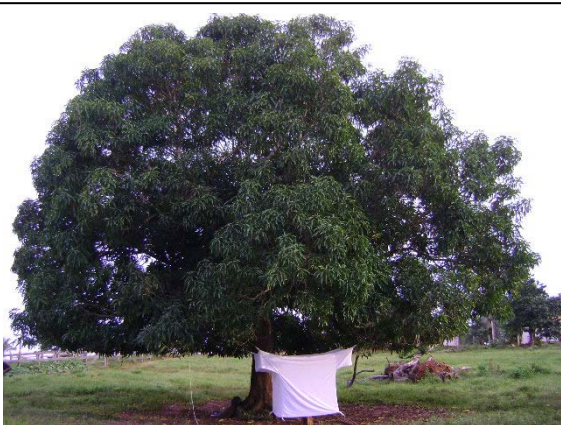


Foto 87: Área de estudo LTN-P03. Coordenadas
0525873 W / 8862336 N

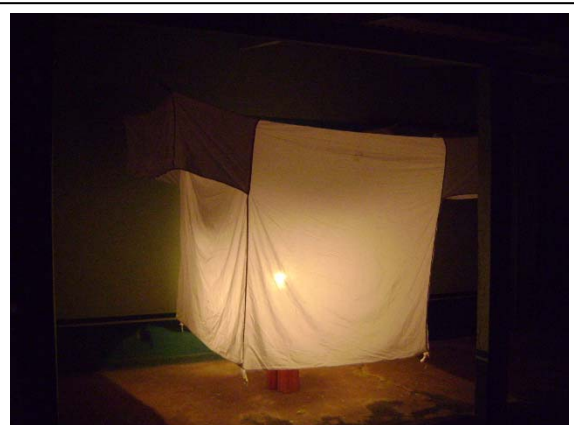


Foto 88: Área de estudo LTN-P04. Coordenadas
0594575 W / 8788788 N



Foto 89: Área de estudo LTN-P05.
Coordenadas 0657941 W / 8708830 N



Foto 90: Área de estudo LTN-P06. Coordenadas
0718297 W / 8624818 N



Foto 91: Área de estudo LTN-P07. Coordenadas 0766180 W / 8540420 N



Foto 92: Área de estudo LTN-P08. Coordenadas 0805432 W / 8445982 N



Foto 93: Área de estudo LTN-P09. Coordenadas 0190542 W / 8352776 N



Foto 94: Área de estudo LTN-P10. Coordenadas 0298648 W / 8321934 N



Foto 95: Área de estudo LTN-P11. Coordenadas 0398326 W / 8321613 N



Foto 96: Área de estudo LTN-P12. Coordenadas 0502321 W / 8325557 N



Foto 97: Área de estudo LTN-P13. Coordenadas 0502084 W / 8325586 N



Foto 98: Área de estudo LTN-P15. Coordenadas 0765474 W / 8191060 N



Foto 99: Área de estudo LTN-P16. Coordenadas 0223661 W / 8124481 N



Foto 100: Procedimento para coleta de alados.



Foto 101: Coleta de alados no interior da armadilha de Shannon.

ANEXO 3.6.4.4.1-9.2

**PONTOS GEORREFERENCIADOS E PESQUISADOS
PARA COLETA DE ANOFELINOS ADULTOS E
IMATUROS, AO LONGO DA LT**

Parte A – Pontos de coleta de mosquitos adultos com armadilha de Shannon

Área de Estudo	Município	Armadilha Shannon	Coordenadas (UTM)	Ponto
LTN - P01	Porto Velho/RO	ASN - 01	0393016 W 9012848 N	Ponto 1
LTN - P02	Alto Paraíso/RO	ASN - 02	0463502 W 8936636 N	Ponto 2
LTN - P03	Cacaulândia/RO	ASN - 03	0525873 W 8862336 N	Ponto 3
LTN - P04	Ji-Paraná/RO	ASN - 04	0594575 W 8788788 N	Ponto 4
LTN - P05	Rolim de Moura/RO	ASN - 05	0657941 W 8708830 N	Ponto 5
LTN - P06	Chupinguáia/RO	ASN - 06	0718297 W 8624818 N	Ponto 6
LTN - P07	Colorado do Oeste/RO	ASN - 07	0766180 W 8540420 N	Ponto 7
LTN - P08	Nova Lacerda/MT	ASN - 08	0805432 W 8445982 N	Ponto 8
LTN - P09	Vila Bela da Santíssima Trindade/ MT	ASN - 09	0190542W 8352776 N	Ponto 9
LTN – P10	Jauru/MT	ASN - 10	0298648 W 8321934 N	Ponto 10
LTN – P11	Lambari D'Oeste/MT	ASN – 11	0398326 W 8321613 N	Ponto 11
LTN – P12	Barra do Bugres/MT	ASN – 12	0502321 W 8325557 N	Ponto 12
LTN – P13	Cuiabá/MT	ASN – 13	0502084 W 8325586 N	Ponto 13
LTN – P14	Jaciara/MT	Não realizada		
LTN – P15	Rondonópolis/MT	ASN – 15	0765474 W 8191060 N	Ponto 15
LTN – P16	Alto Garças/MT	ASN – 16	0223661 W 8124481 N	Ponto 16

Parte B – Pontos de coleta de mosquitos imaturos com concha entomológica

Área de Estudo	Município	Criadouros	Coordenadas (UTM)	
LTN - P01	Porto Velho/RO	CN - 01	0394334 W 9016118 N	
	Porto Velho/RO	CN - 02	0393608 W 9014262 N	
	Porto Velho/RO	CN - 03	0392983 W 9012848 N	
	Porto Velho/RO	CN - 04	0393381 W 9012576 N	
	Porto Velho/RO	CN - 05	393315 W 9012474 N	
LTN - P02	Alto Paraíso/RO	CN - 06	0462689 W 8931308 N	
	Alto Paraíso/RO	CN - 07	0464403 W 8931302 N	
	Alto Paraíso/RO	CN - 08	0463391 W 8935634 N	
	Alto Paraíso/RO	CN - 09	0463591 W 8936616 N	
	Alto Paraíso/RO	CN - 10	0463596 W 8936980 N	
LTN - P03	Cacaulândia/RO	CN - 11	0527335 W 8863714 N	
	Cacaulândia/RO	CN - 12	0526804 W 8863318 N	
	Cacaulândia/RO	CN - 13	0526593 W 8863026 N	
	Cacaulândia/RO	CN - 14	0526348 W 8862906 N	
	Cacaulândia/RO	CN - 15	0525848 W 8862374 N	
LTN - P04	Teixeirópolis/RO	CN - 16	0592641W 8789484 N	
	Teixeirópolis/RO	CN - 17	0593712 W 8789256 N	
	Ji-Paraná/RO	CN - 18	0594711 W 8788946 N	
	Ji-Paraná/RO	CN - 19	0595316 W 8788482 N	
	Ji-Paraná/RO	CN - 20	0595429 W 8788620 N	

Área de Estudo	Município	Criadouros	Coordenadas (UTM)	
LTN - P05	Rolim de Moura/RO	CN - 21	0659181 W 8708238 N	
	Rolim de Moura/RO	CN - 22	0659004 W 8708206 N	
	Rolim de Moura/RO	CN - 23	0658860 W 8708540 N	
	Rolim de Moura/RO	CN - 24	0658176 W 8709544 N	
	Rolim de Moura/RO	CN - 25	0657555 W 8708736 N	
LTN - P06	Chupinguáia/RO	CN - 26	0722405 W 8626194 N	
	Chupinguáia/RO	CN - 27	0718249 W 8624806 N	
	Chupinguáia/RO	CN - 28	0717638 W 8624054 N	
	Chupinguáia/RO	CN - 29	0716258 W 8623246 N	
	Chupinguáia/RO	CN - 30	0714867 W 8622260 N	
LTN - P07	Colorado do Oeste/RO	CN - 31	0766336 W 8544102 N	
	Colorado do Oeste/RO	CN - 32	0766411 W 8540200 N	
	Colorado do Oeste/RO	CN - 33	0766327 W 8539806 W	
	Colorado do Oeste/RO	CN - 34	0766588 W 8539628 N	
	Colorado do Oeste/RO	CN - 35	0766279 W 8538984 N	
LTN - P08	Nova Lacerda/MT	CN - 36	0804424 W 8447834 N	
	Nova Lacerda/MT	CN - 37	0804447 W 8448076 N	
	Nova Lacerda/MT	CN - 38	0804397 W 8448230 N	
	Comodoro/MT	CN - 39	0803330 W 8448998 N	
	Comodoro/MT	CN - 40	0801243 W 8449318 N	

Área de Estudo	Município	Criadouros	Coordenadas (UTM)	
LTN – P09	Vila Bela da Santíssima Trindade/ MT	CN - 41	184530 W 8346080 N	
	Vila Bela da Santíssima Trindade/ MT	CN - 42	0184077 W 8347546 N	
	Vila Bela da Santíssima Trindade/ MT	CN - 43	0184466 W 8355490 N	
	Vila Bela da Santíssima Trindade/ MT	CN - 44	0193312 W 83551996 N	
	Vila Bela da Santíssima Trindade/ MT	CN - 45	0191196 W 8352666 N	
LTN – P10	Jauru/MT	CN - 46	0298395 W 8322150 N	
	Jauru/MT	CN - 47	0298238 W 8322237 N	
	Jauru/MT	CN - 48	0296737 W 8323141 N	
	Jauru/MT	CN - 49	0294233 W 8323533 N	
	Jauru/MT	CN - 50	0298549 W 8322037 N	
LTN – P11	Lambari D'Oeste/MT	CN - 51	0398047 W 8321692 N	
	Lambari D'Oeste/MT	CN - 52	0396341 W 8321339 N	
	Lambari D'Oeste/MT	CN - 53	0397445 W 8317667 N	
	Lambari D'Oeste/MT	CN - 54	0399194 W 8317685 N	
	Lambari D'Oeste/MT	CN - 55	0396334 W 8321497 N	
LTN – P12	Barra do Bugres/MT	CN - 56	0499271 W 8327794 N	
	Barra do Bugres/MT	CN - 57	0503434 W 8325980 N	
	Barra do Bugres/MT	CN – 58 extra	511684 W 8329650 N	
	Barra do Bugres/MT	Não encontrado		
	Barra do Bugres/MT	Não encontrado		

Área de Estudo	Município	Criadouros	Coordenadas (UTM)	
LTN – P13	Cuiabá/MT	CN - 61	0504283 W 8326371 N	
	Cuiabá/MT	CN - 62	0504058 W 8326093 N	
	Cuiabá/MT	CN - 63	0502084 W 8325586 N	
	Cuiabá/MT	CN - 64	0594488 W 8301264 N	
	Cuiabá/MT	CN - 65	0594500 W 8301267 N	
LTN – P14	Jaciara/MT	CN - 66	Não encontrado	
	Jaciara/MT	CN - 67	Não encontrado	
	Jaciara/MT	CN - 68	Não encontrado	
	Jaciara/MT	CN - 69	Não encontrado	
	Jaciara/MT	CN - 70	Não encontrado	
LTN – P15	Rondonópolis/MT	CN - 71	0765474 W 8191060 N	
	Rondonópolis/MT	CN - 72	0765831 W 8191584 N	
	Rondonópolis/MT	CN - 73	0766412 W 8192599 W	
	Rondonópolis/MT	CN - 74	0766637 W 8193614 N	
	Rondonópolis/MT	CN - 75	0766850 W 8195911 N	
LTN – P16	Alto Garças/MT	Não encontrado		
	Alto Garças/MT	CN – 77	0223271 W 8124604 N	
	Alto Garças/MT	CN – 78	0223629 W 8124293 N	
	Alto Garças/MT	Não encontrado		
	Alto Garças/MT	Não encontrado		

ANEXO 3.6.4.4.1-9.3

COLETAS EFETUADAS COM ARMADILHA DE SHANNON AO LONGO DA LT

Data: 18/02/2010		Município: Porto Velho					
Área de Estudo: LTN – P01 / ASN 01			Coordenadas: 0393016/9012848				
Quant. Capturadores: 2		Temperatura:			Umidade:		
Horário de coleta	Quantidade capturada	Céu			Vento		
		limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	3	X			X		
19:00 – 20:00	5	X			X		
20:00 – 21:00	1	X			X		
21:00 – 22:00	1	X			X		
22:00 – 23:00	10						
TOTAL							
Responsável pela informação: Rosenilton Neves				Capturadores: Gilberto Moresco, Rosenilton Neves, Pedro Rodrigues e Fábio.			

OBS:

1) Pelo fato de as duas linhas LTN e LTS iniciarem em ponto comum, nessa primeira área de estudo foi instalada uma única armadilha de Shannon e seus dados foram usados para os dois estudos de APM feitos para as respectivas linhas que foram elaborados pela mesma equipe.

2) Coordenadas em UTM, Local de captura peridomiciliar, Borrifação residual – não, UBV/FOG – não

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00	14	<i>Anopheles darlingi</i>	3
19:00 – 20:00	14	<i>Anopheles darlingi</i>	4
20:00 – 21:00	14	<i>Anopheles darlingi</i>	2
21:00 – 22:00	14	<i>Anopheles darlingi</i>	1
TOTAL			10

Data: 19/02/2010		Município: Alto Paraíso - RO		Código do Município: 110040			
Localidade: LTN – P02		Coordenadas: X - 0463502 Y - 8936636					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0	X			X		
19:00 – 20:00	0	X			X		
20:00 – 21:00	0	X			X		
21:00 – 22:00	0	X				X	
TOTAL	0						
Responsável pela informação:				Capturadores:			
Gilberto				Gilberto e Fábio.			

Observações: Coordenadas em UTM.

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			
19:00 – 20:00			
20:00 – 21:00			
21:00 – 22:00			
TOTAL			

Data: 20/02/2010		Município: Cacaulândia - RO		Código do Município: 110060			
Localidade: LTN – P03		Coordenadas: X – 0525873 Y - 8862336					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0		X			X	
19:00 – 20:00	2	X			X		
20:00 – 21:00	3	X			X		
21:00 – 22:00	4	X			X		
TOTAL	9						
Responsável pela informação:				Capturadores:			
Gilberto				Gilberto e Fábio.			

Observações: Coordenadas em UTM.

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			
19:00 – 20:00	11	<i>Anopheles braziliensis</i>	1
	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
20:00 – 21:00	33	<i>Anopheles marajoara</i>	3
21:00 – 22:00	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	3
TOTAL			9

Data: 22/02/2010		Município: Ji-Paraná - RO		Código do Município: 110012			
Localidade: LTN – P04		Coordenadas: X – 0525873 Y - 8862336					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário de coleta	Quantidade capturada	Céu			Vento		
		limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0		X		X		
19:00 – 20:00	0	X			X		
20:00 – 21:00	1	X			X		
21:00 – 22:00	0	X			X		
TOTAL	1						
Responsável pela informação: Gilberto				Capturadores: Gilberto e Fábio.			

Observações: Coordenadas em UTM.

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			0
19:00 – 20:00			0
20:00 – 21:00	54	<i>Anopheles strodei</i>	1
21:00 – 22:00			0
TOTAL			1

Data: 23/02/2010		Município: Rolim de Moura - RO		Código do Município: 110028			
Localidade: LTN – P05		Coordenadas: X – 0657941 Y - 8708830					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	1		X			X	
19:00 – 20:00	4		X			X	
20:00 – 21:00	0		X				X
21:00 – 22:00	0		X			X	
TOTAL	5						
Responsável pela informação:				Capturadores:			
Gilberto				Gilberto e Fábio.			

Observações: Coordenadas em UTM.

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00	6	<i>Anopheles argytarsis</i>	1
19:00 – 20:00	6	<i>Anopheles argytarsis</i>	4
20:00 – 21:00			0
21:00 – 22:00			0
TOTAL			5

Data: 25/02/2010		Município: Chupinguaia - RO		Código do Município: 110092			
Localidade: LTN – P06		Coordenadas: X – 0718297 Y - 8624818					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0			X	X		
19:00 – 20:00	1			X	X		
20:00 – 21:00	2			X	X		
21:00 – 22:00	0			X	X		
TOTAL	3						
Responsável pela informação: Gilberto				Capturadores: Gilberto e Fábio.			

Observações: Coordenadas em UTM.

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			0
19:00 – 20:00	33	<i>Anopheles marajoara</i>	1
20:00 – 21:00	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
	9	<i>Anopheles benarrochi</i>	1
21:00 – 22:00			0
TOTAL			3

Data: 26/02/2010		Município: Colorado D'Oeste - RO		Código do Município: 110006			
Localidade: LTN – P07		Coordenadas: X – 0766180 Y - 8540420					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0		X		X		
19:00 – 20:00	0		X		X		
20:00 – 21:00	0		X		X		
21:00 – 22:00	0		X		X		
TOTAL	0						
Responsável pela informação:				Capturadores:			
Gilberto				Gilberto e Fábio.			

Observações: Coordenadas em UTM.

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			
19:00 – 20:00			
20:00 – 21:00			
21:00 – 22:00			
TOTAL			

Data: 28/02/2010		Município: Nova Lacerda - MT			Código do Município: 510618		
Localidade: LTN – P08		Coordenadas: X – 0805432 Y - 8445982					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	1		X		X		
19:00 – 20:00	9		X		X		
20:00 – 21:00	8		X		X		
21:00 – 22:00	3		X		X		
TOTAL	21						
Responsável pela informação:				Capturadores:			
Gilberto				Gilberto e Fábio.			

Observações: Coordenadas em UTM.

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
19:00 – 20:00	9	<i>Anopheles benarrochi</i>	3
	15	<i>Anopheles deaneorum</i>	3
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	2
20:00 – 21:00	15	<i>Anopheles deaneorum</i>	8
21:00 – 22:00	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
	15	<i>Anopheles deaneorum</i>	2
TOTAL			20

Data: 28/02/2010		Município: Vila Bela da Santíssima Trindade - MT			Código do Município: 510550		
Localidade: LTN – P09		Coordenadas: X - 0190542 Y - 8352776					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	12		X		X		
19:00 – 20:00	59		X		X		
20:00 – 21:00	57		X		X		
21:00 – 22:00	41		X		X		
TOTAL	169						
Responsável pela informação: Antônio Junior				Capturadores: Antônio Junior e Rodrigo Hilário.			

Observações: Coordenadas em UTM. Coleta realizada em perímetro urbano, próximo a criadouros em pastagem. Elevação: 222 m.

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00	15	<i>Anopheles deaneorum</i>	7
	36	<i>Anopheles minor</i>	2
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	2
19:00 – 20:00	9	<i>Anopheles benarrochi</i>	6
	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
	36	<i>Anopheles minor</i>	5
	15	<i>Anopheles deaneorum</i>	37
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	6
	14	<i>Anopheles darlingi</i>	1
20:00 – 21:00	51	<i>Anopheles rondoni</i>	2
	54	<i>Anopheles strodei</i>	1
	15	<i>Anopheles deaneorum</i>	41
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	3
	36	<i>Anopheles minor</i>	7
	9	<i>Anopheles benarrochi</i>	3
	1	<i>Anopheles albitarsis</i> s.l.	1
	14	<i>Anopheles darlingi</i>	1
21:00 – 22:00	15	<i>Anopheles deaneorum</i>	33
	9	<i>Anopheles benarrochi</i>	1
	36	<i>Anopheles minor</i>	3
	14	<i>Anopheles darlingi</i>	2
	1	<i>Anopheles albitarsis</i> s.l.	1
TOTAL			166

Data: 26/02/2010		Município: Jauru - MT		Código do Município: 510500			
Localidade: LTN – P10		Coordenadas: X - 0298648 Y - 8321934					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0	X			X		
19:00 – 20:00	0	X			X		
20:00 – 21:00	0	X			X		
21:00 – 22:00	0	X			X		
TOTAL	0						
Responsável pela informação: Antônio Junior				Capturadores: Antônio Junior e Eder Dione.			

Observações: Coordenadas em UTM. Elevação: 545 m.

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			
19:00 – 20:00			
20:00 – 21:00			
21:00 – 22:00			
TOTAL			

Data: 25/02/2010		Município: Lambari D'Oeste - MT		Código do Município: 510523			
Localidade: LTN – P11		Coordenadas: X - 0398326 Y - 8321613					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0	X			X		
19:00 – 20:00	0	X			X		
20:00 – 21:00	0	X			X		
21:00 – 22:00	0	X			X		
TOTAL	0						
Responsável pela informação: Antônio Junior				Capturadores: Antônio Junior e Eder Dione.			

Observações: Coordenadas em UTM. Elevação: 180 m.

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			
19:00 – 20:00			
20:00 – 21:00			
21:00 – 22:00			
TOTAL			

Data: 23/02/2010		Município: Barra do Bugres - MT		Código do Município: 510170			
Localidade: LTN – P12		Coordenadas: X - 0502321 Y - 8325557					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0	X				X	
19:00 – 20:00	2	X				X	
20:00 – 21:00	19	X				X	
21:00 – 22:00	14	X				X	
TOTAL	35						
Responsável pela informação: Antônio Junior				Capturadores: Antônio Junior e Eder Dione.			

Observações: Coordenadas em UTM. Coleta realizada em fragmento de mata próximo a criadouro. Elevação: 196 m.

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			0
19:00 – 20:00	54	<i>Anopheles strodei</i>	1
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	1
20:00 – 21:00	54	<i>Anopheles strodei</i>	4
	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	15
21:00 – 22:00	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	10
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	3
	54	<i>Anopheles strodei</i>	1
TOTAL			35

Data: 22/02/2010		Município: Cuiabá - MT			Código do Município: 510340		
Localidade: LTN – P13		Coordenadas: X - 0502084 Y - 8325586					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	13		X				X
19:00 – 20:00	17		X				X
20:00 – 21:00	5		X				X
21:00 – 22:00	7		X				X
TOTAL	42						
Responsável pela informação:				Capturadores:			
Antônio Junior				Antônio Junior e Eder Dione.			

Observações: Coordenadas em UTM. Coleta realizada em fragmento de mata próximo a criadouro. Elevação: 188 m.

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00	54	<i>Anopheles strodei</i>	5
	11	<i>Anopheles braziliensis</i>	4
	44	<i>Anopheles parvus</i>	1
	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	2
19:00 – 20:00	33	<i>Anopheles marajoara</i>	7
	54	<i>Anopheles strodei</i>	3
20:00 – 21:00	6	<i>Anopheles argyritarsis</i>	3
	11	<i>Anopheles braziliensis</i>	4
	33	<i>Anopheles marajoara</i>	4
21:00 – 22:00	33	<i>Anopheles marajoara</i>	6
	11	<i>Anopheles braziliensis</i>	1
TOTAL			41

Data: 21/02/2010		Município: Jaciara - MT			Código do Município: 510480		
Localidade: LTN – P14		Coordenadas: X - Y -					
Quant. Capturadores:		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00							
19:00 – 20:00							
20:00 – 21:00							
21:00 – 22:00							
TOTAL							
Responsável pela informação:				Capturadores:			

Observações: Coordenadas em UTM.

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			
19:00 – 20:00			
20:00 – 21:00			
21:00 – 22:00			
TOTAL			

Data: 20/02/2010		Município: Rondonópolis- MT		Código do Município: 510760			
Localidade: LTN – P15		Coordenadas: X - 0765474 Y - 8191060					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	1	X				X	
19:00 – 20:00	1	X				X	
20:00 – 21:00	1	X				X	
21:00 – 22:00	0	X				X	
TOTAL	3						
Responsável pela informação: Antônio Junior				Capturadores: Antônio Junior e Eder Dione.			

Observações: Coordenadas em UTM. Coleta realizada em fragmento de mata ao lado do criadouro. Elevação:

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			0
19:00 – 20:00	57	<i>Anopheles triannulatus</i>	1
20:00 – 21:00	54	<i>Anopheles strodei</i>	1
21:00 – 22:00	54	<i>Anopheles strodei</i>	1
TOTAL			3

Data: 19/02/2010		Município: Alto Garças- MT		Código do Município: 510040			
Localidade: LTN – P16		Coordenadas: X - 0223661 Y - 8124481					
Quant. Capturadores: 02		Temperatura: Mínima - Máxima -			Umidade: Mínima - Máxima -		
Horário	Quantidade	Céu			Vento		
de coleta	capturada	limpo	encoberto	chuva	nulo	fraco	forte
18:00 – 19:00	0	X			X		
19:00 – 20:00	0	X			X		
20:00 – 21:00	0	X			X		
21:00 – 22:00	0	X			X		
TOTAL	0						
Responsável pela informação:				Capturadores:			
Antônio Junior				Antônio Junior e Eder Dione.			

Observações: Coordenadas em UTM. Coleta realizada em mata próxima ao criadouro.
Elevação:

Fotos:

Horário	Código	Descrição da Espécie	Quantidade capturada
18:00 – 19:00			
19:00 – 20:00			
20:00 – 21:00			
21:00 – 22:00			
TOTAL			

ANEXO 3.6.4.4.1-9.4

COLETAS EFETUADAS COM CONCHA ENTOMOLÓGICA AO LONGO DA LT

Data: 18/02/2010		Município: Porto Velho - RO				Cód. Município: 110020		
Localidade: LTS – P01		Coordenadas: X: 0394334 Y: 9016118				Elevação:		
Criadouro: 1		Código do criadouro: CS01				Quantidade de capturadores: 3		
Início: 8:50 h		Término: 9:45 h				Última Chuva: 17/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 150 m		Total de Conchadas: 180				Total de conchadas positivas: 21		
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	2	7	1	1	1	1	0	4
3	2	7	0	0	0	2	0	2
4	3	6	0	1	2	1	0	4
5	2	7	0	1	0	1	0	2
6	1	8	0	0	1	1	0	2
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	1	8	0	0	1	1	0	2
9	1	8	0	1	1	0	0	2
10	2	7	1	1	1	1	0	4
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	2	7	1	1	0	1	0	3
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	1	1	0	2
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	3	6	1	2	1	1	0	5
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	2	7	1	2	1	0	0	4
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	21	159	5	10	10	11	0	36
Responsável pela Informação: Rosenilton Neves				Equipe Composta por: Gilberto, Pedro e Fábio				

Data: 18/02/2010		Município: Porto Velho - RO				Cód. Município: 110020		
Localidade: LTS – P01		Coordenadas: X: Y:				Elevação:		
Criadouro: 2		Código do criadouro: CS02				Quantidade de capturadores: 4		
Início: 10:05 h		Término: 10:40 h				Última Chuva: 17/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180				Total de conchadas positivas: 32		
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	0	2	0	0	0	2
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	2	7	1	0	1	1	0	3
5	1	8	0	1	1	0	0	2
6	1	8	1	0	2	1	0	4
7	1	8	0	0	1	1	0	2
8	2	7	0	1	0	1	0	2
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	1	8	0	0	0	1	0	1
11	4	5	3	0	1	1	1	6
12	1	8	0	0	1	0	0	1
13	4	5	1	1	1	1	0	4
14	2	7	0	0	0	1	1	2
15	4	5	2	4	3	2	0	11
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	2	7	3	1	0	0	1	5
18	2	7	0	0	1	0	1	2
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	4	5	3	2	2	1	2	10
Total	32	148	14	12	14	11	6	57
Responsável pela Informação: Rosenilton Neves				Equipe Composta por: Rosenilton, Gilberto, Pedro e Fábio				

Data: 18/02/2010		Município: Porto Velho - RO				Cód. Município: 110020		
Localidade: LTS – P01		Coordenadas: X: 0392983 Y: 9012848				Elevação:		
Criadouro: 3		Código do criadouro: CS03				Quantidade de capturadores: 3		
Início: 11:00 h		Término: 11:35 h				Última Chuva: 17/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 120 m		Total de Conchadas: 180				Total de conchadas positivas: 15		
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	2	7	1	0	0	1	0	2
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	1	8	1	0	0	0	0	1
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	2	7	0	1	1	1	0	3
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	2	8	2	1	0	0	0	3
14	1	8	3	0	1	1	0	5
15	2	7	2	0	1	0	0	3
16	3	6	2	2	1	1	1	7
17	2	7	0	0	2	1	0	3
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	15	166	11	4	6	5	1	27
Responsável pela Informação: Rosenilton Neves				Equipe Composta por: Gilberto, Pedro e Fábio				

Data: 18/02/2010				Município: Porto Velho/RO				
Área de Estudo: LTN – P01				Ponto: CN - 04				
Início: 15:00			Término: 15:30			Última Chuva: 16/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	2	7	-	-	4	1	-	5
5	2	7	2	1	3	1	-	7
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	2	7	-	1	-	2	-	3
8	2	7	-	-	2	1	-	3
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	1	8	1	1	-	1	-	3
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	2	7	-	-	4	-	-	4
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	1	8	2	-	1	-	-	3
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	5	4	8	2	-	-	-	10
19	2	7	2	3	-	1	-	6
20	1	8	-	2	-	-	-	2
Total	20	160	15	10	14	7	-	46
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 18/02/2010				Município: Porto Velho/RO				
Área de Estudo: LTN – P01				Ponto: CN - 05				
Início: 16:00		Término: 17:00		Última Chuva: 16/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	1	8	1	-	-	-	-	1
19	2	7	1	-	-	1	-	2
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	02	178	2	-	-	1	-	3
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 19/02/2010				Município: Alto Paraíso/RO				
Área de Estudo: LTN – P02				Ponto: CN - 06				
Início: 14:30		Término: 15:00			Última Chuva: /02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	2	7	1	-	1	-	1	3
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	1	8	-	-	1	-	-	1
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	2	7	-	1	-	-	1	2
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	1	8	-	-	-	-	1	1
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	1	8	1	-	-	1	-	2
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	7	173	2	1	2	1	3	09
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 19/02/2010				Município: Alto Paraíso/RO				
Área de Estudo: LTN – P02				Ponto: CN - 07				
Início: 16:00		Término: 16:45		Última Chuva: 19/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	6	3	-	4	1	3	-	8
2	5	4	-	2	3	2	1	8
3	4	5	3	2	1	3	1	10
4	5	4	-	1	-	2	2	5
5	7	2	1	1	1	2	1	6
6	9	-	-	4	-	2	2	8
7	3	6	-	3	3	1	1	8
8	1	8	-	1	-	-	1	2
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	2	7	-	-	-	1	1	2
11	4	5	4	-	-	-	-	4
12	2	7	-	2	1	1	-	4
13	3	6	1	-	-	2	1	4
14	4	5	1	2	2	-	-	5
15	3	6	3	-	-	1	-	4
16	4	5	1	3	1	-	-	5
17	4	5	-	4	1	1	1	7
18	2	7	-	2	1	-	-	3
19	2	7	4	-	-	-	1	5
20	3	6	2	-	1	1	-	4
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 20/02/2010			Município: Alo Paraíso/RO					
Área de Estudo: LTN – P02			Ponto: CN - 08					
Início: 09:40		Término: 10:20			Última Chuva: 19/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m			Total de Conchadas: 180					
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	-	1	-	-	-	
2	-	-	-	-	-	-	-	
3	-	-	-	-	-	-	-	
4	-	-	-	-	-	-	-	
5	2	7	1	1	-	-	-	
6	-	9	-	-	-	-	-	
7	2	7	-	-	1	2	-	
8	2	7	-	1	1	-	-	
9	4	5	-	4	2	-	1	
10	-	9	-	-	-	-	-	
11	1	8	1	-	-	-	-	
12	3	6	1	2	1	-	-	
13	2	7	-	1	1	-	-	
14	2	7	1	2	-	1	-	
15	3	6	4	-	-	1	-	
16	5	4	5	3	-	-	1	
17	2	7	1	-	1	-	-	
18	3	6	2	1	-	-	1	
19	1	8	-	-	-	-	1	
20	1	8	-	1	-	-	-	
Total								
Responsável pela Informação:			Equipe Composta por:					
Gilberto			Gilberto e Fabio					

Data: 20/02/2010				Município: Alto Paraíso/RO				
Área de Estudo: LTN – P02				Ponto: CN - 09				
Início: 10:30		Término: 11:00		Última Chuva: 19/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	-	180	-	-	-	-	-	-
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 20/02/2010				Município: Alto Paraíso/RO				
Área de Estudo: LTN – P02				Ponto: CN - 10				
Início: 11:00		Término: 11:30		Última Chuva: 19/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	1	8	-	-	1	-	-	1
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	1	8	-	-	1	-	-	1
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	1	8	-	-	1	-	-	1
Total	03	177	-	-	3	-	-	03
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 21/02/2010				Município: Cacaulândia/RO				
Área de Estudo: LTN – P03				Ponto: CN - 11				
Início: 08:00		Término: 08:30			Última Chuva: 19/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	5	4	3	2	2	-	1	
2	6	3	3	3	2	-	-	
3	7	2	2	1	4	-	-	
4	5	4	1	2	1	-	1	
5	5	4	3	2	-	1	-	
6	4	5	4	1	1	1	-	
7	7	2	6	3	-	-	-	
8	7	2	4	2	3	1	1	
9	6	3	4	3	1	-	-	
10	6	3	2	4	2	-	-	
11	5	4	6	1	-	2	-	
12	5	4	3	-	2	-	-	
13	7	2	5	-	2	1	-	
14	6	3	2	2	2	3	-	
15	4	5	4	3	-	-	-	
16	2	7	2	1	1	1	-	
17	4	5	4	1	-	-	-	
18	6	3	4	3	3	2	-	
19	7	2	5	1	-	2	-	
20	6	3	6	2	2	-	-	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 21/02/2010				Município: Cacaulândia/RO				
Área de Estudo: LTN – P03				Ponto: CN - 12				
Início: 08:30		Término: 09:00		Última Chuva: 19/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	-	180	-	-	-	-	-	-
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 21/02/2010				Município: Cacaulândia/RO				
Área de Estudo: LTN – P03				Ponto: CN - 13				
Início: 10:30		Término: 11:00		Última Chuva: 19/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	1	8	1	-	-	-	-	-
6	3	6	2	1	-	1	-	-
7	3	6	3	2	2	-	-	-
8	1	8	2	-	-	-	-	-
9	3	6	2	1	-	1	-	-
10	4	5	5	3	1	-	1	-
11	4	5	3	-	1	-	-	-
12	2	7	3	-	-	1	1	-
13	1	8	2	-	-	-	-	-
14	3	6	4	1	1	-	-	-
15	4	5	4	1	-	-	-	-
16	3	6	2	1	1	-	-	-
17	3	6	1	3	-	-	-	-
18	2	7	2	2	1	-	1	-
19	3	6	3	4	-	-	-	-
20	3	6	3	3	-	1	1	-
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 21/02/2010				Município: Cacaulândia/RO				
Área de Estudo: LTN – P03				Ponto: CN - 14				
Início: 9:30		Término: 10:00			Última Chuva: 19/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	3	6	1	3	3	-	-	
2	1	8	-	-	1	-	-	
3	1	8	2	-	-	-	-	
4	2	7	2	-	-	1	-	
5	2	7	2	1	-	-	-	
6	-	9	-	-	-	-	-	
7	-	9	-	-	-	-	-	
8	-	9	-	-	-	-	-	
9	2	7	-	2	1	-	-	
10	3	6	1	3	-	-	-	
11	2	7	1	-	-	1	-	
12	2	7	2	1	-	-	-	
13	-	9	-	-	-	-	-	
14	-	9	-	-	-	-	-	
15	1	8	1	-	-	-	-	
16	-	9	-	-	-	-	-	
17	2	7	1	1	1	-	-	
18	1	8	3	-	-	-	-	
19	3	6	3	2	-	-	-	
20	1	8	-	-	1	-	-	
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 21/02/2010				Município: Cacaulândia/RO				
Área de Estudo: LTN – P03				Ponto: CN - 15				
Início: 11:30		Término: 12:00			Última Chuva: 19/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	5	4	4	3	-	4		
2	4	5	3	-	-	1	3	
3	4	5	2	2	-	-	-	
4	5	4	3	1	-	-	1	
5	2	7	2	-	-	-	1	
6	5	2	5	1	-	-	-	
7	2	7	2	1	3	1	2	
8	3	6	1	-	1	2	1	
9	6	3	6	2	-	-	-	
10	1	8	2	-	-	-	-	
11	2	7	1	1	-	-	1	
12	4	5	1	2	1	2	1	
13	4	5	3	2	2	-	-	
14	4	5	3	1	1	-	-	
15	3	6	3	-	1	-	-	
16	2	7	4	1	2	2	1	
17	4	5	5	2	4	1	-	
18	4	5	1	1	3	-	-	
19	2	7	3	2	2	2	1	
20	4	5	3	2	2	1	-	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 22/02/2010				Município: Teixeiraópolis/RO				
Área de Estudo: LTN – P04				Ponto: CN - 16				
Início: 09:00		Término: 09:30			Última Chuva: 21/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	2	7	-	-	1	1	-	2
5	2	7	-	-	1	-	1	2
6	1	8	1	-	-	-	-	1
7	1	8	-	-	-	1	-	1
8	1	8	-	-	-	1	-	1
9	1	8	1	-	-	-	-	1
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	2	7	1	-	-	-	1	2
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	2	7	-	1	2	-	-	3
Total	13	167	3	1	4	3	2	13
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 22/02/2010				Município: Teixeiraópolis/RO				
Área de Estudo: LTN – P04				Ponto: CN - 17				
Início: 10:00		Término: 10:30		Última Chuva: 21/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	2	7	1	1	2	-	-	-
3	5	4	-	7	1	1	-	-
4	1	8	-	-	1	-	-	-
5	5	4	2	3	3	-	-	-
6	1	8	-	-	1	-	-	-
7	1	8	-	-	-	1	-	-
8	2	7	-	-	3	1	-	-
9	1	8	1	1	3	2	-	-
10	2	7	-	-	1	2	-	-
11	1	8	2	1	2	1	-	-
12	3	6	4	1	1	-	-	-
13	5	4	1	2	-	-	1	-
14	2	7	-	1	-	-	1	-
15	3	6	2	-	-	1	-	-
16	2	7	1	1	-	-	-	-
17	2	7	4	2	-	-	-	-
18	2	7	1	1	-	1	-	-
19	4	5	1	2	2	-	1	-
20	5	4	-	3	3	-	-	-
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 22/02/2010				Município: Ji-Paraná/RO				
Área de Estudo: LTN – P04				Ponto: CN - 18				
Início: 14:00		Término: 14:30			Última Chuva: 22/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	1	8	-	-	-	1	-	1
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	1	8	-	-	2	-	-	2
Total	2	178	-	-	2	1	-	03
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 22/02/2010				Município: Ji-Paraná/RO				
Área de Estudo: LTN – P04				Ponto: CN - 19				
Início: 15:00		Término: 15:30			Última Chuva: 22/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	2	7	-	2	-	-	-	2
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	1	8	1	-	-	-	-	1
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	1	8	-	1	-	-	-	1
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	1	8	-	1	1	-	-	2
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	1	8	-	1	-	-	-	1
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	1	8	-	1	-	-	-	1
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	1	8	-	1	-	-	-	1
Total	8	172	1	7	1	-	-	9
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 22/02/2010				Município: Ji-Paraná/RO				
Área de Estudo: LTN – P04				Ponto: CN - 20				
Início: 16:00		Término: 16:30			Última Chuva: 22/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	6	3	-	3	3	-	-	6
2	1	8	-	-	1	-	-	1
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	1	8	-	1	-	-	-	1
5	1	8	-	-	1	-	-	1
6	2	7	-	2	4	-	1	7
7	1	8	-	-	3	-	-	3
8	1	8	-	-	1	-	-	1
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	2	7	-	1	1	-	-	2
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	1	8	-	1	-	-	-	1
13	1	8	-	-	1	-	-	1
14	1	8	-	-	-	1	-	1
15	1	8	1	1	1	-	-	3
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	2	7	-	1	1	-	-	2
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	2	7	-	-	3	1	-	4
Total	23	157	1	10	20	1	1	43
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 24/02/2010				Município: Rolim de Moura/RO				
Área de Estudo: LTN – P05				Ponto: CN - 21				
Início: 08:00		Término: 08:30			Última Chuva: 24/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	1	8	1		1	-	-	2
4	-	9	-	-	-	-	-	
5	-	9	-	-	-	-	-	
6	5	4	-	3	2	2	1	10
7	7	2	5	3	-	-	-	8
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	1	8	1	3	-	-	-	4
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	2	7	1	1	1	-	-	3
14	2	7	-	-	-	-	-	-
15	6	3	-	3	-	1	-	4
16	5	4	5	4	-	2	-	11
17	2	7	3	2	1	1	-	7
18	3	6	2	-	-	1	-	3
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	3	6	2	1	1	3	-	7
Total	38	142	20	20	6	10		56
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 24/02/2010					Município: Rolim de Moura/RO			
Área de Estudo: LTN – P05					Ponto: CN - 22			
Início: 9:00			Término: 9:30		Última Chuva: 24/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m					Total de Conchadas: 180			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	6	3	1	-	3	6	-	
2	8	1	2	-	1	5	1	
3	7	2	1	-	3	6	-	
4	1	8	4	-	-	-	-	
5	1	8	-	-	3	-	-	
6	1	8	-	-	1	1	1	
7	3	6	3	-	-	-	-	
8	5	4	1	2	-	5	-	
9	2	7	1	-	1	3	-	
10	3	6	-	1	1	5	1	
11	1	8	-	-	1	-	-	
12	-	9	-	-	-	-	-	
13	-	9	-	-	-	-	-	
14	1	8	-	-	1	-	-	
15	-	9	-	-	-	-	-	
16	2	7	1	-	-	1	-	
17	1	8	-	-	2	3	-	
18	4	5	-	-	2	3	-	
19	3	6	-	-	-	5	-	
20	5	4	6	3	4	3		
Total								
Responsável pela Informação:					Equipe Composta por:			
Gilberto					Gilberto e Fabio			

Data: 24/02/2010				Município: Rolim de Moura/RO				
Área de Estudo: LTN – P05				Ponto: CN -23				
Início: 10:00		Término: 10:30		Última Chuva: 24/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	1	8	-	1	-	-	-	
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	2	7	-	1	-	-	1	
4	2	7	-	-	2	1	-	
5	3	6	-	-	2	-	1	
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	1	8	-	2	-	-	-	
13	2	7	-	-	1	1	1	
14	2	7	-	5	1	-	-	
15	5	4	2	3	3	-	1	
16	-	9	-	-	-	-	-	
17	2	7	3	2	1	-	-	
18	3	6	2	1	-	1	-	
19	4	5	5	1	2	-	-	
20	2	7	1	2	1	-	-	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 24/02/2010				Município: Rolim de Moura/RO				
Área de Estudo: LTN – P05				Ponto: CN - 24				
Início: 11:00			Término: 11:30			Última Chuva:24/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	-	180	-	-	-	-	-	-
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 24/02/2010				Município: Rolim de Moura/RO				
Área de Estudo: LTN – P05				Ponto: CN - 25				
Início: 12:00			Término: 12:30			Última Chuva: 24/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	-	1	2	-	-	
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	1	8	-	1	2	-	-	
6	2	7	-	2	1	-	-	
7	3	6	-	4	3	1	-	
8	3	6	2	2	-	3	-	
9	2	7	-	-	-	3	-	
10	3	6	-	2	-	2	1	
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	4	5	-	1	1	2	1	
13	2	7	2	-	-	2		
14	2	7	-	-	2	2	2	
15	1	8	-	-	-	1	-	
16	-	9	-	-	-	-	-	
17	1	8	-	-	-	1	-	
18	2	7	1	1	-	1	-	
19	2	7	-	-	1	1	-	
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 25/02/2010				Município: Chupinguáia/RO				
Área de Estudo: LTN – P06				Ponto: CN - 26				
Início: 10:00		Término: 10:30		Última Chuva: 24/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	-	180	-	-	-	-	-	-
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 25/02/2010				Município: Chupinguáia/RO				
Área de Estudo: LTN – P06				Ponto: CN - 27				
Início: 14:00		Término: 14:30			Última Chuva: 24/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	1	8	-	-	1	-	-	1
9	1	8	-	-	1	-	-	1
10	-	-	-	-	-	-	-	-
11	-	-	-	-	-	-	-	-
12	1	8	-	1	-	-	-	1
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	2	7	-	-	-	1	1	2
19	-	-	-	-	-	-	-	-
20	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	5	175	-	1	2	1	1	5
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 25/02/2010				Município: Chupinguaia/RO				
Área de Estudo: LTN – P06				Ponto: CN - 28				
Início: 15:00		Término: 16:00		Última Chuva: 24/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	-	180	-	-	-	-	-	-
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 25/02/2010				Município: Chupinguaia/RO				
Área de Estudo: LTN – P06				Ponto: CN - 29				
Início: 16:30			Término: 17:00			Última Chuva: 24/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	-	180	-	-	-	-	-	-
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 25/02/2010				Município: Chupinguáia/RO				
Área de Estudo: LTN – P06				Ponto: CN -30				
Início: 17:00			Término: 17:30			Última Chuva: 24/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	-	180	-	-	-	-	-	-
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 26/02/2010				Município: Clorado do Oeste/RO				
Área de Estudo: LTN – P07				Ponto: CN - 31				
Início: 16:30		Término: 17:00			Última Chuva: 26/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	1	8	-	-	-	1	-	1
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total	1	179	-	-	-	-	-	1
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 26/02/2010				Município: Colorado do Oeste/RO				
Área de Estudo: LTN – P07				Ponto: CN - 32				
Início: 17:00		Término: 17:30			Última Chuva: 26/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	1	-	1	-	-	
2	2	7	4	-	-	-	-	
3	3	6	3	1	-	-	-	
4	2	7	3	-	-	-	-	
5	3	6	4	-	-	-	-	
6	4	5	5	-	-	-	-	
7	3	6	2	-	-	1	-	
8	2	7	2	-	-	-	-	
9	4	5	4	1	-	1	-	
10	3	6	3	-	-	-	-	
11	2	7	1	-	-	-	1	
12	4	5	4	-	-	1	-	
13	1	8	1	-	-	-	-	
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	2	7	-	-	2	-	-	
17	1	8	-	-	-	1	-	
18	3	6	-	-	-	3	-	
19	2	7	3	-	-	-	1	
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 27/02/2010				Município: Colorado do Oeste/RO				
Área de Estudo: LTN – P07				Ponto: CN - 33				
Início: 8:00		Término: 8:30			Última Chuva: 26/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	9	-	2	4	3	2	-	
2	5	4	4	3	5	1	-	
3	2	7	-	1	2	-	-	
4	3	6	1	2	-	2	-	
5	5	4	1	3	3	-	-	
6	5	4	4	2	-	2	-	
7	6	3	4	1	2	2	-	
8	8	1	6	4	2	3	-	
9	8	1	3	1	1	3	-	
10	6	3	3	4	1	-	-	
11	4	5	5	2	2	1	-	
12	8	1	5	3	1	-	-	
13	9	-	4	1	3	1	2	
14	9	-	4	2	3	2	1	
15	5	4	2	4	5	2	-	
16	4	5	5	-	2	-	-	
17	6	3	4	-	2	-	1	
18	4	5	2	2	-	2	-	
19	9	-	5	1	1	3	-	
20	5	4	1	2	3	3	1	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 27/02/2010				Município: Colorado do Oeste/RO				
Área de Estudo: LTN – P07				Ponto: CN - 34				
Início: 8:30		Término: 9:00			Última Chuva: 26/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	-	-	1	-	-	
2	6	3	-	5	3	-	-	
3	4	5	-	-	2	3	-	
4	4	5	-	1	4	-	-	
5	3	6	-	1	-	3	1	
6	4	5	1	2	4	-	-	
7	3	6	-	2	2	-	-	
8	3	6	1	1	-	1	-	
9	3	6	-	-	2	-	1	
10	3	6	3	-	-	-	-	
11	2	7	1	-	1	1	-	
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	2	7	2	-	2	-	-	
14	1	8	-	-	2	-	-	
15	3	6	-	1	3	-	-	
16	2	7	-	1	3	-	-	
17	5	4	1	3	2	1	-	
18	2	7	1	3	3	-	-	
19	2	7	1	-	-	1	1	
20	5	4	1	2	3	2	-	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 27/02/2010			Município: Colorado do Oeste/RO					
Área de Estudo: LTN – P07			Ponto: CN - 35					
Início: 9:30		Término: 10:00			Última Chuva: 26/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m			Total de Conchadas: 180					
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	-	1	-	-	-	
2	-	9	-	-	-	-	-	
3	1	8	-	1	-	-	-	
4	1	8	-	-	-	2	-	
5	-	9	-	-	-	-	-	
6	-	9	-	-	-	-	-	
7	1	8	-	-	-	2	-	
8	-	9	-	-	-	-	-	
9	-	9	-	-	-	-	-	
10	-	9	-	-	-	-	-	
11	-	9	-	-	-	-	-	
12	1	8	1	-	-	2	-	
13	1	8	-	-	-	2	-	
14	2	7	-	1	-	1	-	
15	-	9	-	-	-	-	-	
16	-	9	-	-	-	-	-	
17	-	9	-	-	-	-	-	
18	2	7	-	-	1	1	-	
19	1	8	-	1	-	1	-	
20	2	7	-	-	2	-	-	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 28/02/2010				Município: Nova Lacerda/MT				
Área de Estudo: LTN – P08				Ponto: CN - 36				
Início: 14:00		Término: 14:30		Última Chuva: 28/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	-	-	-	1	-	
2	-	9	-	-	-	-	-	
3	-	9	-	-	-	-	-	
4	1	8	-	1	-	-	-	
5	-	9	-	-	-	-	-	
6	-	9	-	-	-	-	-	
7	1	8	-	-	1	-	-	
8	-	9	-	-	-	-	-	
9	-	9	-	-	-	-	-	
10	1	8	-	1	-	-	-	
11	-	9	-	-	-	-	-	
12	1	8	-	-	-	1	-	
13	-	9	-	-	-	-	-	
14	-	9	-	-	-	-	-	
15	-	9	-	-	-	-	-	
16	-	9	-	-	-	-	-	
17	-	9	-	-	-	-	-	
18	-	9	-	-	-	-	-	
19	-	9	-	-	-	-	-	
20	-	9	-	-	-	-	-	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 28/02/2010			Município: Nova Lacerda/MT					
Área de Estudo: LTN – P08			Ponto: CN - 37					
Início: 14:30		Término: 15:00		Última Chuva: 28/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m			Total de Conchadas: 180					
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total								
Responsável pela Informação:			Equipe Composta por:					
Gilberto			Gilberto e Fabio					

Data: 28/02/2010				Município: Nova Lacerda/MT				
Área de Estudo: LTN – P08				Ponto: CN - 38				
Início: 15:00		Término: 15:30		Última Chuva: 28/02/2010				
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	
1	-	9	-	-	-	-	-	-
2	-	9	-	-	-	-	-	-
3	-	9	-	-	-	-	-	-
4	-	9	-	-	-	-	-	-
5	-	9	-	-	-	-	-	-
6	-	9	-	-	-	-	-	-
7	-	9	-	-	-	-	-	-
8	-	9	-	-	-	-	-	-
9	-	9	-	-	-	-	-	-
10	-	9	-	-	-	-	-	-
11	-	9	-	-	-	-	-	-
12	-	9	-	-	-	-	-	-
13	-	9	-	-	-	-	-	-
14	-	9	-	-	-	-	-	-
15	-	9	-	-	-	-	-	-
16	-	9	-	-	-	-	-	-
17	-	9	-	-	-	-	-	-
18	-	9	-	-	-	-	-	-
19	-	9	-	-	-	-	-	-
20	-	9	-	-	-	-	-	-
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 28/02/2010				Município: Comodoro/MT				
Área de Estudo: LTN – P08				Ponto: CN -39				
Início: 15:30			Término: 16:00			Última Chuva: 28/02/2010		
Perímetro Pesquisado: 80 m				Total de Conchadas: 144				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total
Pesq.	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	-	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-	-	-
3	-	-	-	-	-	-	-	-
4	1	-	-	-	-	1	-	-
5	-	-	-	-	-	-	-	-
6	2	-	-	2	-	-	-	-
7	-	-	-	-	-	-	-	-
8	2	-	-	1	-	1	-	-
9	-	-	-	-	-	-	-	-
10	2	-	-	1	1	-	-	-
11	-	-	-	-	-	-	-	-
12	1	-	-	-	-	1	-	-
13	2	-	-	1	-	1	-	-
14	-	-	-	-	-	-	-	-
15	1	-	-	-	-	2	-	-
16	2	-	-	-	1	2	-	-
17								
18								
19								
20								
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 28/02/2010				Município: Comodoro/MT				
Área de Estudo: LTN – P08				Ponto: CN - 40				
Início: 16:30		Término: 17:00			Última Chuva: 28/02/2010			
Perímetro Pesquisado: 100 m				Total de Conchadas: 180				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total
Pesq.	Positivos	Negativos	I	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	5	4	1	3	-	2	-	
2	1	8	-	-	1	-	-	
3	4	5	4	-	2	-	-	
4	9	-	4	2	-	2	2	
5	3	6	2	-	3	1	-	
6	5	4	4	3	-	2	-	
7	6	3	-	5	3	2	-	
8	5	4	4	-	1	2	-	
9	5	4	4	3	-	-	-	
10	3	6	3	-	-	-	1	
11	5	4	2	-	2	1	-	
12	6	3	3	2	-	1	-	
13	4	5	2	1	1	1	-	
14	7	2	4	2	1	2	-	
15	6	3	3	1	3	-	-	
16	3	6	-	3	2	-	-	
17	4	5	-	2	3	3	-	
18	5	4	1	2	4	3	-	
19	3	6	2	3	-	-	-	
20	3	6	2	-	3	-	-	
Total								
Responsável pela Informação:				Equipe Composta por:				
Gilberto				Gilberto e Fabio				

Data: 28/02/2010		Município: Vila Bela da Santíssima Trindade - MT			Cód. Município: 510550			
Localidade: LTN – P09		Coordenadas: X: 184530 Y: 8346080			Elevação: 221 m			
Criadouro: 41		Código do criadouro: CN41			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 25 m		Total de Conchadas: 45			Total de conchadas positivas: 19			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	2	7	2	0	0	0	0	2
2	4	5	10	0	0	0	0	10
3	1	8	1	0	0	0	0	1
4	6	3	11	0	0	0	0	11
5	6	3	23	0	0	0	0	23
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	19	26	47	0	0	0	0	47
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Poça temporária com vegetação rasteira em pasto.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 28/02/2010		Município: Vila Bela da Santíssima Trindade - MT			Cód. Município: 510550			
Localidade: LTN – P09		Coordenadas: X: 0184077 Y: 8347546			Elevação: 221 m			
Criadouro: 42		Código do criadouro: CN42			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 50 m		Total de Conchadas: 90			Total de conchadas positivas: 2			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	2	7	3	0	0	0	0	3
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	2	88	3	0	0	0	0	3
Responsável pela Informação: Antônio Junior			Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.					

Descrição: Poça de água temporária com presença de macrófitas anfíbias (pasto).

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 28/02/2010		Município: Vila Bela da Santíssima Trindade - MT			Cód. Município: 510550			
Localidade: LTN – P09		Coordenadas: X: 0184466 Y: 8355490			Elevação: 223 m			
Criadouro: 43		Código do criadouro: CN43			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 40 m		Total de Conchadas: 72			Total de conchadas positivas: 12			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	1	0	0	0	0	1
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	8	1	19	0	0	0	0	19
7	2	7	2	0	0	0	0	2
8	1	8	3	0	0	0	0	3
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	12	60	25	0	0	0	0	25
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Poça de água temporária com presença de vegetação submersa.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 28/02/2010		Município: Vila Bela da Santíssima Trindade - MT			Cód. Município: 510550			
Localidade: LTN – P09		Coordenadas: X: 0193312 Y: 8351996			Elevação: 222 m			
Criadouro: 44		Código do criadouro: CN44			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 20 m		Total de Conchadas: 36			Total de conchadas positivas: 20			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	7	2	9	0	0	0	0	9
2	3	6	4	0	0	0	0	4
3	4	5	8	0	0	0	0	8
4	6	3	12	0	0	0	0	12
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	20	16	33	0	0	0	0	33
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Água empoçada com vegetação rasteira submersa (bebedouro de gado).

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 28/02/2010		Município: Vila Bela da Santíssima Trindade - MT			Cód. Município: 510550			
Localidade: LTN – P09		Coordenadas: X: 0191196 Y: 8352666			Elevação: 234 m			
Criadouro: 45		Código do criadouro: CN45			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 45 m		Total de Conchadas: 81			Total de conchadas positivas: 34			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	3	6	6	0	0	0	0	6
2	4	5	5	0	0	0	0	5
3	6	3	10	0	0	0	0	10
4	3	6	4	0	0	0	0	4
5	3	6	5	0	0	0	0	5
6	3	6	5	0	0	0	0	5
7	3	6	3	0	0	0	0	3
8	4	5	7	0	0	0	0	7
9	5	4	7	0	0	0	0	7
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	34	47	52	0	0	0	0	52
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Alagado temporário com vegetação rasteira.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 26/02/2010		Município: Jauru - MT			Cód. Município: 510500			
Localidade: LTN – P10		Coordenadas: X: 0298395 Y: 8322150			Elevação: 539 m			
Criadouro: 46		Código do criadouro: CN46			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 30 m		Total de Conchadas: 54			Total de conchadas positivas: 25			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	6	3	23	0	0	0	0	23
2	6	3	13	0	0	0	0	13
3	3	6	8	0	0	0	0	8
4	2	7	2	0	0	0	0	2
5	3	6	5	0	0	0	0	5
6	5	4	14	0	0	0	0	14
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	25	29	65	0	0	0	0	65
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Lago com presença de macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 26/02/2010		Município: Jauru - MT			Cód. Município: 510500				
Localidade: LTN - P10		Coordenadas: X: 0298238 Y: 8322237			Elevação: 538 m				
Criadouro: 47		Código do criadouro: CN47			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 30 m		Total de Conchadas: 54			Total de conchadas positivas: 5				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	0	9	0	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0	0
3	2	7	6	0	0	0	0	0	6
4	3	6	6	0	0	0	0	0	6
5	0	9	0	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0	0
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	5	49	12	0	0	0	0	0	12
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Poça de água.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 26/02/2010		Município: Jauru - MT			Cód. Município: 510500				
Localidade: LTN - P10		Coordenadas: X: 0296737 Y: 8323141			Elevação: 527 m				
Criadouro: 48		Código do criadouro: CN48			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 20 m		Total de Conchadas: 36			Total de conchadas positivas: 2				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	0	9	0	0	0	0	0	0	0
2	2	7	2	0	0	0	0	0	2
3	0	9	0	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0	0
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	2	34	2	0	0	0	0	0	2
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Alagado de chuva

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 26/02/2010		Município: Jauru - MT			Cód. Município: 510500				
Localidade: LTN – P10		Coordenadas: X: 0294233 Y: 8323533			Elevação: 509 m				
Criadouro: 49		Código do criadouro: CN49			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 30 m		Total de Conchadas: 54			Total de conchadas positivas: 4				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	0	9	0	0	0	0	0	0	0
2	1	8	1	0	0	0	0	0	1
3	2	7	2	0	0	0	0	0	2
4	0	9	0	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0	0
6	1	8	1	0	0	0	0	0	1
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	4	50	4	0	0	0	0	0	4
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Alagado de chuva

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 26/02/2010		Município: Jauru - MT			Cód. Município: 510500			
Localidade: LTN – P10		Coordenadas: X: 0298549 Y: 8322037			Elevação: 536 m			
Criadouro: 50		Código do criadouro: CN50			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 2			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	2	7	2	0	0	0	0	2
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	2	178	2	0	0	0	0	2
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Represa

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 25/02/2010		Município: Lambari D'Oeste - MT			Cód. Município: 510523				
Localidade: LTN - P11		Coordenadas: X: 0398047 Y: 8321692			Elevação: 536 m				
Criadouro: 51		Código do criadouro: CN51			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 20 m		Total de Conchadas: 36			Total de conchadas positivas: 5				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	0	9	0	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0	0
3	2	7	2	0	0	0	0	0	2
4	3	6	3	0	0	0	0	0	3
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	5	31	5	0	0	0	0	0	5
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Alagado próximo a riacho.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 25/02/2010		Município: Lambari D'Oeste - MT			Cód. Município: 510523				
Localidade: LTN - P11		Coordenadas: X: 0396341 Y: 8321339			Elevação: 206 m				
Criadouro: 52		Código do criadouro: CN52			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 15 m		Total de Conchadas: 27			Total de conchadas positivas: 3				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	2	7	2	0	0	0	0	0	2
2	0	9	0	0	0	0	0	0	0
3	1	8	1	0	0	0	0	0	1
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	3	24	3	0	0	0	0	0	3
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Alagado em fragmento de mata bastante sombreado.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 25/02/2010		Município: Lambari D'Oeste - MT			Cód. Município: 510523			
Localidade: LTN – P11		Coordenadas: X: 0397445 Y: 8317667			Elevação: 203 m			
Criadouro: 53		Código do criadouro: CN53			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 30 m		Total de Conchadas: 54			Total de conchadas positivas: 0			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	0	54	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Alagado de chuva em depressão.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 25/02/2010		Município: Lambari D'Oeste - MT			Cód. Município: 510523			
Localidade: LTN – P11		Coordenadas: X: 0399194 Y: 8317685			Elevação: 205 m			
Criadouro: 54		Código do criadouro: CN54			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 45 m		Total de Conchadas: 72			Total de conchadas positivas: 0			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
Total	0	72	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Poça com presença de macrófitas. Alagado de chuva em depressão.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 25/02/2010		Município: Lambari D'Oeste - MT			Cód. Município: 510523				
Localidade: LTN - P11		Coordenadas: X: 0396334 Y: 8321497			Elevação: 209 m				
Criadouro: 55		Código do criadouro: CN55			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 45 m		Total de Conchadas: 72			Total de conchadas positivas: 12				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	1	8	1	0	0	0	0	0	1
2	2	7	2	0	0	0	0	0	2
3	1	8	2	0	0	0	0	0	2
4	1	8	1	0	0	0	0	0	1
5	2	7	2	0	0	0	0	0	2
6	2	7	4	0	0	0	0	0	4
7	3	6	3	0	0	0	0	0	3
8	0	9	0	0	0	0	0	0	0
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	12	60	15	0	0	0	0	0	15
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.					

Descrição: Formação alagada de chuva tipo brejo, com macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 24/02/2010		Município: Barra do Bugres - MT			Cód. Município: 510170				
Localidade: LTN – P12		Coordenadas: X: 0499271 Y: 8327794			Elevação: 180 m				
Criadouro: 56		Código do criadouro: CN56			Quantidade de capturadores: 3				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 12				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	1	8	1	0	0	0	0	0	1
2	2	7	4	0	0	0	0	0	4
3	0	9	0	0	0	0	0	0	0
4	2	7	2	0	0	0	0	0	2
5	2	7	2	0	0	0	0	0	2
6	1	8	1	0	0	0	0	0	1
7	0	9	0	0	0	0	0	0	0
8	1	8	1	0	0	0	0	0	1
9	2	7	4	0	0	0	0	0	4
10	1	8	1	0	0	0	0	0	1
11	0	9	0	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0	0
Total	12	168	16	0	0	0	0	0	16
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior, Eder Dione e Natália.				

Descrição: Lagoa próxima ao canal. Área exposta ao sol e com presença de macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 24/02/2010		Município: Barra do Bugres - MT			Cód. Município: 510170				
Localidade: LTN - P12		Coordenadas: X: 0503434 Y: 8325980			Elevação: 200 m				
Criadouro: 57		Código do criadouro: CN57			Quantidade de capturadores: 3				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 25 m		Total de Conchadas: 45			Total de conchadas positivas: 0				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	0	9	0	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0	0
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	0	45	0	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior, Eder Dione e Natália.				

Descrição: Poça de água em mata preservada e sombreada.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 24/02/2010		Município: Barra do Bugres - MT			Cód. Município: 510170				
Localidade: LTN – P12		Coordenadas: X: 511684 Y: 8329650			Elevação: 211 m				
Criadouro: extra		Código do criadouro: Cnextra			Quantidade de capturadores: 3				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 25 m		Total de Conchadas: 45			Total de conchadas positivas: 0				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	0	9	0	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0	0
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	0	45	0	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Rodrigo José Hilário					Equipe Composta por: Rodrigo, Denise e Rissaimon.				

Descrição: Poça de água em mata preservada e sombreada.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

OBS: Rodrigo coletou um ponto extra na área de Junior.

Data: 23/02/2010		Município: Cuiabá - MT			Cód. Município: 510340			
Localidade: LTN – P13		Coordenadas: X: 0504283 Y: 8326371			Elevação: 190 m			
Criadouro: 61		Código do criadouro: CN61			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 75 m		Total de Conchadas: 135			Total de conchadas positivas: 1			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	1	8	1	0	0	0	0	1
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16								
17								
18								
19								
20								
Total	1	134	1	0	0	0	0	1
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Alagado próximo a mata com presença de macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 23/02/2010	Município: Cuiabá - MT		Cód. Município: 510340					
Localidade: LTN - P13	Coordenadas: X: 0504058 Y: 8326093		Elevação: 194 m					
Criadouro: 62	Código do criadouro: CN62		Quantidade de capturadores: 2					
Início:	Término:		Última Chuva:					
Perímetro Pesquisado: 75 m	Total de Conchadas: 135		Total de conchadas positivas: 1					
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	1	8	1	0	0	0	0	1
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16								
17								
18								
19								
20								
Total	1	134	1	0	0	0	0	1
Responsável pela Informação: Antônio Junior			Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.					

Descrição: Alagado com presença de poucas macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 23/02/2010	Município: Cuiabá - MT		Cód. Município: 510340					
Localidade: LTN - P13	Coordenadas: X: 0502084 Y: 8325586		Elevação: 188 m					
Criadouro: 63	Código do criadouro: CN63		Quantidade de capturadores: 2					
Início:	Término:		Última Chuva:					
Perímetro Pesquisado: 75 m	Total de Conchadas: 135		Total de conchadas positivas: 10					
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	1	8	1	0	0	0	0	1
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	3	6	8	0	0	0	0	8
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	2	7	4	0	0	0	0	4
7	4	5	5	0	0	0	0	5
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16								
17								
18								
19								
20								
Total	10	125	18	0	0	0	0	18
Responsável pela Informação: Antônio Junior			Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.					

Descrição: Alagado de chuva próximo a depressão com presença de macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 23/02/2010	Município: Cuiabá - MT		Cód. Município: 510340					
Localidade: LTN - P13	Coordenadas: X: 0594488 Y: 8301264		Elevação: 229 m					
Criadouro: 64	Código do criadouro: CN64		Quantidade de capturadores: 2					
Início:	Término:		Última Chuva:					
Perímetro Pesquisado: 100 m	Total de Conchadas: 180		Total de conchadas positivas: 8					
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	1	8	2	0	0	0	0	2
5	2	7	2	0	0	0	0	2
6	3	6	4	0	0	0	0	4
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	2	7	3	0	0	0	0	3
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	8	172	11	0	0	0	0	11
Responsável pela Informação: Antônio Junior			Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.					

Descrição: Alagado, próximo a lagoa, sem sombra e com macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 23/02/2010		Município: Cuiabá - MT			Cód. Município: 510340			
Localidade: LTN – P13		Coordenadas: X: 0594500 Y: 8301267			Elevação: 225 m			
Criadouro: 65		Código do criadouro: CN65			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 8			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	2	7	3	0	0	0	0	3
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	3	6	3	0	0	0	0	3
7	1	8	2	0	0	0	0	2
8	2	7	2	0	0	0	0	2
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	8	172	10	0	0	0	0	10
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Poça de água, pouco sombreada, com presença de macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 20/02/2010		Município: Rondonópolis - MT			Cód. Município: 510760				
Localidade: LTN - P15		Coordenadas: X: 0765474 Y: 8191060			Elevação: m				
Criadouro: 71		Código do criadouro: CN71			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 0				
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios						Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa		
1	0	9	0	0	0	0	0	0	
2	0	9	0	0	0	0	0	0	
3	0	9	0	0	0	0	0	0	
4	0	9	0	0	0	0	0	0	
5	0	9	0	0	0	0	0	0	
6	0	9	0	0	0	0	0	0	
7	0	9	0	0	0	0	0	0	
8	0	9	0	0	0	0	0	0	
9	0	9	0	0	0	0	0	0	
10	0	9	0	0	0	0	0	0	
11	0	9	0	0	0	0	0	0	
12	0	9	0	0	0	0	0	0	
13	0	9	0	0	0	0	0	0	
14	0	9	0	0	0	0	0	0	
15	0	9	0	0	0	0	0	0	
16	0	9	0	0	0	0	0	0	
17	0	9	0	0	0	0	0	0	
18	0	9	0	0	0	0	0	0	
19	0	9	0	0	0	0	0	0	
20	0	9	0	0	0	0	0	0	
Total	0	180	0	0	0	0	0	0	
Responsável pela Informação: Antônio Junior			Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.						

Descrição: Córrego de pequena profundidade, com vegetação de capim, sem macrófitas, sor

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 20/02/2010		Município: Rondonópolis - MT			Cód. Município: 510760			
Localidade: LTN - P15		Coordenadas: X: 0765831 Y: 8191584			Elevação: m			
Criadouro: 72		Código do criadouro: CN72			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 0			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	0	180	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Riacho de água corrente, sombreado, sem macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 20/02/2010		Município: Rondonópolis - MT			Cód. Município: 510760			
Localidade: LTN – P15		Coordenadas: X: 0766412 Y: 8192599			Elevação: m			
Criadouro: 73		Código do criadouro: CN73			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 0			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	0	180	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Represa utilizada como bebedouro de animais de grande porte, sem macrófitas e

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 20/02/2010		Município: Rondonópolis - MT			Cód. Município: 510760			
Localidade: LTN - P15		Coordenadas: X: 0766637 Y: 8193614			Elevação: m			
Criadouro: 74		Código do criadouro: CN74			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 0			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	0	180	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Riacho, sombreado e sem macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 20/02/2010		Município: Rondonópolis - MT			Cód. Município: 510760				
Localidade: LTN – P15		Coordenadas: X: 0766850 Y: 8195911			Elevação: m				
Criadouro: 75		Código do criadouro: CN75			Quantidade de capturadores: 2				
Início:		Término:			Última Chuva:				
Perímetro Pesquisado: 25 m		Total de Conchadas: 45			Total de conchadas positivas: 0				
Pontos	Nº conchadas		Estágios					Total	
	Pesq.	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV		Pupa
1	0	9	0	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0	0
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
Total	0	45	0	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior					Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Riacho, sombreado e sem macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

Data: 19/02/2010	Município: Alto Garças - MT		Cód. Município: 510040					
Localidade: LTN – P16	Coordenadas: X: 0223271 Y: 8124604		Elevação: m					
Criadouro: 77	Código do criadouro: CN77		Quantidade de capturadores: 2					
Início:	Término:		Última Chuva:					
Perímetro Pesquisado: 100 m	Total de Conchadas: 180		Total de conchadas positivas: 0					
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	Coletado
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	0	180	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior			Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.					

Descrição: Brejo com presença de macrófitas e de baixa profundidade.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

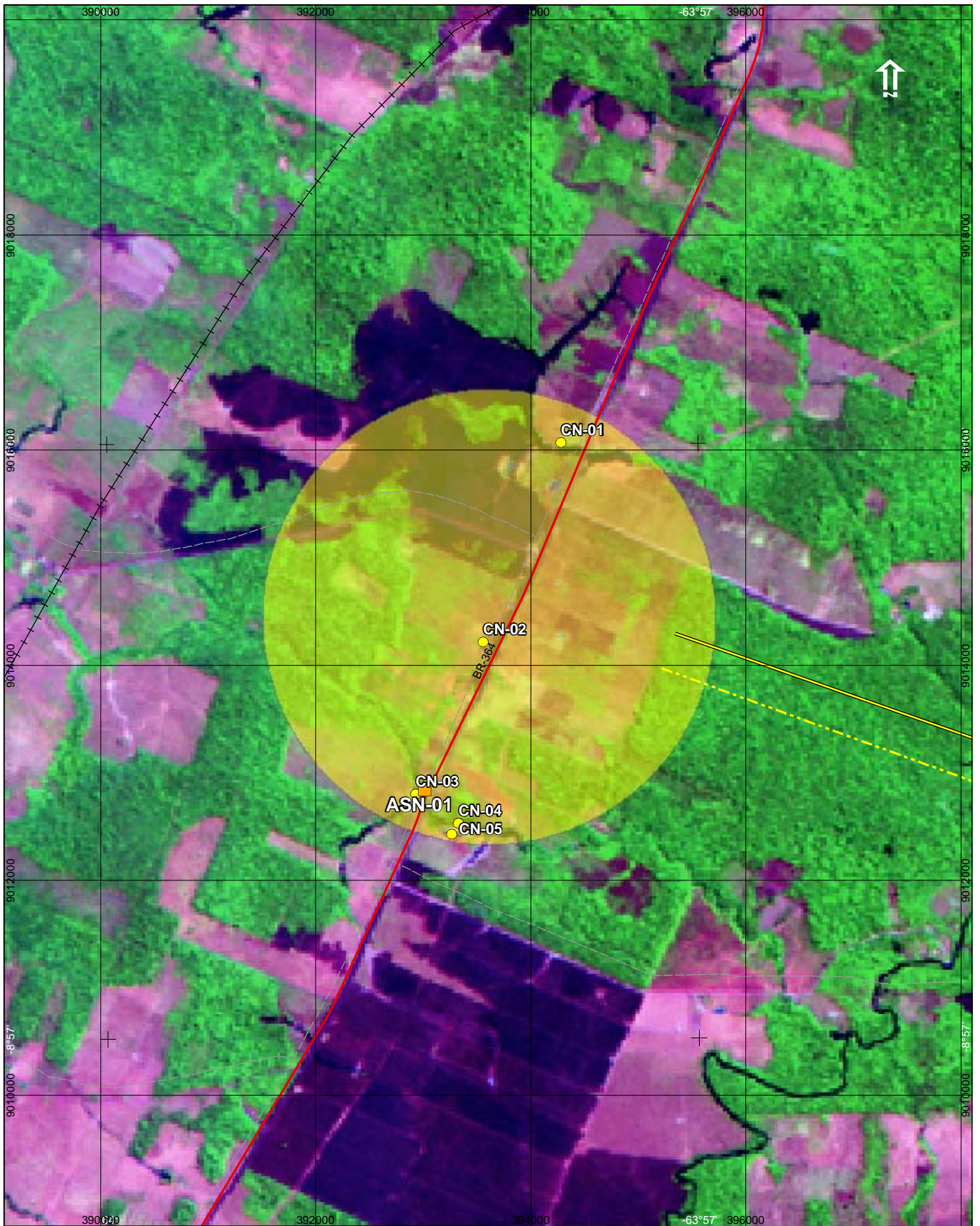
Data: 19/02/2010		Município: Alto Garças - MT			Cód. Município: 510040			
Localidade: LTN – P16		Coordenadas: X: 0223629 Y: 8124293			Elevação: m			
Criadouro: 78		Código do criadouro: CN78			Quantidade de capturadores: 2			
Início:		Término:			Última Chuva:			
Perímetro Pesquisado: 100 m		Total de Conchadas: 180			Total de conchadas positivas: 0			
Pontos Pesq.	Nº conchadas		Estágios					Total Coletado
	Positivos	Negativos	I*	II	III	IV	Pupa	
1	0	9	0	0	0	0	0	0
2	0	9	0	0	0	0	0	0
3	0	9	0	0	0	0	0	0
4	0	9	0	0	0	0	0	0
5	0	9	0	0	0	0	0	0
6	0	9	0	0	0	0	0	0
7	0	9	0	0	0	0	0	0
8	0	9	0	0	0	0	0	0
9	0	9	0	0	0	0	0	0
10	0	9	0	0	0	0	0	0
11	0	9	0	0	0	0	0	0
12	0	9	0	0	0	0	0	0
13	0	9	0	0	0	0	0	0
14	0	9	0	0	0	0	0	0
15	0	9	0	0	0	0	0	0
16	0	9	0	0	0	0	0	0
17	0	9	0	0	0	0	0	0
18	0	9	0	0	0	0	0	0
19	0	9	0	0	0	0	0	0
20	0	9	0	0	0	0	0	0
Total	0	180	0	0	0	0	0	0
Responsável pela Informação: Antônio Junior				Equipe Composta por: Junior e Eder Dione.				

Descrição: Riacho sombreado e sem macrófitas.

* Coluna correspondente ao total de espécimes coletados, independente do estágio larval.

ANEXO 3.6.4.4.1-9.5

**GEORREFERENCIAMENTO DOS PONTOS DE
COLETA AO LONGO DA LT, NOS ESTADOS DE
RONDÔNIA E MATO GROSSO, INDICANDO OS
LOCAIS ONDE FORAM FEITAS AS CAPTURAS DE
MOSQUITOS ADULTOS E IMATUROS**



Legenda

- Criadouros
- Armadilhas de Shannon
- LT 600kV CC - C1
- - - LT 600kV CC - C2
- Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 1**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —



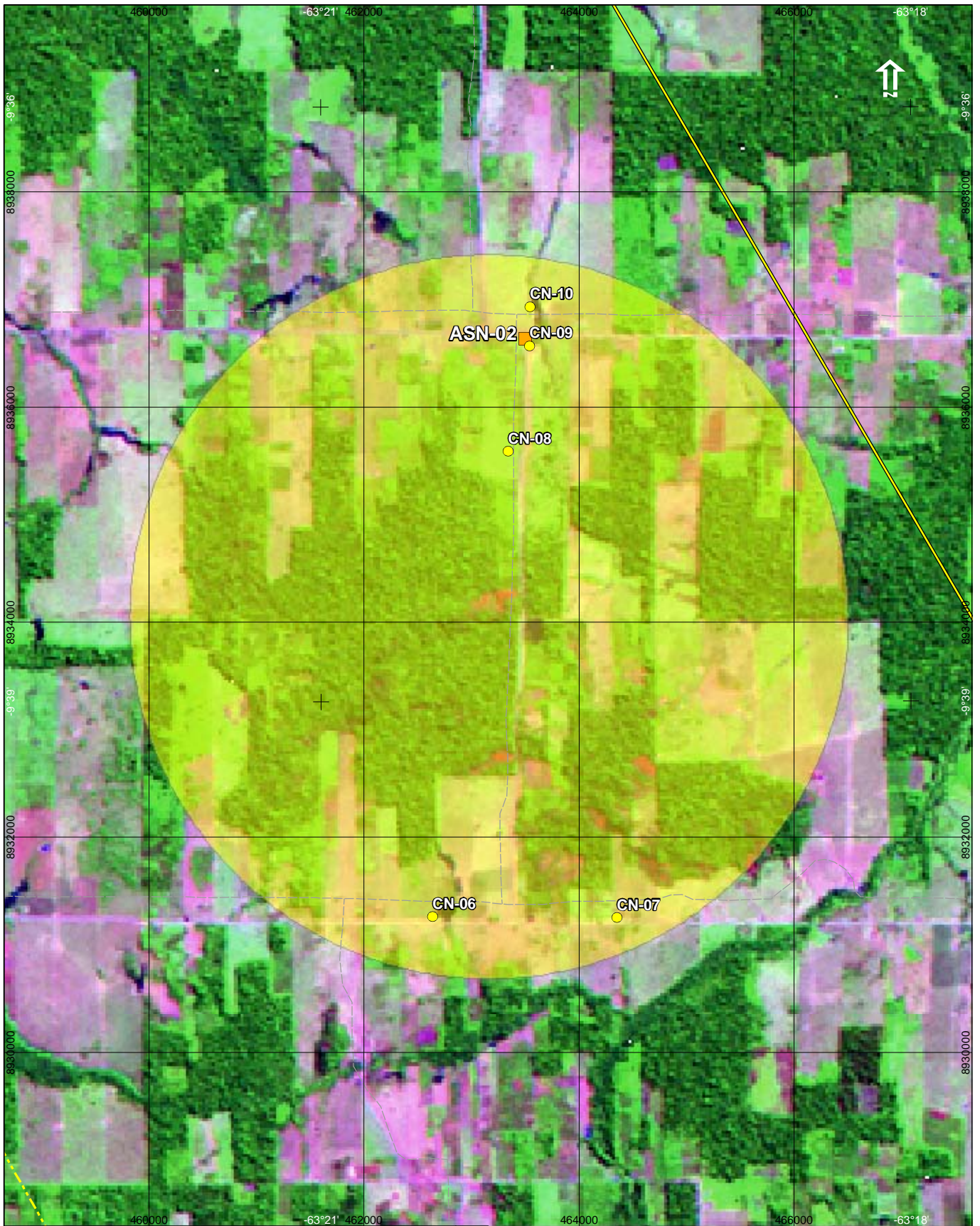
Ponto_01_C1.mxd

ESCALA: 1:50.000

DES. Nº: Ponto_01_C1.mxd

DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

- Criadouros
- Armadilhas de Shannon
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 2**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —

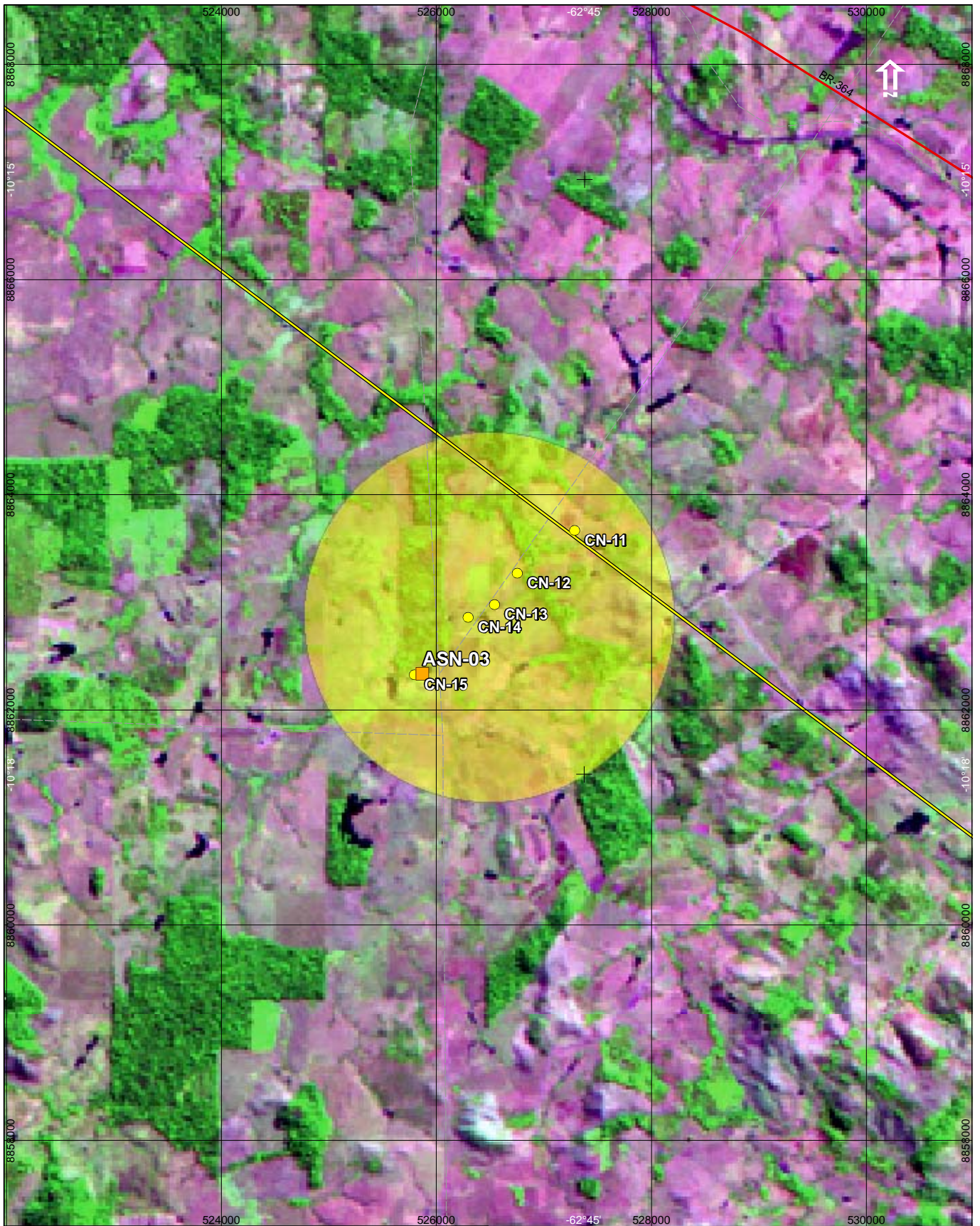


ESCALA: 1:50.000

DES. Nº: Ponto_02_C1.mxd

DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

- Criadouros
- Armadilhas de Shannon
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 3**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —

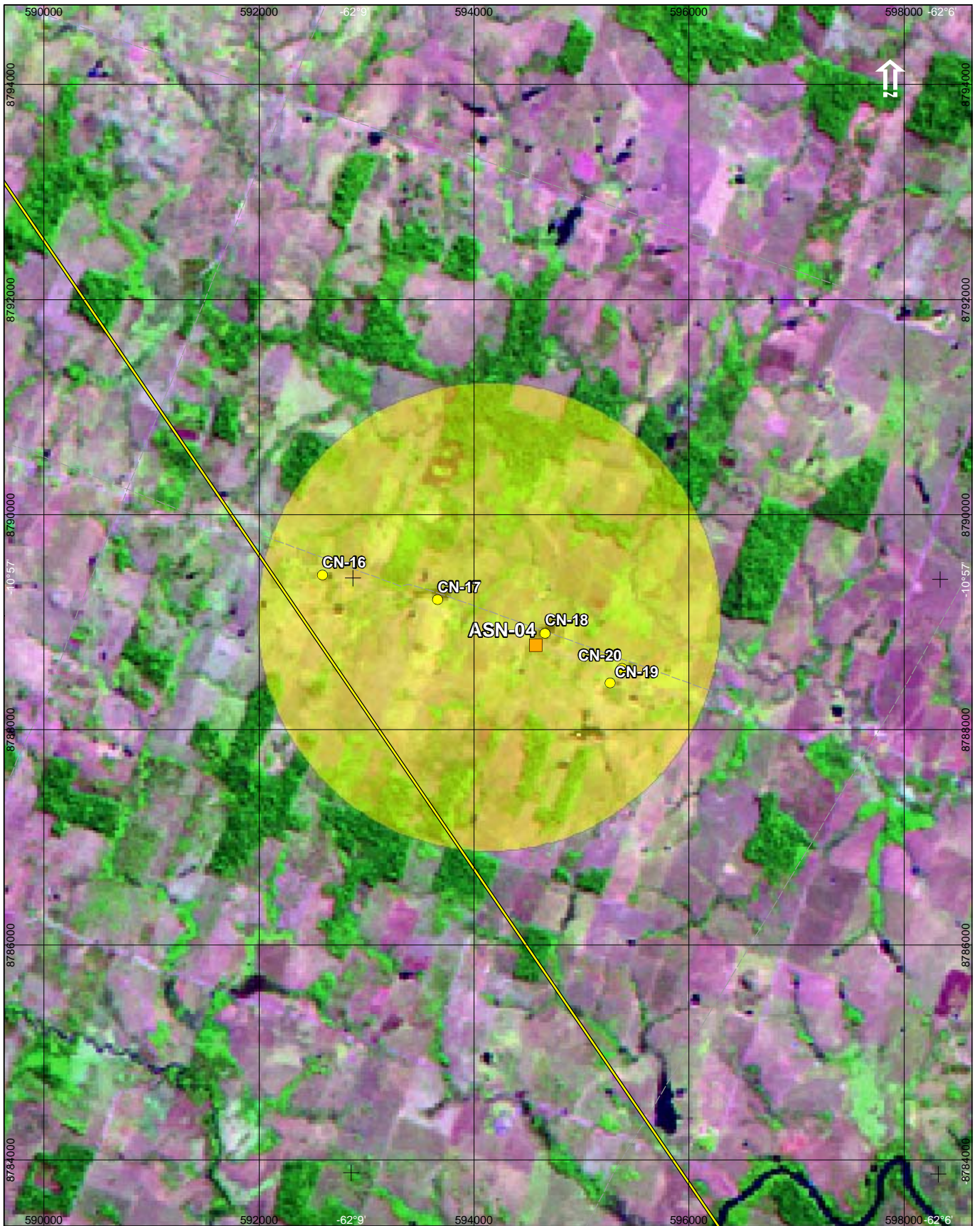


ESCALA: 1:50.000

DES. Nº: Ponto_03_C1.mxd

DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

- Armadilhas de Shannon
- Criadouros
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Ciente:



Projeto:

Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1

Título:

Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 4

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —

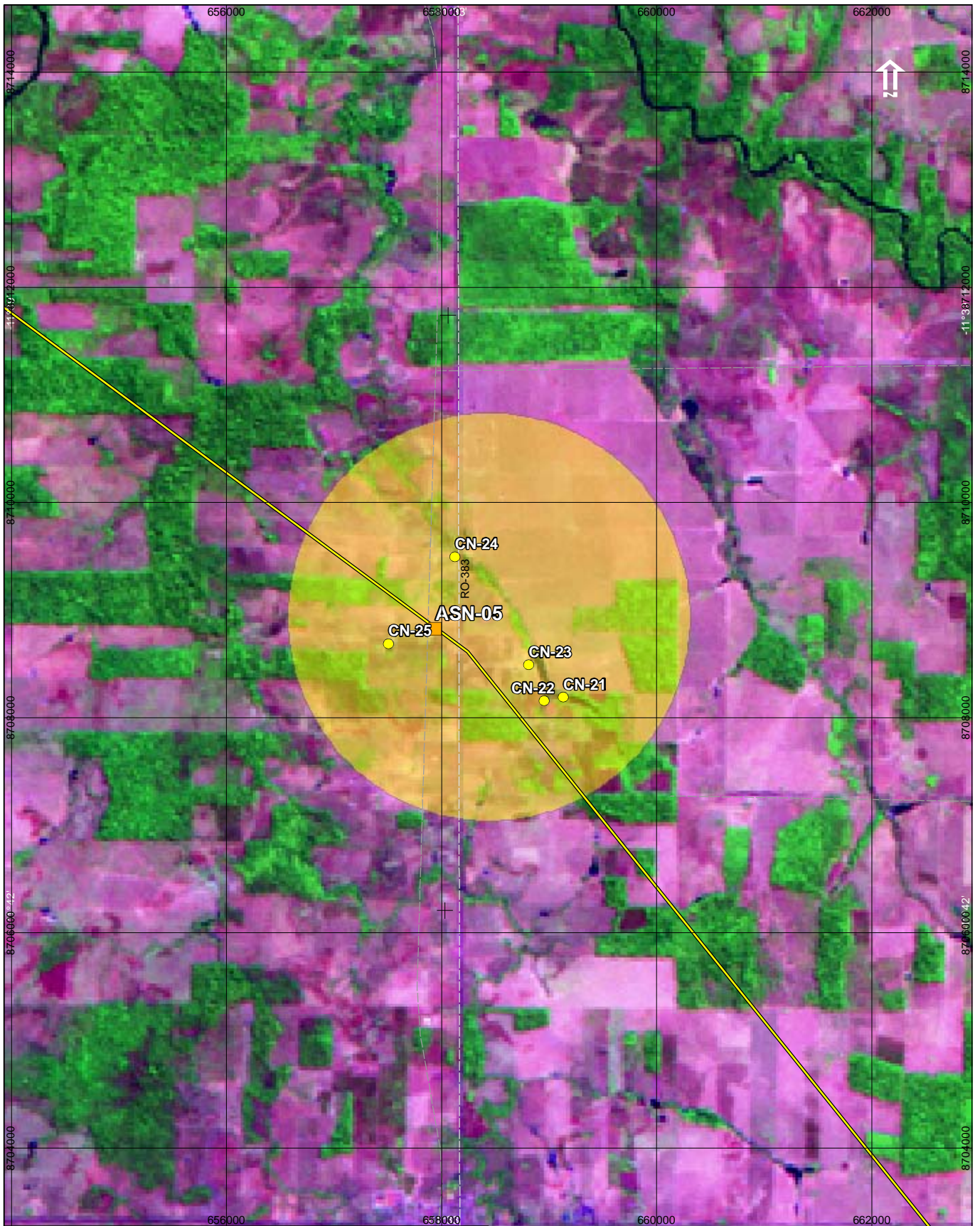


ESCALA: 1:50.000

DES. Nº: Ponto_04_C1.mxd

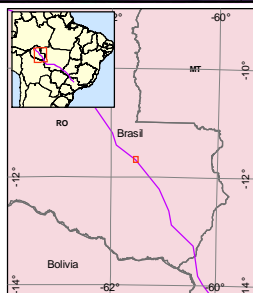
DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

- Armadilhas de Shannon
- Criadouros
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 5**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —



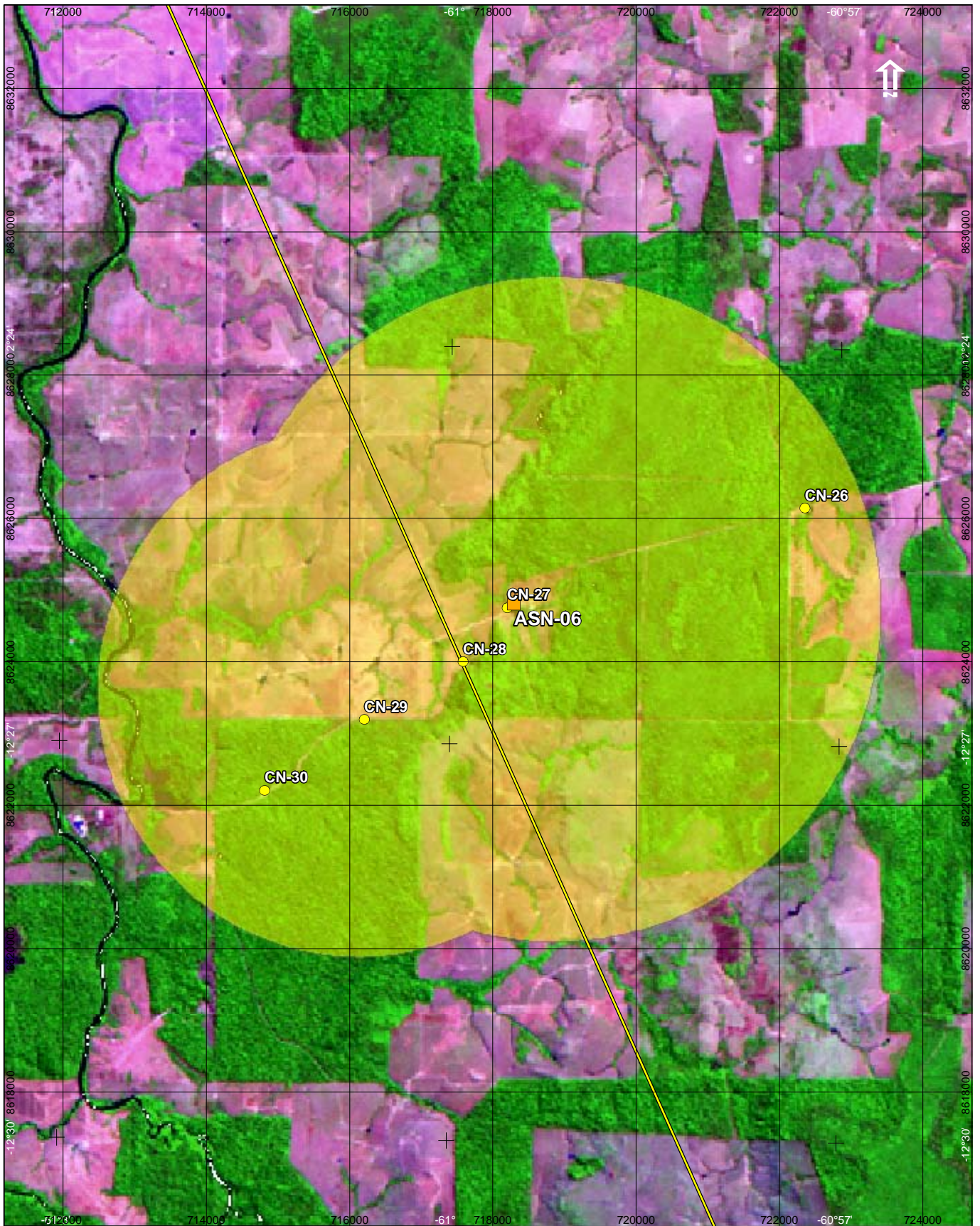
Ponto_05_C1.mxd

ESCALA: 1:50.000

DES. Nº: Ponto_05_C1.mxd

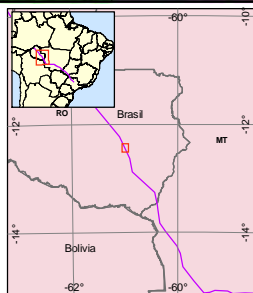
DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

- Armadilhas de Shannon
- Criadouros
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 6**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —



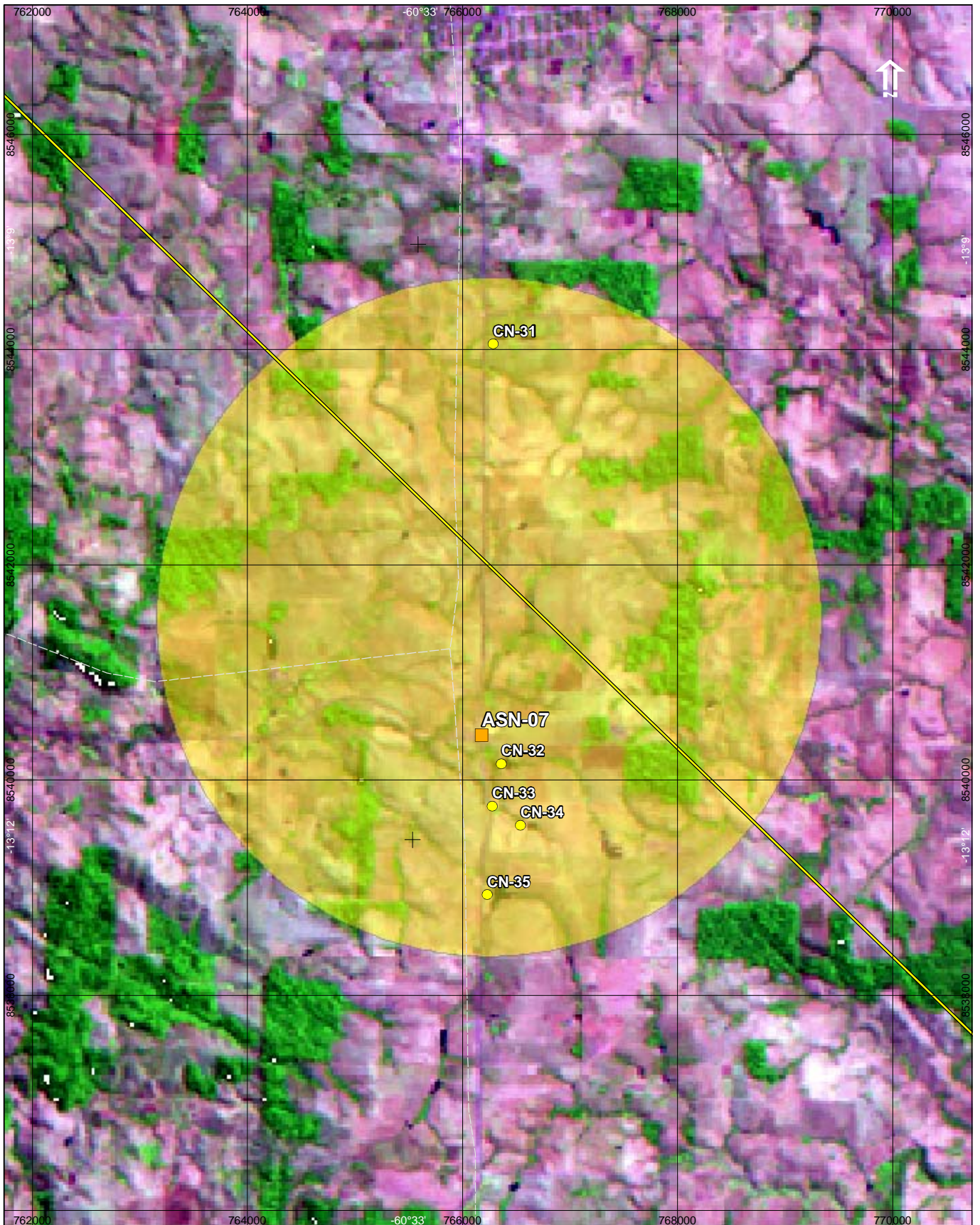
Ponto_06_C1.mxd

ESCALA: 1:75.000

DES. Nº: Ponto_06_C1.mxd

DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

- Armadilhas de Shannon
- Criadouros
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Ciente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 7**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —

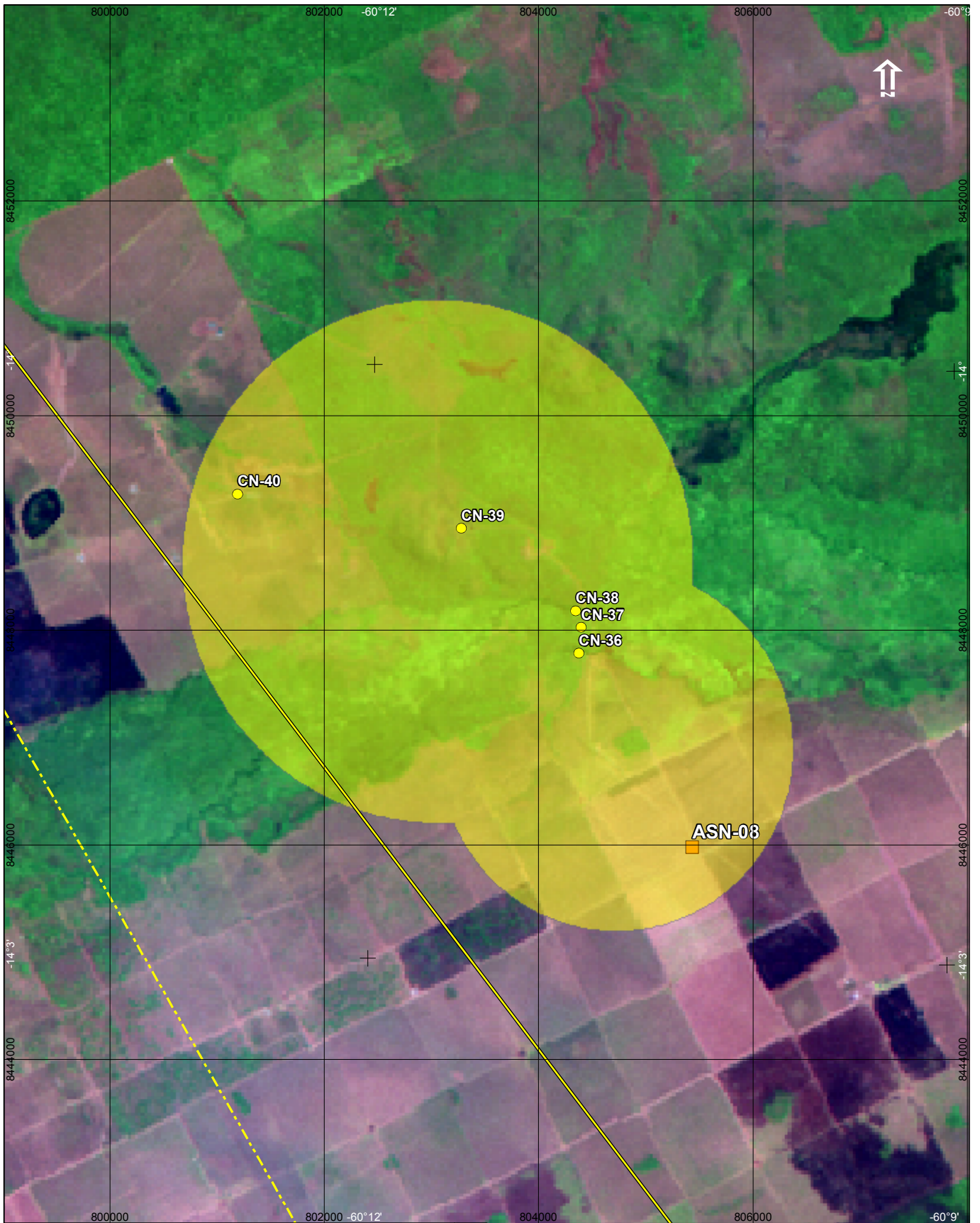


ESCALA: 1:50.000

DES. Nº: Ponto_07_C1.mxd

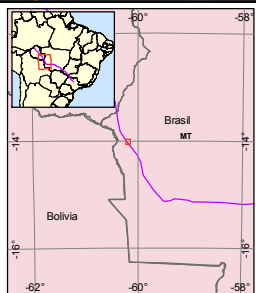
DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

- Armadilhas de Shannon
- Criadouros
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Ciente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 8**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —



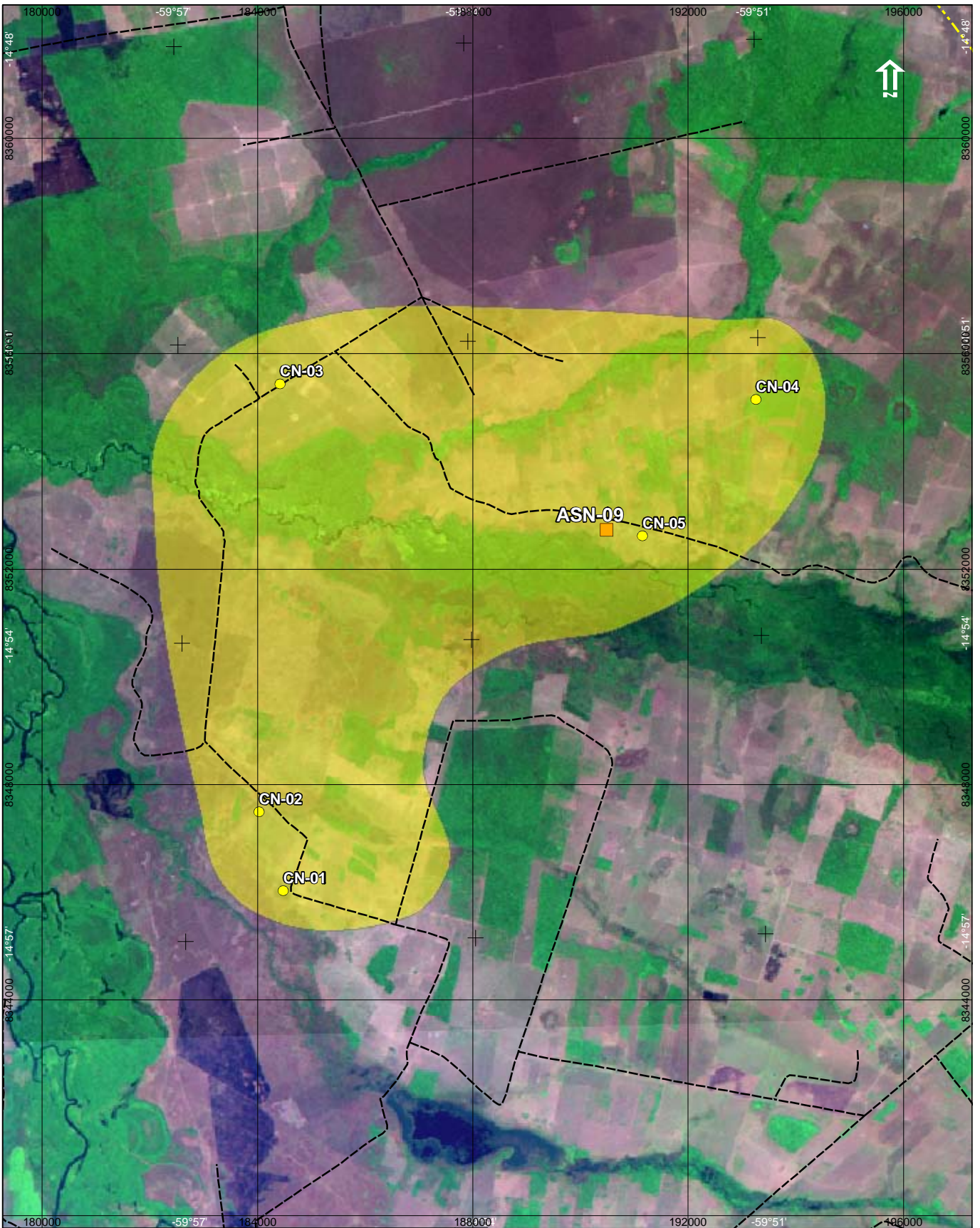
Ponto_08_C1.mxd

ESCALA: 1:50.000






DES. Nº: Ponto_08_C1.mxd

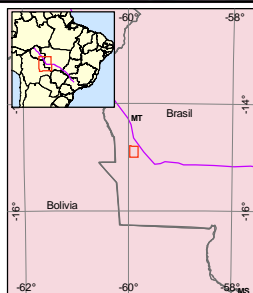
DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



Legenda

-  Armadilhas de Shannon
-  Criadouros
-  LT 600kV CC - C2
-  LT 600kV CC - C1
-  Ponto de Coleta



Ciente:



Projeto:

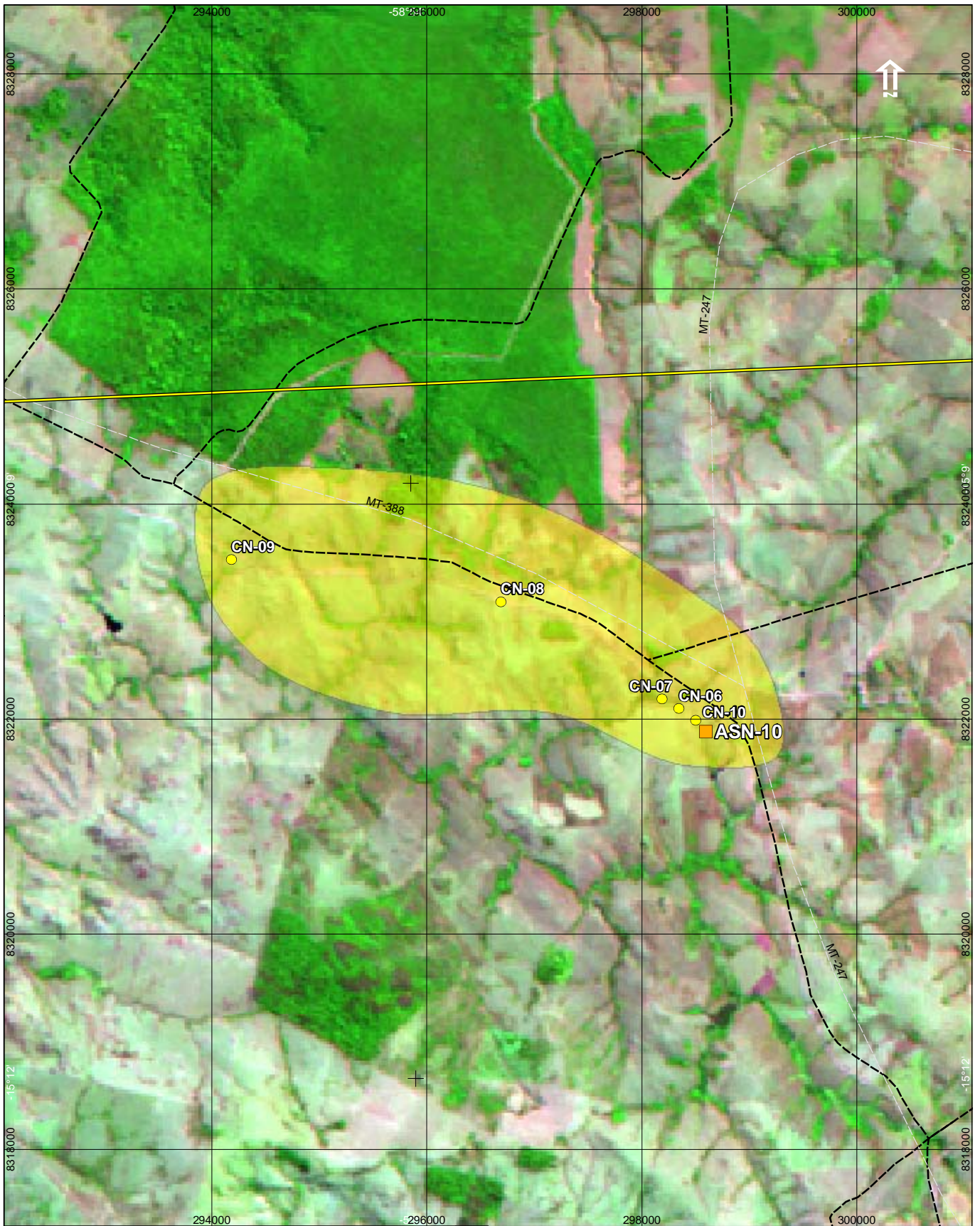
**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 9**

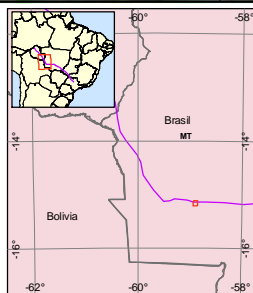
— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —





Legenda

- Armadilhas de Shannon
- Criadouros
- LT 600kV CC - C2
- LT 600kV CC - C1
- Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

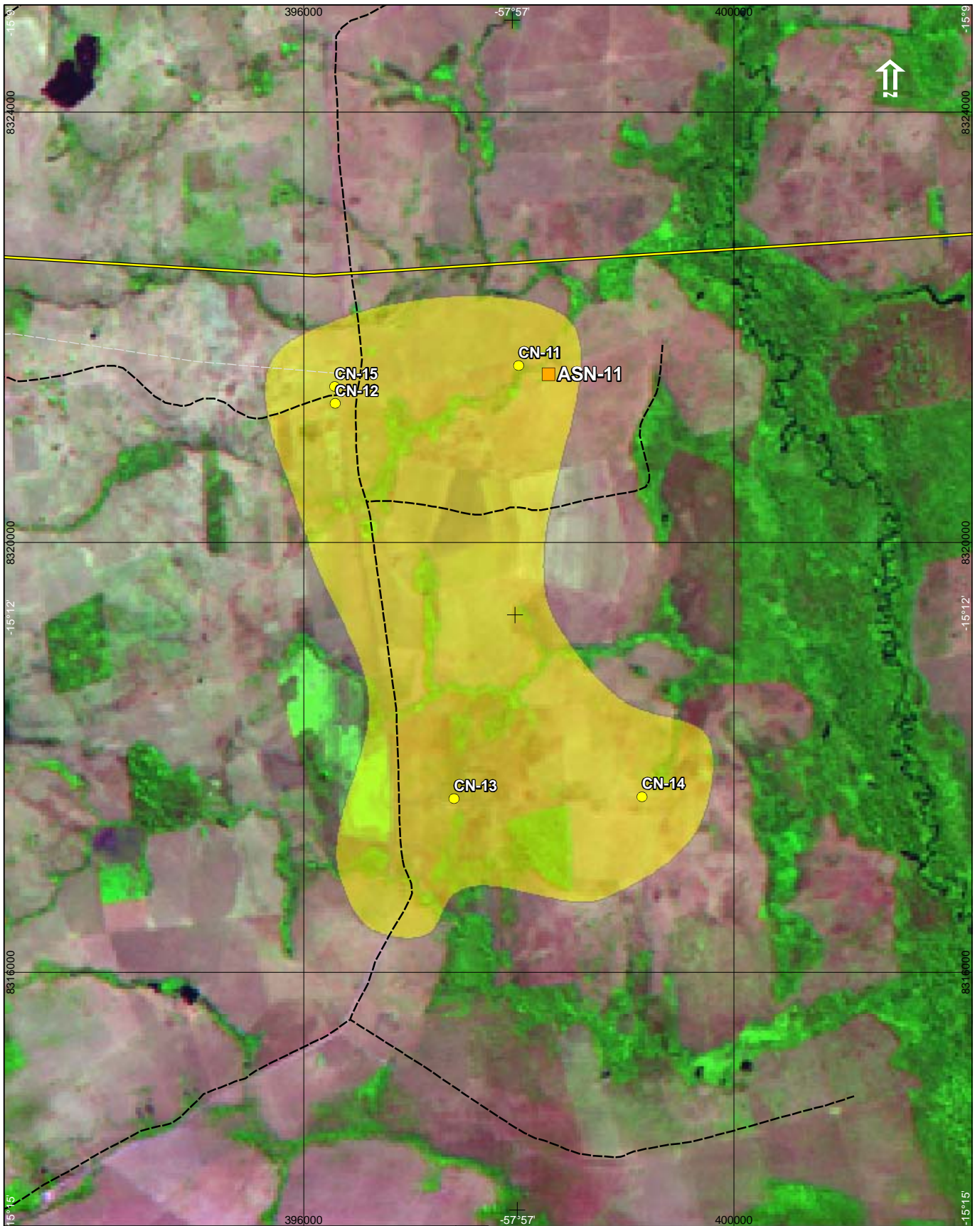
**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:






**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 10**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —





Legenda

-  Armadilhas de Shannon
-  Criadouros
-  LT 600kV CC - C2
-  LT 600kV CC - C1
-  Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

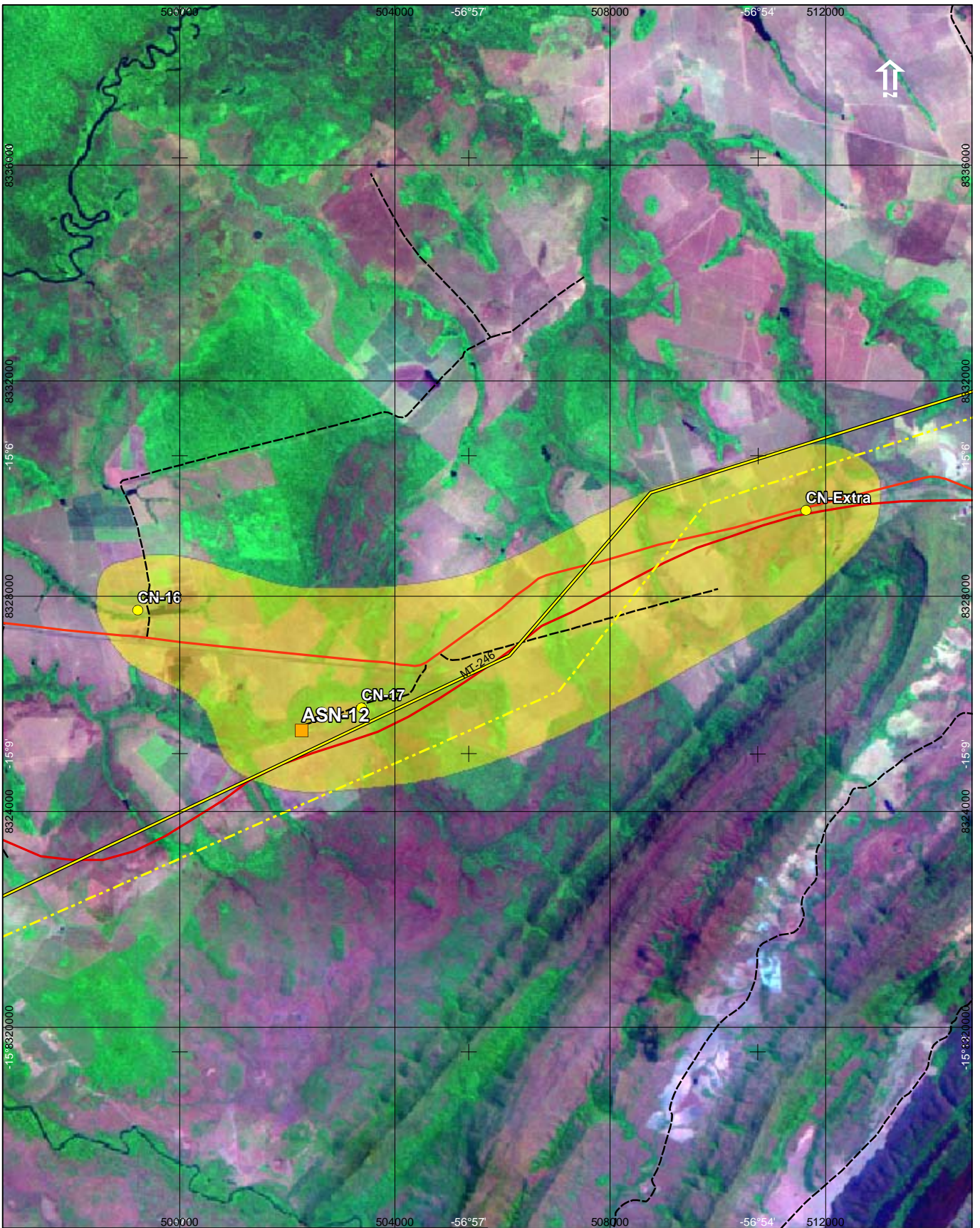
Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1

Título:






Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 11

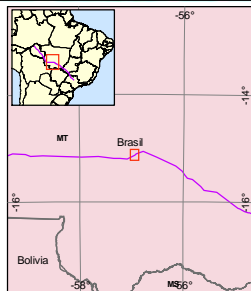
— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —





Legenda

-  Criadouros
-  Armadilhas de Shannon
-  LT 600kV CC - C2
-  LT 600kV CC - C1
-  Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

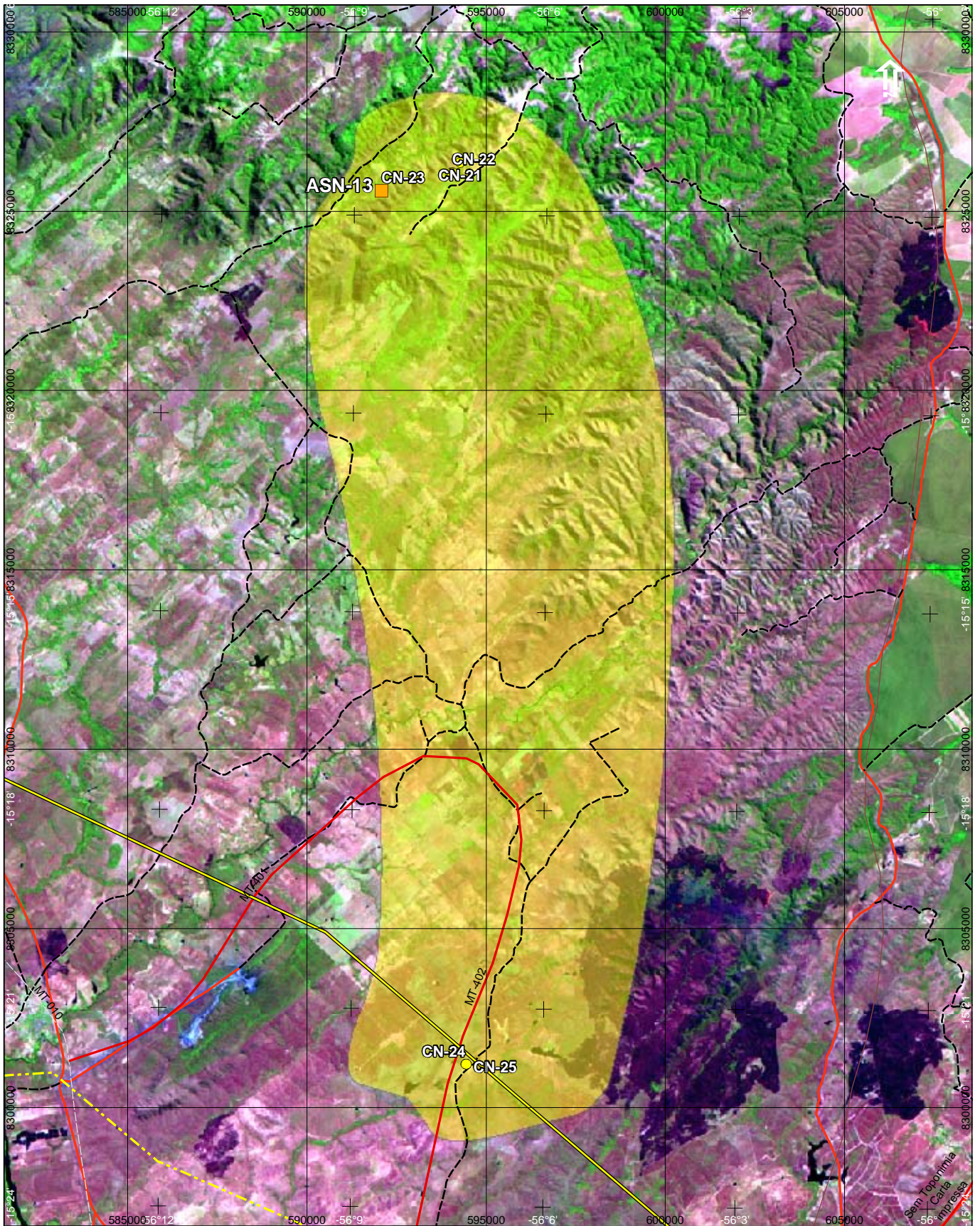
**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 12**

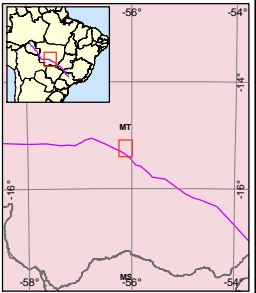
— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —






Ponto_13_C1.mxd

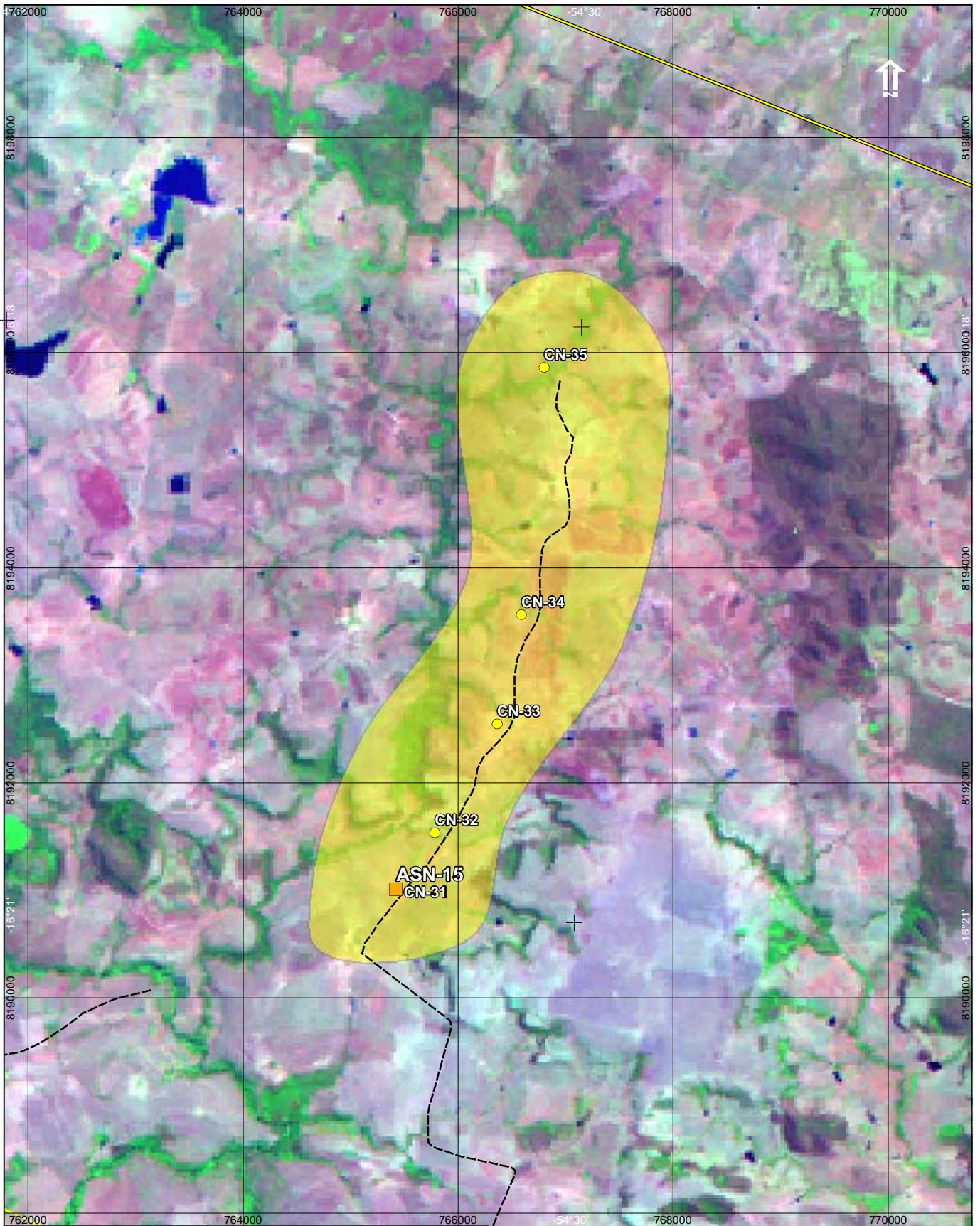
- Legenda**
- Armadilhas de Shannon
 - Criadouros
 - LT 600kV CC - C2
 - LT 600kV CC - C1
 - Ponto de Coleta



ESCALA: 1:150.000
DATA: 17/3/10

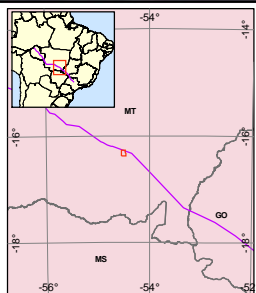
DES. Nº: Ponto_13_C1.mxd
REVISÃO: Ø

Cliente:	 IE MADEIRA <small>INTERLIGAÇÃO ELÉTRICA DO MADEIRA</small>
Projeto:	Avaliação do Potencial Malarígeno - APM LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1
Título:	Distribuição Espacial dos Criadouros Ponto de Coleta 13
<hr/> CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA <hr/>	
   	



Legenda

- Criadouros
- Armadilhas de Shannon
- LT 600kV CC - C1
- LT 600kV CC - C2
- Ponto de Coleta



Cliente:



Projeto:

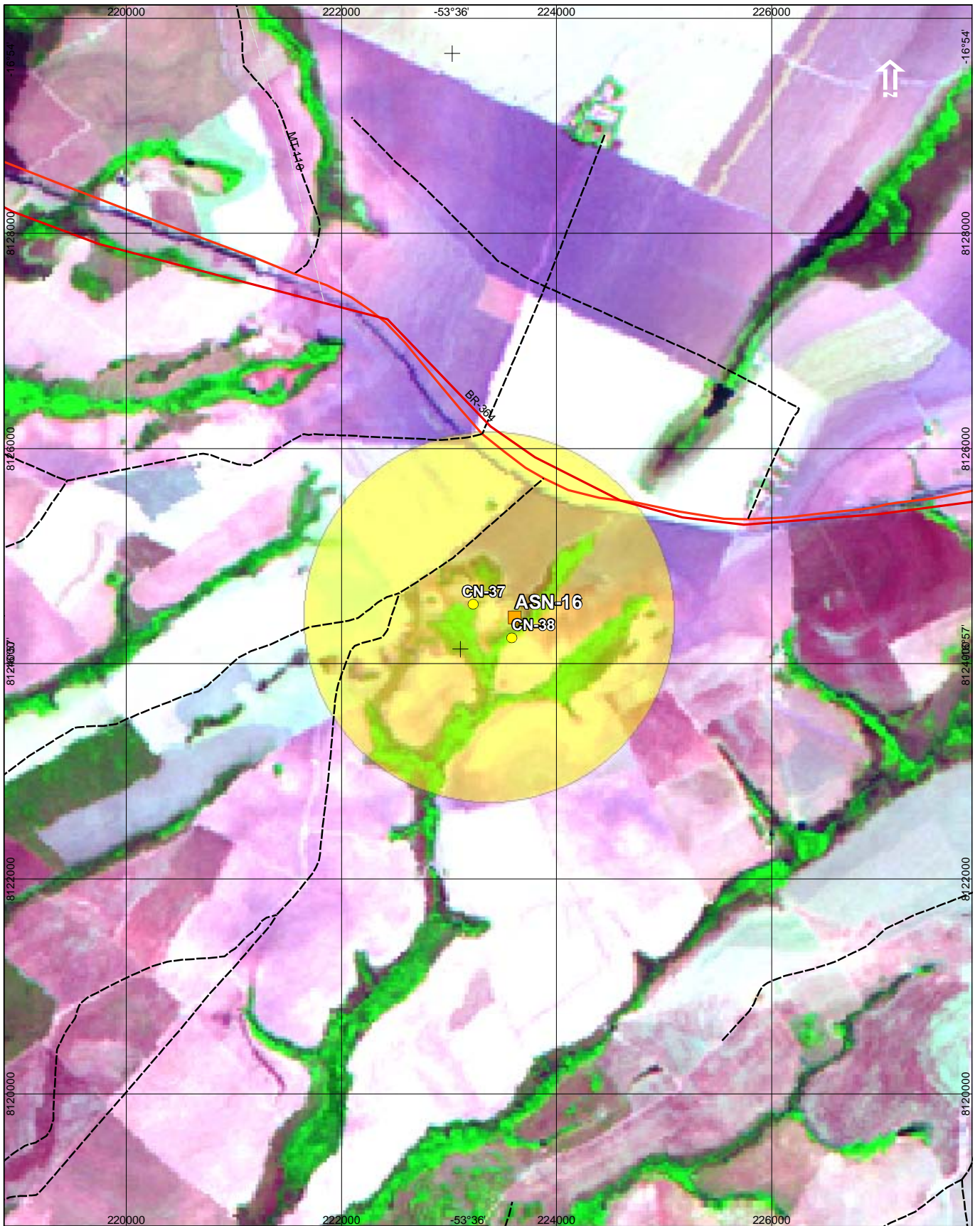
**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 15**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —





Legenda

- Criadouros
- Armadilhas de Shannon
- LT 600kV CC - C1
- LT 600kV CC - C2
- Ponto de Coleta



Ciente:



Projeto:

**Avaliação do Potencial Malarígeno - APM
LT 600kV CC Coletora Porto Velho - Araraquara 2, N.º 1**

Título:

**Distribuição Espacial dos Criadouros
Ponto de Coleta 16**

— CONSÓRCIO AMBIENTAL MADEIRA —

ESCALA: 1:50.000

DES. Nº: Ponto_16_C1.mxd

DATA: 17/3/10

REVISÃO: Ø



ANEXO 3.6.4.4.1-10

LISTA COMENTADA DE MAMÍFEROS, AVES, HERPETOFAUNA E LEPIDÓPTEROS

MAMÍFEROS

A lista comentada dos mamíferos terrestres priorizou as espécies consideradas ameaçadas nas listas Nacional (MMA, 2003) e Global (IUCN, 2009). Portanto, algumas informações sobre distribuição, alimentação e outros itens ecológicos são apresentados, quando possíveis, para as espécies de vertebrados terrestres.

Família Dasypodidae

Priodontes maximus (tatu-canastra) – Maior representante da família Dasypodidae, essa espécie ocorre somente ao leste dos Andes do noroeste da Venezuela até a Guiana Francesa, através da bacia Amazônica pelo leste da Colômbia, do Equador, do Peru e da Bolívia, chegando ao norte de Argentina, Paraguai e até o sudeste do Brasil. Ocorre no Brasil nos biomas Amazônico, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal, sendo tolerante a habitats incluindo florestas ombrófilas e áreas abertas savânicas.

Raramente visto devido aos hábitos noturno e semifossorial, sua alimentação é constituída principalmente por formigas e cupins, que são obtidos pela escavação do ninho destes insetos. Cupinzeiros destruídos até o nível do solo e espalhados em área circular são boas evidências da presença de tatu-canastra. Suas tocas tendem a ocorrer agrupadas e, em habitat apropriado, encontram-se freqüentemente no entorno de ou sob cupinzeiros. A entrada das tocas de tatu-canastra têm o formato de um semicírculo e têm em média cerca de 41 cm de largura e 31 cm de altura. O comprimento das tocas pode chegar a 5 m e atingir a profundidade de 1,5 m, com várias entradas e saídas. O tatu-canastra pode permanecer na toca por períodos maiores que 24 h, e uma fêmea permaneceu na mesma toca por 17 dias. Foi registrada área de vida de 726,5 há para essa espécie no Parque Nacional da Serra do Canastra, Minas Gerais, mas este valor pode ter sido subestimado, pois durante este estudo foi monitorado um único indivíduo por apenas 43 dias. O percurso diário do tatu-canastra pode ultrapassar 3000 m.

O período de gestação da espécie é de cerca de quatro meses, e nascem de um a dois filhotes por vez, com cerca de 113 g cada. O desmame ocorre por volta de quatro a seis semanas, e os novos tatus atingem a maturidade sexual por volta dos nove aos 12 meses e vivem cerca de 12 a 15 anos.

Esta espécie é muito caçada para alimento, e é raramente encontrada em habitats alterados. Está incluída na Lista de Espécies de Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, e mundialmente está na categoria “vulnerável” pela avaliação da IUCN (2009).

Tolypeutes matacus (Tatu-bola) – Popularmente conhecido como tatu-bola por sua capacidade de dobrar a carapaça, ficando no formato de uma bola para proteger ventre

e pernas quando atacado. A distribuição geográfica da espécie vai desde Santa Cruz, na Bolívia, até o sul de Mato Grosso, no Brasil, passando através do Chaco, no Paraguai, até as províncias de Buenos Aires, na Argentina. Os biomas brasileiros em que ocorre são o Cerrado e o Pantanal.

EISENBERG & REDFORD (1999) consideram os tatus do gênero *Tolypeutes* como especialistas no consumo de formigas e cupins, embora outros invertebrados como aranhas, larvas de besouros e minhocas também possam ser consumidos em menores proporções. GARDNER (2007) também aponta para a espécie forte tendência mirmecofágica. MERITT *apud* REDFORD (1999) registrou que *Tolypeutes matacus* pode comer carniça.

Tolypeutes matacus pode ter atividade tanto noturna quanto diurna, dependendo da temperatura e da chuva. Habita principalmente áreas de vegetação seca, sendo muito abundante nas regiões áridas do Chaco argentino e paraguaio. As espécies do gênero *Tolypeutes* não cavam suas próprias tocas, utilizando aquelas feitas por outros animais.

O período de gestação é de 120 dias e nasce apenas um filhote por vez. O recém-nascido abre os olhos pela primeira vez com idade de cerca de 22 dias, e o desmame ocorre com cerca de 72 dias. A maturidade sexual é atingida com nove a 12 meses.

Tolypeutes matacus, devido a sua alta visibilidade e facilidade de captura pelos humanos, é uma espécie muito pressionada pela caça para fins diversos como alimento, captura para venda como animal de estimação e artigo pra turistas. Além disso, é exportado para países da Europa, com grande mortalidade durante o transporte.

O “The 2004 Edentate Species Assessment Workshop” recomendou classificar esta espécie como “quase ameaçada”, o que corresponde a sua classificação atual na lista da IUCN (2009). A espécie não consta da lista brasileira de espécies ameaçadas (MMA, 2003).

Família Myrmecophagidae

Myrmecophaga tridactyla (Tamanduá-bandeira) – conhecida popularmente como tamanduá-bandeira, esta espécie ocorre desde o sul de Belize e Guatemala até o norte da Argentina, apesar de estar atualmente provavelmente extinta no Uruguai. No Brasil, a espécie ocorre em todos os biomas, habitando uma variedade de habitats abertos e florestais.

Esta espécie tem hábito terrestre e geralmente apresenta atividade no final da tarde e à noite. Sua alimentação, segundo GARDNER (2007), é constituída principalmente por formigas, cupins sendo ingeridos com frequência menor, possivelmente com variação

sazonal. Entretanto, há registro do consumo de larvas e adultos de besouros, de abelhas, e provavelmente mel. As presas são detectadas pelo olfato extremamente apurado. O tamanduá-bandeira utiliza as garras longas de seus membros dianteiros para abrir os formigueiros e cupinzeiros, mas também pode utilizá-las para se defender, quando necessário. A presença do animal em cada sítio de alimentação é curta, variando de poucos segundos até cerca de 3 minutos devido às defesas químicas e físicas de suas presas. Estima-se que cada indivíduo visite 30 a 40 colônias de formigas por dia, o consumo diário chegando em cerca de 35000 formigas ou cupins/dia. A alimentação ocorre geralmente no chão, ainda que a espécie tenha alguma capacidade para escalar árvores e cupinzeiros altos.

Como resultado, o tamanduá-bandeira visita várias colônias por dia para obter seu consumo diário que pode chegar em cerca de 35000 formigas/cupins. A alimentação ocorre geralmente no chão, mas o tamanduá-bandeira tem alguma habilidade para escalar árvores e cupinzeiros altos.

Nos Llanos da Venezuela o valor de área de vida encontrado para este espécie foi de 2500 ha, enquanto que no Parque Nacional da Serra da Canastra, Brasil, a área de vida média encontrada para as fêmeas foi de 367 ha, e para os machos foi de 274 ha. Outros estudos feitos no Brasil, no Parque Nacional das Emas, resultaram em uma área de vida média para as fêmeas de 693 ha, e para os machos de 1080 ha. Já no Pantanal da Nhecolândia, a área de vida de uma única fêmea monitorada foi de 1190 ha, enquanto que a área de vida média dos machos foi de 570 ha. Estudos conduzidos com o uso de sistemas de posicionamento global – GPS indicaram que em poucos dias (dez ou até menos) os tamanduás-bandeira usam áreas equivalentes a ou até maiores do que as áreas de vida estimadas após vários meses de monitoramento por radiotelemetria convencional VHF. A combinação dos métodos de monitoramento intensivo por GPS e de radiotelemetria VHF gerou uma área de vida de 1900 ha para uma fêmea de tamanduá-bandeira, no Pantanal.

Ocorre intensa sobreposição nas áreas de vida desta espécie, para ambos os sexos. Parece haver uma boa tolerância entre os indivíduos vizinhos, entretanto encontros antagonísticos já foram registrados no Parque Nacional da Serra da Canastra e no Pantanal da Nhecolândia.

O período de gestação dura cerca de 180 a 190 dias, havendo registros de períodos mais curtos como 142 dias, e é dado à luz apenas um filhote por vez. O filhote pesa aproximadamente de 1 a 2 kg ao nascer, o desmame ocorre aproximadamente entre quatro e seis semanas e o filhote permanece com a mãe até a próxima gravidez. O intervalo entre os nascimentos pode ser de até nove meses e a espécie atinge a maturidade sexual entre os 2,5 e quatro anos de idade.

As principais causas do declínio de suas populações são a deterioração e a redução de habitats. Outros fatores que contribuem para a rarefação das populações desta espécie são caça, atropelamentos rodoviários e incêndios florestais. O tamanduá-bandeira está incluído na categoria “quase-ameaçado” pela IUCN (2009), uma redução no nível de ameaça à espécie se comparado ao status anterior como “vulnerável” (IUCN, 1996), ocorrida pelo reconhecimento de um número crescente de populações selvagens. A espécie consta, ainda assim, da lista brasileira de espécies de fauna ameaçadas (MMA, 2003).

Família Atelidae

Ateles chamek (Macaco-aranha) – Distribui-se na Floresta Amazônica, ocorrendo nos Estados da Amazonas, Acre, Rondônia e Mato Grosso. Habitam florestas primárias e bordas de rios.

São primatas arborícolas que ocupam o estrato mais alto da floresta (entre 25 e 30 m), onde encontram maior quantidade de frutos. Utilizam diferentes tipos de locomoção, incluindo a braquiação e a escalada. Descem ao chão somente quando os retornos nutricionais são elevados, como para beber água ou consumir importantes recursos. No entanto, em áreas com baixa ocorrência de predadores também descem ao chão para socializar e atravessar áreas abertas.

A dieta consiste principalmente de frutos, que correspondem a 83% da dieta, com folhas perfazendo menos que 6% da matéria consumida. Materiais como folhas jovens e flores são consumidos em especial em períodos de escassez de frutos, como no início da estação seca. Como outras espécies do gênero, costumam ingerir terra possivelmente como uma fonte suplementar de nutrientes ou para auxiliar na desintoxicação de compostos secundários presentes nas folhas.

Seus grupos sociais compõem-se de 10 a 30 indivíduos que ao longo do dia se dividem em subgrupos de forrageamento temporários e instáveis. Este tipo de organização social é chamado de fissão-fusão e parece ter evoluído devido à especialização alimentar em frutos maduros como um meio de enfrentar as mudanças na disponibilidade de alimento e para reduzir a competição dentro do grupo durante períodos de escassez.

O período de gestação é de aproximadamente 7 meses, nascendo apenas um filhote. O intervalo entre nascimentos varia de acordo com a duração da lactação e o número de estros necessários para o sucesso da concepção, porém há registros de intervalos de 2 a 3 anos. A maturidade sexual é atingida por volta dos 4,5 aos 5 anos. O filhote é carregado pela mãe e começa a atingir a independência após o 6º mês de vida.

É considerado “Ameaçado” (*endangered*) pela IUCN (2009), mas apesar disso não consta na Lista Oficial das Espécies de Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (MMA, 2003).

Lagothrix cana (Macaco-barrigudo) – Esta espécie é típica da Amazônia, ocorrendo na Bolívia, no Peru e nos estados brasileiros do Acre, Amazonas, Mato Grosso e Pará. A espécie parece preferir as florestas de terra firme às de várzea.

São primatas diurnos e arborícolas que forrageiam na metade superior do dossel, raramente descendo ao solo. Estes animais são primariamente frugívoros, e suplementam sua dieta com material foliáceo e flores, que, no entanto, perfazem menos de 20% da massa consumida. Utilizam áreas de vida grandes, de 100 a 900 ha, as quais parecem variar de acordo com a qualidade do hábitat e o tamanho do grupo.

Os macacos-barrigudos vivem em grupos sociais grandes, compostos por 20 a 50 indivíduos, estáveis e que contêm muitos machos e fêmeas adultos. Assim como *Ateles spp.* e *Brachyteles spp.*, os membros de um grupo podem separar-se em subgrupos durante o forrageio, mas a coesão do grupo é mais alta que o observado nos macacos do gênero *Ateles*. Quando a hierarquia de dominância é estabelecida, apresentam baixos níveis de agressão. Em geral, as relações de dominância entre os machos adultos parecem estar relacionadas com a idade e o tamanho do corpo. Ao contrário do observado em *Brachyteles spp.*, os indivíduos e adultos parecem evitar a proximidade de outros adultos do mesmo sexo. As fêmeas adultas com filhotes associam-se preferencialmente com juvenis.

Conforme observado em *Brachyteles spp.*, muitos machos acasalam com uma mesma fêmea receptiva durante um único período de estro. As fêmeas atingem a maturidade sexual entre o 4º e 6º ano de vida e emigram dos grupos ao redor dos 6 anos, enquanto os machos se tornam maduros sexualmente mais tarde (com aproximadamente 8 anos). O período de gestação é de 7 a 7,5 meses, ao final do qual ocorre o nascimento de apenas um filhote.

Após a perda de hábitat por desflorestamento, a maior ameaça à espécie é a caça, sendo os juvenis bastante procurados como animais de estimação. A espécie é considerada “Ameaçada” pela IUCN (2009), um agravamento em relação ao status em que era anteriormente considerada (“quase ameaçada” – IUCN 2003). Apesar de seu status na lista internacional, a espécie não consta na lista nacional de espécies de fauna ameaçadas de extinção.

Família Cebidae

Saimiri ustus (Macaco-de-cheiro) – Primata típico da Amazônia, ocorre somente em território brasileiro, ao sul do rio Amazonas, nos estados do Amazonas, Mato Grosso, Pará e Rondônia, preferindo florestas sazonalmente inundadas, planícies de inundação e matas de galeria, ocorrendo em floresta primária e secundária. Primariamente quadrúpedes, utilizam todos os estratos da floresta, mas forrageiam e viajam principalmente na parte mais baixa do dossel e sub-bosque.

Frugívoros-insetívoros, tipicamente passam de 75 a 80% do dia buscando insetos e outras pequenas presas de origem animal. Normalmente forrageiam em árvores contendo frutos maduros, que compõem a maior parte da dieta na estação chuvosa, mas podem sobreviver com base apenas em material de origem animal durante períodos de escassez de frutos.

Os grupos sociais são grandes, de 20 a 75 indivíduos, mas chegando a até 100. Os sistemas sociais das espécies de *Saimiri* são bastante variados, e não há estudos dessa espécie em especial. Espécies do gênero, no entanto, utilizam áreas de vida que variam de 40 a 135 ha. Evidências do comportamento social e do percurso diário sugerem que estes primatas não são territoriais.

Os machos de *Saimiri* atingem a maturidade sexual entre os 2,5 e os 6 anos, enquanto as fêmeas atingem entre os 2,5 e os 4 anos. A reprodução é sazonal e os nascimentos são sincronizados em um a três meses durante a estação úmida, quando a disponibilidade de alimento é relativamente abundante. Um único filhote nasce após um período de gestação de 150 a 170 dias. O filhote nasce com um peso equivalente a 16 a 20% do peso da mãe, considerado o maior dentre os primatas antropóides, o que representa um grande custo energético para a fêmea. Os filhotes são cuidados exclusivamente por fêmeas, incluindo a mãe e outras fêmeas do grupo. O desmame ocorre por volta dos 6 meses de idade e em habitats com mudanças sazonais geralmente se dá na época com maior disponibilidade de alimento. A predação é a principal causa da mortalidade de filhotes.

Ainda que a distribuição da espécie seja relativamente grande, a maior ameaça à espécie é a perda de hábitat, em especial no norte do Mato Grosso e sul do Pará no “arco do desmatamento”, por atividades agrícolas e madeireiras, mas também na região do rio Madeira devido à inundação de florestas alagáveis, hábitat preferencial da espécie, pela construção de hidroelétricas. A espécie é considerada mundialmente “quase ameaçada”, de acordo com a lista da IUCN, e não consta na lista nacional de espécies ameaçadas.

Família Phyllostomidae

Platyrrhinus recifinus (Morcego) – Esta espécie de morcego ocorre somente no Brasil, distribuindo-se pelo leste do país, principalmente próximo à costa, do rio Tocantins até o estado de São Paulo. Há poucas informações a respeito da história natural desse animal. A espécie é relatada como tendo forte associação a floresta ombrófila multiestratificada e úmida. Há alguns registros no Cerrado e em floresta semi-decídua mais seca, mas próximo a rios. Sabe-se que a espécie pode ocorrer em hábitat alterado.

Platyrrhinus recifinus parece ser basicamente frugívoro e viver em grupos pequenos, de 3 a 10 animais. A época de reprodução é geralmente coincidente com o início da estação chuvosa, variando localmente.

As fêmeas de *Platyrrhinus* geram um único filhote em cada gestação, apresentam poliestria e, possivelmente, estro pós-parto (gravidez incipiente e lactação podem ocorrer simultaneamente).

A espécie consta da lista brasileira de espécies de fauna ameaçadas de extinção. Para a IUCN, é considerada como de “menor preocupação”, uma vez que, apesar da grande ocupação humana da Floresta Atlântica, sua principal área de ocorrência, é freqüentemente capturada em ambientes degradados.

Família Felidae

Panthera onca (Onça-pintada) – A distribuição da onça pintada incluía, originalmente, desde o sudoeste dos Estados Unidos até o norte da Argentina. Entretanto, devido à perda de habitat por diversos fatores antrópicos, atualmente a espécie está extinta nos Estados Unidos, se restringindo às planícies costeiras do México, países da América Central, como Belize, Costa Rica e Panamá, e na América do Sul. A espécie ocorre desde ambientes xéricos como o Chaco e a Caatinga até florestais tropicais superúmidas. Apesar disso, a espécie necessita de áreas com alto grau de conservação, grande disponibilidade de presas e suprimento de água abundante.

A espécie apresenta hábitos solitários, predominantemente noturnos e terrestres, apesar de escalar árvores e nadar muito bem. Machos possuem territórios maiores que podem sobrepor os de várias fêmeas. Para marcação de seu território, utilizam sinais visuais (arranhados e fezes), olfativos (urina e fezes e auditivos (esturros). Sua dieta é essencialmente carnívora, composta principalmente por vertebrados de médio e grande porte, como anta (*Tapirus terrestris*), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), cateto (*Pecari tajacu*), queixada (*Tayassu pecan*), veado (*Mazama* spp. e outros), paca (*Cuniculus paca*), tatu (*Dasypus* spp.), tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) e jacaré (*Caiman* spp.), além de haver registros de preguiça, cágado e peixe. As presas

consumidas variam com a região, sendo que na floresta subtropical o peso médio das presas é menor que no Pantanal. As áreas de vida de adultos na floresta subtropical foram calculadas em 70 a 86,5 km². Outras informações sobre área de vida indicam utilização de áreas variando de 19 km² (para uma fêmea jovem) a 158 km².

Os machos e as fêmeas encontram-se apenas no período reprodutivo e a gestação varia de 90 a 111 dias, com número médio de dois filhotes. A mãe cuida do filhote até que ele complete cerca de dois anos e neste período o ensina a caçar e a sobreviver.

Num passado recente, indivíduos de *P. onca*, eram freqüentemente retirados da natureza e utilizados como atração popular ou caçados para utilização das peles. Apesar da grande redução na pressão de caça para esses fins, atualmente a espécie continua sendo um dos felídeos mais perseguidos pelo homem, juntamente com *Puma concolor*, principalmente por predarem criações domésticas, como bovinos e caprinos. Isso geralmente ocorre quando o número de presas diminui, muitas vezes em decorrência de alterações ambientais provocadas a essas presas. Estima-se que 27% da área distribuição das onças apresentem número de presas selvagens reduzido. Ataques a humanos são raros, ocorrendo especialmente em situações de estresse pelo animal, como defesa de filhotes e de presas abatidas e durante caçadas. A IUCN considera a espécie como “quase ameaçada”, e ela consta ainda da lista de espécies brasileiras ameaçadas de extinção.

Família Canidae

Chrysocyon brachyurus (lobo-guará) – O lobo-guará é uma espécie simbólica do Cerrado do Brasil central, mas sua distribuição inclui norte e nordeste da Argentina, Paraguai, norte e leste da Bolívia, extremo leste do Peru e norte do Uruguai, além do Pantanal, dos Campos sulinos e até as regiões transicionais Cerrado-Caatinga e Cerrado-Mata Atlântica. A espécie prefere áreas abertas com gramado alto, predominância de arbustos ou dossel aberto, ou ainda áreas inundadas sazonalmente. Ocorrem também em áreas cultivadas e pastos, e parecem poder utilizar áreas cultivadas para forrageamento e repouso. Sua distribuição sofreu ampliação, provavelmente como resultado da transformação de áreas de Mata Atlântica em pastagens, mono e silviculturas.

Onívoro, este animal consome principalmente frutas e vertebrados de tamanho pequeno a médio. A lobeira (*Solanum lycocarpum*), presente em grande parte da distribuição da espécie, é uma importante fonte de alimento para a espécie. A freqüência de itens de origem animal e vegetal na dieta parece ser bastante equilibrada, mas a matéria de origem animal corresponde a parcela maior da biomassa consumida que a de origem vegetal. Entre os animais consumidos estão pequenos mamíferos, aves, tatus e, em alguns casos, veados-campeiros (*Ozotoceros bezoarticus*).

A espécie apresenta atividade crepuscular e noturna e é um monógamo facultativo que pode formar vínculo de longo prazo entre macho e fêmea, apesar de serem geralmente registrados sozinhos. Os adultos são territoriais em relação a adultos do mesmo sexo, há marcação de território, e enquanto os machos são primariamente defensores de território, as fêmeas são responsáveis pelo cuidado parental, regurgitando alimento para os jovens. A reprodução ocorre entre Abril e Junho, o período de gestação é de 62 a 66 dias, e a ninhada varia de 1 a 5 filhotes.

A principal ameaça à espécie é a grande redução e fragmentação de seu hábitat natural, em especial para conversão em área cultivada. São registrados muitos atropelamentos em estradas próximas a unidades de conservação no Cerrado, e em reservas próximas a áreas urbanas freqüentemente cachorros domésticos atacam lobos-guará, além de poderem transmitir doenças. Em locais onde ocorrem populações selvagens de *Canis familiaris*, estes ainda competem com *Chrysocyon brachyurus* por alimento. A espécie é considerada “quase ameaçada” pela IUCN, e está presente na lista brasileira de fauna ameaçada.

Família Tapiridae

Tapirus terrestris (anta) – A anta tem ampla distribuição pelo continente sul-americano, estando ausente somente do Chile e do Uruguai. O maior mamífero terrestre neotropical habita florestas úmidas, pântanos, campos e regiões arbustivas secas e úmidas, além de grande variedade de ambientes inundáveis. Em regiões alagadas ou com muitos rios, as antas geralmente utilizam a água para defecar; em outros locais, defecam em terra firme, aparentemente sempre num mesmo local, onde há acúmulo de fezes. Esses locais são chamados de “latrinas de anta”. A tolerância da espécie à degradação de hábitat varia regionalmente, mas de forma geral considera-se que a espécie seja dependente de hábitat bem-preservedo, não tolerando alterações e pressão de caça em larga escala.

A dieta consiste basicamente de frutos caídos, folhas, caules tenros, brotos, pequenos ramos, plantas aquáticas, cascas de árvores e organismos aquáticos; há também consumo de monoculturas por pastagem. Os recursos mais consumidos, no entanto, variam localmente. Na Amazônia, a anta consome fibras vegetais e frutos, além de palmeiras. O consumo de frutos, levando à ingestão de grande quantidade de sementes, torna a espécie importante dispersor de várias espécies de plantas.

A anta apresenta hábito solitário e atividade preferencialmente noturna. Os casais permanecem juntos somente durante a época de acasalamento. A gestação é longa, durando cerca de 383 dias, com nascimento de somente um filhote. Não parece haver sazonalidade na reprodução. O filhote acompanha a mãe até 1 ano de idade, e apresenta coloração distinta, com padrões de listras claras e onduladas longitudinais

nas costas e laterais, estendendo-se até a cauda. As listras têm função de camuflagem, e desaparecem até cerca de 8 meses, o desmame total ocorrendo por volta do décimo mês.

As principais ameaças são perda de hábitat e a caça, seja pela carne ou por a espécie competir com o gado pela pastagem. O impacto da caça nas populações de anta são amplificados pela baixa capacidade de repovoamento de áreas impactadas, em especial devido à gestação longa com nascimento de 1 filhote por vez. A IUCN considera a espécie como “vulnerável”. A lista nacional, no entanto, não a inclui.

Família Cervidae

Ozotoceros bezoarticus (veado-campeiro) – A distribuição desta espécie típica de ambientes abertos incluía originalmente o corredor Chaco-Cerrado-Caatinga e os Campos do sul do Brasil, estando a espécie atualmente presente em populações pequenas e isoladas no oeste, centro e norte da Argentina, leste da Bolívia, centro e sul do Brasil. As populações brasileiras são as maiores encontradas na atualidade, principalmente no Cerrado e Pantanal.

A alimentação da espécie inclui brotos, folhas, flores, frutos e arbustos. Há registros de predominância na dieta de herbáceas como *Melochia simplex* (Sterculiaceae), apesar de áreas de pastagem serem também utilizadas.

A área de vida dos veados-campeiros pode chegar a até 9,9 km² para machos e 5,9 km² para fêmeas, com deslocamentos diários entre 0,7 e 3,4 km. No pantanal, área onde estima-se estar a maior parte das populações viventes da espécie, de 20000 a 40000 indivíduos, ocorre em grupos que variam de 2 a 18 veados. Já em cerrados do nordeste brasileiro, estima-se que vivam 2000 indivíduos, ocorrendo em grupos isolados.

O período de gestação de *Ozotoceros bezoarticus* é pouco maior que sete meses, depois do qual é dado à luz um único corço. O período reprodutivo parece ser diferente de acordo com a localidade geográfica, sendo que no Brasil central os nascimentos ocorrem de julho a dezembro, com um pico de outubro a novembro, enquanto na Argentina a atividade reprodutiva é observada de dezembro até fevereiro.

As principais ameaças à espécie são a perda de hábitat, em especial no Cerrado, e a caça por alimento, peles e esporte. A espécie consta como “quase ameaçada” na lista da IUCN, e não é presente na lista brasileira de espécies ameaçadas.

Família Tayassuidae

Tayassu pecari (queixada) – O queixada tem distribuição ampla na região neotropical, estendendo-se do sudeste do México através da América Central continental até o norte da Argentina e o Rio Grande do Sul. No Brasil, a espécie é encontrada em áreas abertas e florestais em todos os biomas, e especialmente comum na região Amazônica.

Sua dieta é composta principalmente de frutos, sementes e raízes, mas são também consumidos invertebrados, pequenos vertebrados, fungos e carcaças. Pelo grande consumo de frutos, a espécie é considerada como importante dispersor de sementes.

Os queixadas são ativos em qualquer hora do dia e da noite, mas parecem exibir preferência pelas primeiras horas da manhã. A espécie forma grandes agregações (varas) coesas, que chegam a contar, com centenas de indivíduos, embora esses casos sejam cada vez mais raros e restritos a grandes áreas contínuas de florestas, como na Amazônia. Existe sistema hierárquico no grupo, com os machos ocupando as posições mais altas, o que diminui interações agonísticas, geralmente ritualizadas, e fortalece a prioridade de acasalamento para indivíduos dominantes. Áreas de vida estimadas para os grupos variam de 2145 ha a até 20000 ha na Amazônia e apresentam uma média de 1879 ha em floresta atlântica semi-decídua no sul do Brasil. As sobreposições encontradas entre áreas de vidas de diferentes grupos variam muito.

Parece não haver sazonalidade reprodutiva, e o período de gestação é de cerca de 152 a 162 dias, com o nascimento de um a três filhotes. O desmame ocorre por volta do segundo mês, mas os filhotes podem permanecer com a mãe por vários meses. A idade adulta é atingida com 18 meses.

As agregações formadas pela espécie e as grandes áreas de vida requeridas pela espécie fazem com que a espécie possa ser considerada um indicador de qualidade ambiental, uma vez que não suportam viver em áreas alteradas ou muito fragmentadas. A pressão de caça contribuiu para extinções locais em muitos fragmentos, e aumenta pela perda e fragmentação de habitat por facilitar sua localização pelos caçadores, que podem matar diversos indivíduos de um grupo em um único encontro. A espécie é considerada “quase ameaçada” pela IUCN, e não consta na lista brasileira de espécies ameaçadas.

Família Echimyidae

Proechimys roberti (rato-de-espinho) – Esse roedor tem sua distribuição relatada como restrita ao Brasil, nos estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará, mas ocorreu nesse trabalho em coletas no estado de Rondônia, nas proximidades de Porto Velho.

As espécies do gênero *Proechimys* apresentam hábito terrestre, são consideradas abundantes onde ocorrem e têm atividade noturna. Alguns estudos sugerem que *P. roberti* selecione especificamente microhabitats fortemente associados à presença de babaçu (*Orbignya phalerata*).

Espécies de *Proechimys* apresentam atividade reprodutiva durante todo o ano, mais intensamente de julho a novembro e de janeiro a março, produzindo normalmente dois a três filhotes, ou até mesmo sete, geralmente duas vezes por ano.

As partes sul e sudeste da distribuição de *Proechimys roberti*, no Cerrado, sofrem ameaça significativa devido à expansão agrícola. A espécie sofre ainda ameaças adicionais devido à passagem da rodovia transamazônica por sua área de distribuição e por retirada de madeira e queimadas no Tocantins. A parte amazônica da distribuição é considerada menos ameaçada. A espécie é considerada “vulnerável” pela IUCN, e é ausente da lista nacional de espécies ameaçadas.

AVES

A Lista comentada do grupo das aves priorizou as espécies de aves consideradas endêmicas dos Biomas e com alta sensibilidade segundo Stotz et al. (1996), já que não há espécies ameaçadas nas Listas Nacional (MMA, 2003) e global (IUCN, 2009). Dessa forma, foram consideradas 10 (dez) espécies, sendo 3 espécies, *Psophia viridis* (Amazônia), *Rhegmatorhina hoffmannsi* (Amazônia) e *Basileuterus leucophrys* (Cerrado) consideradas endêmicas. Além de mais 7 (sete) espécies consideradas com média e alta sensibilidade as alterações ambientais como *Crypturellus aff. barletti*, *Morphnus guianensis*, *Falco deiroleucus*, *Myrmotherula iheringi*, *Cercomacra manu*, *Hemitriccus flammulatus* e *H. minimus*.

Psophia viridis – popularmente conhecido como jacamim-de-costa-verde, apresenta 49 cm e um dos jacamins mais conhecidos do Brasil. Alimenta-se de invertebrados (cupins, formigas, centopéias), sementes e pode ser encontrado em bandos pelas matas sombrias. Durante o período reprodutivo utilizam ocos no chão da floresta e em árvores para a nidificação que dura cerca de 27 dias.

Rhegmatorhina hoffmannsi – popularmente conhecida como mãe-da-toaca-papuda. A biologia é pouco conhecida, sabe-se, no entanto, que ocorre na margem direita do rio Madeira. Pertence à família Formicariidae, e como os demais representantes, alimenta-se de invertebrados. Apresenta biologia pouco conhecida.

Basileuterus leucophrys – conhecido popularmente como pula-pula-de-sobrancelha. É um dos maiores representantes do gênero. Vive nas matas de galeria, atraindo a atenção pelo canto característico. Espécie insetívora, bastante inquieta no seu comportamento e endêmica do bioma Cerrado. Durante o cortejo, balança a cauda

continuamente em sentido vertical, abrindo-a e movendo-a para os lados. O ninho é feito no solo, entre folhas secas e plantas vivas, mas procura de preferência concavidades em barrancos. Especificamente para a espécie não há informação sobre o número de ovos, mas a incubação é de 16 a 19 dias.

Morphnus guianensis – semelhante ao imaturo de *Harpia* (gavião-real). Conhecido popularmente como uiraçu-falso, apresenta 85 cm. Vive na mata virgem. Ocorre da Guatemala à Bolívia e Argentina. Antigamente em grande parte do Brasil, meridionalmente até Mato Grosso (Chapada dos Parecis, Juruena) e Rio Grande do Sul. Alimenta-se de artrópodos como gafanhotos, percevejos, formigas, vespas, cupins e aranhas, além de répteis, anfíbios e roedores. Pertence à família dos Accipitridae. Durante o período reprodutivo, a fêmea vigia o ninho feito em um galho com folhas verdes que distribui no ninho. Os filhotes dependem de cuidados paternos durante meio ano ou mais, tornando-se adultos apenas com 2-3 anos. Existem um índice muito baixo de proliferação, uma vez que as espécies grandes criam um único filhote por vez.

Hemitriccus flammulatus – conhecido popularmente como maria-de-peito-machetado, apresenta 11 cm. Especialista das formações de taquara do sudoeste da Amazônia. Vive em meio ao emaranhado de vegetação em áreas tomadas por bambuzais em bordas de matas ripárias ribeirinhas. Conhecido do Brasil apenas de Rondônia, rio Mequenes, também na Bolívia e Peru. Pertence a família da Tyrannidae. Alimenta-se de artrópodes que são apanhados com as pontas das mandíbulas, aparentemente sem cooperação das cerdas em torno do bico. Não há informações específicas sobre os aspectos reprodutivos.

Hemitriccus minimus – conhecido popularmente como maria-mirim, apresenta 11 cm. É conhecida com segurança apenas de exemplares do baixo Tapajós e norte da Bolívia. São possivelmente relacionados a esta forma registros para a Amazônia brasileira do rio do Cágado, Alta Floresta e Parque Nacional do Jaú, distante da AII. Pertence a família de Tyrannidae. Alimenta-se de artrópodes que são apanhados com as pontas das mandíbulas, aparentemente sem cooperação das cerdas em torno do bico. Da mesma maneira que o representante acima, não há informações específicas sobre os aspectos reprodutivos.

Schiffornis turdina – conhecido popularmente como flautim-marron, apresenta 16,5 cm na Amazônia. Alimenta-se de grandes lagartas cabeludas e frutas com caroço volumoso. É uma espécie solitária e ocorre em toda a Amazônia e Brasil oriental, em mata amazônica até a baixada quente ao norte do rio Doce, Espírito Santo e baixadas do Rio de Janeiro; até a América Central e o México. Pertence a família de Pipridae. Constroem os ninhos em uma concavidade de tronco partido, acolchoando-o com folhas secas.

Xiphorhynchus spixii – conhecido popularmente como arapaçu-de-Spix, apresenta 21,5 cm. Floresta de terra do Tapajós ao Maranhão. Pertence a família Dendrocolaptidae e mede cerca de 21,5 cm. Alimenta-se de invertebrados e é encontrada em áreas com florestas contínuas e preservadas. Nidifica em ocos de árvores não sendo capaz de construir o oco. Porém, a espécie pode utilizar também de gravatás ou orquídeas, e copas de palmeiras para nidificar. Põe geralmente dois ovos de coloração branca com pouco brilho. O casal se reveza para cuidar da incubação e criação dos filhotes, os quais nascem cegos e cobertos de plumas.

Cyanocorax cyanopogon – popularmente conhecida como gralha-cancã, mede cerca de 31 cm, pode ser encontrada em bandos, emitindo a vocalização característica e forte. Habita o cerrado denso e cerradão. É uma espécie onívora, alimentando-se de sementes, cupins, bagas, ovos e caçam a qualquer altura. Durante o período reprodutivo, o casal se arruma reciprocamente um se abaixo adiante do outro e puxa as penas do papo. Há poucas informações sobre a nidificação de gralhas, mas sabe-se que o ninho é feito sobre as árvores e de difícil visualização.

Myrmotherula iheringi – espécie considerada rara, a choquinha-de-ihering apresenta cerca de 9 cm. Distribui-se do sudeste do Peru e a margem esquerda do Tapajós, também em Rondônia e área adjacente noroeste do Estado do Mato Grosso. Conforme Sick (1997), a sua ocorrência estaria atribuída a presença de taquarais. Durante o período reprodutivo, os machos costumam ofertar comidas as fêmeas, e o ciclo reprodutivo dessa espécie está associado as formigas de correições, onde há maior fartura de alimentos.

Cercomacra manu – popularmente conhecida como chororó-de-manu, espécie descrita em 1990 para o Sudeste do Peru, encontrada também no município de Alta Floresta, distante da All do empreendimento. Existem diversos padrões de ninhos para a família Formicariidae, sabe-se no entanto que o casal reveza para a construção do ninho e cuidados com a prole. A incubação dura 14 dias e os filhotes abandonam o ninho após 9 dias.

Falco deiroleucus – conhecido como falcão-do-peito-vermelho, apresenta diferenças de tamanho dos sexos. Mede cerca de 30 cm para os machos e a fêmea é maior, apresentando cerca de 40 cm. Habita o cerrado, regiões campestres e orla de mata. Alimenta-se de pombos, periquitos e andorinhões. Os representantes da família não constroem ninhos, ocupando os já feitos por outras aves. A incubação dura cerca de 30 dias e o macho obtém toda a comida para os filhotes, geralmente 2 ou 3 filhotes.

Crypturellus aff. bartletti – uma espécie de tinamídeo pouco conhecida e considerada em algumas vezes como *C. brevirostris*. Ocorre na região Oeste da Amazônia.

Informações sobre a sua biologia e demais aspectos não são conhecidos. Como os demais tinamídeos, é visada para fins alimentares nos locais onde ocorre.

HERPETOFAUNA

A seguir é apresentada a lista comentada das espécies registradas em campo, separadas segundo as famílias às quais pertencem. Foi dada ênfase àquelas que se destacam por estarem ameaçadas, apresentarem importância médica, ou possuir distribuição restrita. São abordadas características básicas das espécies, tais como sua distribuição geográfica, tipo de habitat preferencial, dieta, diagnose da espécie e outros aspectos julgados pertinentes.

Anfíbios

Família Aromobatidae – Esta família foi proposta recentemente por Grant *et al.* (2006) para acomodar um grande número de gêneros pertencentes anteriormente à família Dendrobatidae. Sua distribuição é ampla, pela América Central e América do Sul, com a maioria das espécies ocorrendo ao leste dos Andes, na bacia amazônica e floresta atlântica. Ao contrário dos dendrobatídeos mais venenosos, os aromobatídeos não possuem a capacidade de seqüestrar alcalóides das suas presas. A família é fortemente sustentada filogeneticamente, sendo caracterizada pela presença de um processo medial lingual. São conhecidos cinco gêneros e 87 espécies distribuídas em três subfamílias. A espécie registrada, *Allobates femoralis*, tem distribuição ampla na Bacia Amazônica, sendo característica das terras baixas.

Família Bufonidae – Esta família abrange uma grande diversidade de espécies, popularmente chamadas de “sapos”, com distribuição cosmopolita. Frost *et al.* (2006) subdividiram o antigo gênero “Bufo” em 17 gêneros distintos, incluindo a maioria das espécies sul-americanas nos gêneros *Rhaebo*, *Chaunus* e *Rhinella*. Todas as espécies desta família são terrestres, apresentam hábitos noturnos, e se alimentam principalmente de invertebrados. As espécies conhecidas apresentam uma variação muito significativa no tamanho (30 a 200 mm), enquanto que a morfologia externa tende a ser conservada. São animais geralmente corpulentos e com glândulas presentes em todo o corpo, podendo se concentrar em regiões específicas do corpo como, por exemplo, as características glândulas parotóides que se formam atrás dos olhos e sobre os tímpanos (PNMA, 1997). A família possui representantes que vivem em formações abertas e formações cobertas por matas (STRÜSSMANN *et al.*, 2000). Destas, pode-se destacar *Rhaebo guttatus* por estar sempre associada aos ambientes florestais, e não ser muito abundante, apesar de sua ampla distribuição na floresta amazônica e associada às matas de galeria do cerrado (COLLI *et al.*, 2002); *Rhinella margaritifera*, que corresponde a um complexo de espécies ainda pouco estudado, sendo encontrada tanto em ambientes de mata primária como degradada da Bacia

Amazônica, , mas nunca em biomas abertos; e *Rhinella schneideri*, conhecida como sapo-cururu, de hábitos generalistas, que ocorre em áreas impactadas, inclusive em associação clara com o homem.

Família Ceratophryidae – Família dos sapos com chifres, distribuídos por toda a América do Sul, tem como representante registrado para a área a espécie *Ceratophrys cornuta*, conhecido como sapo “pac-man”, amplamente distribuída na Bacia Amazônica. A espécie é encontrada tanto em áreas de terra firme como na floresta inundada, e conhecida por sua voracidade e enorme boca, que mede cerca de 1.6 vezes o tamanho do corpo.

Família Dendrobatidae – Família dos conhecidos sapos venenosos, com representantes distribuídos tanto na Bacia Amazônica quanto na Floresta Atlântica, tem como registros as espécies *Adelphobates quinquevittatus* e *Ameerega braccata*, sendo a primeira tipicamente amazônica e registrada apenas para o Estado de Rondônia, e a segunda típica de áreas de cerrado e borda do Pantanal, no Brasil central.

Família Hylidae – Esta família abrange as espécies popularmente conhecidas como pererecas. A família tem uma distribuição quase cosmopolita, com representantes no Novo Mundo, região Australo-Papuana, parte da Eurásia e norte da África. As espécies são geralmente delgadas com membros longos, artelhos com discos adesivos nas extremidades, pupilas verticais, horizontais ou triangulares (PNMA, 1997). A maioria das espécies é arbórea, porém existem algumas espécies aquáticas, possuem hábito noturno e se alimentam principalmente de invertebrados. A família Hylidae corresponde a um dos grupos mais diversificado de anuros e foi recentemente revisada por Faivovich et al. (2006), que reconheceu 47 gêneros contendo mais de 870 espécies (Frost, 2004). Os gêneros *Dendropsophus* e *Hypsiboas* foram recentemente revalidados por Faivovich et al. (2006). O primeiro abrange 88 espécies pertencentes basicamente aos grupos de “Hyla” com 30 cromossomos, e o segundo agrupa 72 espécies de pererecas de médio e grande porte dos grupos *albopunctata*, *benitezi*, *faber*, *pellucens*, *pulchella*, *punctata* e *semilineata*. Ambos os gêneros foram diagnosticados por características derivadas das suas seqüências moleculares, mas uma provável característica morfológica exclusiva a *Hypsiboas* é a presença de um espinho prepollical (Faivovich et al., 2006). Foram registradas 18 espécies de hilydeos para a AID, nenhuma ameaçada, rara ou endêmica.

Família Leiuperidae – Esta família foi recentemente revalidada por Grant et al. (2006) (veja também Frost et al., 2006) para abrigar os gêneros *Edalorhina*, *Engystomops*, *Eupemphix*, *Physalaemus*, *Pleurodema*, *Pseudopaludicola* e *Somuncuria*. Com distribuição restrita ao Novo Mundo, esta família é diagnosticada apenas por

características derivadas de suas seqüências de DNA. Segundo Grant et al. (2006), a sua composição é ainda tentativa e pesquisas futuras são necessárias para definir se este grupo é realmente natural ou se mudanças em sua composição são necessárias. Foram registradas cinco espécies de leiuperídeos, nenhuma delas ameaçada, rara ou endêmica.

Família Leptodactylidae – Esta família abrange parte das espécies popularmente conhecidas como rãs. Recentemente redefinida por Frost *et al.* (2006) e por Grant et al. (2006), a sua composição tradicional foi reduzida para quatro gêneros (*Hydrolaetare*, *Leptodactylus*, *Paratelmatobius* e *Scythrophrys*). A nova distribuição da família se estende do sul dos Estados Unidos à Argentina. As espécies conhecidas variam de tamanho entre 20 e 215mm, são na maioria das vezes terrestres, de hábitos noturnos ou diurnos e estão presentes na maioria dos biomas tropicais, sub-tropicais e semi-áridos do Novo Mundo (Strüssmann *et al.*, 2000). Entre as diversas estratégias reprodutivas apresentadas pelos leptodactídeos, a mais comumente observada consiste na oviposição em ninhos de espumas, onde o girinos eclodem e podem se desenvolver por um certo período (Haddad & Prado, 2005). A maioria das espécies do gênero *Leptodactylus* possui uma grande resistência a alterações ambientais produzidas pelo homem e os girinos parecem suportar um grau de poluição que não é tolerado por outras espécies de anuros (IZECKSOHN & CARVALHO-E-SILVA, 2001). Dentre as 16 espécies registradas, nenhuma é ameaçada, rara ou endêmica.

Família Microhylidae – esta família reúne espécies com hábitos essencialmente fossoriais e noturnos, apesar de incluir formas arborícolas também. Tem uma distribuição cosmopolita e apresenta grande diversidade de espécies e gêneros nas regiões tropicais. No Brasil, está representada por vários gêneros, dos quais *Chiasmocleis* é o mais diverso. Podemos destacar também *Ctenophryne geayi*, espécie de distribuição amazônica, de coloração cinza escura com manchas marrom-alaranjadas e uma linha branca nas laterais do corpo. O ventre é negro com manchas brancas. Esta espécie tem hábitos fossoriais, vivendo sob o solo em floresta primária. A reprodução ocorre na estação chuvosa, e os machos aglomeram-se nas margens das poças temporárias, vocalizando sob o folheto.

Família Strabomantidae – são espécies florestais distribuídas tanto na Bacia Amazônica como na Mata Atlântica, e anteriormente alocadas na família Brachycephalidae. Duas espécies foram registradas, *Pristimantis fenestratus* e *Pristimantis ockendeni*,

Répteis – Squamata “Lagartos”

Família Amphisbaenidae – Esta família distribui-se através principalmente da América do Sul e África, com algumas poucas espécies na Europa e América do Norte. São

animais de hábitos fossoriais, conhecidos como cobras-cegas pela ausência de membros. A única espécie registrada, *Amphisbaena alba*, tem ampla distribuição e é bastante comum.

Família Gekkonidae – Os geconídeos formam um grupo cosmopolita de lagartos eminentemente arborícolas e noturnos. A família é representada na América do Sul por 15 gêneros distribuídos em duas subfamílias (*Sphaerodactylinae* e *Gekkoninae*). As duas espécies registradas, *Gonatodes hasemani* e *Thecadactylus rapicauda*, são de ampla distribuição, comuns e não se encontram ameaçadas.

Família Gymnophthalmidae – Esta família é exclusivamente Neotropical, com uma distribuição que se estende da Nicarágua à Argentina e nas ilhas do Caribe. Até a presente data, foram descritas aproximadamente 180 espécies alocadas em 39 gêneros, a maioria dos quais tem uma distribuição restrita à América do Sul. São lagartos de pequeno a médio porte (40 a 150 mm de corpo) que ostentam diversas especializações relacionadas aos ambientes xerofíticos, psamófilos e subterrâneos, como a redução dos membros, o alongamento do corpo, a perda das pálpebras e a redução de tamanho. A diminuição de tamanho nesta família parece estar ligada a processos heterocrônicos de miniaturização (HANKEN & WAKE, 1991). Todas as espécies de gymnophthalmídeos registradas são típicas de áreas abertas do Brasil central, à exceção de *Iphisa elegans*. Esta espécie apresenta pálpebras e corpo alongado, mas com membros ainda bem desenvolvidos e funcionais. Distingue-se dos demais gimnoftamídeos pela presença de um par de fileiras de escamas alargadas e imbricadas cobrindo o dorso e o ventre. Esta espécie ocorre em ambiente florestado intacto ou levemente modificado, onde tem preferência para a serrapilheira de mata de terra firme. Distribui-se por toda a bacia amazônica e áreas de transição de biomas adjacentes, do Equador à Bolívia em direção ao leste até as Guianas e o leste da Amazônia brasileira. No Brasil, a espécie ocorre nos estados do Amapá, Pará, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso.

Família Hoplocercidae – é uma pouco conhecida família de lagartos da América do Sul e Central, com 10 espécies alocadas em 3 gêneros. Formam uma linhagem basal dentro dos Iguania, e distribuem-se desde o Panamá até o sudeste do Brasil, mas são mais diversos no Equador e países adjacentes. A espécie registrada, *Hoplocercus spinosus*, é típica de áreas abertas, do cerrado e da caatinga brasileiros.

Família Leiosauridae – Família do clado Iguania, proposta por Frost e Etheridge (1989), que redefiniram a família Polychrotidae, possui espécies de distribuição no cerrado e na Mata Atlântica. A única espécie registrada, *Enyalius leechi*, é tipicamente amazônica e considerada uma espécie rara, além de morfologicamente distinta das demais espécies do gênero.

Família Polychrotidae – família de lagartos de hábitos predominantemente arborícolas, dependem de habitats mais densamente florestados. As quatro espécies registradas pertencem ao gênero *Anolis*. *Anolis ortonii* é uma espécie de distribuição amazônica, enquanto *Anolis meridionalis* é típico de cerrado.

Família Scincidae – Esta é uma família cosmopolita, com mais de 1300 espécies alocadas em 126 gêneros (UETZ, 2006) e distribuída através de todos os continentes e em diversas ilhas oceânicas do Atlântico e do Pacífico. São lagartos geralmente terrícolas e diurnos com membros reduzidos e corpo cilíndrico que alcançam uma grande variedade de tamanho e forma. Esta família também contém diversas formas fossoriais com corpo serpentiforme e membros vestigiais. A família é representada atualmente por dois gêneros, *Mabuya* e *Euprepis*, o último tendo sido recentemente proposto para alocar a espécie *Mabuya atlantica* da ilha de Fernando de Noronha. As duas espécies pertencentes ao gênero *Mabuya* registradas são comuns e de ampla distribuição.

Família Sphaerodactylidae – composta por lagartos anteriormente alocados na família Gekkonidae, é constituída na região Neotropical por gecos dentre os quais destaca-se por seu diminuto tamanho a espécie *Coleodactylus amazonicus*. Esta espécie é encontrada na maior parte da bacia Amazônica, Guiana francesa e Suriname, tem hábitos diurnos e ocorre na serrapilheira de florestas pouco perturbadas.

Família Teiidae – Esta família abrange 10 gêneros e aproximadamente 120 espécies que se distribuem da América do Norte ao sul da América do Sul e ilhas do Caribe. São nove gêneros dos quais sete ocorrem no Brasil (*Ameiva*, *Cnemidophorus*, *Crocodylurus*, *Dracaena*, *Kentropyx*, *Teiús*, *Tupinambis*). São lagartos de médio a grande porte, geralmente diurnos, terrestres ou aquáticos, que são encontrados em todos os biomas brasileiros. A família é conhecida por ter representantes com hábitos alimentares especializados incomuns nos lagartos (moluscofagia de *Dracaena*) e por abrigar um dos gêneros com o maior número de espécies unisexuadas conhecido dentro do grupo (*Cnemidophorus*). Quatro espécies foram registradas, entre elas *Ameiva ameiva*, muito comum em savanas, cerrados densos, bordas de matas e clareiras no interior de matas, tanto em habitats preservados como fortemente antropizados por ser bastante tolerante às alterações do ambiente; *Kentropyx calcarata*, um lagarto diurno, heliotérmico, de porte médio (até 100 mm de corpo), que vive em ambiente florestado, dando preferência aos trechos mais ensolarados como clareiras, alagados e bordas de trilhas; e *Tupinambis merianae*, um teiídeo de grande porte, diurno, heliotérmico, terrestre e onívoro podendo ocorrer em ambientes florestados, de borda ou em habitats abertos e costuma freqüentar áreas antropizadas. A espécie se distribui por grande parte das áreas abertas do Brasil ao sul da bacia amazônica.

Família Tropicuridae – Frost et al. (2001a) elevaram a subfamília Tropicurinae (sensu Frost & Etheridge, 1989) ao nível familiar, mantendo o arranjo genérico proposto por Frost et al (2001b) que abrange os gêneros *Uranoscodon*, *Microlophus*, *Eurolophosaurus*, *Plica*, *Strobilurus*, *Tropicurus* e *Uracentron*. Os lagartos dessa família possuem hábitos diversificados, com espécies terrestres e arborícolas, heliotérmicas e noturnas, todas ovíparas e de médio porte. Várias espécies de *tropicurus* estão entre as formas mais comuns em algumas regiões do Brasil. No Cerrado do Brasil central, até quatro espécies de *Tropicurus* podem viver em simpatria (RODRIGUES, 1987; VITT, 1991; COLLI et al., 1992; COLLI et al., 2002). A família Tropicuridae está distribuída por toda a América do Sul, dos contrafortes dos Andes à Argentina e por todos os biomas brasileiros. As três espécies registradas são comuns e de ampla distribuição.

Serpentes

Família Anomalepididae – Uma das famílias menos conhecidas de serpentes, seus membros são comumente conhecidas como cobras-cegas, devido à redução dos olhos. Suas escamas são brilhantes e de forma e tamanho similar por todo o corpo. O crânio das espécies desta família é muito modificado, com a perda de vários ossos, e algumas espécies possuem cintura pélvica e membros posteriores vestigiais. Em geral são espécies cavadoras e subterrâneas, e é muito comum encontrá-las em cupinzeiros ou formigueiros. Todas alimentam-se de invertebrados, especialmente formigas e cupins, e suas larvas. A espécie registrada pertence ao gênero *Liotyphlops*.

Família Boidae – A família inclui quatro gêneros Neotropicais (*Eunectes*, *Boa*, *Corallus*, *Epicrates*), dois Malgaches (*Sanzinia*, *Acrantophis*) e um Indo-pacífico (*Candoia*). São serpentes de médio e grande porte, próximas filogeneticamente da família Erycinae, um clado de serpentes fossoriais do Velho Mundo. Os bóideos são serpentes não venenosas que matam suas presas com constrição. São na maioria terrestres, com alguns táxons aquáticos (*Eunectes*) ou arborícolas (*Corallus*). Três espécies foram registradas: *Corallus caninus*, *C. hortulanus* e *Epicrates crassus*.

Família Colubridae – É um grupo de serpentes com espécies basicamente do velho mundo, com uma irradiação recente na América do Sul. Três espécies bastante comuns foram registradas na área: *Mastigodryas boddaerti*, *Pseustes poecilonotus* e a caninana, *Spilotes pullatus*. *Mastigodryas boddaerti* pode ser encontrada em ambiente florestado, perturbado ou não, mas que parece ter franca preferência para ambientes abertos. A espécie se distribui pela bacia amazônica, pelas regiões norte e nordeste do Cerrado brasileiro e pelas áreas de transição entre Cerrado e Caatinga.

Família Dipsadidae – Recentemente descrita, inclui um conjunto considerável de espécies que anteriormente pertenciam à família Colubridae (ZAHER et al., 2009).

Quatorze espécies foram registradas. Dentre estas, *Helicops angulatus* é uma espécie estritamente aquática, vivípara, piscívora e noturna. É uma espécie comumente encontrada nos igarapés brasileiros. A espécie é encontrada na maioria dos rios da Amazônia brasileira e rios de cerrado com matas de galeria nas regiões ecotonais com o bioma amazônico. *Erithrolamprus reginae* é uma espécie noturna e terrestre que se alimenta de lagartos de pequeno porte. Sua distribuição é ampla, se estendendo pelo Pantanal e Cerrado brasileiros, e através da diagonal sul-americana de áreas abertas. *Siphlophis compressus* é uma espécie noturna e arborícola, intimamente associada aos ambientes florestados, tendo sido registrada por toda a bacia amazônica e Mata Atlântica. Esta espécie não é rara onde ocorre, apesar de ser dificilmente amostrada por ser quase estritamente arborícola.

Família Elapidae – Esta família conta com aproximadamente 300 espécies distribuídas em 61 gêneros (UETZ & HALLERMANN, 2006). São todas serpentes venenosas diagnosticadas pela presença de um aparato de inoculação de veneno que combina uma denticção proteróglifa associada a uma glândula serosa comprimida pelo músculo adutor superficial da mandíbula. A família inclui formas terrestres e marinhas, tem uma distribuição pantropical e está presente em todos os continentes com exceção da Europa, e todos os oceanos, com exceção do Atlântico. Três subfamílias são reconhecidas: Elapinae, Laticaudinae e Hydrophiinae. A subfamília Laticaudinae e abrange as espécies marinhas, a Hydrophiinae comporta formas marinhas e terrestres e a Elapinae inclui apenas formas terrestres. Os elapídeos podem ser fossoriais (*Micrurus*), semifossoriais (*Aspidelaps*, *Calliophis*, *Micrurus*), arborícolas (*Dendroaspis*), semi arborícolas (*Oxyuranus*), e terrestres (*Bungarus*, *Naja*) e aquáticos (*Laticauda*, Hydrophiinae). A maioria é ovípara (*Micrurus*, *Oxyuranus*, elapíneos asiáticos, africanos e americanos), e apenas alguns táxons são vivíparos (*Denisonia*, *Notechis* e os hidrofiíneos). Apenas os gêneros *Micrurus* e *Leptomicrurus* ocorrem no Brasil (Campbell & Lamar, 2004). A única espécie registrada, *Micrurus albicinctus*, é tipicamente amazônica, considerada rara. É mimetizada por outra espécie também registrada, o dipsadideo *Atractus latifrons*.

Família Leptotyphlopidae – Esta é uma família de serpentes de pequeno porte e exclusivamente fossoriais, com olhos reduzidos e cobertos por uma escama. Distinguem-se das demais serpentes por uma série de características derivadas, incluindo a ausência de dentes maxilares. A família se distribui por toda a América tropical, Caribe e África, com duas espécies alcançando o Oriente Médio. Conta com dois gêneros, *Leptotyphlops* e *Rhinoleptus*, e aproximadamente 90 espécies descritas. Apenas *Leptotyphlops* está presente na América do Sul. A única espécie registrada foi *Leptotyphlops fuliginosus*.

Família Typhlopidae – Esta família pertence ao clado Scolecophidia, junto com as famílias Leptotyphlopidae e Anomalepididae. Os seus membros se distinguem dos demais escolecofídeos pela ausência de dentes mandibulares, entre outras características derivadas. São serpentes totalmente fossoriais, de pequeno e médio porte, com olhos reduzidos e cobertos por escama. A família é cosmopolita, tendo representantes em todos os continentes. São conhecidas aproximadamente 240 espécies distribuídas em seis gêneros. Somente o gênero *Typhlops* está presente na América do Sul. Duas espécies foram registradas, *Typhlops brongersmianus* e *T. reticulatus*. Esta última se distingue facilmente das demais espécies Neotropicais do gênero pela presença de um colar branco na cabeça e na cauda, e distribui-se or toda a bacia amazônica (DIXON *et al.*, 1979) e pelas regiões de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado. Não foi registrado ainda em áreas exclusivamente abertas de Cerrado e é muito claramente uma espécie dependente das matas de galeria nas áreas ecotonais.

Família Viperidae – Esta família abrange aproximadamente 260 espécies em 36 gêneros, distribuídos por toda a região pantropical, com a marcante exceção da Austrália e ilhas vizinhas. Todos os viperídeos são diagnosticados pela presença de um sistema inoculador de veneno que combina uma denteção solenóglifa associada a uma glândula de veneno serosa comprimida pelo músculo adutor profundo da mandíbula e pelo músculo pterigoideus glandulae. A família se divide em três subfamílias: Viperinae, Azemiopinae e Crotalinae, sendo que apenas a última está presente no continente sul-americano. Os azemiopíneos (monotípico) e viperíneos são restritos ao Velho Mundo e ocorrem por grande parte da África e Eurásia. Os crotalíneos se distribuem pelo leste da Ásia e Américas. Estes últimos formam um grupo claramente monofilético diagnosticado pela presença de um par de fossetas loreais termosensoras. Na América do Sul, ocorrem os gêneros *Bothriechis*, *Bothriopsis*, *Bothrocophias*, *Bothrops* e *Lachesis* (CAMPBELL & LAMAR, 2004). Três espécies de viperídeos foram registradas: *Bothrops atrox*, a jararaca no norte, o viperídeo mais freqüente na Amazônia, e principal causador de acidentes nesta região; *Bothrops matogrossensis*, a jararaca típica das regiões de cerrado, que se distribui de Rondônia até o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bolívia; e *Lachesis muta*, a surucucu, um dos maiores representantes dos viperídeos, e a única espécie ovípara.

Testudines

Família Chelidae – esta família de tartarugas aquáticas pleurodiras (que dobram o pescoço lateralmente para abrigar a cabeça) tem distribuição e origem Gonduânica. Dentre as quatro espécies registradas, *Mesoclemmys gibba*, *M. vanderhagei*, *Phrynops geoffroanus* e *Platemys platicephala*, destaca-se o registro de *Mesoclemmys*

vanderhagei como uma possível extensão de distribuição, já que a espécie é conhecida apenas para o Pantanal e a Bacia do Paraguai.

Crocodylia

Família Alligatoridae – Os aligatoriídeos se diferenciam dos demais crocodilianos pela sínfise mandibular curta e pela acomodação de todos os dentes mandibulares em depressões da maxila quando a boca está fechada, não deixando nenhum dente mandibular à mostra. A família se distribui principalmente pelo sul da América do Norte, América Central América do Sul, Caribe, tendo um único representante na Ásia, restrito ao rio Yangtze e seus afluentes (China). A família conta com sete espécies distribuídas em três gêneros. O gênero *Melanosuchus* foi recentemente sinonimizado com *Caiman* (BROCHU, 1999). A única espécie registrada, *Caiman crocodilus*, conhecido como jacaretinga, é amazônica, e considerado uma espécie ameaçada, apesar de não ser a mais explorada comercialmente por sua pele. É uma espécie adaptável, que se beneficia da diminuição das demais espécies de crocodilos, sobre as quais é exercida maior pressão de caça. É uma espécie generalista e tem papel importante na ciclagem de nutrientes dos ecossistemas aquáticos, e possivelmente no controle de populações de algumas espécies de peixes, como as piranhas.

LEPIDÓPTEROS

Abaixo foram listadas as espécies que possuem informações disponíveis na literatura, e que ocorreram em três ou mais módulos, além de espécies capturadas que são consideradas ameaçadas, porém em outro(s) Estado(s).

Sub-família Biblinae – essa subfamília é a mais diversificada em termos de cores, tamanhos, formas e comportamento dentre as borboletas frugívoras, com maior parte dos seus componentes na região neotropical.

Catonephele acontius é uma espécie comum e amplamente distribuída que ocorre em florestas tropicais ombrófilas e decíduas, e em florestas secundárias. Distribui-se da Venezuela às Guianas, parte da Colômbia e Equador, sul do Peru, Brasil central, sul do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, leste da Bolívia. Ocorre tanto em áreas mais abertas das florestas (trilhas, clareiras, pequenas estradas, bordas) como em áreas mais fechadas e não perturbadas. Essa espécie apresenta dimorfismo sexual marcado, com macho preto e laranja e fêmea preta com padrão pintado em amarelo. Fêmeas normalmente são tão comuns quanto machos, e aparentemente ambos os sexos ocorrem o ano todo. A planta hospedeira mais comum ao longo de sua distribuição é *Alchornea* spp. (Euphorbiaceae). A distribuição geográfica de *Catonephele numilia* estende-se do México ao sul do Brasil e Argentina. É uma espécie comum e relativamente variável. Ocupa os mesmos habitats e planta hospedeira de *C. acontius*.

Borboletas do gênero *Hamadryas* são popularmente conhecidas como “estaladeiras” ou “matracas”, devido ao som produzido pelas asas de machos de algumas espécies. As plantas hospedeira principais são do gênero *Dalechampia* (Euphorbiaceae). Os indivíduos costumam pousar em troncos de asas abertas e de cabeça para baixo, ficando camufladas devido ao padrão semelhante a líquen de suas asas. Seu período de maior atividade geralmente ocorre nas horas mais quentes e ensolaradas do dia, entre 9:00 e 15:00. *Hamadryas feronia* distribui-se do sul do Texas ao norte da Argentina. É uma espécie que costuma ser comum em áreas perturbadas, inclusive áreas urbanas e cultivos, mas normalmente não é encontrada em floresta fechada. Pode ser muito abundante em habitats secos, como em Cerrado perturbado. Os adultos ocorrem ao longo do ano todo.

Nessaea obrinus é uma espécie com ampla distribuição, desde as Guianas, Colômbia a Bolívia, Brasil (Rondônia, Mato Grosso) até o norte da Argentina. É normalmente encontrada ao longo do ano, em clareiras, bordas e trilhas em mata ombrófila e semidecídua ao longo de sua distribuição.

Nica flavilla é uma espécie pequena, membro único do gênero. Distribui-se do México à Bolívia, Brasil, Paraguai e Argentina. É comum em florestas estacionais e suas larvas alimentam-se de folhas de *Cardiospermum*, *Serjania*, *Paullinia* (Sapindaceae).

Temenis laothoe distribui-se do México ao Paraguai, suas lagartas alimentam-se de *Serjania* spp. (Sapindaceae). Os adultos pousam na parte alta de árvores, descendo para alimentar-se de frutos fermentados ou excrementos de vertebrados.

Sub-família Brassolinae – Essa subfamília possui de modo geral espécies crepusculares, de voo vigoroso, que voam ao anoitecer em territórios de encontro entre os sexos e ao amanhecer em busca de alimentos. As lagartas alimentam-se de monocotiledôneas.

Opsiphanis invirae é uma espécie crepuscular, agressiva, e suas lagartas alimentam-se de folhas de palmeiras. Distribui-se do México à Argentina. Outras espécies com aspecto, habitat e hábitos semelhantes podem co-ocorrer na mesma área.

Sub-família Charaxinae – Subfamília com distribuição principalmente pantropical, com adultos robustos, ariscos e de voo rápido. Muitas espécies possuem asas que lembram folhas secas na face ventral. Machos normalmente são territoriais e muito agressivos.

As larvas de *Archaeoprepona amphimachus* e *A. demophon* alimentam-se de Lauraceae e Annonaceae. Ambas espécies possuem ampla distribuição, desde o México até o sul do Brasil e Argentina. São comuns mas normalmente não são abundantes.

Hypna clytemnestra é uma espécie monotípica de tamanho médio, com distribuição ampla (México à Argentina, incluindo Cuba). As lagartas alimentam-se de *Croton* spp. Adultos voam em trilhas e clareiras, e machos normalmente ficam empoleirados em locais ensolarados, demonstrando comportamento territorial.

Memphis acidalia e *M. moruus* são espécies extremamente similares, tanto na forma quanto no comportamento. Ambas apresentam distribuição ampla, mas ainda não completamente esclarecida, devido a confusão referente à nomenclatura. Provavelmente *M. moruus* distribuiu-se mais a norte enquanto *M. acidalia* mais a sul, considerando os extremos de distribuição relatados para ambas (Guatemala a Argentina).

Zaretis isidora é uma espécie comum em dossel, de coloração predominantemente alaranjada na face dorsal, com a face ventral extremamente semelhante a uma folha seca. Possui ampla distribuição (México – oeste do Equador, Venezuela, norte da Argentina, Brasil, Guianas), e suas lagartas alimentam-se de *Casearia* spp. (Flacourtiaceae).

Sub-família Morphinae – Com algumas exceções, as borboletas dessa subfamília são grandes, possuem coloração iridescente na face dorsal e normalmente dimorfismo sexual acentuado, inclusive comportamental.

Morpho helenor é uma borboleta muito comum, com coloração azul iridescente mesclado com preto na face dorsal, popularmente conhecida como “capitão do mato”. As lagartas são polífitas, alimentando-se de Leguminosae (*Machaerium*, *Pterocarpus*), Bignoniaceae e Erythroxylaceae (*Erythroxylum*). Muito semelhante a *M. achilles* em forma e hábito, co-ocorrendo com essa espécie em várias localidades. Distribuiu-se da Argentina ao México.

Morpho menelaus é amplamente distribuída, desde a América Central até o sudeste e sul do Brasil. Os adultos voam em áreas abertas dentro da floresta, como trilhas, clareiras e riachos. As fêmeas voam mais frequentemente no interior da floresta, onde a vegetação é mais densa.

Sub-família Nymphalinae – É uma subfamília muito diversificada, com representantes no mundo todo, mas com poucos membros nos neotrópicos (7 - 9 espécies) considerados frugívoros estritos.

Colobura dirce é uma espécie de distribuição ampla, ocorrendo ao longo da região andina oeste da Venezuela à Bolívia, norte do Paraguai e Argentina, sul e sudeste do Brasil, bacia amazônica, Guianas e Trinidad. Em parte dessa distribuição, co-ocorre com *C. annulata* da qual é praticamente indistinguível à primeira vista. Os adultos são comuns em uma grande gama de habitats florestais e secundários, e aparentemente

estão presentes o ano todo, embora normalmente não sejam capturados em grande quantidade em armadilhas. A planta hospedeira mais comum é *Cecropia* spp. (Moraceae), embora exista registros em outras famílias.

Sub-família Satyrinae – Maior parte dos membros dessa subfamília são pequenos a médios, com coloração marrom e ocelos nas margens das asas. A maioria das espécies pequenas é de difícil identificação. A maioria das larvas alimenta-se de gramíneas, mas algumas alimentam-se também em Cyperaceae, palmeiras e musgos. Na região neotropical essas borboletas ocorrem em qualquer habitat onde exista vegetação, desde o nível do mar até os pontos mais altos dos Andes.

O gênero *Taygetis* distribui-se do norte do México até o norte da Argentina, com maior diversidade na bacia amazônica. Em geral, as espécies de *Taygetis* têm tamanho de médio a grande, com coloração marrom escura na face dorsal das asas e padrões muito variados na face ventral. A maioria das espécies habita locais sombreados de floresta, raramente sendo vistas voando em campo aberto. *Taygetis laches* é uma espécie comum em ambientes secundários. Suas lagartas alimentam-se de gramíneas e pequenas palmeiras. Dada sua ampla distribuição (México à Argentina) e grande variação nos padrões das asas, é uma espécie com grande quantidade de sinônimas na literatura. *Taygetis sosis* tem registros no Suriname, Costa Rica, Panamá e no Brasil (Mato Grosso, Rondônia e Bahia).

Hermeuptychia hermes é uma espécie comum e frequentemente abundante, presente em pastos, bordas de vegetação nativa, vegetação perturbada e áreas urbanas ao longo da América do Sul. Possui tamanho pequeno, voa rente ao chão e os machos estabelecem pequenos territórios. Possivelmente, *H. hermes* será subdividida em outras espécies ao longo de sua distribuição.

Pareuptychia ocirrhoe é uma espécie distinta da maioria dos Satyrinae pequenos por apresentar a face dorsal branca e a face ventral listrada de branco e marrom. Distribui-se do México à Argentina, e suas lagartas alimentam-se em *Eleusine* (Poaceae).

ANEXO 3.6.4.4.1-11

**CARTAS DE RECEBIMENTO (VERTEBRADOS,
ICTIOFAUNA, LEPIDÓPTEROS E ANOFELINOS)**



MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Caixa Postal 42594, CEP 04299-970 - São Paulo, SP - Brasil
Fone/Fax (55) (11) 274.3690 - 274.3455 - 272-0266
<http://www.mz.usp.br>

São Paulo, 15 de Março de 2010

Ilma. Sra.
Adriana Akemi Kuniy
JGP Consultoria e Participações

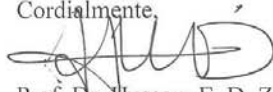
Prezada Sra. Kuniy,

Venho pela presente agradecer o envio ao Museu de Zoologia da USP do material biológico de mastofauna, herpetofauna e avifauna proveniente do levantamento de fauna da região sob influência do empreendimento LT 600kV CC Coletora Porto Velho – Araraquara 2, nº 01 nos municípios de Rondônia, Mato Grosso e Goiás.

Este material é de grande valia para os estudos em biodiversidade desenvolvidos com os acervos do Museu. Ressaltamos que o material encontra-se em processo de tombamento e será disponibilizado para estudo da comunidade científica.

Agradecendo de antemão a atenção dispensada, preveleço-me da oportunidade para manifestar aqui meus protestos de estiam e consideração.

Cordialmente,



Prof. Dr. Hussam E. D. Zaher
Diretor



ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNEMAT - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
Campus Universitário de Nova Xavantina
Laboratório de Ictiologia e Limnologia




DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o Laboratório de Ictiologia e Limnologia recebeu exemplares de peixes, originários de coletas científicas realizadas durante o levantamento de ictiofauna no empreendimento denominado Linha de Transmissão Coletora 230kV – Porto Velho/Araraquara (Circuito 1 e 2), realizado sob a responsabilidade técnica da bióloga MSc. Eliete Francisca da Silva (CRBio-1 51754-01-D), contratada pela empresa JGP consultoria e participações Ltda. O referido material permanecerá no Laboratório de Ictiologia e Limnologia durante o período necessário para ser identificado e ter coletados dados de biometria, após o que, será devolvido à referida empresa.

Sendo só o que tenho a declarar.

Nova Xavantina, 27 de fevereiro de 2010.



Prof. Dr. Cesar Enrique de Melo
Coordenador do Laboratório de Ictiologia e Limnologia

Laboratório de Ictiologia e Limnologia, UNEMAT, BR 158 km 655, CP. 08 - CEP 78690-000 – Nova Xavantina-MT. Brasil.

Campinas, 16 de março de 2010



Ilma. Sra.
Adriana Akemi Kuniy
JGP Consultoria e Participações

Prezada Sra. Kuniy

Venho por meio desta, informar a V.S. que o Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Campinas recebeu para tombamento em sua coleção entomológica as borboletas provenientes do levantamento de fauna da região sob influência do empreendimento LT 600kV CC Coletora Porto Velho – Araraquara 2, nº 01 nos estados de Rondônia e Mato Grosso.

Ressalto que o material encontra-se em processo de tombamento e será disponibilizado para estudo por parte da comunidade científica.

Cordialmente,



Prof. Dr. André Victor Lucci Freitas
Departamento de Biologia Animal
Instituto de Biologia, Unicamp



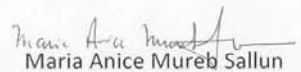
**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE EPIDEMIOLOGIA**

Av. Dr. Arnaldo, 715 - CEP: 01246-904 São Paulo/SP
Fone: (11) 3061-7110 / Fone/Fax: (11) 3061-7926

São Paulo, 19 de março de 2010

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que o material biológico referente ao Estudo do Potencial Malarígeno das Linhas de Transmissão de Energia (**LINHA DE TRANSMISSÃO IE MADEIRA: LT 600Kv CC COLETORA PORTO VELHO – ARARAQUARA 2, N° 01 / LINHA DE TRANSMISSÃO NORTE BRASIL E ESTAÇÃO TRANSMISSORA: LT 600Kv CC COLETORA PORTO VELHO – ARARAQUARA 2, No 02 /LINHA DE TRANSMISSÃO 230Kv E SUBESTAÇÃO COLETORA DE PORTO VELHO LOTE-A**) referente às coletas de anofelinos realizadas no período de 18 a 28 de fevereiro de 2010, nos Estados de Mato Grosso e Rondônia, deu entrada no Laboratório de Entomologia da Faculdade de Saúde Pública da USP. Acrescentamos que esse material está sendo identificado e que assim que esse procedimento terminar, exemplares representativos serão selecionados para serem depositados na Coleção Entomológica de Referência desse Laboratório. Após essa tarefa será emitido um comprovante de tombamento.


Maria Anice Mureb Sallun

Professora Doutora

Curadora da Coleção Entomológica de Referência
Faculdade de Saúde Pública da USP

ANEXO 3.6.4.4-2
CD DOS DADOS BRUTOS